



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA CURRÍCULO, EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA**

**DÁRIO AZEVEDO DOS SANTOS**

**VIAS E TRAJETOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE SUJEITOS HOMOAFETIVOS  
VELHOS NA CIDADE DE BELÉM**

**Belém  
2015**

**DÁRIO AZEVEDO DOS SANTOS**

**VIAS E TRAJETOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE SUJEITOS HOMOAFETIVOS  
VELHOS NA CIDADE DE BELÉM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará - Doutorado em Educação - vinculado à Linha de Pesquisa: Educação, Currículo, Epistemologia e História como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha.

Belém  
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFPA

---

Santos, Dário Azevedo dos, 1963-

Vias e trajetos de escolarização de sujeitos  
homoafetivos velhos na cidade de Belém / Dário Azevedo  
dos Santos. - 2015.

Orientador: Genylton Odilon Rêgo da Rocha.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do  
Pará, Instituto de Ciências da Educação,  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém,  
2015.

1. Sociologia educacional - Belém (PA). 2.  
Escolas - Belém (PA) - Currículos. 3.  
Homossexualismo - Belém (PA). 4. Envelhecimento  
- Belém (PA). I. Título.

CDD 22. ed. 306.43098115

---

## **DÁRIO AZEVEDO DOS SANTOS**

### **VIAS E TRAJETOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE SUJEITOS HOMOAFETIVOS VELHOS NA CIDADE DE BELÉM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade Federal do Pará – doutorado em Educação – vinculado à Linha de Pesquisa: Educação, Currículo, Epistemologia e História. Como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Educação.

Aprovado em:  
Data: \_\_/\_\_/2015

#### **BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha- Orientador  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Josué da Costa Silva  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Federal de Rondônia

Profa. Dra. Maria Betânia Barbosa Albuquerque  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal do Pará

Prof. Dra. Gilcilene Dias Costa  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Célia Regina Trindade Chagas Amorim  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Pará - suplente

Profa. Dra. Maria José Aviz do Rosário  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal do Pará - Suplente

Aos meus velhos pais (Neusa Azevedo dos Santos e Raimundo Nonato dos Santos) que se estivessem vivos, estariam tão felizes.

Como estão tão presentes em minha vida, a felicidade não morre.

Aos meus sempre amados filhos Caio, Mona e Nina lhes sou eternamente grato, nosso amor nunca morrerá.

## AGRADECIMENTOS

Como é bom agradecer, pois tecer uma a tese a partir da existência daquilo que somos ou que outros são exige arte, lapidação, refinamento, sacrifício, disciplina, determinação, ousadia, discernimentos que vão dando sentidos e significados a cada um, com suas subjetividades. Principalmente para quem jamais se pretendeu inventar como projeto acabado e absoluto.

Tecer a tese em quatro anos, que passaram tão repentinos no decorrer deste doutorado em Educação, nos faz crer na efemeridade da vida que, apesar de tão bela, é por assim dizer também tão fugaz.

Tecer a tese foi correr desafios, ameaças, perseveranças, resistências, provocações, intempestividades. Tecer a tese significou ter a coragem de ser aprendiz, pesquisador, educador, de dar a cara a bater, de mostrar suas assinaturas, de partilhar saberes usando os recursos da sabedoria e a sagacidade da inteligência rompendo as marteladas, as barreiras dos precipícios.

Tecer a tese foi não ter medo do envelhecer, de revelar-se com atrevimentos e, por ora, ousar mesmo como o desafio de não ter que dizer os seus nomes. Tecer a tese foi movimentar constantemente ideias, sentimentos, afetos, arqueologias de emoções, sem perder o princípio fundante do respeito às diferenças, procurando saber ouvir sempre embora às vezes tenha que se furtar de aprisionamentos. Tecer a tese é não ter certeza de seu fim, de sua previsibilidade, é como se fôssemos andarilhos que sabiamente não se importam com a hora e o lugar da chegada. Tecer a tese é acreditar na reinvenção do tempo, do espaço, dos sujeitos e da ampliação das ideias como possibilidades do devir.

Tecer a tese significa estar neste momento feliz junto com todos os que acreditaram neste trabalho. Tecer a tese foi ter o prazer de dar beijos sonoros em todos, a quem abaixo agradeço, pois acredito que quando nos envolvendo amorificado Deus está conosco mesmo que outros não acreditem. É sempre bom um colo ontológico para acariciar nossa vontade estética de existência.

Tecer a tese foi sentir a necessidade de agradecer emocionado por tudo que aprendemos com todos vocês: por isto de certo não seremos sós, muitos estiveram comigo nesta trilha, procurando dar significados às decifrações que se aproximavam em formas de símbolos, imagens e sentidos que pareciam transitar entre o mundo-verdade e o mundo das aparências. Minha gratidão e ternura para com todos os que contribuíram para que chegássemos até aqui. E em especial:

A Deus pela acolhida sem ousar dizer seu nome.

Ao meu orientador Professor Dr. Genylton Odilon da Rocha agradecimento especial pela escuta sincera, pelas dicas sem pudores, pela amizade sem medo da verdade, pelos atrevimentos pulsantes e leves no seu dizer original que me fizeram chegar até aqui.

Aos meus queridos e amados filhos (Caio, Mona, Nina, Raoni e Julinho), pois são eles sim para minha existência as fontes inesgotáveis de que preciso todos os dias. Razão e zelo, talismã e leveza risível, ânimo e aroma, arte e diversão, e o feliz andarilho.

Aos meus queridos e amados irmãos, Janete, Jurandir, Lindolfo, Rui, Joana, Alfredo, Natalina, Naldo, Marcos, pois foram eles que assumiram todos os passos com carinho e zelo para que eu chegasse até aqui.

À Universidade Federal do Pará, em especial a todos os profissionais e amigos do Campus Universitário de Castanhal, pois foi a partir de minhas vivências com todos eles que consegui passar sem medo por ondas e travessias.

À faculdade de Educação onde tudo aconteceu profissionalmente em minha vida.

A todos os professores do programa de Doutorado do Instituto de Educação que de algum modo contribuíram nestas reflexões;

Aos meus colegas da turma de doutoramento de 2011 por todos os momentos que vivemos, trocamos experiências, nos solidarizamos, em especial aos parceiros Antonino Cesar e Sérgio Bandeira;

A todos os sujeitos da pesquisa, pois sem eles nada haveria de originalidade neste estudo e muito menos teriam acontecido as imagens suas que me foram tão singelas e singulares;

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGED, Coordenação, funcionários, professores e colegas de turmas, sem eles não haveria cotidianamente bom dia e diálogos pertinentes.

À querida Hellen Silva, companheira de todas as horas em que rodei abismos em altas montanhas, e quase não sobrevivi degraus.

A todos os meus amigos que de perto ou longe sempre estão a me escutar. De modo especial à Mylene Carvalho a quem devo parte do que sou. De igual modo não poderia deixar de registrar: Dorinha, Luís Carlos Dias (Lula), Ana Lúcia, Cláudia Gomes, Aissa, Flávio Valentim, João, Ney Cohen, Matos do Mundo, Dennys Costa, Renan Coelho, Sérgio Bernardo, João Miguel, Maria Madalena, Rosália, Arinelson Gilmar, Reinaldo Padilha, Rosana, Cris, Adailton, Ryan Cavalcanti e Alexandre Lavareda.

Aos colegas do arquivo de cultura usada pelo carinho, respeito, acolhimento e muitos livros que adquiri e que foram importantes neste estudo.

A todos os familiares próximos ou distantes, os sons da infância, da adolescência e da idade adulta estão remissivos em nossas pegadas de vidas. Sem vocês continuaria no deserto à espera de água sobre fortes ventanias e poeiral. Por isto, vocês são todos tão presentes.

Um especial agradecimento à professora Elza Elarrat pela cuidadosa e criteriosa revisão deste trabalho. Ao amigo Nestor André (Beá) por sua generosa e competente contribuição.

Aos membros da banca: professor José Gerardo de Vasconcelos pelas contribuições consistentes e sem rodeios, à professora Gilcilene Dias Costa pela intensidade de suas falas vibrantes, ao professor Carlos Jorge Paixão pela sonoridade das palavras que me são tão familiares e zelosas e a professora Maria Betânia pela sensibilidade e disposição em contribuir com este estudo. Ao Professor Josué da Costa Silva pela gentileza e sensibilidade. A Professora Célia Regina Trindade Chagas Amorim pelas pertinentes observações que atravessaram a crítica criativa ao tema. A Professora Maria José Aviz do Rosário pela compreensão e sensibilidade com os temas relacionados com os movimentos sociais.



Nossas mãos atrevidas de tintas e ternuras,  
Tecem no lodo palavras,  
Bolem na alma cores ancestrais.  
E nos doura a pele na quentura do sol suas vivas reminiscências  
Que fomos semeando.  
Agora já somos outros. Um pouco de todos os outros que passaram por aqui.  
Um velho que mira o tempo que não foi perdido  
Fareja o mundo para além das ilusões como caçador de verdades sinceras.  
Um jovem nômade de desejos  
Um andarilho passante  
Aberto às visionárias profecias.  
Uma mulher sem codinome  
Um homem travestido de batom  
E sem título  
Sentado a olhar solitário;  
As ruas, as escolas, os quintais das memórias senis,  
Nada mais martela nada, mas escava nada, mas discursa; Uiva.  
Sobre os ruídos das coisas que não lhe parecem tão anormais  
Há uma nuviosa sombra tão vil na indiferença do olhar indolente  
Que faz da vigília a liturgia de tantos múltiplos caminhos  
Viço incômodo e indescritível na soleira dos sujeitos desejan-tes.  
(O Autor: Dário Azevedo)

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micro penalidade do tempo (atraso, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). [...] trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora (Foucault, 2005).

## RESUMO

O estudo de doutoramento ora apresentado sobre vias e trajetões de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém tem como objetivo investigar as problemáticas referentes às práticas discursivas sobre as homossexualidades vivenciadas em espaços escolares, tendo em vista entender as marcas registradas de preconceitos, discriminações e as estratégias de resistências e transgressões vividas nestes percursos de escolarização ocorridas nos ambientes de ensino-aprendizagem nas áreas urbanas de Belém. O foco central desta investigação traz como questão principal identificar, através de seus depoimentos, narrativas e episódios traços que revelem como homossexuais velhos reinventam, analisam e problematizam os acontecimentos de escolarização que aproximam passado e presente de suas perspectivas homoafetivas na atualidade enquanto cidadãos de direitos, acerca das relações de saber/poder na sociedade e nos ambientes escolares. Para isso, alguns questionamentos tornam-se pontos cardeais neste estudo: Qual a orientação de ordem discursiva que deu sentidos e significados aos tempos vividos de escolarização aos sujeitos homoafetivos velhos? Como foi possível a invenção de estratégia no espaço escolar que se pudesse alterar as normativas disciplinares impostas coletivamente nas instituições sociais para fins de controle, regulação e silenciamentos? A perspectiva teórica desta tese foi ancorada para fins de análise nos estudos Foucaultianos com maior relevância para a questão da genealogia e da estética da existência dos sujeitos homoafetivos em processo de envelhecimento. Pautamo-nos para estas decifrações, estudos da história da sexualidade e das formas de institucionalização, vigilância, controle social, e disciplinamentos por entre jogos, trocas e relações de poder em diálogos pertinentes com outras perspectivas que aprofundam saberes sobre escolarização e a condição humana. Os procedimentos metodológicos que nortearam a coleta das informações tiveram como foco a História de vida através da análise dos discursos presentes na construção das narrativas e enunciações dos interlocutores da pesquisa, entre eles: sujeitos homoafetivos velhos (as). Utilizamos como recursos técnicos: análise documental, entrevistas abertas por meio de um roteiro, produção de um vídeo documentário “Velhos Sujeitos Outros Transgressivos” e pronunciamento de professores pesquisadores que transitam por entre estas temáticas. O processo de análise teve como base a incursão de estudos de gênero, filosofia da diferença e subjetividades no campo de saberes socioeducacionais. Apontam-se como resultados desta tese, a reinvenção e a ressignificação sociocultural e política dos espaços de escolarização e a inserção de outras percepções acerca do respeito à diferença no contexto de produção dos sujeitos e da (re) invenção da sexualidade e do envelhecimento através da utilização de ferramentas que possibilitem práticas educativas que respeitem as diversidades.

**Palavras-Chave:** Sexualidade. Envelhecimento. Escolarização. Homoafetividade.

## ABSTRACT

The PhD study presented here on view and homosexual subjects schooling paths in aging passage of time in Belém city has like purpose to inquire the problems related to discursive practices on homosexualities experienced in school spaces owing to understand the registered trademarks of prejudices, discrimination and strategies of resistance and lived in these transgressions education pathways that occur in teaching-learning spaces in urban areas of Belém. The central focus of this research bring as matter the main issue to identify, through their testimonies narratives and episodes, traits that reveal how older homosexuals reinvent, analyze and problematize and these events schooling and educational practices that bring past and present their perspectives homoaffectives today as citizens of rights concerning the relations of power / knowledge in society and in school environments. For this, some questions become cardinal points in this study: What is the orientation of discursive order that gave sense and meaning to the lived time of enrollment to the old homosexual subject? How was it possible the invention of strategy at school that if they could change the disciplinary regulations collectively imposed social institutions for purposes of control, regulation and silences? theoretical perspective of this thesis was anchored for analysis in Foucault's studies with more relevance to the question of genealogy and aesthetics of existence of homosexual individuals in aging process Ruling us for these deciphering studies about the history of sexuality and forms of institutionalization, surveillance, social control, and accomplishments through games and power relations in relevant dialogues with other perspectives that deepen knowledge about education, educational practices and the condition human. The methodological procedures that guided the collection of information have focused on the history of life by analyzing the discourses present in the construction of narratives and utterances of the research partners. We use as technical resources: the interviews open by means of an itinerary, besides documentary records. The process of analysis was based on the incursion of gender studies, philosophy of difference and subjectivity in the field social and educiational knowledge. They point up as a result of this thesis, the reinvention and sociocultural and political reframing of the spaces of education and the inclusion of other perceptions of respect for difference within the context of production of the subject and the invention of sexuality and aging through the use of tools that enable educational practices that respect diversity.

**Keywords:** Sexuality. Aging. Schooling. Homoaffectives.

## RÉSUMÉ

L'étude de doctorat maintenant présenté sur les moyens et les trajets de l'éducation des sujets homosexuels dans un passage du temps du vieillissement en ville de Belém a pour objectif vérifié les problématiques relatives les pratiques discursives sur l'homosexualités intervenes dans des espaces scolaires, en vue comprendre les marques enregistrés de préjugés, discriminations et les stratégies de résistances et fautes vécues à ces parcours d'éducation intervenes dans les ambiant d'enseignement et d'apprentissage dans les zones urbaines du Belém. Le point central cette recherche amène comme une question principal identifier, par des leurs depositions et histoires, épisode traits qui révèlent comme homosexuels vieux transforment, examinant et se demandent concernant ces événements de scolarisation qu'on enterre le plus près passé et du present de leurs perspectives homosexuels actuellement comme des citoyens à part entière sur les relations de savoir/pouvoir dans la société et en milieu scolaire. Pour ce faire, quelque questions deviennent points cardinaux dans cette étude: Quelle est la stratégie d'ordre discursives qui a donné égards et grande signification aux temps vécu de scolarisation aux sujets homosexuels vieux? Comment a-t-on pu l'invention de stratégie dans des espaces scolaires où vous pouviez changer les règlements disciplinaires imposés collectivement dans les institutions sociales à des fins de contrôle, régulation et musellements?. La perspective théorique de cette thèse est enracinée à des fins d'analyse dans les études Foucaultianos avec plus pertinente sur la question de la généalogie et l'esthétique de l'existence des sujets homosexuels en pleine phase de vieillissement. L'honnêteté nous pour ces déchiffrements dans les études sur l'histoire de la sexualité et des formes d'institutionnalisation, surveillance, contrôle social et discipline à travers jeux, échange et rapport de force dans des dialogues pertinents avec d'autres perspectives qui en approfondissent reconnaître sur scolarisation et la condition humaine. Les procédures méthodologiques qui ont guidé la collecte des informations ont eu comme foyer l'histoire de vie par La analyse des discours présents dans La constructions des narratives et déclarations des interlocuteurs de la recherche. Nous utilisons comme ressources techniques: les entrevues ouvertes par voie d'une feuille de route, au-delà de dossiers documentaires. Le procédure d'analyse se basait sur la présence de en études des genres, philosophie de la différenciation et subjectivités dans le domaine des savoirs socio-éducatifs. On invoque comme les résultats de cette thèse, la réinvention et la resignification socioculturel et politique des espaces de scolarisation et l'insertion d'autres perceptuels sur Le concerne la différence dans le cadre de production des sujets et de la (re) invention de la sexualité et du vieillissement par l' utilisation d'outils qui permettent pratiques éducatives qui respectent les diversités.

**Mots-Clés:** sexualité. vieillissement. scolarisation. homosexualités

## LISTA DE SIGLAS

<b>AC</b>	Ação Católica
<b>ANPED</b>	Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação
<b>ANPOCS</b>	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CBB</b>	Comissão dos Bairros de Belém
<b>CDP</b>	Companhias das Docas do Pará
<b>CEBI</b>	Centro de Estudos Bíblicos
<b>CF</b>	College de France
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>CNPQ</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>CUBS</b>	Comunidade Universitária de Base
<b>EMC</b>	Educação Moral e Cívica
<b>ENDIPE</b>	Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino
<b>ENEC</b>	Encontro Nacional de Estudantes Cristãos
<b>EPENN</b>	Encontro de Pesquisa em Educação Norte e Nordeste
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>GEERGE</b>	Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero
<b>GIP</b>	Grupo de Informações dentro da Prisão
<b>ICED</b>	Instituto de Ciência da Educação
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
<b>IPAR</b>	Instituto de Pastoral Regional
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>NAEA</b>	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
<b>NC</b>	Nascimento da Clínica
<b>NEPES</b>	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento e Sexualidade
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>OSPB</b>	Organização Social e Política do Brasil
<b>PC DO B</b>	Partido Comunista do Brasil
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>PPA</b>	Plano Plurianual
<b>PPGED</b>	Programa de Pós- Graduação em Educação
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>PRONATEC</b>	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
<b>PT</b>	Partido dos Trabalhadores
<b>PU/PU</b>	Pastoral Universitária
<b>SBPC</b>	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
<b>SPDDH</b>	Sociedade Paraense em Defesa dos Direitos Humanos
<b>UEPA</b>	Universidade Estadual do Pará
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
<b>VS</b>	Vertente Socialista

## LISTA DE SIGLAS DE ALGUMAS PRODUÇÕES TEÓRICAS DE FOUCAULT

<b>HS</b>	A Hermenêutica do Sujeito (1981-82)
<b>OD</b>	A Ordem do Discurso (1969-70) Fase Transitória
<b>PC</b>	As Palavras e as Coisas (1966)
<b>AS</b>	Arqueologia do Saber (1969)
<b>SP</b>	A Sociedade Punitiva (1972-73)
<b>GV</b>	Do Governo dos Vivos (1970-1980)
<b>EDS</b>	Em Defesa da Sociedade (1975-76)
<b>EEE</b>	Ética ou Estética da Existência
<b>HL</b>	História da Loucura (1961)
<b>CS</b>	História da Sexualidade III– O Cuidado de Si
<b>UP</b>	Historia da Sexualidade II – Uso dos Prazeres
<b>VS</b>	História da Sexualidade I– A Vontade de Saber (1976)
<b>MP</b>	Microfísica do Poder (1979)
<b>NC</b>	Nascimento da Clínica (1963)
<b>AO</b>	Os Anormais (1974-75)
<b>OD</b>	Ordem do Discurso
<b>GSO</b>	O Governo de Si e dos Outros (1982-83)
<b>GSO-CV</b>	O Governo de Si e dos Outros (A Coragem de Verdade) 1983-1984
<b>PP</b>	O Poder Psiquiátrico (1973-74)
<b>PC</b>	Palavras e as Coisas
<b>PD</b>	Poder Disciplinar (1970)
<b>STP</b>	Segurança, Território e Populações (1977-78)
<b>SV</b>	Subjetividade e Verdade (1980-81)
<b>TIP</b>	Teorias e Instituições Penais (1971-72)
<b>VP</b>	Vigiar e Punir (1975)

## LISTA DE SIGLAS DE ALGUMAS OBRAS DE NIETZSCHE

<b>BM</b>	Além do Bem e do Mal (1885-1886)
<b>Z</b>	Assim Falava Zaratustra (1883-1885)
<b>CI</b>	Crepúsculo dos Ídolos (1889)
<b>EH</b>	Ecce Homo (1879-1880)
<b>GC</b>	A Gaia Ciência (1881-1882)
<b>GM</b>	Genealogia da Moral (1887)
<b>HDH</b>	Humano Demasiado Humano (1908)
<b>O A</b>	O Anticristo (1895)
<b>NT</b>	O Nascimento da Tragédia (1872)
<b>VP</b>	Vontade de Potência (1901)

## **LISTA DE QUADROS**

- QUADRO 1** Atualizações de estudos sobre sexualidade e envelhecimento na Revista Brasileira de Educação 2011-2013.
- QUADRO 2** Informações encontradas no GT -23 da ANPED sobre estudo de Gênero, Sexualidade e Educação -2004 – 2010.
- QUADRO 3** Artigos de aproximação teórica com o objeto de estudo de tese encontrados nas Revistas Brasileiras de Educação- 2001- 2004.
- QUADRO 4** Ranking do uso das tendências teórico-metodológicas (base metodológica e predominância de aporte teórico) sobre o tema da tese.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ITINERÁRIOS ENUNCIATIVOS</b>	17
1.1	Primeira Estação: o pesquisador como sujeito da pesquisa	25
1.2	Segunda Estação: as vias discursivas da tese	29
1.3	Terceira Estação: As problematizações pensadas e as hipóteses centrais	43
1.4	Quarta Estação: os aportes teórico-metodológico: os objetivos, os sujeitos e o lócus da pesquisa	47
1.5	Quinta Estação: as categorias teóricas que sustentam a tese	59
1.6	Sexta Estação: dizer a verdade o conceito de parresia e o princípio ético da tese	62
1.7	Sétima Estação: as seções que anunciamos	70
<b>2</b>	<b>A PARRESIA COMO DECLARAÇÃO DA VERDADE: PRINCÍPIO, TRANSGRESSÕES FRAGMENTOS E FALARES FRANCOS</b>	73
<b>3</b>	<b>ESCAVAÇÕES E TRANSBORDAMENTOS: O PERCURSO GENEALÓGICO DA PESQUISA</b>	109
3.1	O percurso teórico-metodológico	113
<b>4</b>	<b>CURVAS E INCURSÕES POR ENTRE VIAS, CONCEITOS E SUBJETIVAÇÕES</b>	140
4.1	Sexualidade	154
4.2	Envelhecimento	175
4.3	Escolarização	190
<b>5</b>	<b>NARRATIVAS, OLHARES, TRAÇADOS E SENTIDOS DE SI MESMOS</b>	206
5.1	A inserção no campo da pesquisa: sentidos e significados revelados na fala dos sujeitos	206
5.2	Os procedimentos metodológicos: detalhando as fases	210
5.2.1	<i>A primeira etapa de nossa pesquisa</i>	213
5.2.2	<i>A segunda etapa de nossa pesquisa</i>	216
5.3	Um olhar investido para as vivências escolares: as instituições, as estratégias de resistências e a reinvenção dos sujeitos homoafetivos velhos (as) por eles mesmos	228
	<b>AS ÚLTIMAS PALAVRAS A NÃO SE QUERER DIZER</b>	262
	<b>REFERÊNCIAS</b>	270
	<b>APÊNDICE</b>	

## 1 ITINERÁRIOS ENUNCIATIVOS

Felizmente aprendi a tempo a separar o preconceito teológico do moral, e não procurei mais a origem do mal atrás do mundo. Algo de escolaridade histórica e filológica, inclusive um inato sentido seletivo em vista de questões psicológicas em geral, transmudou em breve meu problema neste outro: sob que condição se inventou o homem naquele juízo de valor, bom e mau? E que valor têm eles mesmos? Obstruíram ou favoreceram até agora o prosperar da humanidade? É um signo de estado de indignância, de empobrecimento, de degeneração da vida? Ou, inversamente, denuncia-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, seu ânimo, sua confiança, seu futuro? (Nietzsche<sup>1</sup>).

Produzir uma tese de doutoramento comprometida com assinaturas próprias e autônomas, em um mundo cercado de ilusões e fetiches pressupõe, tentar fazer revelações e descobertas inovadoras e maduras no melhor sentido possível, sobretudo, do ponto de vista daquilo que fizemos de nossos percursos como pesquisadores e aprendizes durante esta trajetória acadêmica.

A partir das tramas sociais em que nos envolvemos e das motivações para a escolha de nossa temática de tese que versa sobre orientações sociais, afetivas e intelectuais inventadas no decorrer de nossas vidas e de outros, iremos demonstrar por meio de domínios de saberes e experimentações nossas possibilidades de descobertas e aproximações com o tema.

Neste estudo, assumimos as responsabilidades de nossos próprios caminhos de decifrações, que esperamos ser originais e fecundos até o final.

Estes momentos de elaborações evocam tantas movimentações de ideias, reflexões e problematizações cuidadosas e exigentes nestes trajetos e vasto campo de ações e subjetivações que valeu a pena insistir neste desafio.

Por isto, este estudo intitulado: **Vias e Trajetos de Escolarização de Sujeitos Homoafetivos Velhos (as) na Cidade de Belém** quer antever por entre trilhas de saberes e experimentações como se chega a ser o que se é. É acerca dessas incursões sob as quais marcamos nossos posicionamentos sobre o título que escolhemos para este estudo investigativo no campo das ciências humanas e educacionais.

---

<sup>1</sup> Extraído de os pensadores (2007, p. 298) referente à obra Genealogia da moral.

Torna-se, portanto, elementar dizer que nesta perspectiva, o percurso de escolarização se justifica no fato de serem secularmente as instituições escolares produto e produtoras de ferramentas e dispositivos disciplinares rígidos por entre vias e itinerário de formação/escolarização voltadas para as culturas escolares que historicamente fazem de seus deslocamentos, marcas disciplinadoras, repressoras, severas e modeladoras por entre tempo e espaços de tantos sujeitos singulares que por elas passaram, deixando seus registros e sinais dos acontecimentos históricos por eles vividos.

Entre os sujeitos que protagonizaram ao longo destes eventos históricos estão os transgressivos, abusados, atrevidos, desviantes, intrusos, bem humorados e de vida infame, que ousaram no uso de suas singularidades fortes demarcações de espaços, diante das condutas uniformizadoras, castradoras e alienantes impostas pelas instituições sociais entre elas, as religiosas, a família e, particularmente, as escolares as quais visavam deter, ou colocar no lugar da indiferença, do esquecimento e da invisibilidade os sujeitos diferentes, de “vidas estranhas e excêntricas”: Estamos falando dos sujeitos homoafetivos em suas vias de escolarização.

Nossa opção em estudar a vida escolar destes sujeitos velhos (as), tendo-os como principais interlocutores, quis antever olhares frutos de suas vivências, em tempos idos, de experimentações por entre espaços menos tolerados, e talvez mais “inocentes” docilizados e espirituosos sobre os quais foram traçando caminhos e possibilidades de iniciação e ritos de passagens para a vida afetiva e sexual sua e de outros sujeitos. Serão estas histórias marcadas pelas falas dos sujeitos em tela, que foram silenciadas, escondidas e esquecidas no tempo espaço da escola e do conjunto da sociedade que fizemos fecundar nossas curiosidades para estas chaves de leituras que abordamos.

Como sentencia Bosi (2003, p.27): “as histórias de vida estão povoadas de coisas perdidas que se daria tudo para encontrar; elas sustentam nossa identidade, perdê-las é perder um pouco da alma”.

A busca de tais narrativas não se apoia nos sujeitos velhos, simplesmente por sua faixa etária, condição social. O que estamos evidenciando são suas singularidades vividas ao confrontá-las com a reinvenção do presente sobre outros caminhos de escolarizações e expressões singulares de acontecimentos, a partir do momento em que fomos percebendo o quanto estes sujeitos, embora discriminados, criam suas estratégias de resistência e transgressões diante do inevitável enfrentamento com a extensão da ordem discursiva hegemônica das instituições sociais que se capilarizam por todos os

corpos sociais principalmente através das representações do poder do Estado e das estratégias cambiantes impostas pela lógica de mercado.

Assim, os territórios de resistências, subversão e transgressões em espaços escolares se constituíram para nós num campo fértil para escavações necessárias dos sujeitos diferentes que se propõem a outras assinaturas, em que muitas vezes os projetos curriculares, a organização pedagógica, os dispositivos de controle, disciplinamentos e sequestros estão aquém das perspectivas de mudanças sociais necessárias de serem efetivadas nestes ambientes escolares com reflexos para toda a sociedade.

O olhar das instituições sociais e suas representações no contexto da sociedade, na maioria das vezes, exercitam-se de “dentro para fora”, em suas formas coercitivas e simbólicas de poder, salvo algumas exceções, estrategicamente estas foram forçadas a “aberturas” que possibilitaram alguns avanços conforme veremos adiante através dos relatos dos interlocutores de nossa pesquisa, que se propuseram a protagonizar outros momentos em suas vidas, porém por outras obras.

Por isto, a busca de atitudes, lealdades, transparências, compromissos e responsabilidades éticas serão de nossa parte, a de acreditar que neles seus saberes estão cristalizados, através dos sentidos de suas palavras e narrativas, haja vista considerar uma oportunidade em que não poderíamos desperdiçar, já que deles muito pouco tem sido ouvido, seja de suas experiências, marcas ou invenções sociais e falares quase sempre invisíveis, devido, sobretudo, aos seus direitos negados de nomear os sentidos de suas vidas como sujeitos homoafetivos, antes mesmo que chegasse seu tempo de envelhecer.

De outro modo, os nossos dizeres, como pesquisador, também serão apresentados de forma transparente sobre aquilo que conseguirmos captar de suas realidades alçado pelos fios condutores teóricos que nos subsidiaram neste estudo, principalmente as entradas genealógicas foucaultianas e suas formulações sobre a questão referente à estética existencial presentes em suas escavações que nos serviram como aportes teórico-metodológicos significativos por entre vias e trajetos escolares destes sujeitos na cidade de Belém.

As invenções que estão constituídas ao longo deste percurso, por entre tempos e espaços silenciados entre muros escolares e familiares que são ainda hoje lugares em que habitam, para reencontros de produções dos sentidos e significados de sujeitos inventados por entre trilhas cotidianas, cujos acontecimentos têm marcas muitas vezes ignoradas e esquecidas pelas esferas do poder público.

Diante de normativas e dispositivos que são regidos pelas culturas heteronormativas, sobre e contra elas é que as lutas e estratégias de resistências e transgressão se assentam e nos movimentam para definir os **objetivos e objetos** destas linhas investigativas com a qual fomos ao longo deste estudo, buscando maiores afinidades. Por isto, assim esboçamos resumidamente nossos propósitos.

Investigamos as problemáticas vividas e narradas pelos sujeitos da pesquisa, considerando este momento de suas vidas em que efetivamente chega-se ao seu processo de envelhecimento. Nossa atenção, portanto, foi a de procurar entender e refletir os significados das marcas registradas de preconceitos, discriminações e as estratégias de perversão e subversão vividas durante seus trajetos de escolarização, ocorridos nos espaços formais de ensino-aprendizagem nas áreas urbanas de Belém.

A investigação tem como foco central analisar, através de seus depoimentos, os traços que revelem o que estes sujeitos homoafetivos velhos (as) reinventaram e analisaram em seus percursos de escolarização e como traçaram suas perspectivas de vida diante das adversidades e obstáculos a terem que enfrentar, por entre prescrições e normatividades estabelecidas pelas instituições escolares que frequentaram.

Nosso esforço neste estudo foi a de apresentar, também, a relação e aproximação entre passado e presente, vividos por entre diversas dinâmicas societárias em que a produção das violências atravessou os ambientes escolares de maneira a envolver gestores/educadores e demais sujeitos que protagonizam estes territórios de saber/poder.

Nosso intuito, portanto, foi o de localizar através dos falares dos sujeitos da pesquisa como, no interior das instituições em que estudaram, foi trabalhada ou não a questão do respeito às diversas homossexualidades, ou a outros “sujeitos excêntricos e estranhos”. Podemos antecipar que infelizmente, tornaram-se lugar comum, na maioria das práticas discursivas dos docentes nos ambientes escolares, revelações em que ficaram evidentes os flagrantes de indiferenças para com estes sujeitos de vidas infames.

Tais acontecimentos e definições acerca do tema dos estudos foram tarefas árduas e, de igual modo, foi difícil e desafiador traçarmos coerentemente e em sintonia fina os objetivos, o objeto, as problematizações, o público alvo, hipótese principal e o aporte teórico-metodológico como ferramentas pendulares de uma proposta de estudo no campo educacional, principalmente em programas de Pós-Graduação.

Foi por tudo isto que nossas vontades se aguçaram para alcançar perspectivas de tese, sem nos reduzir e perder de vista o cenário social, político e cultural sobre os quais se estabelecem jogos de poder e saber e as relações de trocas destes sujeitos

transgressores que foram investigados e que muito nos inquietaram em saber de suas condições muitas vezes banidas, silenciadas e esquecidas. E, ao mesmo tempo, ousadas, intrusas e atrevidas que fizeram questão de nos contar.

Deste modo, os **sujeitos** que conseguimos evocá-los como interlocutores para ouvi-los atentamente todos nos foram surpreendentes nos trazendo outras revelações importantes.

Por isto, fomos adotando-os para arriscar e ousar conhecê-los a fundo, permitindo-lhes que na condição de interlocutores da pesquisa se sentissem à vontade para intimamente revelar suas experiências, fazer seus relatos, através de narrativas originalmente comprometidas com suas vontades de verdade.

Enquanto isso, silenciávamos para a escuta atenta e de coração aberto para deixar jorrar na correnteza do rio de seus desejos: a palavra, a imagem, as mensagens reveladas pela semiotização de seus corpos que transbordaram subjetividades tão suas singularmente.

Afinal, como nos diz Ecléa Bosi: “A memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão”.

Ao longo deste estudo, tivemos o propósito de demonstrar nossa cumplicidade e intimidade com as evidências desta **ontologia do presente**<sup>2</sup>, pois foram estas vias que nos possibilitaram decifrar e escavar sobre estes momentos e encontro de subjetivações, sobretudo, quando souberam chegar naquilo que assumidamente são.

Foi neste sentido que pretensiosamente ansiamos construir este estudo, seguindo principalmente em linhas gerais o repertório foucaultiano e, sem negar a influência de Nietzsche, nos pomos, principalmente, em querer encontrar através de seus fios condutores, nossos caminhos analíticos acerca da produção genealógica de poder/saber, as histórias de sexualidades, afetividades e os sentidos de verdades destes sujeitos nem sempre tolerados. Reiteramos que foi nesses autores que ancoramos, teórica e metodologicamente, nossos desejos de construir nossas reflexões.

A importância do pensamento de Michael Foucault (1926-1984), em nossas decifrações por entre vias e trajetos que seguem da sociedade para as instituições sociais

---

<sup>2</sup> Ontologia do presente: Termo cunhado por Michael Foucault (1926-1984) para designar a dimensão histórica e urgente de ser tomar atitude em lutar pela direito à vida superando os limites que nos são impostos os quais deveremos ultrapassá-los.

em múltiplas e infinitas movimentações, não teve a intenção de restringir suas elaborações em solo específico no campo da educação.

Reiteramos também que nosso propósito não foi cultuá-lo por seus geniais monumentos e ferramentas de escavações analíticas que modificaram nosso modo de pensar, que antes estavam fortemente influenciadas pelas constituições e produção de verdades, estabelecidas e inventadas pela lógica presente na racionalidade da sociedade moderna, as quais foram por estes autores acima citados profundamente questionados.

Ao situar nossos estudos por entre domínios decifratórios analíticos de uma questão genealógica foucaultiana e sua estética da existência a partir dos cuidados de si, não se tem a pretensão de esgotamento de nosso objeto, talvez o melhor fosse criar vias abertas e indefinidas “sem saber aonde fossemos chegar” neste campo de domínio de saber, e quem sabe tenha sido uma grande oportunidade e bela possibilidade de construção e formulação de ideias.

Ao mencionarmos a questão genealógica e estética da existência, neste momento, foi para nos posicionar acerca do lugar de onde fomos exercitando nossos olhares. Uma vez que já nos era sabido que não eram poucas vezes. Houve tentativas de se periodicizar, classificar e hierarquizar todo o repertório de produção teórica de Foucault sem grandes sucessos, pois a complexidade de seus saberes não guarda espaços para acomodações nem de forma e muito menos de conteúdo para que outros venham a esquadrihá-lo.

De forma didática e cuidadosa, há aqueles que tentam dadivosamente apontar as três fases de Foucault sendo: arqueológica (ser saber), genealógica (ser poder) e da estética da existência (ser consigo)<sup>3</sup>.

De maneira abreviada e nos pautando nas recomendações acima, diríamos então que nossa tese aproximou-se “muito mais” das fases genealógicas e da estética da existência em territórios Foucaultianos. Nossos estudos seguiram por entre desconfianças e inquietações daqueles que não acreditam ou desconfiam destas perspectivas de estudos no campo educacional.

Vale ainda dizer que, no início desta produção acadêmica e principalmente nas primeiras disciplinas do curso de doutoramento, foram tantas suspeitas e perguntas que nos foram feitas sobre os fios condutores teórico-metodológicos e sobre os sujeitos do estudo, os velhos (as) homoafetivos.

---

<sup>3</sup> Esquema explicativo extraído da obra Foucault e Educação de autoria de Jorge Larrosa (1998).

Pautadas por admiração, dúvidas, desconfianças, severas críticas, estavam entre elas a seguinte indagação: Por que convocar neste estudo estes sujeitos homoafetivos velhos (as) por entre muros escolares? Percebíamos na acidez das críticas que “espíritos” pareciam querer invalidar a legitimidade desta investigação, como se por estas vozes não fosse permitido e nem possível dizer verdades e apontar outros caminhos em trilhas foucaltianas.

Por outros caminhos de interdições havia outras formas de levantar suas suspeitas a nos querer dizer: É possível subjetivar sobre os tempos vividos e presentes em suas memórias e histórias de vidas de sujeitos homoafetivos neste momento, se não ha "conexões" deste estudo com o que vínhamos pesquisando durante nosso mestrado. Isto é, dissertação que tinha por objetivo: aprofundar saberes para falar de experimentações e impactos trazidos pelos paradoxos urbanos durante o processo de urbanização e reformas da cidade de Belém.

Ao nosso modo de ver, não houve distanciamento ou deslocamentos tornando inviável nesta pesquisa deste novo campo de saber que viesse negar neste doutorado nossa aproximação com estudos sobre os sujeitos que se reinventam por outra ótica, costumes e hábitos que visam alterar as condutas, as regras de convivência social que ao metamorfosear forjam outras formas de culturas vividas nos espaços urbanos.

Havia também certa “surpresa” com nosso tema de estudo, devido a termos vindo de uma trajetória de militância política nos movimentos sociais, pastorais e acadêmica em que praticamente estas temáticas eram silenciadas, parecendo-nos que somente a luta marcada pelo ódio de classe e a destruição do Estado burguês responderiam a todas as inquietações humanas, e assim sendo, deveriam por decreto ser nossos objetos de estudos temas e problematizações a nos inquietar, para continuar insistindo neste campo de decifrações bem peculiares das abordagens da modernidade.

Hoje podemos dizer que se, naquele momento, não tínhamos suficiente capital intelectual para perceber as (re) dobras de tudo o que vivenciávamos, agora estamos diante das “indecifráveis” trilhas das subjetivações que nos mobilizam para entender as marcas afetivas e efetivas nos corpos daqueles que antes não percebíamos.

Apostamos que através da privilegiada condição de velhos vamos por eles, agora reaprender a entender os significados que, embora tivéssemos vivenciado e experimentado, não fossemos capazes de decifrar os efeitos sobre os corpos e seu tempo/lugar de invenção, cujas extensões de si mesmos chegam até nós.



Mesmo desafiados por entre curvas imprevisíveis não sucumbimos aos interrogatórios, pois tínhamos clareza de que as questões urbanas anteriormente estudadas e nossa breve participação no Ministério da Cultura e na Secretaria Estadual de Desenvolvimento e Assistência Social, através da diretoria de programas de transferência de renda, foram as vias iniciais de acesso ao tema da tese por entender que estas não destoavam de nossas novas pretensões acadêmicas neste momento.

Por isto, este estudo, mesmo sobre outra ótica, não deixaram de falar de populações em estado de vulnerabilidade e subalternidade social, que são excluídas, e, parte delas é assistida pelos programas de transferência de rendas, como por exemplo, o bolsa família, os benefícios de prestações continuadas, já que eles têm como pré-requisito para obtenção destes auxílios do Governo Federal, a exigência de garantia das condicionalidades por meio do acompanhamento, monitoramento dos beneficiários atravessados pelo cumprimento legal de seus pré-requisitos, entre eles: o desempenho e rendimento escolar dos membros das famílias assistidos pelo programa, tendo em vista assegurar as diversas bolsas auxílios distribuídas por meio das políticas e programas governamentais voltadas para estes segmentos sociais.

As reflexões que nos propusemos a pensar justificam nossas escritas sobre o que fomos capazes de perceber e captar para, enfim, carimbar nossas assinaturas trazendo reflexões voltadas ao **tema da escolarização, da sexualidade e do envelhecimento**.

No entanto, vasculhar as múltiplas lembranças que marcaram de algum modo tantas formas de existências, de experiências, de acontecimentos por entre tramas de prazer, saber e de poder presentes nas vidas de sujeitos vistos como excêntricos, principalmente nos espaços escolares, em que as estratégias de resistências valorizadas nestas passagens vividas por eles foram o alvo e a seta que buscamos para alvejar outros caminhos e significações ao longo destas vivências de estudos doutorais.

Daqui para frente, nesta seção introdutória, seguiremos neste itinerário apresentando de maneira completa e detalhada os argumentos que justificaram nossas escolhas de tese. Assim vamos seguir esta viagem sem “rotas definidas” por entre estações, vias e trajetos, as quais são frutos de seus falares construídos, de fato, por caminhos dispersos e invertidos.

### 1.1 Primeira Estação: o pesquisador como sujeito da pesquisa

Ao assumirmos nossa condição de pesquisador tendo em vista partilhar tais experiências e inventividades de recriação através de métodos estratégicos por outros espaços de modos a compreender e refletir sobre vias de escolarização sobre outras perspectivas nos fez também protagonista da pesquisa.

Nossas experiências de escolas públicas como sujeito ao longo de nosso itinerário de escolarização, desde o ensino básico até o nível superior, e em seguida como docente da Universidade Federal do Pará, sem sombra de dúvidas, estreitaram também nossas relações socioeducacionais com esta temática, ficando claro nossa cumplicidade com estes lugares atravessados por marcas e datas contextualizadas pela desigualdade social e econômica, pelo preconceito e discriminação, pela ausência de políticas educacionais includentes, pela gritante desigualdade e pelas irresponsabilidades com a produção da pobreza social, que são culturalmente inventadas por ordem e comando das elites com seus aparatos econômicos e ideológicos na garantia da produção de suas verdades.

Por isto, nesta via se fez mister trazeremos um pouco de nós que estão relacionados com contextos históricos de subalternidade e a produção da pobreza como fenômeno social. Desde a infância pobre em Belém até nos tornarmos adulto fomos aprendendo a conviver com os espaços dos de “fora”. A pobreza, as dificuldades sociais, as necessidades materiais e as poucas alternativas de escolarização que não aprendemos a ler nos livros fazem parte da produção e reprodução social da vida que estávamos vivendo juntamente com nossos familiares e que, de igual modo, eram situações similares às condições de vida vulneráveis socialmente das minorias majoritárias de nosso país e região. Assim sendo, não há dúvida, como educador e pesquisador, em querer escavar acerca da condição de vida e escolarização de velhos (as) homoafetivos.

Nossa condição de profissional da educação de uma instituição pública federal e como sociólogo foi nos dado esta oportunidade de poder, através de um curso de Pós-Graduação, produzir este estudo investigativo, no campo educacional, nos levando a juntar todas estas experiências para compreender as condições dos sujeitos envelhescentes.

Nosso estudo quis fugir ao modismo e às mesmices para dar contribuições teórico-metodológicos e empíricas a esta temática de forte apelo socioeducacional

pautada na questão da diversidade sob a qual nos interessamos estudar, evitando, sobretudo, generalizações desnecessárias em nossas análises ao focar as narrativas dos sujeitos no contexto da educação, da sexualidade e do envelhecimento.

Por isto, queremos deixar claro nossa posição como pesquisador de que não faria nenhum sentido se deixássemos de mencionar nossas movimentações a partir do que fazemos e do lugar de onde nos colocamos a formular nossas compreensões acerca do tema. Por isto, podemos dizer que neste estudo se fazem presentes às interfaces principalmente: do educador, do pesquisador e do aprendiz como nos constituímos para aferir tais assinaturas.

**O Educador** para justificar como fomos construindo nossas aproximações com este repertório de enunciações e pertinentes diálogos bem sucedidos através de outros estudos já publicados que fazem rotas com outras linhas de interesses e foco investigativo que primam por saberes incendiários na educação.

A instituição escolar, sem sombra de dúvida, constitui-se numa via para vários e distintos caminhos e deslocamentos. Mas também impostora de silenciamentos, controle, censuras, hierarquizações e exclusões, enquadramentos e interdições frente aos contrastes, crenças e paradoxos socioeducacionais conforme fomos constatando ao longo de nossas vivências de vida escolar e acadêmica.

**O pesquisador** por suas pretensões de se constituir para escavar outros caminhos e descaminhos da educação. Partindo de vasto campo aberto de possibilidades sob o qual fomos nos deparando. As inquietações surgidas, os desejos e vontades de saber e experimentações foram em busca de querer vivenciar escritas sangrentas por entre o trágico e o cômico de nossa existência humana inventada por entre espaços escolares. Assim poder partilhar de outras concepções acerca da arte de viver por meios de saberes ainda não habitados em nós, e por muitos de nós, fez-nos querer persegui-los.

Movidos por estas inquietudes nos lançamos a escavar acontecimentos e eventos sociais em contexto de subjetivações de afetos, procurando perceber a importância das observações das áreas de educação e humanidades para esta sedutora e desafiadora temática.

Como pesquisador, nossas desconfianças hipotéticas foram centradas nestes sujeitos da educação, estranhos e excêntricos, os de fora que habitaram e ocupam literalmente quase “sempre” as partes de trás, o lugar não comum, o desejo proibido, vontade de verdades negadas, nas instituições sociais e em particular nas de ensino. Foram eles que fortemente nos seduziram e nos trouxeram questionamentos,

inquietações, desejo, a descoberta de jogos afetivos, de zonas de desconfortos, seja na participação da gestão do ensino, na negação de seus direitos aos acessos ao uso dos prazeres e seguir por domínios de saberes, ou de fazer algo diferente acerca da produção e reprodução nos espaços escolares através de ações e movimentos de resistências e lutas constantes frente aos poderes instituídos.

As práticas de pesquisa que elegemos nos aproximaram de indicadores que marcaram e registraram suas existências. Deste modo, não há dúvidas sobre as possibilidades e perspectivas indiciárias para novas descobertas sobre estes sujeitos que nos levassem a pensar outras vias e trilhas, outras enunciações e problemas a desvelar outros enigmas acerca da condição humana, levando em consideração a escola como lócus privilegiado de nossas problematizações.

Como pesquisador, ainda queremos dizer que a busca de nova compreensão em relação aos sujeitos da pesquisa, que tivemos a oportunidade de estudar, se pautaram em suas narrativas, de suas experimentações, em formação e práticas discursivas situadas ao longo da história da produção de saberes sobre os quais foram produzidos seus corpos, delineando seus afetos, direcionando suas escolhas proibidas e, finalmente, suas orientações homoafetivas.

Na condição, portanto, de pesquisador em educação, ao estudar estas temáticas resta-nos dizer o quanto elas foram de fundamental importância em nossos resultados. Foi preciso como pesquisador compreender que a lealdade ancorada numa ética da pesquisa que fomos implementando. Aportado na empatia, no respeito à sua condição e orientação sexuais e afetivas nos deixaram numa situação confortável para decifrar os relatos e as condições históricas mapeadas entre as formas de inventividade na resistência e ousadia cotidiana. Assim como a luta de sobrevivência nos deu acesso para conhecer a sua condição de vida, principalmente, as escolares.

Por isso como pesquisador, fomos tornando o lugar da denúncia e dos anúncios, dos ditos e não ditos tragados no calor de suas emoções neste momento singular em que concediam gentilmente seus depoimentos, aumentando nossas responsabilidades de decifração para deixar claros nossos compromissos e sensibilidades em combater e denunciar as práticas homofóbicas, visando reverter posturas intolerantes e criminosas.

Por isto dissemos que as relações entre o pesquisador e os pesquisados jamais foram neutras e omissas sobre a temática em estudo, por entre tempo de diálogos agradáveis, cordiais e inquietantes objetivos que vibravam para simplesmente aguçar vontades de verdades nesta pesquisa.

A receptividade da escuta se somou à vontade de narrar dos entrevistados que nos pareciam antes silenciados até a espera de uma oportunidade de poder dizer que suas histórias de vidas em vias de escolarização fizeram de nossos interlocutores importantes narradores e partícipes históricos destes acontecimentos vividos e protagonizados por eles próprios.

Nossos desejos de verdades nos inspiraram para um retorno às nossas reminiscências desde o início de nossa vida escolar até os dias de hoje. Como pesquisador e professor, não ter dúvidas, de nos colocarmos sempre e também na condição de **aprendiz durante este percurso**.

Os diálogos pertinentes que tivemos com professores e colegas que exercitamos nas séries iniciais, no ensino fundamental e médio e mais recente na graduação, passando pela especialização, mestrado e agora no doutorado, deram-nos condições de, com maior maturidade, disciplina, determinação, decisão, devoção, dedicação e discernimento e rigor acadêmico como aluno de Pós-graduação, sentir o gosto de aprender novos saberes.

Neste estudo, aprendemos a romper com o mimetismo e com tantas outras formas de reprodução de saberes que há tempo carregamos como “verdades absolutas” ao longo de nossa formação acadêmica e outros níveis de trajetória de escolarização.

Também neste recente convívio com a Pós-Graduação, aprendemos no contato com os grupos de estudos e tivemos a oportunidades de conhecer tais como: Includere<sup>4</sup>, Difere<sup>5</sup> e Epstem<sup>6</sup> que nos ajudaram ao abrirem espaços para outras oportunidades e experiências acadêmicas conforme as exigências e normas do programa.

Portanto, as publicações de artigos, ensaios e resenhas, rodas de conversas entre outras atividades correlatas, nos ajudaram a reconhecer nossos limites. Foram estes momentos que nos levaram a acumular e ampliar conhecimentos sobre nossa temática, tirando-nos do ostracismo e nos dando maturidade e segurança sobre aquilo que somos. Portanto, na condição de aprendiz tivemos de maneira inequívoca a sensação de que as instituições sociais, entre elas as escolares, pareceram-nos ainda não preparadas para o convívio com os sujeitos ditos diferentes, e os espaços acadêmicos também não fugiram à regra, pois constatamos que seu nível de tolerância não chega a ser tão diferente.

---

<sup>4</sup> Includere- Grupo de estudos e pesquisa sobre currículo e formação de professores na perspectiva da inclusão.

<sup>5</sup> Difere – Grupo de pesquisa diferença e educação.

<sup>6</sup> Epstem-Núcleo de estudos e pesquisa sobre teorias, epistemologias e métodos da educação.

Os interlocutores da pesquisa, via de regra se movimentam nestes lugares de escolarização marcados por multiplicidades de ações de indiferenças, tendo que enfrentar reações e situação vexatórias, sendo quase obrigados a desistir ou até produzir e forjar outros significados invertidos sobre suas orientações sexuais e afetivas.

A persistência e a insistência em ser o que são exigiu deles, firmeza e segurança na utilização de estratégias de sobrevivência, dado o grau de intolerância, permaneceram nos “armários” devido às rotas de colisão que teriam que enfrentar cotidianamente.

Como pesquisador não nos convence o acomodamento diante da ideia de que somente cabe às instituições moldar, inventar e produzir os indivíduos. Pensamos que ainda há e haverá múltiplos caminhos a serem traçados para a constituição dos indivíduos no seu pleno gozo de sua vida social. A institucionalização da condição de sobrevivência e existência dos indivíduos em qualquer tipo de sociedade produz graus diversificados de sociabilidade, de ações normativas e reguladoras que se capilarizam por todo o corpo social e político.

## 1.2 Segunda Estação: as vias discursivas da tese

As vias discursivas da tese: sociais, pessoais e acadêmicas que evocamos têm o propósito de dar ao leitor visão clara da escolha deste objeto de pesquisa. Neste particular, apresentamos os seguintes argumentos:

**As vias sociais** justificam-se nesta investigação, quando nos levaram a pensar que as instituições sociais produzem “verdades” que marcam os corpos dos sujeitos, através do desenvolvimento de tecnologias sociais e de comunicação para a produção moral sobre os desejos da carne e as diversas maneiras de repressão, muito bem absorvidas pelas culturas escolares.

O conjunto de princípios doutrinário e dogmático instituídos, a partir da ordem de seus discursos, formação e práticas secularizadas por entre muros trespassados por perspectivismos históricos, culturais e religiosos, ostentam a produção imagética e simbólica do progresso e do futuro como sendo este um projétil ancorado numa visão monoteísta acerca de um deus social acabado, absoluto e moralizador, ou ainda idealizado na forma de um estado absoluto e repressor, e mais modernamente um príncipe, ou governante capaz de interditar os destinos humanos e as vias de acesso à estética da existência e do prazer.

Estas entidades religiosas e laicas com suas verdades inventadas se movem para punir os sujeitos em sua condição humana agindo majoritariamente por entre intermináveis binarismos que levam os sujeitos a curvar-se entre o belo e a feiura, pelo sagrado e o profano, por desejos de vida e morte, por entre céus e infernos tecidos e avaliados pelas tábuas das leis em nome de um deus Uno ou de um estado autocrático que tece os sentidos que tornam a “via sacra” e os muros separatistas, caminhos retos ao “direito à vida”, porém cúmplices das decadências e do caos social.

Os pervertidos, os excêntricos, os estranhos, os intrusos, desviantes e profanadores que arruinam os caminhos da retidão e da leveza do ser inventados por elas foram colhendo historicamente tempestades ao terem atitudes transgressoras, intempestivas, debochadas ou desafiadoras ao confrontarem-se com os tribunais blindadores deste deus higienizador, deste estado decadente.

As formas de resistências foram vistas como rebeldias, insistências e tentativas de profanação. No entanto, todos os experimentos históricos de reinvenção destas ordens e regimes de verdades em busca de um devir apontaram outras possibilidades e caminhos a se constituir.

Por exemplo, na obra de Nietzsche “O Anticristo” (1895), em que ele não hesita em tecer críticas ácidas a todo o legado do cristianismo e suas influências na sociedade ocidental, e na “Genealogia da Moral” (1887), onde há passagens que nos parecem importantes e que são reveladoras de compreensões trágicas acerca desta visão judaico-cristã sobre a condição dos sujeitos desviantes.

Em o “Anticristo”, os sujeitos sociais por vias de avaliações e julgamentos finais feitos por inquisidores religiosos que ordenavam em nome de Deus para julgar, punir, perdoar e castigar os sujeitos vistos como desviantes, quase sempre condenados e exorcizados tendo que ser mutilados, execrados por suas tão grandes culpas e pecados de ordem moral e religiosa que os colocavam em condições humilhantes de julgamentos e sentenças entre céus e infernos, seu direito de vida ou de morte através de dispositivos inescrupulosos e ferramentas com marcas visíveis da crueldade.

Essas formas de julgamentos condenatórios serviam de exemplo e parâmetros para se combater os paradoxos acerca das condições humanas materializadas, a fim de que os condenados e desviantes em seu espaço/tempo passassem por humilhações públicas, visando corrigir “moral e eticamente” aqueles que ousassem se desviar dos caminhos já traçados sobre a produção e reprodução de suas vidas através de um Deus infalível.

Portanto, as pedras de tropeços em seus caminhos os levaram a invenções de si mesmos através de estratégias de sobrevivência/essência na resignificação do mundo presente em que todos nós habitamos, o qual representa poucos caminhos de movimentações de ideias e reflexões por perspectivas invertidas.

Isto não significa dizer que historicamente tais crenças de cunho teológico e metafísicas estilizadas por dentro e fora dos espaços das instituições sociais seculares com toda a sua prepotência intelectual não tenham sido alvo de desconfianças e críticas no próprio interior destas com seus regimes de verdades aparentemente inabaláveis.

Já faz muito tempo que as instituições sociais, entre elas as escolares na sociedade de outrora e em tempo de modernidade, vêm sendo questionadas principalmente por causa de suas produções de disciplinamento e controle os quais vêm sujeitando pessoas por tempo e épocas diferentes, sob as quais muitos deles foram sacrificados, mortos, martirizados, supliciados, docilizados e submetidos pela covardia daqueles que sempre lavam as mãos nas águas da omissão, dos que em nome de sua “honra e verdades”, ou aqueles que em nome de um deus desconhecido, ao punirem-se por absoluta ignorância são igualmente responsáveis pelo ostracismo coletivo e o martírio sociocultural em qualquer lugar do planeta.

Também de igual modo Foucault (1987, p. 119) tinha razão ao falar dos corpos dóceis em sua obra “**Vigiar em Punir: História das Violências nas Prisões**” (1975) ao tratar sobre as práticas disciplinares quando nos diz:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, “corpos dóceis”. A disciplina aumenta a força do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuem essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar, e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Nestes significativos pontos de reflexão a considerar, está ancorada a ideia de subjetivação, de transgressão, de sujeição e de perversão da carne no tempo e espaço que demarcam território de afetos frente às tramas e jogos de poderes não tão óbvios nas vidas dos sujeitos da pesquisa.

Haja vista que, vias de regras, os lugares sociais em que se movimentam têm marcas profundas das (in) tolerâncias disfarçadas que são, incomuns diante dos ditos



sujeitos anormais, excêntricos, estranhos e relegados a uma obediência alienadora. E, como exemplo, vale dizer que os territórios de escolarização não escapam a essas críticas.

Neles os gestos e atitudes de outros, repletos de intencionalidades, às vezes “dóceis”, muitas vezes “ingênuas”, não permitiam se enxergar por onde pairam as malícias e as brincadeiras de mau gosto sobre tais corpos estranhos.

As relações de poder produzem estágios simbólicos de sociabilidade, condicionamento, subjetividades e de violências por entre práticas discursivas às vezes de difíceis compreensões, sejam nas “cores” escolares, nas marcas familiares, no ócio do trabalho ou em qualquer espaço de produção de culturas vividas.

As posturas imperativas das instituições em suas rígidas e controladoras práticas discursivas jamais devem ser aceitas socialmente pelos indivíduos em qualquer época e lugar como sendo patológica por terem estes buscado, orientações sexuais e afetivas diferentes.

Hoje, talvez com um pouco mais de amadurecimento para a vida estejamos vendo com maior intensidade os ditos e não ditos destas inquietantes travessias como insuportáveis em suas estratégias de poder disciplinar e constituição das ditas sociabilidades “aceitas”.

Por isto que os relatos destas experiências de vida analisadas nos ajudaram a decifrar os significados destas marcas de existências singulares quando tratadas especialmente por trajetória de vivência escolar.

Reconhecemos que o tempo da memória e os espaços de produção e reprodução da vida deles foram pautados por compreensão histórica das lutas de resistências e episódios que ouvimos em suas narrativas e que, ao descrevê-las, tornam-se lugares prechos de novos sentidos pensados por eles próprios.

Os registros históricos entre outros dispositivos tecnológicos que nos serviram de anotações constituíram-se em marcadores destes acontecimentos, ao mesmo tempo em documentação e arquivos de escolarização reveladores de traços característicos acerca dos sujeitos da pesquisa e suas relações socioafetivas por entre eventos vividos nos espaços escolares.

**Via discursiva: A acadêmica** trata-se de justificar, neste momento, como foi tornando-se interessante nosso encontro, com os registros acadêmicos que, no presente, vêm nomeando e dando visibilidade às temáticas voltadas para a questão de alteridade, diferença, subjetividade, significações e discursos, saber-poder, representação, cultura,

gênero, raça, etnia, sexualidade, homoafetividade, multiculturalismo, envelhecimento, entre outros temas correlatos, cujas reflexões geralmente estão situadas no campo de saberes Pós-moderno.

O que antes, num passado recente, parecia sem visibilidades, parece hoje estar com bastante força nos grandes debates acadêmicos e dos movimentos sociais principalmente no contexto ocidental.

Os imbróglis desde a década de 1960, que atravessavam por situações de ordem política, econômica, ideológica, cultural e social em nosso país, e em grande parte da América do Sul, eram conduzidos e controlados pelas forças presentes dos regimes de censura, impostos pelos militares através principalmente de atos institucionais.

Usavam-se também outros dispositivos de poder para coibir as manifestações e discussões em torno do poder/saber principalmente nas instituições de caráter político e organizativo que se contrapunham ao regime ditatorial. As instituições de ensino e pesquisa e demais instituições acadêmicas também estavam dubiamente enredadas nestas situações históricas.

As reações de revoltas e inconformismo por parte significativa de segmentos da população que foram contrários a estas medidas a partir deste contexto histórico provocaram situações, fatos e movimentações invertidas e de contraposição a estas parafernalias produzidas pelo poder ditatorial que se ancorava em leis de segurança nacional e medidas de criminalização dos cidadãos que se atreviam a combater, transgredir e resistir em nome da sua liberdade e de seu povo, a qualquer forma de violência simbólica, física, psicológica direcionada pela ordem do poder estatal.

As estratégias de resistências e ousadas por parte das organizações da sociedade civil ou atos isolados a não terem que calar diante de tantas medidas abusivas, trágicas e criminosas impostas pelo regime da época encontram apoio e visibilidades nas soberanas manifestações sociais que eclodiam das ruas, das praças por meio de atos políticos de fortes contestações assim como outras atividades mobilizadoras, contrárias aos regimes e seus asseclas, principalmente a partir da década de 1960.

A partir destes episódios de fortes efervescências políticas, ideológicas e artísticas de resistências, era notória também a efetivação destas lutas nos espaços acadêmicos.

Neles ocorriam ferrenhos debates ancorados nos alicerces das teorias críticas cujos eixos temáticos mais relevantes neste período eram: ideologia, reprodução cultural e social, poder, consciência ingênua e crítica, classe social, capitalismo, relações sociais

de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência, empobrecimento, mudança, reforma e revolução social, conforme já havia sinalizado o Professor Tomaz Tadeu em sua obra “Documentos de identidade” (2003).

Eram sujeitos oriundos de várias matizes, vertentes e corolários políticos, ideológicos e religiosos ligados às pastorais sociais, além da presença de poucos partidos políticos de esquerda e segmentos sociais históricos de lutas de resistências como: movimentos estudantis, líderes sindicais, intelectuais, artistas entre outras frentes de mobilizações sociais emergentes, inclusive nas universidades públicas.

O conjunto destes segmentos mobilizou a população para protagonizar estes movimentos de resistências e lutas pelos direitos humanos no Brasil e em grande parte do continente, principalmente através de seus jovens militantes políticos.

Apesar da tradição dos modismos acadêmicos, as disputas nesta época as quais ainda trazem reflexos nestes ambientes de hoje eram de ideias alçadas em teorias revolucionárias humanistas, utópicas de cunho socialista, comunistas ou libertários. Foram estas doutrinas ideológicas e políticas, ancoradas muitas vezes em clichês principalmente marxistas, necessárias para nutrir as forças de resistências dos movimentos organizados da sociedade civil até o presente, em que pesem as inevitáveis críticas nem sempre justas.

Se por um lado não havia consistência e lealdade metodológicas acerca da compreensão e interpretações de cunho epistemológico produzidos intelectualmente com as ideias do pensador Karl Marx (1818-1883), crítico ferrenho do capitalismo, por outro lado, eram estas ideias que, certas ou erradas, politicamente mobilizavam os vários segmentos da sociedade, das academias para fortes “guerras de posições” com o regime de verdades sustentado pelas elites conservadoras e reacionárias que estavam de mãos dadas com o estado coercitivo que planejaram o golpe militar em nosso país.

Havia muitas interpretações analíticas ancoradas nos legados de Marx, entre eles as compreensões ortodoxas e heterodoxas que se punham a interpretar, analisar e atuar frente a essas situações contraditórias. Por exemplo, as análises sobre as condições de trabalho em pleno continente europeu dos séculos XVIII e XIX apontavam que as forças produtivas do capital, a divisão social do trabalho, as condições objetivas que levaram o trabalhador a vender sua força de trabalho em troca de salários, contraditoriamente, concretizam a passagem do reino das necessidades para o da liberdade, produzem escassez e abundância, determinavam os conflitos de classe nas relações sociais de produção, substituíam o trabalho manual pelo trabalho intelectual e,

através do uso das máquinas, maximizavam lucros e minimizavam a condição de existência, produzindo o exército de reservas de desempregados, provocando a “quebra” na extração de mais valia e, por conseguinte, estimulavam a concorrência, aquecendo o mercado visando, em última instância, à concentração das riquezas e lucros elevados nas mãos de poucos.

Elevando paradoxalmente o aperfeiçoamento e o surgimento de novos aparatos tecnológicos nos processos produtivos, na organização social coletiva dos trabalhadores, que passaram a se organizar em entidades de classes para reivindicar direitos frente às desigualdades sociais impostas pela relação capital e trabalho protagonizado pelas classes burguesas detentora e monopolizadoras do poder do Estado, e da economia de mercado. E de outro lado, os proletários de classes economicamente vulneráveis que se reinventavam cotidianamente por entre conflitos, contradições e paradoxos sociais.

Vale ressaltar que estas eram as interpretações analíticas predominantes nas ciências sociais e políticas no meio acadêmico não somente brasileiro, com fortes capilaridades nos movimentos reais em seus mais diversos níveis de organização.

Todas estas situações históricas que também se faziam presentes nos espaços acadêmicos e literárias faziam brotar um vasto e amplo repertório de vertentes de opiniões, presentes na realidade social através dos movimentos sociais, cujas marcas de suas intervenções apontavam para um engajamento e militância política com claros propósitos de evocar os “de fora”.

De certo, se foram estas as influências em nossa formação acadêmica naquele momento, as quais muito nos valeram, não nos furtamos em dizer que nossas assinaturas e engajamento acadêmicos nesta fase de nossa produção e domínios de saberes estão ancorados em outras bases epistemológicas, ou melhor, em outro campo teórico-metodológico, isto é, das compreensões genealógicas foucaultianas de saber/poder.

Ainda assim não recusamos em sua totalidade o pensamento de Marx, por considerar seu legado intelectual e político consistente e coerente em seus fundamentos e pressupostos teórico-metodológicos que embasam toda a sua criatividade e crítica de formulações ao modelo capitalista de produção desde a sua origem.

No entanto, queríamos alargar nosso campo de domínio de saberes através de aprofundamentos e novos entendimentos acerca das ideias de sujeição e subjetivações, saber/poder, regime de verdades, sujeitos históricos entre outros temas desta envergadura.

Passamos então a nos dedicar e estudar para compreender o pensamento de Michael Foucault que, embora mantivéssemos admiração pelos pensamentos econômicos, críticos de Karl Marx sobre as relações de produção na sociedade moderna, deixavam claro em seus escritos, como por exemplo, em *Microfísica do Poder* (1979), estabelecidas suas diferenças com Marx entre os conceitos de dominação e exploração presentes na formação social capitalista sobre a perspectiva do trabalho de forma consistente e inovadora.

O caráter exposto destas reflexões teórico-práticas baseado nos princípios da modernidade como fonte doutrinal advindas do liberalismo econômico que apreendemos também nos espaços de formação acadêmica pôde sacudir os alicerces das estruturas sociais desde o século XVIII até o século XX, possibilitando-nos outras aberturas e olhares para as novas invenções produzidas social e teoricamente como nos parece factível pensar sobre novas tendências de temáticas e regimes de verdades que não nos deixaram aquietar em momento algum.

Foi por estas vias reflexivas que nos chamaram atenção que chegamos a nos interessar por este período de efervescência da circulação dos debates sobre gênero e sexualidade no Brasil. Os anos 1990 constituem-se em um marco histórico e intelectual para novos estudos e debates intempestivos e temas transgressivos oriundas de várias matizes que marcaram os grupos socioculturais e os de orientação homoafetiva como, por exemplo, o GLBT (Gay, Lésbica, Bissexuais, Transgêneros), os movimentos geracionais e culturais voltados para a educação inclusiva, as teses levantadas pelo pensamento Pós-estruturalista, as novidades das teorias Queer, as movimentações conceituais trazidas pela filosofia do movimento e da diferença.

Essas teorias passaram a ser as principais correntes de produção de saberes provocadoras de rupturas e de firmes inserções sociais em sentidos invertidos a todo um legado de conquistas e fortes embates pelo acesso à liberdade de expressão que se punha contrária às formas mais insolentes de censura, de endurecimentos, de aprisionamentos, e de assédios e perseguições, que contraditam com as profundas ideias e pensamentos que foram lançadas nestas profundas travessias.

Diante destes novos cenários sociais e de debates acadêmicos no mínimo inquietantes, podemos antever que as universidades públicas ou privadas em meio a este acaloramento de ideias e novas posições deveriam se sentir instigadas a produzir outros saberes que clamem por aprofundamentos teóricos que ousassem falar de vias de subjetivações.

Compreendemos que, embora nossa opção acadêmica tenha sido romper com os aprisionamentos imaginativos da sociologia e de outras ciências sociais e humanas através principalmente de recursos metodológicos investigativos tangenciados pelas formas objetivas de classificações e hierarquizações através de variáveis ou indicadores sociais, que escalam “arbitrariamente” categorias para fins de tratamento e análise dos dados, tais como: escolaridade, classe social, renda, faixa etária, faixa de pobreza social, entre outras.

Seguindo em rota diferente, vale dizer que nos interessamos, como ponto cardeal de nossa tese, a entender como foi que se constituíram os sujeitos homoafetivos, levando-se em consideração a produção e reprodução dos ambientes escolares sob os quais construíram experiências que fogem à anormalidade nestes espaços.

Assim sendo, nosso recorte socioeducacional para fins de investigação acadêmica, tendo como sujeitos os homoafetivos velhos (as), ganhou importância fundamental por querer, sobretudo, apontar possibilidades de reinvenção de novas propostas epistemológica, outros novos caminhos genealógicos de produção de saberes para pensar os espaços escolares.

Neste momento, vários segmentos sociais e midiáticos principalmente na sociedade brasileira colocam em foco vários dilemas e debates acerca das sexualidades, do debate de Gênero, da diferença e de temática intrageracional.

A institucionalização de dispositivos que servem de instrumentos para aferir direitos conquistados ou mesmo negados pelas formas jurídicas do poder, apesar das intolerâncias de setores sociais conservadores, decadentes, pedantes, falsos e moralizadores, vem apresentando resultados positivos.

Deste modo, trazer para o interior da academia e particularmente para os domínios de saberes no campo educacional reflexões e metáforas voltadas para a abertura de proposições, de entendimentos, de concepções genealógicas em âncoras voltadas para a estética da existência destes sujeitos a respeito de suas orientações sexuais e afetivas e seus usos de prazeres por vias de escolarização, sem sombra de dúvidas, nos apresentou desafios, haja vista que a receptividade das academias e universidades parece também encontrar zonas de desconfortos quanto aos estudos que visam investigar no presente as ditas “anormalidades” sociais em seu interior.

A racionalidade da academia na forma de saber/poder é por assim dizer, ancorada em costumes, normas, leis e dispositivos gerais que, em tese, não nos parecem querer ser contrariada apesar da multiplicidade de pesquisas produzidas em vários

domínios de saberes transgressivos que invadem as usinas universitárias com novos e contestáveis aparatos inovadores de escavações e ideias em domínios de saberes ainda não tão amplo. O campo teórico-metodológico de uma ciência da educação, transgressiva, incendiária e demarcatória de domínios pelo viés dos saberes das diferenças, ainda se constitui em desafios.

Neste sentido, podemos sintetizar que, se o espaço acadêmico teoricamente não é homofóbico, também, por via das circunstâncias, nunca deixou de ser disfarçadamente e “às escondidas” heterossexista, com sentido e significado histórico pouco habituado a outras orientações invertidas voltadas às diferenças étnico-raciais, sexuais e afetivas, de gêneros e de estudos focados em temáticas geracionais e intrageracionais.

Sobre **as Vias de ordem pessoal**, foi nossa pretensão, nesta estação, deixar as marcas das justificativas pessoais que nos motivaram nesta oportunidade a ancorar informações sobre nossos percursos de escolaridade.

Ao dizer isto, queremos deixar registradas nossas vontades discursivas para narrar “histórias verdadeiras” de vida escolar que experimentamos em sintonia com outras tantas histórias de vidas de sujeitos por campos de subjetivações que não são tão diferentes das nossas.

Afinal, nossa história de escolarização também tem diversas marcas, por exemplo, ser órfão de pai, aos nove anos, de um jovem metalúrgico de 48 anos que faleceu de um infarto fulminante. Outro indicador foi nossa situação de pobreza evidentemente igual a milhares de brasileiros sem a garantia do acesso ao direito escolar.

Estas são, sem sombra de dúvidas, sinais visíveis das adversidades produzidas por um sistema social marcado pela desigualdade social por entre espaços inventados de disputas e de poder na sociedade.

Nossa trajetória escolar inicia por volta dos anos 1960 do século passado. Nessa época, quase todos os países latino-americanos, em particular, enfrentavam as duras e massacrantes investidas dos regimes totalitários e nacionalistas. As grandes potências mundiais: EUA e a antiga União Soviética com suas polaridades inconsequentes e inescrupulosas disputas produziram prejuízos e tragédias que entraram para a história com graves consequências no mundo inteiro, principalmente para os países mais pobres.

As consequências destas disputas entre estes grandes blocos mundiais afetavam as diversidades de interesses em nosso planeta. Por exemplo, as fronteiras econômicas entre os diversos países e seus respectivos continentes, no mundo inteiro, passavam

também pelos efeitos destas polaridades de disputas pela hegemonização do poder e da política mundial orquestrada pelos blocos de poder: Capitalistas e Socialistas.

As desigualdades sociais decorrentes das economias de mercado centralizadoras e controladoras do grande capital, por um lado, e das políticas de Estado reguladores que visava à planificação da economia em seus continentes, por outro, ambos produziram trágicos diagnósticos sobre os índices de desenvolvimento humano nos relatórios divulgados oficialmente pelas organizações mundiais.

A Amazônia, por exemplo, era vista como escoadouro estratégico dos bens de consumo e matérias-primas ancoradas em suas vastas e ricas biodiversidades, em sua exuberante fauna e flora, as quais a fizeram por muito tempo e ainda hoje, a “menina dos olhos” de grupos poderosos economicamente nacionais e internacionais que visam se beneficiar das riquezas naturais de todos os países ricos em biodiversidades, inclusive o Brasil.

A partir destes breves comentários sobre os quais estamos a justificar nossas vias pessoais de interesse nesta tese e desejos de tecê-la, nos parece também relevante elucidar, outros aspectos de nosso tempo de vida escolar que faz sentido rememorá-los.

Por exemplo, nossa iniciação escolar por volta de 1968/1970, ainda em escola de reforço, em espaços de ensino-aprendizagem propedêutica, inventada para que os filhos, em particular, de pobres tivessem momentos de preparação para em seguida ter acesso às escolas públicas na esfera do município ou do estado.

Neste modelo de prática escolar, a grande ilusão e os fetiches que estão no jogo disciplinar na ordem discursiva das instituições positivistas era firmar valores de vida ancorados em “saberes necessários” voltados para um futuro profissional com êxito, em que os alunos, principalmente os oriundos das camadas mais pobres, estivessem buscando se capacitar para ter diálogos com um mundo promissor.

Também visava criar a expectativa neles de aprenderem a olhar para o espaço escolar como real possibilidade de estudar onde houvesse oportunidades de investimentos, evidentemente tendo como propósito de imediato conseguir inserção no mundo do trabalho para assegurar a garantia de sobrevivência dos sujeitos de sua família, abrindo oportunidades de ajudar na complementação da renda familiar, no sucesso amparado pela meritocracia e, como única via de afastamento da pobreza, para ser alguém na vida.

Na realidade, a escolarização seguia a lógica cambiante e excludente, uma excelente moeda de troca e negociações, mapeada por uma visão absolutamente



economicista com claras estratégias de mercado. No entanto, os resultados eram paradoxais, marcados por indicadores escolares reveladores do fracasso escolar através de altos índices de reprovações, escassas possibilidades de acesso, números altíssimos de taxas de repetências e abandono, como tem sido divulgado nos dados do INEP baseado no Censo Escolar e divulgados nas fontes oficiais e nas pesquisas sobre educação.

Na verdade, o quadro real demonstrava os mapas das estratificações escolares através de variáveis, como exemplo, de distorção idade-séries, taxas de evasão, taxa de repetências, assimetria entre tempo escola/tempo comunidade e dificuldade de aprendizagem presentes na época.

Suspeitamos haver atitude indolente, de épocas em épocas, por parte das instituições escolares que pareciam ignorar as estratégias de resistências e transgressividades advindas por dentro e fora dos ambientes escolares.

Em que pesem todas estas contradições, meus pais apostavam na função social da escola e resolveram nos oportunizar estudar na melhor escola de educação básica na época existente no bairro da Pedreira onde morávamos. Fui matriculado, portanto, na escola 12 de Outubro, localizada na travessa Estrela, onde lá fomos fazer as séries iniciais, visando almejar e consolidar o processo de alfabetização/escolarização.

Era uma instituição escolar com fortes marcas de exigências e rigidez disciplinares e organizativas, por exemplo, somente podíamos ingressar com o fardamento escolar.

Ao estudar Foucault em *Vigiar e Punir* (1975), aprendemos um pouco mais sobre qual a importância da uniformização escolar para a organização e medidas disciplinares das instituições sociais. Para Foucault, o fardamento faz parte das técnicas disciplinares, ele cumpre um importante papel na efetivação do controle e regulação impostos pelas instituições disciplinares: escolas religiosas (confessionais), escolas militares, presídios, sanatórios entre outras, que sempre usaram destes dispositivos em suas estratégias organizativas.

Após termos passado por toda esta fase e concluído o Ensino Fundamental em 1977, começaríamos, em seguida, uma nova luta por vagas no Ensino Médio. Mais uma vez fomos a busca por matrículas em escolas públicas, porém as opções não nos eram favoráveis diante de nossas condições sociais para disputar as vagas as quais eram reflexos das condições escolares assimétricas. Na verdade, o nível de padrão econômico das famílias e a influência política eram determinantes na distribuição e seleção destas

vagas. Isto contraditava com o discurso oficial de que a escola era direito de todos. Ainda assim, conseguimos vaga na escola Estadual Augusto Meira, onde em três anos concluímos o Ensino Médio.

Consumido, como muitos na época, pela produção das ideologias do progresso acerca do saber e do mérito profissional, restava-nos, diante de mais uma investida alienante propagandeada pelo sistema, vivermos como muitos outros jovens pobres a responsabilidade em optar por ir ao mercado de trabalho e/ou abandonar os estudos já que era muito difícil conciliá-los.

Na dúvida, estávamos nos convencendo que ter concluído o ensino médio naquela situação de escassez já tinha sido um grande passo, um privilégio ou um luxo ter concluído o ensino médio sendo filho de pobre metalúrgico e uma dona de casa.

O fato interessante de toda esta narrativa que quer justificar estas vias enunciativas acerca de nossa vida escolar semelhante a tantos outros sujeitos que vivenciaram experiência de escolarização reside no seguinte fato: Por que os pais e em particular minha mãe insistiam que eu devesse continuar estudando?

Um dia, mamãe me disse em segredo: “Um dos grandes sonhos de seu pai era ver um de vocês formado”. Desde então, começamos a compreender melhor os significados e sentidos de todos os seus gestos, atitudes e cumplicidade. Como estávamos indo bem nos estudos, seríamos nós a prioridade. Restava-nos estudar para não decepcioná-los. Apesar de ter grande dileção pelo futebol, resolvemos interromper o sonho de ser jogador de futebol.

Dando continuidade à vida escolar, em 1982, iniciou-se um curso de teologia pastoral para leigos e religiosos no **IPAR** – Instituto de Pastoral Regional da Arquidiocese de Belém, onde tínhamos disciplinas ministradas por padres/professores com expertise em várias áreas de saberes, entre outros, professores de outras instituições de nível superior que colaboravam através de seus conhecimentos com estes níveis de formação centrados majoritariamente na Teologia da Libertação.

Em suas aulas, era lugar comum atravessarem reflexões críticas e tensas construídas sobre a condição humana e seus grandes paradoxos por vários campos de saberes: filosofia, teologia, economia, ciência política, arte, antropologia, moral, cristologia, mariologia, graças e pecados, entre outras.

Após esta experiência de estudos acadêmicos e engajamento social, em 1985, ingressamos no curso de filosofia da Universidade Federal do Pará, iniciando e

consolidando nosso rito de passagem para uma vida e carreira acadêmica, atuando nas áreas das ciências humanas e educação.

Em 1987, efetivamos troca de curso para a licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais, por compreender que por este caminho havia maiores possibilidades de fortalecer nossos compromissos e engajamento político através da militância que havia nos movimentos sociais. Esta etapa de formação encerrou entre os anos de 1989/1990.

Em 1992, iniciamos estudos de Pós-Graduação, isto é, uma especialização em Docência do Ensino Superior no Centro de Educação da Universidade Federal do Pará. E em seguida, em 1993, ingressamos no mestrado em Planejamento e Desenvolvimento no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA).

Nosso projeto de dissertação de mestrado estava voltado para analisar os impactos do maior projeto de reforma urbana de Belém. Era um projeto ambicioso em parceria da prefeitura de Belém com o governo do Estado e o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BIRD, que visava concluir os serviços de saneamento principalmente nas baixadas de Belém, através das aberturas de canais e o remanejamento das populações envolvidas para espaços urbanos da cidade até 1.500 metros de seus antigos locais de moradia ou para outras áreas urbanas.

O Projeto de macrodrenagem da bacia do Una abrangia sete sub-bacias, envolvendo nove bairros de Belém onde residiam 540.000 pessoas, das quais 180.000 em áreas alagadas. Enquanto projeto de Reforma Urbana, a Macrodrenagem da Bacia do Una ocupava um espaço de 3.664 hectares constituindo 60% do município de Belém e era entendido pelo poder público Estadual e Municipal como o pagamento de uma antiga dívida social com a população local.

Neste mesmo ano de 1993, entrei através de processo seletivo na docência de nível superior como professor substituto na disciplina metodologia das ciências sociais, na Universidade do Estado do Pará e no ano seguinte, ingressei também como professor substituto na UFPA, no Campus Universitário de Castanhal.

Depois de anos sem concursos em Belém, em 1996, o governo Municipal da Capital do Estado do Pará lançou Edital de concursos públicos. Resolvemos disputar uma das seis vagas ofertadas e fomos aprovados, sendo lotado na SEMEC (Secretaria Municipal de Educação de Belém) como técnico em projetos educacionais, trabalhando com pesquisa e planejamento educacional. Foi nosso primeiro emprego efetivo na esfera pública.

Em junho de 1997, a UFPA abriu concurso para professor efetivo do Campus Universitário de Castanhal, na disciplina de Sociologia da Educação, momento em que fomos aprovado e assim consolidamos nosso ingresso na educação superior. No ano seguinte, conseguimos oficializar a defesa pública de dissertação de mestrado.

Todas essas vias de escolarização foram criando trilhas para que em 2011, ingressássemos no doutorado em educação na linha de interesse do currículo e formação de professores.

Nosso ingresso no programa de Pós-Graduação em Educação justifica-se por compreendermos que nela teríamos a chance de maiores aprendizados por abarcar o tema que havia escolhido em nossa proposta sobre escolarização, envelhecimento e sexualidade o qual se convergiu em interesse neste campo temático.

Em 2013/2014, o Programa de Pós-Graduação passa por mudanças significativas tanto em seu estatuto e regimento como também em suas linhas de pesquisa, que se dividiu em três linhas: a) Políticas Públicas e Educacionais; b) Educação, Cultura e Sociedade; c) Currículo, Epistemologia e História.

Estas mudanças de linhas abrem um divisor de águas no Programa de Pós-graduação, pois a partir daí tivemos que migrar para a área do currículo, da epistemologia e da história.

Em que pesem tais mudanças as quais representam tramas e jogos de poderes no interior da Pós-Graduação, ficaram grandes aprendizados deste trajeto acadêmico; sem sombra de dúvidas, os caminhos da Pós-Graduação realmente fazem a diferença, pois bem antes que um título acadêmico nos chegue, a força e a descoberta da potência que é a busca do conhecimento e seus aprofundamentos nos trazem inigualáveis contribuições para nossas vidas e a de outros, nos motivando a dar continuidade aos nossos estudos.

### 1.3 Terceira Estação: As problematizações pensadas e as hipóteses centrais

Partindo destes focos reflexivos acima citados, dirigimos ao leitor quais foram as principais **problematizações** que lançamos:

a) As instituições escolares só podem ser visualizadas através de perspectivas binárias de reinvenção e resistência entre estas e os sujeitos para fins de controle, regulações e disciplinamentos? Ou os espaços entreabertos de subjetivações podem constituir-se em tecnologias de poder para a reinvenção dos sujeitos tendo como lugar dessas mudanças o cotidiano escolar?

b) As instituições principalmente as escolares não poderiam ser importantes instrumentos para a aquisição de novos arranjos políticos e sociais no enfrentamento destas culturas dominantes heteronormativas já que em curto prazo parece difícil sua radical transformação?

c) As estratégias de resistências dos indivíduos singularizados podem ou não alterar o ambiente das instituições, sobretudo, as escolares, visando à produção de outras atitudes e condutas asseguradoras de novas visibilidades institucionais acerca do fenômeno da sexualidade e do envelhecimento através de novas práticas discursivas?

Foi necessário se pensar acerca de possíveis reinvenções de novas culturas de afetos pautadas em garantias legais conquistadas no embate com o Estado para a consolidação do Estado democrático de direito, visando ampliar e aperfeiçoar as funções burocráticas destas instituições sociais do poder do Estado, com o propósito de assegurar direitos conquistados.

No entanto, não nos pareceu claro como as instituições vêm garantindo o respeito e o convívio com os sujeitos diferentes através dos dispositivos inventados para efetivar a criminalização dos infratores diante de direitos almejados e já conquistados perante a sociedade. Deste modo, problematizamos que as instituições escolares deveriam constituir-se em importantes instrumentos para a aquisição de novos arranjos políticos e sociais no enfrentamento destas culturas dominantes heteronormativas que no passado recente também foram omissas quanto aos direitos dos idosos.

A efetivação de dispositivos e de busca por direitos valoriza constitucionalmente os ritos de passagem para se alcançar outros degraus na formação dos indivíduos. A instituição escolar atravessada por temáticas relacionadas à sexualidade, ao uso dos prazeres, aos processos de envelhecimento, entre outros temas correlatos, pode contribuir concretamente abrindo novas perspectivas e oportunidade de aperfeiçoamento para a melhoria da estética da existência humana.

Nos limites de suas tradições seculares, de seus dogmas e fundamentalismos, estas instituições escolares podem por outras dobras antever possibilidades de convivências sociais possíveis através de uma proposta pedagógica da sexualidade que aponte para a reinvenção de marcas de convivências sociais principalmente nos espaços escolares.

São estes conjuntos de interrogações que inserem e cercam a construção de nossa problematização, e que pensamos ter encontrado em nossas decifrações analíticas

possibilidades de aprofundamentos para nossas possíveis respostas inacabadas ao que fomos anunciando.

Nosso intuito através destas problematizações teve a intenção de verificar como e o porquê ocorreu a produção dos efeitos morais e reguladores inventadas pelas instituições escolares negativadores dos sujeitos em suas orientações fora das ditas anormalidade, e como foi possível identificar os caminhos das mudanças ou de retrocessos a partir destes significativos desdobramentos sob as quais se orientam as diversas práticas discursivas nos espaços escolares em que as formações discursivas, a produção dos sujeitos, os tempos e espaços também são diferentes.

As prováveis proposições, aceitações, negação, (in) tolerância ou (im) posições para com os ditos sujeitos diferentes e esquisitos, justificam por que elegemos as instituições escolares e o território de afetos e práticas discursivas de onde partem nossas inquietações no campo da educação.

A imposição de padrões hegemônicos de normalização, disciplinamentos, regulação, vigilância e sequestros impostos historicamente pelas instituições sociais visam ordenar a reprodução de significados através de valores culturais sobre as condições de vida e morte dos sujeitos diante de suas realidades sociais.

Como hipóteses deste estudo as narrativas sobre vias e trajetos de escolarização de homoafetivos velhos (as) na cidade de Belém por entre tramas do poder/saber/prazer não comum às ditas normatividades socioafetivas a partir de cotidiano escolar já vivido contribuíram para dissipar as estratégias de resistências e práticas de libertação, e as habilidades na reinvenção de tecnologias de afeto destes, através de seus falares, nos possibilitaram traçar as seguintes hipóteses de estudo de tese.

Antes de lançarmos nossas hipóteses para chamar a atenção do leitor, torna-se necessário registrar que, por definição teórica, as hipóteses de um trabalho desta envergadura consistem na tentativa de explicar e antever as reais possibilidades de ocorrências e resultados sobre os objetos, objetivos e problematizações traçadas pelos estudos.

Foi, portanto, nesta direção que, em nossas formulações nestas vias e trajetos de escolarização, apostamos em antever as seguintes prévias explicativas acerca das experiências investigadas sobre a condição dos sujeitos da pesquisa narradas por eles mesmos sobre suas vivências escolares.

O processo de escolarização ainda não foi suficientemente capaz de produzir ou assimilar uma cultura escolar em cujas realidades educacionais os diversos atores

sociais, de fato, nestes ambientes escolares, legitimamente se reconheçam e respeitem as ditas orientações sexuais e afetivas diferentes, sem as marcas constantes de ameaças, de preconceitos disfarçados, juízos de valores depreciativos e condutas intolerantes e homofóbicas sofridas pelos indivíduos que inventam seus modos de vida em vias de confronto e conflitos com os princípios normativos e disciplinares destas instituições escolares.

Mesmo com todas as tentativas de transversalidade existentes dentro das práticas curriculares que ocorrem por dentro ou fora do espaço escolar, tem-se conseguido através dos equipamentos sociais e de comunicações como as redes sociais ainda se ter, em grande parte, posturas de combate às atitudes de (in) tolerância com os ditos diferentes. As práticas homofóbicas têm resquícios históricos centrados numa cultura sexista, heteronormativa, ancoradas em propostas pedagógicas da sexualidade conservadoras, moralmente decadentes e reacionárias que se capilarizam por vários domínios de saberes, no passado e no presente, em espaços escolares.

As relações, jogos e tramas de poder presentes nas instituições sociais como a escolar, apesar de reinventadas ao longo dos anos, parecem produzir escassas atitudes e modos de vida que demonstram interesse de efetivar práticas curriculares em uma cultura de respeito às diferenças e às formulações de perspectivas teóricas e políticas de resistência indo ao encontro dos direitos negados dos homens de vida infame, entre eles, os velhos (as) homoafetivos.

Lamentavelmente, tem-se que conviver com as (in) certezas acerca das políticas públicas para estes segmentos cuja perspectiva média de vida nos dias atuais se aproxima dos 75 anos ou até 80 anos em alguns territórios brasileiros. No entanto, as condições sociais, emocionais, econômicas, entre outras, nos parecem vagantes e nulas sobre aquilo que podemos chamar de reinvenção do envelhecimento com qualidade de vida.

Os interlocutores de nossa pesquisa nos possibilitaram através de suas narrativas aferirem que as instituições escolares vêm progressivamente assimilando posturas que têm demonstrado que os conflitos e os confrontos são ameaças inevitáveis nos espaços escolares, diante de comportamentos e condutas reacionárias produzidas por toda uma tradição cultural bastante presente nestes lugares de produção de valores e domínios de campos de saberes.

#### 1.4 Quarta Estação: os aportes teóricos-metodológicos: os objetivos, os sujeitos e o lócus da pesquisa

Nesta estação, nossa pretensão foi o de reforçar o anúncio das bases teóricas e metodológicas que nos deram condições de aprofundamentos de nossas possíveis análises acerca destas reflexões que nomearam as reais possibilidades e viabilidades investigativas. Portanto, cabe, em primeira mão, anunciarmos que nos ancoramos nos aportes teórico-metodológicos por opção no pensamento de Michel Foucault (1926-1984) (em diálogos propositivos e reflexivos com outros autores).

Revisitar suas caixas de ferramentas analíticas nos pareceu oportuno haja vista tratar de domínios de saberes transgressivos de um dos mais proeminentes pensadores da atualidade. Tê-lo como fio condutor para tratar de desvelar as temáticas que envolveram esta tese, deram as vias de passagens a um repertório de decifração no mínimo curioso acerca de um vasto e rico legado de rebeldia consistente presente nas formulações e enunciações deste brilhante pensador francês.

Dizer isto é para considerar o lugar de onde falamos e a quem nos dirigimos, isto é, demarcar nosso território de problematizações possíveis seguindo os rigorosos caminhos que foram percorridos por ele para construir seus monumentos de pensamentos tão instigantes e com lugar bem definido.

Nosso propósito a partir destas âncoras foucaultianas foi ousar buscar nossas assinaturas ampliando sobre outras dobras as decifrações acerca da condição de velhos (as) homoafetivos na cidade de Belém.

De igual modo e diante de nossas pretensões, tornou-se inevitável nossa passagem pelo repertório tão presente de outro indócil e rebelde pensador, trata-se de Nietzsche (1844-1900) em sua fase de amadurecimento intelectual, o qual ganhou grande importância com suas ideias neste estudo, não para fazer a repetição dos dizeres de Foucault e Nietzsche, ao contrário, mas para nos fazer ampliar nossos domínios de saberes nestas vias de reflexões em curso.

Termo-nos antecipado em fazer este esclarecimento acerca das bases teóricas e metodológicas que alicerçaram e fundamentaram nossas proposições teve como finalidade considerar que: O legado da produção intelectual do incendiário e irrequieto pensador da suspeita, Friedrich Nietzsche, certamente entre tantas obras de seu invejável repertório tais como: O Nascimento da Tragédia (1872), Genealogia da Moral (1887), Para Além do Bem e do Mal (1886), Humano Demasiado Humano (1878), Ecce Homo (1888), O Anticristo e Assim Falou Zaratustra (1883 -1885), Crepúsculo dos



Ídolos (1889), entre outros, que foram várias vezes revisitadas certamente por Foucault, foi para dizer que, sem sombra de dúvidas, estes nos serviram de base também para entendermos como construíram suas monumentais incursões teóricas acerca da sociedade moderna com seus grandes paradoxos.

Estas duas referências intelectuais que cercaram nossos estudos sobre vidas escolares de sujeitos homoafetivos foram às âncoras que subsidiaram estes vastos campos de produção, a partir de algumas obras que compõem seus repertórios teórico-metodológicos que neste momento estamos a situá-los.

Nietzsche, em *A Genealogia da Moral* (1887), *o Anticristo* (1888) e Assim falou Zaratustra (1883-1884) e Foucault, abreviando diríamos: em *A Arqueologia do Saber* (1969), aprofunda saberes sobre as invenções do método; em *A Genealogia da Moral*, estabelece as relações de poder sociais inventadas; e em *A História da Sexualidade* (I, II, III), *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*, e *A Hermenêutica do Sujeito*, nos aproximam das discussões acerca do poder, da sexualidade e das formas de vigilâncias e da estética da existência.

Essas “vias abertas” de domínios de saber foucaultianas tiveram fortes ecos nesta incursão com campo empírico onde estivemos dando passagem aos nossos experimentos e acontecimentos de vida escolar pelas ondas turbulentas do pensamento da diferença, da rebeldia, da suspeita, do trágico e das transgressões. A tensão e a observação nos exigiram o bastante sobre as narrativas dos sujeitos investigados nesta busca de vestígios incomodativos por entre tempo e lugar (in) diferentes que foram inventados, os quais nos aproximaram dos repertórios incendiários, de Foucault e Nietzsche, os quais produziram pertinentes diálogos com outros tão importantes autores, que passaram a fazer parte de uma composição significativa de nossas concretudes epistemológicas para estas problematizações pensadas.

Pensamos que este estudo teve inspirações e sede de encontrar tais autores em suas profundas experimentações acerca da existência humana, mesmo considerando o lugar de onde falavam e para quem dirigiam suas dinamites de ideias e observações propositivas neste estudo, que fez travessia com a genealogia do poder, ancoradas fortemente pelas vias do cuidado de si e a estética da existência, construto que deram passagem para a reinvenção sobre a condição de nossos interlocutores.

Situando-os por dentro da perspectiva teórica da educação/escolarização que emerge deste território de disputas por entre tramas e jogos de poder/saber/prazer. As transgressões monumentais presentes no pensamento foucaultiano com ancoragem em

Nietzsche e tantos outros seus contemporâneos, através de abordagens e diálogos pertinentes no campo das ciências humanas e sociais e das teorias da educação, foram nos servindo de base e ferramentas utilizadas para nossas análises.

Embora aqui queiramos deixar claro que não pretendemos prescrever modelos, paradigmas ou tipo ideal de formação discursiva para o interior das escolas, este não foi o interesse desta pesquisa, mas estimular e provocar outras apreciações sobre a passagem de escolarização presentes nas sociedades modernas cuja rede de capilaridades de poder atravessou épocas, espaços e tempo por campos de domínios complexos de saber.

Abreviando, dizemos que nossa tentativa de assentar as bases conceituais para fins de análise ancorados em Foucault e Nietzsche foi para a partir deles lançarmos o escopo por onde se assentam as vias das temáticas sobre a sexualidade, escolarização e envelhecimento como inquietantes e profanadoras nas formações e práticas discursivas no campo das ditas ciências da educação.

Diríamos ainda que nossa aposta do ponto de vista teórico-metodológico viesse convergindo para o campo do pós-estruturalismo, não como camisa de força, porém por entender que por este prisma pelo qual optamos, fomos buscar compreender a realidade socioeducacional dos sujeitos da pesquisa e sua interseção com as realidades educacionais sobre as quais tivemos por entre vias e caminhos analíticos que seguimos na busca de outras possibilidades. Não mais marcadas por perspectivas teóricas e práticas que privilegiassem os binarismos interpretativos e as dualidades com ênfase nas históricas lutas de classes. Ao contrário, o pluralismo, as singularidades e as multipolaridades foram as vias de acesso para nossas transgressões.

Dizer isto significa para nós reconhecer a importância histórica e intelectual das abordagens centradas em processos históricos, porém fugindo ao mimetismo podemos dizer que as assinaturas que buscamos foram aquelas que nos deixaram em situação confortável para nos fazer entender que o Pós-estruturalismo rompeu com as cadeias universalistas de se pensar as relações sociais e de poder presente na sociedade. O simples e mecânico antagonismo de classe que ancora apressadas análises, centrado em suas determinações econômicas e políticas, já não nos convence.

Neste sentido, se ousássemos insistir nesta forma de proceder e operar, seria de nossa parte um grande embuste. Esta não se constitui mais numa única via real de produção de verdade sobre os fenômenos nos domínios das ciências sociais, das ciências humanas e dos domínios e campos de saberes da Educação para falar de vidas

em espaços escolares. Por estas razões nossa tese pôde se situar no campo de domínio de saber Pós ao se propor a desconstrução, as reinvenções e a redobrar novas maneiras de interpretações das realidades dos sujeitos por entre vias de verdades inventadas.

Pensamos que as vertentes das teorias Pós-estruturalista querem ser tributárias da valorização em seu campo de abordagem dos aspectos culturais e sociais, sem estabelecer fragmentações interpretativas de corte, inspirações neutras para os pontos cardeais que estão inseridos nos aspectos culturais. Foi por estas vias que nossas pretensões se lançaram para garantir a legitimidade de nossas assinaturas.

Reiteramos que para o Pós-estruturalismo, a relação entre os indivíduos por dentro de uma estrutura torna-se o elemento chave para se entender tais particularidades. Não por acaso tais perspectivas teóricas “permitem” afrouxamento, hibridismos, flexibilidades para encontrar as brechas interpretativas que nos desafiaram ir para além das prescrições.

Enfim, saber conviver com as indeterminações e incertezas que vazam das subjetivações dos sujeitos que são e foram frutos de invenção social histórica e cultural nos possibilitou questionar ousadamente os fundamentos que alicerçam estes campos das verdades históricas inventadas e socialmente naturalizadas. Encontrar outras vias e saídas de desconstruções e ressignificações nos deixa esperançosos de que ao menos o leitor considere tudo isto algo inquietante.

Foram estes pontos cardeais que enfatizamos como sendo necessários no pós-estruturalismo para desconfiar das noções de verdades que se cristalizam nas e pelas redes de relações institucionais de poder que nos exercitam para legitimar involuntariamente regimes de verdades e vontade de poder inventado secularmente pelas instituições sociais.

Foi deste modo e ancorado neste escopo teórico que partimos para escavar as narrativas que nos serviram para operar nossas análises interpretativas, embora já nos fossem conscienciosas as inúmeras confusões e confissões sobre os rompimentos das desilusões acerca da sociedade moderna, de suas crises de pensamentos e dos conflitos e confrontos que abriram vias de polaridades com as ditas teorias de sustentação da dita vida pós-moderna.

Os vestígios da modernidade não encontram muitos espaços fora do exercício predominante de análises centradas no sujeito universal, nas abordagens teóricas, metodológicas e econômicas cujo enfoque predominante concentra-se nas atividades produtivas em contexto mercadocêntrico global. Reafirmamos que as partituras destes

paradigmas diferenciados de decifrações se materializam e determinam em consistentes análises que enfatizam, em últimas instâncias, a exploração dos homens em sociedade e sua relação com a natureza.

Como temos visto, as análises que se sustentam em domínio absoluto da ciência, da eficiência tecnológica polarizadas por dualidade; por uma via, enfatiza-se uma análise que faz apologia aos interesses das elites, e outra que promove severas críticas ao sistema sustentando teses contra a barbárie e a exclusão social e econômica produtoras do fenômeno da pobreza social em todas as esferas da vida.

Ao contrário, estabelecemos nossas diferenças de fundo e de forma contundente, no campo da empiria por onde passou este estudo, optando ousadamente em analisar o discurso e narrativas dos sujeitos investigados, nos ancoramos no pensamento e modelo analítico e interpretativo foucaultiano acerca das invenções e subjetivações que cercam as relações de poder/saber.

Neste sentido, o uso das ferramentas foucaultianas em diálogos pertinentes com passagens vulcânicas e intempestivas das ácidas suspeitas quase sempre trágicas de Nietzsche sobre as invenções principalmente morais e religiosas produzidas pela sociedade modernas nos foi decisivo para sangrar nossas próprias assinaturas. Portanto, seguir nestas vias nos coloca diante de uma concepção metodológica da diferença assimiladas e consolidadas neste estudo.

O que queríamos mesmo era que nossa tendência intelectual estivesse assim compreendida, sobretudo, para observar e analisar como ocorre a deslegitimação dos modos de vida, as imposições de normas que pretendem por vias homogeneizadoras impor padrão de sociabilidade visando à higienização e à naturalização invertida das condições socioafetivas de subjetivação de sujeitos diferentes, por via de escolarização.

Não há dúvida para nós de que Michel Foucault (1926-1984) continua presente e tão atual em suas formulações, obras, repertório e monumentos de decifrações, em que pese sua vida ter sido tão efêmera. As obras sobre as quais nos debruçamos a estudar de maneira direta e com maior frequência sob as quais nos ancoramos e que marcaram nossa produção foram: As referentes às fases genealógicas: História da Sexualidade – A Vontade de Saber (1970-71), Poder Disciplinar (1970), Teorias e Instituições Penais (1971-72), A Sociedade Punitiva (1972-73), Poder Psiquiátrico (1973-74), Os Anormais (1974-75), Em Defesa da Sociedade (1975-, 76), Segurança, Território e Populações (1977-78). As **produções teóricas éticas ou estéticas da existência**: Instituições Penais (1972), A Sociedade Punitiva (1973), Vigiar e Punir (1975), História da Sexualidade I–

(A Vontade de Saber) (1976), História da Sexualidade II – (Uso dos Prazeres), História da Sexualidade III (O cuidado de Si), Do Governo dos Vivos (1970-1980), Subjetividade e Verdade (1980-81), A Hermenêutica do Sujeito (1981-82), O Governo de Si e Dos Outros (1982-83), O Governo de Si e Dos Outros (A Coragem de Verdade - 1983-1984).

Além de Nietzsche e Foucault outros autores foram “visitas” indispensáveis e de suma importância para nos situarmos e compreendermos seus geniais e complexos pensamentos marcados por vias transgressivas e incendiárias.

Entre tantos que estudamos, destacamos os seguintes repertórios consultados que se fazem presentes nos corpus destas assinaturas: **Sobre Foucault:** a série de estudos publicados pela editora Autêntica nos quais encontramos reflexões sobre como trabalhar com Foucault (2012), Figuras de Foucault (2008), Filosofia e Política (2011), Cartografias de Foucault (2008), Foucault e a Crítica da Verdade (2010), Transversais entre Educação Filosofia e História (2011), Pedagogia, Governamentalidade (2011), Poder, Normalização e Violência (2008), Para Uma Vida Não Fascista (2009), Foucault e o Cristianismo (2012) e Inclusão e a Biopolítica (2013).

Além das consultas aos colóquios sobre Nietzsche e Foucault realizados no Brasil e os estudos de outros especialistas em Nietzsche e Foucault como: Frédéric Gross (2004), Paul Veyne (2011), Hubert Dreyfus e Paul Rabinow (1995). E entre os estudiosos do pensamento da diferença no Brasil com ênfase para abordagens foucaultiana, destaque para Larrosa (1998), Veiga Neto (2009), Chaves (2003), Fischer (2012), Corazza (2001), Louro (2009), Machado (1997), Priore (2011) Candiottto (2010), Rago (2008), Fonseca (2008), Passos (2008), Filho (2008), Branco (2011), Passeti (2011), Júnior (2008), Ferrari (2010), entre outros que ganham significativas visibilidades ao trabalharem com tais perspectivas teórico-metodológicas em suas análises e pelas novidades que seus estudos ancoram.

Para buscar compreender estas vias de acesso; à escolarização, à sexualidade e o envelhecimento através das trilhas teóricas das diferenças e dos pensamentos invertidos, procuramos também dialogar, ao longo destes estudos, com pensadores que são de igual porte intelectual os quais foram também tão decisivos para estas decifrações, entre eles destacamos nossos diálogos com: Deleuze (1988), Guattari (2011), Baumann (2004), Butler (2003), Serres (1991). Seguindo em vias reflexivas sobre a velhice: Beauvoir, Bosi (2003), Stano (2001), Mucida (2009), Evelin (2008), Elias (2001), Debert (2012), Alves (2005), Mascaro (2004), Horochovski (2013).

E inevitáveis passagens por releituras de algumas obras de autores e comentadores de: Karl Marx (1818-1883), Freud (1853-1939), Sartre (1905-1980) Henry Bérghson (1859-1941), Franz Kafka (1883-1924), Émile Durkheim (1858-1917), entre tantos outros.

Vale ressaltar que acerca da compreensão da pós-modernidade que trazemos e foram presentes em nossas reflexões, destacamos: Santos (1980/1996), Lyotard (1986) Connor (1989), além de outros estudos Pós-estruturalistas, como por exemplo, os organizados pelo professor Alfredo José da Veiga Neto, coletânea de estudos denominados Crítica Pós-estruturalista e educação.

Neste esforço intelectual da pesquisa, consultamos muitas produções cinematográficas que pudessem contribuir conosco em nossas reflexões, entre elas vale destacar algumas que tivemos o privilégio de assistir e que se faz de bom alvitre divulgá-las: A Dança da vida (Juan Zapata), Bailão (Marcelo Caetano), Elsa e Fred um amor de Paixão (Marcos Carnevale), Desde que Otari partiu (Julie Bertucelli), Ensina-me a viver (Colin Higgins), Amor, (Michael Haneke), A Bela da tarde (de Louis Bunnuel), Desejo Proibido (Jane Anderson); Traídos pelo desejo (de Neil Jordan), Frida (Julie Taymor), Priscila a rainha do deserto (Stephan Elliot); Morango e Chocolate (Tomas Gutierrez Alea), Wilde (Klevin Reynolds), Je Vous Salue Marie (Jean-Luc Godard), Kinsey vamos falar de sexo (Bill Condon), Praia do futuro (Karim Ainouz) e Azul é a cor mais quente (Abdellatif Kechiche). Além de outros trabalhos como de Pedro Almodóvar com: A pele que habito, Ata-me, A lei do desejo, Tudo sobre minha mãe, entre outros. Além dos polêmicos: Filadélfia (Ron Nyswaner) e Em nome do pai (Jim Sheridan), Teus olhos meus e Se a vida tropeçasse no destino? (Caio Sóh), entre outros.

É nesta perspectiva que seguimos decifrando tais narrativas sob as quais fomos perfilando os **objetivos** de nossos estudos sobre a temática da sexualidade e do envelhecimento, atravessado por vias de escolarização, permitindo-nos apontar os alvos que pretendíamos alcançar. Entre eles podemos destacar:

a) Analisar a história de vida escolar de sujeitos homoafetivos velhos (as), através de suas narrativas, estabelecendo nexos acerca das interdições surgidas através de lutas de resistência e estratégias políticas, ou posicionamentos isolados que bateram de frente com as formas soberanas de controle, normatização e disciplinamento destas instituições escolares por entre relações de poder;

b) Aprofundar conhecimentos acerca das experiências de escolarização vividas por sujeitos homoafetivos velhos (as), procurando analisar quais as contribuições efetivas destes sujeitos para a (des) legitimação e reinvenção do espaço escolar em sintonia com sua afirmação e orientação sexual;

c) Escavar saberes acerca da afetividade de homoafetivos velhos (as), procurando por entre espaços escolares vividos compreender as relações, tramas e jogos de poder sob os quais foram produzidos;

d) Verificar a partir das práticas discursivas destes sujeitos velhos (as) homoafetivos os pontos cardeais que aproximam experiências entre o passado e o presente, ainda que constituídos certamente de maneiras bem diferentes, visando indagar de que modo e como os valores morais e religiosos nomearam, normatizaram e disciplinaram os direitos inalienáveis aos afetos destes sujeitos;

Estes objetivos acerca dos interlocutores da pesquisa nos foram dando a oportunidade de estudar uma nova apreensão sobre como estes foram produzindo seus corpos, delineando seus afetos, direcionando suas escolhas proibidas, suas orientações homoafetivas, suas interpretações da função escolar, e como contraditoriamente as instituições escolares foram deixando vestígios históricos de suas tentativas de higienização e condenação da produção de hábitos sobre corpos diferentes. Foi por estas vias que fizemos nossas investidas como pesquisador.

Portanto, foram estes sujeitos que nas dobras destes estudos nos aproximaram do ápice destes objetivos traçados, que respaldam nossas apreciações para entender, portanto, “os de fora”, de vidas paralelas, de histórias de vidas infames, em vias de trajetória de escolarização no espaço urbano da cidade de Belém, pautados principalmente em acontecimentos e enunciações ditas por eles sobre suas experiências de escolarização vividas na travessia para novas compreensões existenciais.

Não cabe ingenuidade nestas escavações a seguir, haja vista que tais sujeitos reconhecem-se em tramas e jogos de poderes por onde passaram.

Pretendemos também identificar através de seus depoimentos traços reveladores a reinvenção de sua trajetória de escolarização constituídos de significados estratégicos para a redefinição dos pilares morais e culturais da sustentação das instituições de saber/poder nas sociedades fortemente marcadas por vestígios das culturas ocidentalizadas em pleno fulgor da modernidade.

Este estudo também passou a nos fazer entender, através de falas e escrituras dos sujeitos reinventados ao longo de seu tempo de existência, como se movimentavam

e foram habilidosamente nos cotidianos escolares capazes de efetivar estratégias de fugas, ousadas e atrevimentos.

Afinal, despedagogizar as práticas curriculares e as atividades escolares para outras convivências com os sujeitos homoafetivos assim como outros excêntricos e intrusos nos parece uma tarefa árdua que as instituições principalmente escolares ainda terão que enfrentar.

Abreviando, podemos enfim dizer que, nesta tese, os sujeitos de nossa investigação foram dando claras demonstrações de jamais quererem olhar o mundo de um ponto fixo, sem sentidos transgressivos em suas práticas discursivas e regimes de verdades tão necessárias em qualquer tempo e lugar para o fortalecimento e novos sentidos de sua existência. É, sobretudo, destes sujeitos envelhescentes e diante destes objetivos que fundamentamos nossas decifrações a serem expostas ao leitor ao longo deste estudo.

As passagens dos acontecimentos em nossas vidas deixam suas marcas para buscarmos outras reinvenções sociais, sobretudo das estratégias de sobrevivências de todos os tipos como sujeitos históricos. É deste modo que tentamos narrar, a partir das percepções da função socioeducacional escolar, as experiências de vida dos homossexuais que se constituíram naquilo que hoje são por entre espaços ou territórios de escolarização.

Nossos interlocutores, ou parceiros da pesquisa como queiramos chamar, são: os velhos (as) homoafetivos, em sua maior parte de origem pobre, oriundos das escolas públicas, grosso modo, demonstram que estudaram até o Ensino Médio, poucos deles cursaram o nível superior.

Os sujeitos<sup>7</sup> da pesquisa, quase todos, afirmaram que tiveram problemas de ordem afetiva: Como paixões avassaladoras, tramas, violências, abusos, passionalidades por entre jogos de desejos e sedução. Ao longo das entrevistas, alguns revelaram suas dificuldades em assumir suas orientações homoafetivas, principalmente na adolescência, em decorrência dos valores supostamente religiosos e moralistas muito presentes nos espaços de institucionalidades com os quais estavam envolvidos. Entre eles, a família e as instituições religiosas, fossem eles; católicos, protestantes, ou de matriz ou origem afrodescendentes, entre outros.

---

<sup>7</sup> Para resguardar os sujeitos da pesquisa resolvemos não expor suas identidades oficiais.



Levando-os a passarem por consequências, às vezes, desastrosas; entre elas: as expulsões de casa, permanecer no “armário”, ocultar sua orientação dentro de casa, ser copiosamente levado ao psicólogo, médicos, entre outros profissionais da área da saúde. Todos eles, salvo raras exceções, os que conseguiram conquistar e consolidar suas orientações passaram por algum tipo de constrangimento, e há um preço a pagar por constituírem-se naquilo que são.

Também foi revelador os sujeitos afirmarem que reconheciam principalmente na infância e adolescência suas tendências a homossexualidades, e isto levou-os a conviver por longo tempo com problemas de afirmação de suas orientações sexuais e afetivas, porém com a certeza dos inevitáveis enfrentamentos sociais tais como: os problemas de discriminação e preconceitos vividos em espaços escolares até a incompreensão, rejeição e a não aceitação por parte da família, o que contribuía efetivamente por parte de muitos, como o abandono e repetências escolares e reprovações “inexplicáveis” devido às perseguições que sofriam, inclusive de professores, através de medidas repressoras, simbólicas e coercitivas. Estas dificuldades também traziam fortes consequências para eles se firmarem, para estabelecerem relações sociais e de poder e conseguir ingressos no mercado de trabalho.

As narrativas de nossos entrevistados reiteravam a posição de que as questões da sexualidade, do prazer e da erotização nas esferas escolares eram assuntos privados e de fórum íntimo, isto demonstra que esses professores não estavam preparados. A ponto de, em seus exercícios discursivos, detalharem preconceitos e brutalidades entre si acerca dos sujeitos da pesquisa, fora e dentro do espaço escolar.

Neste sentido, procuramos inovar do ponto de vista teórico-metodológico utilizando em nossas análises outros falares, isto é de professores, que viessem substanciar conceitualmente a concretização destas experiências em foco. Por está razão trouxemos conteúdos de entrevistas que fizemos com professores pesquisadores que ao longo de suas atividades de pesquisa e docência vem trabalhando com temáticas que atravessam reflexões sobre gênero, sexualidade, envelhecimento e diferença.

O conteúdo destas reflexões que fizemos com os professores pesquisadores somado com as narrativas com nossos interlocutores diretos nos serviram de suporte para a produção de um vídeo documentário como parte constitutiva da tese cujo título é: **Velhos Sujeitos Outros Transgressivos.**

As narrativas destes sujeitos denunciam e revelam a omissão escolar, a invisibilidade das propostas políticas pedagógicas com estas temáticas que percorrem as

trilhas do abandono, dos abusos e dos maus-tratos da (in) diferença. Eram quase silenciadas e proibidas estas conversas entre si, pois não havia liberdade para falar ou vivenciar suas orientações homoafetivas. Devido a ser “lugar comum” entre as práticas discursivas dos gestores, temerem que estes sujeitos no uso de sua liberdade e atrevimentos viessem a influenciar seus colegas acerca de suas orientações sexuais e afetivas, dos prazeres da carne e das práticas de erotização.

Por isto, estes sujeitos terem afirmado que usavam suas estratégias de resistências nestes ambientes escolares, muitas vezes preferindo silenciar, esconderem-se, ao invés de ficar publicando diariamente sobre suas orientações sexuais: se lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, entre outras. Neste sentido, a formulação de Louro (2001, p.30) nos ensinou que:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com a relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância.

Reiterando o enunciado acima, podemos dizer que determinadas práticas discursivas localizadas por entre territórios sociais, em particular a família e a escola, têm muita dificuldade em aceitar tais situações. Há casos de superação destes obstáculos associados àqueles que já possuíam suas autonomias financeiras ou outros status sociais.

Nosso olhar para estas realidades sociais sem saudosismo, evitando póstumas lembranças, nos permite avistar pelas lentes da história um pouco de nossos ethos de vida escolar associados aos de outros, que foram determinantes para definir nossos interesses em estudar o tema da sexualidade e do envelhecimento de sujeitos vistos como diferentes e desviantes.

Relatar as experiências de vidas escolares destes sujeitos da pesquisa, a partir de nossa orientação heterossexual, apesar de ter sido um grande desafio, nos ajudou a dar outros enfoques para suas existências, através das narrativas explicativas que compõem suas vias e trilhas de escolarização por entre espaços urbanos.

Procuramos reconhecer suas posições por caminhos “invertidos e críticos” sob as quais as invenções das ditas anormalidades foram atravessadas por vozes denunciadoras do lugar de dentro do sistema escolar tendo em vista provocar outras

escutas intrusas de situações de esquecimentos e silenciamentos daqueles cujos direitos, nos pareciam negados.

Cabe-nos entender que sem o respeito às suas singularidades como se constituíam haveria descompassos com os direitos sociais conquistados em outros tempos e lugares, mesmo que por outras perspectivas e estratégias de conquistas. Haja vista que desde as primeiras conquistas até o atual momento em que as lutas neste universo das homossexualidades vêm dando saltos significativos para que se pudessem exigir garantias de direito civis legais, como por exemplo, o direito à adoção, a prática da homofobia como crime e o direito ao casamento de pessoas do mesmo sexo, entre outras significativas conquistas.

Por isto, a aproximação deste tempo/espço em que foram feitas tais narrativas sobre as experiências e produções de vida dos parceiros da pesquisa, não há dúvidas, é tão preche de singularidades discursivas, a ponto de cercarem as nossas análises de tais subjetivações, práticas de resistências por entre estratégias anunciadoras de novos sentidos e significados de liberdade, atitudes e posicionamentos críticos/reflexivos.

As nomeações sobre as (re) invenções de suas orientações afetivas e sexuais repercutiram não somente em ambientes escolares, familiares, trabalho, mídias e as redes sociais (facebook, whatsapp, twitter, blogger, entre outros) sobretudo, diante das indústrias do capital cultural de massas presentes em todas as ocasiões de suas vidas.

Nesta via de acesso, nosso estudo de tese acadêmica pretendeu enfatizar, de modo preciso e claro, o *lócus* privilegiado de realização da pesquisa e suas principais problematizações pensadas que se ancoraram em assinaturas e narrativas dos velhos (as) homoafetivos.

Nossa intenção foi de buscar informações inquietantes e provocadoras não para produzir um arquivo morto de seus enunciados, mas, sobretudo incendiar o passado de grandes e intempestivas revelações acerca das incertezas e invisibilidades até então não reveladas por sujeitos homoafetivos velhos (as), sobre os espaços escolares que frequentaram no passado.

Portanto, consolidar tais perspectivas sobre as várias formas de interações sociais no espaço escolar da cidade de Belém/PA valoriza o *lócus* privilegiado desta pesquisa, tendo em vista fazer vibrar através dos falares destes sujeitos vontades de verdades que estavam muitas vezes silenciadas e censuradas.

### 1.5 Quinta Estação: as categorias teóricas que sustentam a tese

Todos estes esforços de elaboração deste trajetos de escolarização que fala e projeta, repertórios, caminhos e vias de homoafetivos velhos (as) através de suas histórias de vida escolar por vias de subjetivações jamais poderiam deixar a descoberto as formulações conceituais acerca da: educação e do educador, do sexo e da sexualidade, da velhice e do envelhecimento como sendo evidentemente as bases que solidificaram e deram sustentação teórica conceitual para este estudo.

Por isto, deixar transparecer com segurança a pertinência dos escritos, tendo como recorte uma temática desta envergadura complexa e hesitante para falar de experiências de escolarização contada por velhos exigiu de nós clareza na escolha dos referenciais teórico-metodológicos.

As sexualidades, o envelhecimento e as vias de escolarização são pontos capilares nesta proposta teórico-metodológica da pesquisa. Estes conceitos chave não se constituem em meras palavras, escriturações e enunciações para inquietar, desassossegar e despertar curiosidades. Eles se constituem numa tentativa intrometida de categorização e conceptualização bastante complexas, sobretudo visando dar suporte conceitual para expressar as razões que fundamentam nossas reflexões a partir destas experiências.

De maneira abreviada, podemos dizer que as categorias: **envelhecimento** e **velhice** ganharam destaque neste estudo devido, sobretudo, às situações materiais de vida na velhice que vão atravessando. Essa via de escolarização elencada para fins de análise que foram vividas em distintas épocas, procurou identificar os vestígios, as marcas, os sinais presentes dos problemas relacionados com o processo de envelhecimento, sobretudo pelos sujeitos homoafetivos envelhescentes que passaram por tramas e traumas nas suas relações como poder quando jovens e agora conseqüentemente revelaram, através de suas narrativas, as interdições que passaram na sociedade atual a partir destes contextos históricos vividos por eles.

Disto isto, faz-se mister revelar que foi nosso propósito potencializar e atualizar novas reflexões, sobretudo neste momento que estamos passando em que as perspectivas para os próximos 30 anos sobre envelhecimento no país, apontam em

registros de estudos que o Brasil, até lá, estará colocado como sexto maior em população em fase de **envelhecimento**<sup>8</sup>.

Portanto, foi ancorado nestas estimativas que nos expusemos e permitimos apresentar nossa aposta numa perspectiva de reinvenção do envelhecimento para que, no mínimo, possamos sem prescrever ressignificar olhares e perspectivas teóricas “definidoras” acerca das condições dos sujeitos envelhescentes. Por isto, nossa travessia quis transversalizar com recortes analíticos para legitimar seus direitos à vontade de saber, ao uso dos prazeres e ao cuidado de si.

As intenções, gestos, atitudes, condutas, posicionamentos, proibições e questionamentos e vontades que marcam suas existências constituídas entre jogos de poder e transgressões, lutas de resistências e subversões, quando jovens, foram aspectos valorizados, e cada passo destas experiências apontadas por eles foi visto por nós considerando-os como sujeitos singularizados e abertos ao diálogo.

Todos eles nos foram arrebatadores ao fazerem vibrar por entre espaços singulares, por entre diálogos intempestivos, e por entre os saberes/poderes/prazeres vividos e experimentados em seus processos de escolarização. Por isto, foram todos alvos privilegiados de nossa atenção e escuta.

Portanto, entre tantas outras possibilidades de pesquisa, não hesitamos em nos inclinar para esta temática que visasse pensar como seria possível e oportuno refletir os múltiplos olhares voltados para tentativas de nomear, ressignificar e reinventar, também, a condição humana de velhos (as) homoafetivos.

Este estudo nos levou a pensar que os ambientes acadêmicos, assim como diversas esferas da vida social, nos parecem favoráveis, instigantes e provocativos a serem pensados como espaços de diálogos pertinentes sobre as realidades “contestadas e incomodas” de velhos, assim como outros temas correlatos.

Por isto, nosso claro propósito foi também trazer “questões dissonantes” acerca da sexualidade e do envelhecimento durante estas vias de escolarização em campo específico e de domínios de saberes na área da educação; com ênfase para o campo do currículo, da formação de professores e da organização escolar como princípio educativo.

O engessamento de quaisquer decifrações analíticas tornaria nossa produção textual “incompleta” e sem “inventividade”. A imprevisibilidade, as incertezas, os

---

<sup>8</sup> WONG, Laura L. Rodriguez; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: Sérios desafios para as políticas públicas. Revista Brasileira de Estudo de população, 2006.

descaminhos nos deixaram confortáveis para nossos comprometimentos de nomear nossas verdades arriscadas por entre categorias conceituais que nos serviram de francas ideias para ousar dizer infâmias em múltiplas direções. Delimitadas apenas por processos históricos de escolarização sobre as alças de mira arremessadas por caminhos invertidos sobre suas incomuns trajetórias.

Nesta via também a questão da sexualidade não foi diferente. Interessamo-nos pelas particularidades, pelas subjetivações, pelas contradições que foram aparecendo, por entre estratégias e jogos de sedução, ousadas e sedições, conquistas de direitos de si e de outros presentes nas mediações daquilo que ousaram ser/e/dizer.

Interessou-nos saber como foram se constituindo laços homoafetivos, por entre episódios que marcaram o tempo de vida de escolarização ameaçada e excludente.

Ademais nos nutriu nessa escavação sobre a sexualidade e a escolarização narradas por velhos (as) homoafetivos o que disseram sobre como utilizaram suas estratégias de transgressividades, usadas em condições de resistência diante da intolerância e recalcamientos, dos gestos proibidos pelas instituições e seus gestores referentes ao uso dos afetos no ambiente escolar. Tudo isto nos interessou escavar.

Deste ponto de vista, este estudo foi, por assim dizer, uma tese que reivindicou vários lugares para os **sujeitos de vida infame**, pois a partir das falas e narrativas desses velhos (as) e homoafetivos, pensamos que de suas narrativas saíram os ecos que nos mobilizaram e motivaram para aguçar nossas percepções e razão poética para esta sensível dança que nos atordoou de sonoridades outras para tais escutas.

Decifrar estes diversos ambientes escolares narrados por eles nos colocou diante de vias abertas para transitar por estes conceitos que elegemos. Acreditamos que através deles pudemos nos situar melhor por muitos ditos e não ditos que nos pareciam sem visibilidades sobre os afetos, sobre as técnicas de prazeres da carne, da erotização não reveladas, das formas de sedução e afetos, das sutilidades presentes nestes jogos, trocas e relações de afetos que foram delineando a definição dos sujeitos para nomear suas orientações sexuais e afetivas no passado e no presente como sujeitos “diferentes”, “estranhos”, “excêntricos” e “esquisitos”. Como assim os nomeia Louro (2008) em sua obra denominada: “Um Corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer”.

### 1.6 Sexta Estação: dizer a verdade sobre o conceito de parresia e o princípio ético da tese

Dentre as várias reflexões que trazemos acerca do pensamento de Foucault uma entre tantas, nos parecem de igual importância pensa-la por se tratar também de um dos conceitos chave deste estudo: A parresia.

Como vias investigativas que nos possibilitou ir além dos domínios de saberes polarizados por perspectivismos de cunho dogmático e ideológico, nossos atrevimentos visaram inverter nossa compreensão nos aproximando de caminhos decifratórios que evidenciem múltiplos olhares, porém não sendo conivente com reflexões produzidas como linhas de fugas descomprometidas com o sentido de verdade se não for esta vontade de livremente dizer o que pensaram tais sujeitos, como sugere e anuncia: a Parresia.

O conceito de Parresia talvez tenha sido uma das últimas inspeções introduzidas por Foucault para falar de coragem de verdade. Advertimos que este estará tão presente na obra organizada por Gross (2004), em que anuncia e introduz através do artigo: “A tarefa do intelectual: o modelo socrático”, de Francesco Paolo Adorno, em que vai buscar na tradição grega, a partir do final do século V a. C, a concepção da **Parresia**, remetendo-nos a aquisição da verdade, como sendo somente garantida pela posse de certas qualidades morais.

Então, sendo assim, anunciamos que é deste intelectual parresiasta que se pretendeu como princípio teórico-metodológico estabelecer nesta árdua e sedutora atividade de pesquisador, estar constituído no tempo/espço delimitados para a produção deste documento, cujo tripé foi: sexualidade, envelhecimento e escolarização. Por isto, seguimos na esteira do pensamento foucaultiano, em que fizemos deslocamentos necessários em outras bordas e, ao mesmo tempo, um retorno inevitável ao imagético Nietzscheano do qual Foucault tinha grande dileção.

Deste modo, foi que o pensamento Nietzscheano acerca da figura do Zarathustra ganhou força neste estudo por ser uma arte de estilo inquietante, filosófico e por assim dizer, poético, metafórico e blasfematório no bom e incendiário sentido. Para Nietzsche, Zarathustra, este que aos trinta anos deixou sua pátria e partiu para as montanhas, ainda que nos Alpes tivesse feito suas escolhas por nutrir-se da solidão, pelo desejo filosófico à loucura, diante da incompreensão que o dilacerava, senão, a permanecer morbidamente vivo, pois assim bastava-se em apenas concretizar suas vontades de verdade diante de si e dos outros.

Como podemos perceber nos excertos do prólogo da obra de Nietzsche, “assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém” (1883-1885). Nietzsche narra o retorno de Zarathustra das montanhas e nesta volta, encontra-se com vários santos velhos e sábios que dialogam com ele e o reconhecem em praça pública após a morte do equilibrista que o faz ter clareza de seus andares por entre caminhos obscuros, quando afirma que caminha por estradas entre palhaços e cadáveres.

Entre os que mantêm diálogo com ele, há o velho infame que havia deixado sua santa cabana para procurar raízes na floresta e o reconhece tantos anos já passados. A memória em movimento do velho faz lembrar que Zarathustra era um viajante solitário que havia passado por ali e agora estava muito mudado e despertado entre os que dormem. Ainda, em seu estado de sabedoria, o velho sarcasticamente ironiza Zarathustra em sua total condição de envelhecimento; “Eles desconfiam dos solitários e costumam acreditar que nos acheguemos como doadores de alguma coisa. Por isso, à noite em sua cama, ao ouvirem passar um homem, bem antes de nascer o sol, perguntam: Para onde irá este ladrão?” (Nietzsche, 2011 p.17- 19).

Ainda assim pensamos que Zarathustra, de Nietzsche, pudesse de algum modo se fazer presente nesta reflexão que enveredou por entre histórias, memórias e narrativas de escolarização, e foi nestes diálogos pertinentes oriundos destas práticas discursivas que atrevidamente trouxemos em nossas reflexões tais aforismos para falar de vias de escolarização, passagem de envelhescência e sexualidades.

Algumas passagens nos foram mais inquietantes em nosso ato de ler que aqui sentimo-nos no dever de ao menos anunciá-los. Na primeira parte da obra, tão belas leituras fizemos sobre: das três metamorfoses, dos desprezadores do corpo; das paixões alegres e dolorosas; do ler e escrever; da castidade; do amor ao próximo; das ovelhas e novas mulherzinhas; da virtude dadivosa; Na segunda parte foi nos vibrantes; dos virtuosos; da gentalha; do adivinho. E na terceira parte; da visão e do enigma; das velhas e novas tábuas; o convalescente; os sete selos; e finalmente prosseguindo na quarta parte sendo chamada a atenção para: a oferenda do mel, o mais feio dos homens; do homem superior; o canto ébrio.

Este conjunto de profundas reflexões nos fez mergulhar com zelo poético e transgressor para tentar entender um pouco mais sobre este rio infinito e com travessias incertas que podemos chamar de condição humana em processo de subjetivação. Estes “fragmentos” foram também nos dando a impressão de que também os velhos informantes desta pesquisa poderiam nos ajudar a ressignificar os lugares comuns



através do que se ensina e se aprende, das diferentes marteladas teóricas deste pensador muitas vezes solitário, incompreendido, porém constituído de vontades e regimes de verdades singulares.

Nietzsche que amava a arte de escrever foi comparado em sua “arte de estilos” como sendo um anticristo, pois suas assinaturas incendiárias revelavam suas percepções sobre a existência humana que moldaram a descrença, suas suspeitas e indignações com a falsa moral, produzidas por sistemas religiosos e pelas vias de sedução da sociedade moderna.

Foi por este motivo, sem hesitar, que tentamos dar sentido à arte ou à estética da existência humana através de suas ousadias e atrevimento, indo ao encontro das estratégias de afeto e maneiras pelas quais nossos interlocutores por entre ritos de passagem ousaram em suas maneiras de denunciar, e com atrevimentos e vontades de falar francamente nos revelaram pérolas que estavam escondidas pelo passado tempo/espço escolar que vivenciaram.

Portanto, foi ancorado no imaginário do Zaratustra, de Nietzsche, por ter sido este marcado pela tragédia humana, sofrimento, silenciamento e esquecimento, e também pela serenidade no saber dizer, e saber ensinar que, ao nosso entendimento, podemos nos aproximar, arriscando passagens aproximativas dos ensinamentos deste maduro Nietzsche e deste Foucault genealogista, para deixarmos claro o lugar de onde estamos a falar. O Zaratustra, de Nietzsche, ou ainda, os homens de vidas infames, de Foucault nos possibilitaram acesso de como pensar e procurar estabelecer nossas preocupações com os sujeitos homoafetivos velhos (as) por entre vias e trajetos de escolarizações.

No entanto, também poderíamos atrevidamente dizer de antemão que certamente foi ficando tão visível para nós que através de Nietzsche e Foucault poderíamos supostamente identificar e convocar quem seriam estes parresiasistas de hoje; quem poderíamos encontrar por entre estações como sendo sujeitos de vidas paralelas. Neste rol, certamente em nosso entender estariam: os loucos, o poeta, o profeta, o educador, o visionário, o atrevido e o aniquilador da moral, as prostitutas, os velhos, os homoafetivos, entre outros.

O Zaratustra, de Nietzsche, e os infames, de Foucault, seriam, portanto, aqueles que evocariam suas vontades de verdades sem medo de subjetivar seus atrevimentos por sentidos, significação e códigos nem sempre fáceis de decodificações aceitas, diante e para aqueles que se apresentam queixosos e recalcados diante dos impulsos de outros

que, por ser o que são, os incomodam, afetam, nauseiam e desmascaram. Os trejeitos, as espontaneidades, as criatividades, as ousadias, a defesa de si mesmos e os desejos de verdade são marcas incontestes neste campo de subjetivações de sujeitos homoafetivos.

Foram estes sentidos de verdades atrevidas que nos possibilitaram poder dizer nossas verdades, em domínios de saberes, no campo teórico da educação. Foram estes autores que nos inspiraram e nos lançaram para operar neste estudo o dizer verdadeiro como pesquisador/educador-aprendiz.

Nossos autores assim como outros seus contemporâneos foram ousados em suas épocas e enfrentaram grandes desafios por entre ordem discursiva e bases epistemológicas diante das leis canônicas da ciência e da religião que hegemonizaram as produções de saberes de seu tempo e com fortes vestígios ainda nos dias de hoje.

Os pensadores, as lideranças e todos aqueles que estejam dispostos a questionar regimes de verdades são sabedores de que, serão fortemente questionados, alvos dos intensos aparatos de desconfianças de seus inquisidores das mais importantes instituições da sociedade moderna, entre elas; as religiosas, as científicas, as políticas, as jurídicas e as educacionais. O que estes autores assim como Nietzsche e Foucault disseram e fizeram sangrar de suas escritas e militâncias acadêmicas, de outros modos outras lideranças políticas, religiosas, entre outras, fez com que, por entre épocas e tempos diferentes em suas evidentes vontades de verdades nos deixassem legados para outros atrevimentos e ampliação de suas assinaturas.

Portanto, foi ancorado no vigor deste combustível principalmente de Nietzsche e Foucault que sem nos acovardar atravessamos nossas inquietudes de pesquisador diante dos desafios lançados por nós, pois entendemos ter sido possível aproximá-los de nossos interesses.

Pensamos que os envelhescentes homoafetivos da cidade de Belém em pleno começo deste século XXI, através de suas narrativas, acenderam as luzes diante de suas miragens por entre lugares apagados e silenciados, por entre espaços de escolarização vividos e contextualizados que contraditam com as normatividades impostas pelas instituições sociais.

Nesta reinvenção, podemos abreviar que nossa pretensão com estes sujeitos tendo como foco interpretativo suas vidas paralelas foi somente de tirá-los da invisibilidade e deixá-los narrar como através de suas próprias forças e estratégias de resistências driblaram os muros de aprisionamentos para expressar suas singularidades como sujeitas por entre espaços escolares.

Dáí reiterarmos que nossa dileção por Foucault e Nietzsche consistiu no fato de eles nos ensinarem a aprender e a produzir saberes intempestivos que se lançam e constituem para além do bem e do mal, para além das polaridades, evitando doentias moralidades ainda presentes na ordem dos discursos em geral do conjunto das instituições sociais.

As flechas arremessadas e as marteladas certeiras de sarcasmos e ironia de Nietzsche e o pacote de explosivos de Foucault sobre o tempo da cólera, das pestes negras, dos infernos de Dante, da crítica da idade da razão modernista nos impulsionaram e foram decisivas para ancorar nossos estudos sobre escolarização de velhos que foram narrados por eles mesmos, também, sobre as práticas discursivas das autoridades principalmente as escolares.

Por isto é que, na ordem dos discursos principalmente da filosofia da diferença tendo em vista produzirem outros ditos e escritos, fomos atraídos por estas orientações teóricas a ampliar possibilidades de constituição de outras portas de entradas genealógicas ancoradas nas monumentais ideias foucaultianas.

Abreviando, podemos estão dizer; que o impetuoso, vigoroso, esperançoso e incendiário Nietzsche, que clamava por um devir e usava inclusive a poética, o riso e o escárnio para profanar contra as convicções religiosas e os doentios discursos moralistas em defesa dos fracos ou escravos de seu tempo, nos foi convincente. O Zaratustra, de Nietzsche, também nos seduziu a entender um pouco melhor a condição dos humanos demasiadamente humanos ao sentenciar que nenhuma aporia que fosse de retidão a um eterno retorno traspasado por uma ordem sobrenatural imposto por instituições, haveria sentido. Haja vista que, para ele, Deus está morto, e o responsável por sua morte foi o próprio homem.

Foucault, assim como Nietzsche nos impressionaram, pois não tinham dúvidas dos caminhos arriscados que perseguem o dizer a verdade, do lugar deslocado onde estavam a proferir suas práticas discursivas por serem sabedores que tais relações sociais incidem sobre elas jogos de poder. Nestes fragmentos que cito abaixo, deste último, fica muito claro seu comprometimento com a verdade e com que sujeitos se comprometem, por entender ser preciso ter dureza nas próprias atitudes para ser feliz e estar de bom humor entre verdades todas elas duras:

A vocês, audazes investigadores, tentadores, e a todo aquele que alguma vez se lançou em mares temíveis com velas astutas – a vocês, os ébrios de enigmas, o alegre do meio dia, cuja alma se sente seduzida com flautas para todos os abismos sem saída: - pois vocês não querem seguir com mão covarde um fio: e onde vocês podem adivinhar; odeiam o seduzir (Nietzsche, 2011, p.60).

É sobre estas influências que seguimos analisando tais histórias de vida e, decididamente com base nestes repertórios teóricos acima citados, prosseguimos analisando e verificando a validade de nossas hipóteses sobre o tema em tela. Deste modo, afirmamos que não há espaço para dúvidas quanto às nossas escolhas teóricas e metodológicas, e podemos assegurar que estes autores foram os fios condutores que nos serviram de referência e pilares para analisar os acontecimentos moventes que fomos escavando.

Afinal, ressaltamos que para este momento não teríamos outros referenciais tão autênticos para analisar “os de fora” numa sociedade majoritariamente homofóbica que reprime os sujeitos diferentes. Parece que todo o universo imaginário produzido vem cultural e historicamente criando suas simbologias negativas e higienizadoras deles.

Ressaltamos que a reinvenção simbólica do Zaratustra e dos homens infames que fomos criando neste percurso teórico cristalizou bem o campo de nossos interesses por estes dois autores em sintonia fina com os diálogos pertinentes antes, durante e depois deles. Assim como movimentar tantas outras ideias e categorias conceituais destes geniais autores, também nos serviram de âncoras teóricas metodológicas para ousar dizer nossas verdades nestes tempos em que parecem diluir-se as sombrias e taciturnas decifrações da era medieva e moderna que passam por outras dobras analíticas agonizando.

Acentuamos nesta via que estamos chamando atenção do leitor para somente dizer também acerca de nosso compromisso e princípio ético neste estudo embora não queiramos fazer destes princípios éticos algo maior ou reservas ético-morais irreparáveis e incorrigíveis diante das contradições que porventura vierem a aparecer ao longo deste texto. Não foi também nosso propósito, provocar pontos de vista inaceitáveis ao ancoramos nossas posições políticas, acadêmicas (epistemológicas) diante dos pressupostos que sustentaram os interesses desta tese diante daqueles que apresentarem discordâncias com os procedimentos metodológicos e abordagens teóricas atrevidamente utilizadas por nós para nomear nosso tema de estudo.

Como pesquisador, o que visamos foi descredenciar qualquer cínica evidência de neutralidade para tratar de um tema complexo, provocador e instigante diante de nossa condição humana e dos imperativos formulados pela cultura das normatividades por entretempo de (re) invenção. Os interlocutores também pensaram a partir de suas loucuras sociais não aceitas, por isto, do lugar não comum pôde haver travessia entre lugares e território de saber/poder escolar.

Também outro ponto a ressaltar consiste no fato de que nosso compromisso ético com os ditos **diferentes** não será para defender e evitar todo o processo de higienização, exclusão, e ostracismo, os quais foram e estão submetidos ao longo de vários itinerários históricos. Não queremos ser o guardião destas marcas e de lamentáveis acontecimentos e episódios de negatização dos sujeitos excêntricos.

Porém para além de conjunto de regras, normas, valores imposto secularmente pelas instituições, nos dar maior visibilidade em como este sujeito se constituíram, se conduziram, e estabeleceram relações por entre tantas praticas discursivas.

Os interlocutores ouvidos souberam, ao longo de suas vidas, em grande parte, se defender com autonomia. Identificamos em suas falas seus caminhos de subjetivações, as inscrições de suas singularidades, habilidades e vontades de verdades, de aprender na diferença antes que fossem tornados inauditos, inviabilizados. A nosso ver, não existe corpo sem afeto, o que existe são corpos negados, controlados, proibidos, punidos e vigiados. Esta afirmação evidencia como as culturas de regulação heterossexistas através das instituições sociais, sobretudo escolares, parecem não afeitas aos hábitos, costumes, desejos e ecos transgressores destes sujeitos no passado e ainda bastante evidentes no presente.

Ao partimos destas reflexões, quisemos dizer que muitas demandas importantes e necessárias nos espaços escolares são esquecidas na organização dos desenhos curriculares. Nas falas de nossos interlocutores, como informaremos mais adiante, em nenhum momento foi ressaltada alguma manifestação, ainda que transversalizada, em que a escola tivesse dado atenção a uma sociedade de indivíduos em que corporeidade e processo de envelhecimento, corporeidade e afetividade, corporeidade e vivências com os sujeitos diferentes fossem valorizados nos espaços escolares, o que poderia vir a se tornar em ação ética transforma-se como no dizer de Foucault em moralidades comportamentais para fins de controle e disciplinamentos.

Deste modo, foi-nos ficando tão claro que a ética produzida nos espaços escolares evita constituir este assunto como demanda escolar, ou melhor, de interesses curriculares.

As instituições sociais e escolares estão associadas a outros medos esquizofrênicos de encarar como normal o direito à liberdade, a dignidade as diferenças de orientações de cada sujeito sobre seus corpos e a cada ser diante de suas singularidades. As patologias da normatividade presentes nas instituições sinalizam que elas vão ter que se contentar e admitir o como é difícil ou quase impossível controlar subjetividades, desejos, usos dos prazeres, pois estes são; inomináveis e indescritíveis, porém reais, verdadeiros e presentes quando se vai aprendendo a ser o que se é.

A importância de buscar no tempo/espço dos velhos (as) homoafetivos essas narrativas que falem de seus acontecimentos e eventos vividos nos faz pensar que deram sinais das diferentes cumplicidades com a produção de uma estética da existência humana, como sentenciava Michel Foucault.

Embora seja notório dizer que ao longo dos anos que vão passando, no campo da pesquisa acadêmica, muitos estudos começaram a seguir vestígios incendiários deixando através de suas chamas as centelhas de esperanças para novas e autênticas descobertas transgressivas.

Foi também sobre estas influências que seguimos analisando tais narrativas de histórias de vida escolar e decididamente, com base nestes repertórios teóricos acima citados, prosseguimos analisando e verificando a validade das problematizações pensadas que foram lançadas por nós.

Assim fomos ampliando nossas evidências por entre sentidos e significados investigativos, atentos aos falares de velhos que fomos, sobretudo, notando o quanto estávamos adquirindo entendimento ontológico sobre os direitos inalienáveis aos afetos no contexto dos sujeitos diferentes através de suas manifestações, expressões e linguagens. Foi através desse tempo e espaço que ondulam outros sentidos que nos fizeram pensar, sobretudo, aprender seus passos nas danças de nossas existências ante aos preconceitos, as diligências homofóbicas e as discriminações persuasivas que transbordam por posturas às vezes risíveis, às vezes sutis e tendenciosas sobre aqueles que se orientam de modo diferente das ditas culturas das normalidades.

Nesta via entendemos que as instituições sociais são paradoxalmente “avessas” aos dispositivos da sexualidade e do poder de expressão dos ditos diferentes. Elas

utilizam muitos dispositivos, procedimentos e ferramentas de exclusão, de interdições e “acesso”.

Foucault em sua obra: “A Ordem do Discurso (1971)” ter afirmado que as regiões da sexualidade e da política são as mais tênues e complexas, porém mais propensas ao uso frequente a exclusões e interdições.

### 1.7 Sétima Estação: as seções que anunciamos

Dando início a seguir ao aprofundamento das questões anunciadas apresentamos ao leitor nesta via as seções sob as quais está organizada e constituída a tese. Conforme, apontamos a seguir:

Na primeira seção apresentamos uma visão panorâmica das vias e trajetos acerca da temática da sexualidade, da envelhescência e da escolarização dos sujeitos homoafetivos através da criação de estações reveladoras de todos os caminhos que fomos percorrendo neste estudo. São, portanto, informações que possibilitam ao leitor subsídios que os orientam para compreender nossas pretensões como pesquisado.

Na segunda seção tratamos dos caminhos éticos e os princípios pretendidos pela pesquisa até a definição clara das delimitações dos problemas de tese. O que se pretendeu foi constituir um trabalho de escavação, de arquivamento, de busca, de aprender a lidar com o plumo de pesquisador diante de nossas ambições de estudos, introduzindo como fundamento desta seção o conceito de parresia como sendo a livre vontade de verdade de tudo que se possa e deva querer dizer com abertura para a manifestação do pensamento humano.

Não se trata de justificar nossa idoneidade como pesquisador, e muito menos querermos nos projetar como reserva moral de uma ética no percurso da produção de saberes acadêmicos no campo da educação. Também não temos a pretensão de ser a última declaração de verdade sobre este excitante tema que nos levou à embriaguez. Simplesmente decidimos nomear nossos compromissos com os informantes, com a academia e todos os que tiverem acesso a este trabalho. O que queremos deixar bem claro é que não há como nos isentar neste momento de qualquer problematização suscitada.

O que enfatizamos é que estamos a pensar com convicção a partir das realidades sociais que nos cercam e nos pede posicionamentos para que, enfim, possamos evitar ou

reforçar atitudes que coloquem o pesquisador como o intelectual acima do bem e do mal, como se estivesse num pedestal a proferir verdades incorrigíveis.

Chamar para nós neste texto o conceito de parresia, isto é, a vontade de verdade, inaugurou outros descaminhos para escavar experimentos outros no campo socioeducacionais diante da realidade que foi pesquisada, assim como nos por diante da necessidade de reinvenção invertidas de ações diante dos valores e regras moralizantes secularmente inventadas que necessitam ser questionadas.

Na terceira seção, oferecemos ao leitor nossos argumentos sobre os caminhos teóricos e metodológicos, momento em que apresentamos o estado do conhecimento produzido acerca da temática estudada. As orientações e procedimentos metodológicos encontrados em um intenso levantamento feito nos bancos de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES), Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e na Revista Brasileira de Educação (RBE) e em vasto repertório de produções acadêmicas sobre estudos das diferenças, de gêneros, geracionais, étnico-racial, entre outros que efetivamente contribuíram para uma aproximação com a temática principal do estudo.

Na quarta seção apresentamos as categorias conceituais que norteiam toda esta movimentação de reflexões para fins de análises dos dados coletados. Ter o domínio teórico das categorias anunciadas serviu-nos de parâmetro e caixa de ferramentas para as formulações necessárias, a saber: Sexualidade, Envelhecimento, Escolarização. Conceitos chave que ancoraram nossa produção de tese por entre campos interdisciplinares de outros saberes.

Tudo isto nos possibilitou maiores intimidades para promover as análises por entre domínio de saberes que articulassem e movimentassem pensamentos e experimentos, na busca de possíveis encontros de outras respostas que estarão nas bordas e nas margens dos acontecimentos que nos propomos realizar. Outra fonte de igual importância residiu nas categorias teóricas, principalmente de Michael Foucault, que nos serviu de ferramentas para diálogo e/ou dispositivos de interpretações analíticas, assim como foi possível entender do mesmo modo, as trágicas suspeitas oriundas das marteladas Nietzscheanas.

Na quinta seção, anunciamos as decifrações analíticas sobre as quais apresentamos os resultados, a partir de seu processo de empiria entre pesquisador e pesquisado ao estabelecer aproximações necessárias para a formulação de outros olhares.



Neste momento, os falares de nossos interlocutores e as trilhas por eles seguidas ganharam total visibilidade diante dos acontecimentos vividos por eles, assim como as enunciações trazidas pelas redes de conceitos e domínios de saberes já testados, as estratégias pensadas, que saíram através das vias que fomos abrindo a marteladas.

Para finalizar, apresentamos nossas conclusões acerca de todos os passos da pesquisa. Apontar resultados, manter a coerência de nossas assinaturas por entre os falares dos sujeitos da pesquisa ampliaram nossas experiências e aprendizado como pesquisador de novos e singulares saberes nos permitindo compreender outras possibilidades de abertura para outras aparições decifrativas neste campo e domínios de saberes educacionais que, sem modismo, vem ganhando mesmo com tantos desafios novas dobras por dentro e fora dos espaços acadêmicos.

## **2 A PARRESIA COMO DECLARAÇÃO DA VERDADE: PRINCÍPIO, TRANSGRESSÕES, FRAGMENTOS E FALARES FRANCOS**

Como o mundo – verdade tornou-se uma fábula  
(Nietzsche, 1889)

Iniciaremos este interstício esclarecendo como fomos nos posicionando como pesquisador, professor e aprendiz nesta busca de descobertas sob as quais inserimos nossas vontades de dizer-a-verdade, através das dobras e caminhos que atravessamos.

Coube-nos, aqui, apresentar o chão de onde partimos para evocar os (des) caminhos que nos dessem a convicção de por que e como deveríamos insistir em nossas escavações, considerando, sobretudo, as questões de ordem moral e, por conseguinte, as de ordem ética que nos chamaram a atenção para estas reflexões por entre intertextualidades, diálogos propositivos e as narrativas âncoras que torna verdadeiro para nós o que pensamos sobre a vida escolar narrada por sujeitos homossexuais envelhecidos na cidade de Belém.

Com isto, pensamos estar estabelecidas as vias de decifrações sobre as quais expressamos nossas vontades de verdade na confluência com as verdades dos outros, de modo ético/moral ao estarmos produzindo saberes que enveredam por questões complexas, como por exemplo: a sexualidade, o envelhecimento e a escolarização.

Neste sentido, partimos da ideia foucaultiana de que toda formação e prática discursiva sobre a questão da moral incidem sobre as prescrições normativas; como as regras, as leis os contratos que moralmente impõem aos sujeitos direitos sobre suas vidas e até sobre a morte. Enquanto e de igual modo podemos por assim dizer que a ética consiste nas ações refletidas sobre si e sobre os outros enquanto sujeitos.

Foi por estas dobras que nossos estudos nesta seção enveredaram, trazendo para o epicentro desta discussão o conceito da parresia articulando-o com as reflexões sobre o cuidado de si como sendo: “uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2014, p.9).

Com esta decifração, Foucault antevê a possibilidade de os sujeitos, no uso de seus direitos de subjetivação, construir em o que já apontaram as marcas de tintas sangrentas de Nietzsche, o que ele chamou de ética e estética da existência por entender que os sujeitos em seu tempo e espaços de existência podem ao seguir nesta apresentar

disponibilidade e tendências a se metamorfosear a partir de sua vontade de potência para, enfim, se constituírem em “super homem” ou, como no dizer de Foucault, naquele que quer transformar sua vida e a dos outros numa bela obra de arte.

Para isto é preciso entender que Foucault criticou veementemente a ideia do sujeito como sendo absolutamente livre sem antes que se explique como este se constituiu a partir dos saberes, das práticas discursivas, sob as quais eles se movem por entre as tramas, as trocas as relações históricas, sendo assim não se pode descartar a ideia de que todo “sujeito possui uma gênese, uma formação, uma história, e que ele não é original”.

Neste sentido, Nietzsche no século XIX e Foucault no século XX são unânimes em apostar que somente pelas trilhas do devir os sujeitos serão capazes de se metamorfosear destituindo as formas idealizadas de verdades que foram inventadas principalmente no mundo ocidental e particularmente no contexto histórico e intelectual pulsantes em pleno apogeu da sociedade moderna.

Entre os vários cursos proferidos por Foucault no Collège de France, uma das mais importantes e renomadas instituições de ensino e pesquisa da época, onde ensinou desde o ano de 1971 até próximo de sua morte em junho de 1984, em que este último Foucault, no curso de (1981-1982), em suas aulas hoje publicadas, por exemplo na obra: *A Hermenêutica do Sujeito*, já chamava a atenção para questões relacionadas com a subjetividade, o sujeito e a verdade.

Nesse curso, no qual menciona que dizer a verdade de forma franca, livre e aberta como sugestiona o conceito de *parresia* consiste em tomar posição, em viver experiência e o desprendimento de si mesmo. Por isto, Foucault (2014, p. 334), na obra *a Hermenêutica do Sujeito*, é bastante claro ao dizer:

O termo *parresia* refere-se, a meu ver, de um lado à qualidade moral, à atitude moral, ao *éthos*, se quisermos, e de outro, ao procedimento técnico, à *tekhné*, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de verificação de si para si. [...] A *parresia* é etimologicamente o “tudo dizer”. A *parresia* diz tudo. Ou melhor, não é tanto o “tudo dizer” que está em questão na *parresia*. Na *parresia*, o que está fundamentalmente em questão é o que assim poderíamos chamar, de maneira um pouco impressionista; a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. O termo *parresia* esta ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala.

Para tomarmos esta decisão e atitude para o franco falar nesta tese, exigiu-nos estar inquieto e fidelizado com o chão de onde partimos sem piedades e a marteladas como no dizer de Nietzsche, para o exercício de nossos atrevimentos. Foi este um de nossos canais de mobilização para este estudo que quer sem interditos falar de nossa história de vida em interconexão com as experimentações dos interlocutores diretos da pesquisa, isto é, os sujeitos homoafetivos em processo de envelhecimento. Na certeza de que não nos coube escamotear ou inebriar o fato de que a história dos outros ainda que marcada por singularidades têm por assim dizer, cumplicidades com as nossas ao falarmos de vias de escolarização, resistência e atrevimentos.

Do mesmo modo que, ao refletirmos sobre outra forte categoria conceitual presente em nossos estudos que denominamos de envelhecimento, tornou-se oportuno e indispensável vasculhar, no rico universo de ideias de Foucault, uma rara passagem presente na obra *A Hermenêutica do sujeito* (2014.p, 98) em que nos chama para a seguinte reflexão:

[...] ora, a partir do momento em que o cuidado de si precisa ser praticado durante a vida, principalmente na idade adulta, e em que se assumem todas as suas dimensões e efeitos durante o período da plena idade adulta, compreende-se bem que o coroamento, a mais alta forma do cuidado de si, o momento de sua recompensa, estará precisamente na velhice [...] compreende-se que é a velhice que constituirá o momento positivo, o momento da completude, o cume dessa longa prática que acompanhou o indivíduo ou à qual ele teve que submeter-se durante toda a sua vida. Liberado de todos os desejos físicos, livre de todas as ambições políticas a que agora renunciou, tendo adquirido toda a experiência possível, o idoso será soberano de si mesmo e pode satisfazer-se inteiramente consigo depositar em si toda a alegria, nenhuma satisfação em mais nada, nem nos prazeres físicos de que já não é mais capaz, nem nos prazeres da ambição aos quais renunciou. O idoso é, portanto, aquele que se apraz consigo, e a velhice, quando bem preparada por uma longa prática de si, é o ponto em que o eu, como diz Sêneca, finalmente atingiu a si mesmo, reencontrou-se, e em que se tem para consigo uma relação acabada e completa, de domínio e de satisfação ao mesmo tempo.

Talvez os paradoxos que envolvem os cuidados de si e as maneiras de reinvenção dos sujeitos velhos ainda em pleno gozo da vida, fortalecidos por suas experiências, sejam o fato de como os desafios sociais e geracionais produzem outras possibilidades neste século XXI, em que nos parece que a população de velhos terá um acelerado crescimento principalmente em nosso país, embora as condições de vida, as políticas públicas voltadas para estes segmentos desde já sejam extremamente preocupantes devido às adversidades que são flagrantes.

Diante destes fragmentos de cenários políticos e sociais a respeito dos sujeitos envelhescentes que acima e brevemente comentamos foi possível, a partir daí, nos debruçarmos para produzir saberes e acontecimentos que nos possibilitaram ouvir, falar, e que nos levou, ao longo destes escritos, como pontos a estabelecer sobre sujeitos-verdade-liberdade tendo como parâmetro o cuidado de si e o cuidado do outro, ideias tão presentes nos repertórios de Nietzsche e Foucault, as quais também nos serviram de âncoras interpretativas para produzir nossas vontades de verdades.

Construir um texto sangrento, como dizia Nietzsche, exige posicionamento, ousadia, atrevimento e coragem de verdade para seguir coerentemente as narrativas e com atenção fazer fecundar aquilo que se faz necessário dizer e revelar. As práticas discursivas podem até se constituir em verdade a quem pretender escutar, no entanto, jamais o salvarão.

Nossas histórias de vida e de escolarização, desde a infância, passando pela adolescência, pela idade adulta e pela chegada ao tempo que abre passagem para a envelhescência, trazem rastros de outras vidas por entre vias de escolarização. Voltamos a insistir ao dizer que nossa vida, já chegada à meia idade, não se difere tanto das vidas escolares de nossos interlocutores, por isto a constatação de nossas fortes marcas de cumplicidades com estes neste estudo.

Portanto, como nos ensina Foucault (2014, p. 100):

Devemos, por assim dizer, e nisso consiste o ponto central dessa nova ética da velhice, nos colocar em relação à vida, em um estado tal que a vivamos como se já a estivéssemos consumados. No fundo, é preciso que, a cada momento, mesmo sendo jovens, mesmo na idade adulta, mesmo se estivermos ainda em plena atividade, tenhamos, para com tudo que fazemos e somos a atitude, o comportamento, o desapego e a completude de alguém que já tivesse chegado à velhice e completado sua vida, devemos viver nada mais esperando da vida e, assim como os idosos é aquele que nada mais espera da vida, devemos, mesmo quando jovens, nada esperar. Devemos consumir a vida antes da morte. [...] deve-se consumir a vida antes da morte, deve-se completar a vida antes que se chegue o momento da morte, deve-se atingir a saciedade perfeita de si, completa, de si.

Apesar desta feliz passagem da obra *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault tem outras obras tais como: *a Vontade de Verdade e o Governo de Si e dos Outros*, publicadas a partir de seus cursos ministrados também no Collège de France, trouxe com maestria e em suas brilhantes aulas, dedicados aprofundamentos acerca da noção de *parresia* mesmo sendo este um “conceito tardio” no conjunto de sua obra passará a

ser um conceito muitíssimo importante para Foucault. A partir deste período foram mais frequentes suas preocupações em como se pode dizer a verdade ou sobre o que é a verdade diferentemente da imposição velada nas práticas discursivas pelos platonismos socráticos.

Para Foucault, dizer a verdade não significa estar condicionado somente ao conhecimento lógico racional, mas é, sobretudo, desejo de subjetivação para que se possa ter livremente o direito de dizer a verdade, tendo como parâmetro principalmente os acontecimentos históricos da dita sociedade moderna com seus paradoxos.

Embora devamos ressaltar que o termo *parresia* se origina do grego, a partir do final do século V a.C. e etimologicamente queira dizer, discurso livre, conversa franca, declaração verdadeira, e como diz o Revel (2011, p. 114), no dicionário Foucault, “aquele que utiliza a *parresia* é um homem que diz a verdade”.

Neste sentido, e não sem razão, é que como pesquisador, professor e aprendiz sentimo-nos na “obrigação” e no compromisso ético de formular com clareza sobre o que queremos dizer como verdade para ouvir as verdades que nossos interlocutores têm para contar de suas experiências de vida partilhadas conosco, ao longo de nossas entrevistas que analisaremos adiante.

Desde já partimos da premissa de que as instituições escolares não advogam verdades suas na mesma ótica ou convicção dos sujeitos transgressivos que atravessam os padrões de normatividades em seus territórios.

Ao chamarmos esta discussão a partir do conceito de *parresia*, estamos por querer dizer que, em processo de socialização de saberes, de intimidades, vamos construindo e sendo construídos para viver socialmente nem sempre sobre a égide daquilo que queremos ser, mais sobre as custódias de outros que nos inventam, como por exemplo: a família, as instituições religiosas, escolares, etc, as quais vão ao longo do tempo/espço nos tatuando, nos impondo marcas, valores, crenças, estilos de vida, costumes, hábitos, padrões que nos fazem descobrir “docilmente” como devem se constituir nossos direitos sobre a vida e a morte, sobre nossas dores e amores, nossos prazeres-saberes em territórios de afetos, sejam em tempos passados ou presentes, sob as quais estas experimentações em nossas vidas cotidianas vão constituindo-se em regimes de verdades.

Estes acontecimentos que nos marcam de algum modo nos constituem como sujeitos que somos, mesmo que por vezes não seja dessa verdade, que nos foi imposta,

que precisamos para seguir trilhas, montanhas e os Alpes como fez Nietzsche em suas andanças.

Afinal, há ainda muitas histórias de vidas de sujeitos ditos infames não ditas e que estão completamente presas aos escombros do anonimato à espera de outras assinaturas preferencialmente profanas e transgressivas.

Certamente os modos de vidas experimentados por nossos interlocutores, não fugiram às regras destes regimes de verdades impostos ao longo da história de vida de outros sujeitos que no passado vivenciaram situações em cenários diferentes, porém com conteúdos pautados pela heteronormatividade.

No entanto, o que pode a parresia nos ensinar para que a levemos a cabo, neste estudo, seus sentidos e significados na tentativa de fazer valer as verdades de si e dos outros que experimentaram passagem de escolarização?

Nossa ousadia parece arriscada, mas para dizer a verdade que temos a contar, a problematizar, coube-nos atrevimentos e intromissões, do falar franco e de estar livre e destemido. Para esta ousada travessia fomos buscar inspirações no conceito grego de parresia que significa, de forma abreviada, dizer tudo, ou seja, dizer de forma franca e destemida, para anunciar novos sentidos de liberdade ainda que seja um alto preço que se deva pagar, pois já sabemos que nossa temática de estudos principalmente no campo da educação, transgride, atravessa e desloca-se por entre olhares desconfiados e preconceituosos sobre o que tivemos a dizer como sendo nossa e de outros estas verdades.

Para ouvir as verdades que nos apontaram os sujeitos de “vidas paralelas,” em suas narrativas, não precisamos experimentá-las, querendo ouvi-las por terrenos demarcados por polaridades entre o negativo e o positivo, entre o certo e o errado, o moral e o imoral, o justo e o injusto, o ético e o antiético, o conhecer-se e o cuidado de si. Ou ainda, por entre estado de culpas, sentimento de vingança ou ressentimentos que congelam o tempo que passou, e nada mais se pode fazer, deixando em nós o doce amargo destas experiências de vida que, ao dramatizarmos tanto, nos parecerão tragicamente negativas e melancólicas.

Nossa escolha por querer dizer tudo, trazendo-nos a importante questão que ora estamos a pensar, isto é, a parresia como princípio ético para o falar franco, para o dizer tudo, para indagar afinal o que é a verdade. Nossas âncoras teóricas (Nietzsche e Foucault) contribuiriam efetivamente para que pudéssemos reconhecer as fortes influências do pensamento platônico-socrático em tempos de modernidade no ocidente.

Sobre estas âncoras acima citadas, insistimos em não optar por outros caminhos investigativos polarizados por outros centramentos binários tais como: mundo sensível - mundo inteligível, corpo e alma, bem e mal, normalidades- anormalidades, sofrimento – contentamento, entre outros que impossibilitam outros olhares por vias incandescentes da pluralidade como âncoras para o devir, isto é, fabricar possibilidades de transformação diante dos sofrimentos do homem presente.

Uma citação de Nietzsche apud Giacoia (2011, p. 397) em *Genealogia da Moral* afirma:

Todo sofrer busca instintivamente uma causa para seu sofrimento, mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente culpado suscetível de sofrimento – em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou in effigie [simbolicamente]; pois a descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de entorpecimento, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie. Unicamente nisso, segundo minha suposição, há de se encontrar a verdadeira causa fisiológica do ressentimento, da vingança e quejandos, ou seja, em um desejo de entorpecimento da dor por meio do afeto.

Ancorados neste posicionamento, fomos enfáticos em afirmar, que não gostaríamos de focar este conjunto de experiências de vida de forma melancólica e depreciativa quando analisamos as questões centrais deste estudo.

Estar localizado a partir dos pensamentos de Nietzsche nos provocou uma releitura desta questão, pois para ele, o sofrimento são, sobretudo, situações trágicas pelas quais, são reveses, dificuldades, desafios, porém que todas essas situações deveriam também ser vistas de forma positiva tendo em vista superá-las.

Referido autor foi coerente com seu modo de pensar, embora pareça estranho aos homens ditos normais o fato deste visionário ter desejado a muitos que com ele se relacionavam, o profundo desprezo, a desolação, doenças, o infortúnio por entender que o homem é uma coisa demasiadamente imperfeita e, portanto, demasiadamente humano.

Para Nietzsche, o sujeito passando por tais sofrimentos e até risíveis experiências teria ele próprio que buscar caminhos de superação e até mesmo ser superado, fazendo valer sua vontade de potência como um equilibrista diante das situações abismais de sua existência.

Dando continuidade a esta reflexão, fomos até o prólogo da obra de Nietzsche. Assim falou Zarathustra (2011), para evocar passagens que marcam de tinturas



sangrentas suas provocações pessimistas, trágicas e poéticas ao mesmo tempo, e entre elas encontramos:

Na verdade, um rio imundo é o homem. É preciso ser um oceano para acolher um rio imundo sem se tornar impuro. Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é este oceano, nele pode afundar o vosso grande desprezo. Qual é a maior coisa que podeis experimentar? É à hora do grande desprezo. À hora em que também vossa felicidade se converte em nojo para vós, assim como vossa razão e vossa virtude [...]. Amo os grandes desprezadores, porque são os grandes reverenciadores, e flechas de anseio pela outra margem [...] Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará à luz nenhuma estrela. Ai de nós! Aproxima-se o tempo do homem mais desprezível, que já não sabe desprezar a si mesmo [...] fizeste do perigo o teu ofício, não há o que desprezar nisso [...].

Se Nietzsche nos provocou tanto, fomos, de igual modo, ousadamente até outro importante visionário, Frank Kafka, para revelar outras percepção dissonantes que colore os significados do sofrimento. Através dele, o sentido trágico e melancólico daquilo que chamamos de metáforas kafkianas, principalmente em “**Cartas ao pai**” publicado em 1919, em que as atitudes de rejeição e autoritarismo de seu pai tiveram consequências sofridas e humilhantes, através dos gestos de desaprovação em forma de ironia e escracho sobre suas vontades humanas de verdades muitas vezes negadas.

A negação de desejo, inclusive de casar e constituir família foi, para Franz Kafka (1883-1924), a representação simbólica do sucesso através do fracasso que está, ainda hoje, nos encontros e desencontros de gerações em espaços familiares. Como nos diz Oliveira (2013, p.15):

Por isso mesmo, Kafka levou ao extremo a temática do fracasso como o seu espanto e é ele que justifica o motivo principal de sua linguagem se hospedar no espaço mais “repulsivo” das coisas para logo se transfigurar num relato da condição humana, uma narrativa de “porão”, em que tudo parece fluir de uma “cripta”, no qual o esquecido e enterrado, permanece como uma inscrição ilegível, mas que de tempos em tempos – a saber, nas épocas de maior destruição e barbárie – reivindica os seus direitos ao mundo da linguagem comunicativa.

E foi exatamente por aí que a obra de Kafka nos pareceu tão cúmplice. Ainda que em contexto e por textualidades diferentes de Nietzsche as obras, parecem encontrar afinidades ao anunciarem outros sentidos através da denúncia por entre o trágico e o poético sobre as práticas e formações discursivas polarizantes da presença do homem no mundo. Neste sentido “Assim falou Zaratustra” e “Cartas ao pai”, arriscamos dizer,

deram conta, sem dúvida alguma, de nos aproximar dos acontecimentos e experimentações de nossos interlocutores desta pesquisa, ao nos aproximarmos de suas vivências de escolarização também marcadas por sofríveis interdições, ousadas e superações.

Principalmente se quisermos exemplificar como a questão da sexualidade, do corpo, de gênero, de senescência, das diferenças ainda são alvos de tabus, omissão, silenciamentos em territórios escolares, religiosos e familiares. Embora, mesmo por território de contestações, já vejamos sinais positivos de atrevimentos e enfrentamentos através de debates e outras modalidades curriculares e extracurriculares ou práticas educativas. Não se pode negar que numa sociedade majoritariamente heterossexista e homofóbica não faltará espaços para o sofrimento humano quando se ousa ser o que se é. Inversamente, e na contramão dos caminhos retos que valoram o sentido da vida por outras vias, parece que ser atrevido, ousado e intruso significa transvalorar com suas verdades, no entanto, correndo-se o risco de um alto preço a pagar quando se estiver a pensar para além das perspectivas normativas.

Reiterando, podemos dizer que entre os registros que encontramos que nos mobilizam para estas reflexões sobre o sentido de parressia como o dizer a verdade, o ambiente familiar pode ser visto como um lugar “tenso e silenciado” para ocasiões de estranhamentos. Mais uma vez, ousamos em trazer em nossas reflexões excertos de Kafka neste estudo. Por exemplo, nas passagens de “**Cartas ao pai**”, escrita quando ele ainda tinha 26 anos para enfatizar como era sofrido viver suas relações familiares diante das contradições vividas por seu pai, como podemos citar através desta imagética citação. Kafka (2004, p. 33-34):

Na mesa a gente podia se ocupar apenas da comida, mas tu limpavas e cortavas as unhas, apontavas o lápis, limpavas os ouvidos com o palito de dentes. Por favor, pai, me entenda bem, esses pormenores teriam sido totalmente insignificantes em si; eles só me oprimiam porque o homem que de maneira tão grandiosa era a medida de todas as coisas, não atendia ele mesmo aos mandamentos que me impunha. Por causa disso o mundo foi dividido em três partes para mim, uma onde eu, o escravo, vivia sob leis que tinham sido inventadas só para mim, e às quais, além disso, não sabia por que, eu nunca podia corresponder plenamente; depois, um segundo mundo, infinitamente distante do meu, no qual tu vivias ocupado em governar, dar ordens e te irritares com o não cumprimento delas; e finalmente um terceiro mundo, no qual as outras pessoas viviam felizes e livres de ordem e de obediência. Eu viva sempre na vergonha, pois elas valiam apenas para mim; ou me mostrava teimoso, o que também era uma vergonha, pois como é que eu poderia me mostrar teimoso diante de ti?

Apesar deste interessante enunciado que nos coloca diante de uma literatura de vanguarda no melhor estilo da arte de escrever, podemos perguntar: Mas o que esta aproximação reflexiva com Kafka tem a ver com os caminhos e princípios ético-moral de nossas verdades diante das metáforas do mundo cheios de fábulas em que a ficção pode transformar-se em outras verdades? Neste sentido, em que momento o desejo de dizer a verdade sem medo é uma atitude valiosa e necessária? Voltando-nos mais uma vez ao conceito de parresia, a partir de Foucault (2013, p.43), podemos dizer que ela é:

A parresia é uma virtude, dever e técnica que devemos encontrar naquele que dirige a consciência dos outros e os ajuda a construir sua relação consigo [...] uma cultura de si em que não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade, dizer toda a verdade, ou em todo caso dizer toda a verdade necessária, e dizê-la de certa forma que é precisamente a parresia, que mais uma vez é traduzida pela fala franca.

Talvez por isto não somente em Kafka, mas principalmente através das lentes trágicas, melancólicas e reflexivas de Nietzsche pensemos que as “respostas” ao nosso problema de pesquisa traçado, nos coloquem de frente com as inutilidades das verdades impostas pelas perspectivas religiosas e moralizantes e não somente políticas e filosóficas que foram se instalando nas esteiras da modernidade com suas verdades prontas para os sujeitos inocentes e vulneravelmente fracos.

Nietzsche, com suas verdades filosóficas e trágicas, é intempestivo por outras dobras, quando não hesita em fazer suas apostas, reinventando outros deslocamentos para seus regimes de verdades. Através de sua arte de estilo irá percorrer caminhos não convencionais para decifrar o mundo com seus mistérios, pois o que lhe interessava era como os homens viviam incondicionalmente todos os momentos de sua existência. Neste particular, o conjunto de suas obras mantém suas marcas originais e genuínas de somente dizer a verdade. No entanto, pensamos que em *A genealogia da Moral* (1887), *O Anticristo* (1888), *o Ecce Homo* (1888), *a Gaia Ciência* (1882) e a sua obra: *Assim Falava Zaratustra* (1883) estejam as chaves de suas verdades intempestivas, reveladoras de suas vontades de dizer francamente a verdade.

Seguindo neste movimento reflexivo, talvez fosse necessário dizer que, por isto, na terceira parte de sua obra *Assim falou Zaratustra*, de forma filosófica e poética, como lhe é peculiar em sua arte de estilo, tenha anunciado através de fragmento e aforismos, o trágico quando em sua “visão e do enigma” narra a notícia de que Zaratustra ainda

calado e silencioso (o homem das ilhas bem aventuradas) estava entre os marinheiros a bordo daquele barco que vinha de longe e ia mais longe ainda.

Em um determinado momento da viagem, Zaratustra enfim solta sua própria língua após escutar tantas coisas estranhas e perigosas para dizer em meio ao traslado da viagem o que pensa sobre o dizer a verdade. Sem sombra de dúvida, o que quer Nietzsche denunciar já nestes aforismos senão o ideal de verdade, de homem, de moral, do além mundo, assim como questões que percorrem inevitavelmente os traslados de suas obras.

Nietzsche assim como Zaratustra, sendo um solitário destemido, atrevido e incendiário, se coloca “postumamente” a falar suas verdades diante de outras verdades representadas pelo poder das autoridades que na ordem de seus discursos impunham sua ira diante das orientações diferentes daqueles que desejassem sair das sombras do ilusório e penetrar por entre chamas de liberdade ainda que houvesse sofrimento. Foi no dizer de Nietzsche “preciso a marteladas cavar fundo até que se chegasse a fincar outras verdades”.

O que quis Nietzsche radicalmente em sua coragem de verdade foi colocar o homem em sua condição tragicamente humana para se ver humano demasiadamente humano, não transferindo o trágico de sua condição de existência ao ter que ceder espaço para que sua vida fosse julgada por qualquer ordem superior como pretendia a filosofia platônica e o próprio cristianismo.

Nietzsche estava totalmente mobilizado e inquieto para desconstruir o ideal de verdade trazido pela tradição filosófica e religiosa acima mencionadas, e desmascará-las, pois as via como pedra de tropeço, na trajetória dos humanos demasiadamente humanos, quando estes se põem violentamente a acreditar em ideais além-mundo, ou em perspectivismos metafísicos.

Nietzsche, depois de suas rupturas com o cristianismo no qual foi batizado, era enfático ao revelar sua descrença em forças exteriores que governassem a vida dos humanos, ter se aproximado do pensamento pessimista e irracionalista em que, de modo geral, achava desagradável a existência humana, principalmente quando nos pomos a estado de acomodação diante das verdades prontas.

Este acomodar-se é para Nietzsche um violento atentado moral contra a vida, não por acaso, construiu a partir de Zaratustra o imagético do andarilho solitário, inquieto, melancólico, destemido e ousado, ainda que inquiridor, descrente e sofrido,

um homem amorificado com o sentido de verdade que o liberta e o leva a superar a si próprio afastando de si qualquer possibilidade de pessimismo niilista diante da vida.

Arthur Schopenhauer (1788-1860), um dos grandes filósofos que influenciaram Nietzsche, com sua acentuada compreensão pessimista da vida, sem sombra de dúvidas, teve fortes e significativas contribuições para o pensamento de Nietzsche, tendo em vista esse pensamento levá-los a refletir para reaprender a pensar e ressignificar os acontecimentos que marcaram decididamente os fatos históricos e a produção intelectual inventadas em determinada época. O encontro desses saberes possibilitou-nos, firmar as bases para nossas análises acerca dos seguintes enunciado: são os homens que fazem escolhas e, por conseguinte, são responsáveis por seus atos, daí suas razões para encarar a vida de maneira pessimista ou positiva.

Para Nietzsche, a vida do homem deve-se ir fazendo de sua vontade absoluta de liberdade e de construção de seus próprios caminhos de felicidade diante das ilusões projetadas pelo mundo moderno, independentemente de seus critérios morais e intelectuais, principalmente proferidos pelas doutrinas religiosas cujos pensadores mais destacados (padres, clérigos, pastores) agiam em suas práticas discursivas como árbitros e guardiões das verdades morais e religiosas validadas pela intervenção de Deus. O radical pessimismo e insatisfação de Nietzsche com estas formas de crenças nos levaram a concluir por ele mesmo que: “a vida acaba onde o reino de Deus começa”.

Por exemplo, em sua obra *O Anticristo*, destaca fragmentos nos quais ele nos parece ser bem enfático sobre estas questões que nos demonstra ser fatais acerca de seu posicionamento, principalmente contrário à moral religiosa. Sobre isso Nietzsche, (2004, p. 31 e 32) nos diz:

É necessário dizer que consideramos como nossos antagonistas: os teólogos e todos que tenham sangue de teólogo no corpo [...] tal envenenamento tem um alcance muito maior do que se imagina: encontrei o instinto teológico da soberba novamente por toda parte onde qualquer um sente-se atualmente como um “idealista”, onde o homem, em virtude de uma proveniência mais alta, acha-se com o direito de enxergar a realidade com superioridade e distância [...] o idealista nem mais e nem menos que o padre, tem todos os grandes conceitos na mão (e não só na Mão), ele brinca com eles com um benévolo desprezo pela “razão,” “pelos sentidos”, “a honra”, “o bem viver”, “a ciência”, ele vê essas coisas como algo inferior, como forças sedutoras e nocivas sobre as quais o espírito paira em sua autossuficiência: como se humildade, castidade, pobreza, - numa palavra santidade - não tivessem causado mais danos à vida do que qualquer horror e vício [...] o espírito puro é puro engodo [...] enquanto o padre ainda for tido como um homem superior, esse

negador, esse difamador, envenenador profissional da vida, não existirá resposta para a pergunta: O que é verdade? A verdade é colocada de cabeça para baixo, quando o consciente advogado do nada e da negação passa pelo representante da “verdade”.

Neste estágio de sua vida, Nietzsche dá sinais do quanto vêm amadurecendo suas convicções sobre a vida, a filosofia, a moral religiosa. Não por acaso chegar a afirmar que os homens possuidores de grandes mentes são céticos. E inclusive menciona que Zaratustra era cético.

Para chegar a este estágio de maturidade a que chega Nietzsche em Assim falou Zaratustra, obra que considerou um dos maiores presentes dado à humanidade e, sobretudo, uma das mais importantes de suas obras, Machado (1997, p.18-20) nos esclarece e nos situa acerca dos incômodos caminhos percorridos por Nietzsche até chegar ao seu Zaratustra ao nos dizer:

Situemos a posição impar que o Zaratustra ocupa na obra de Nietzsche que desde humano, demasiado humano, de 1878, em seguida com Aurora, de 1881, Nietzsche cada vez mais se afasta da problemática da “metafísica de artista”, que orientava o nascimento da tragédia, e, portanto de Wagner e Schopenhauer. No entanto, é com Zaratustra que ele atinge a maturidade, no sentido em que aparecem nesse livro pela primeira vez, ou são dessa época, os temas mais singulares, mais originais de sua filosofia. Zaratustra, “a mais livre de minhas produções”, inaugura o terceiro e último período da filosofia de Nietzsche. [...] É, por exemplo, o que pensa Karl Lowith, em a filosofia nietzschiana do eterno retorno do mesmo, quando, ao distinguir três períodos na obra de Nietzsche, considera o último iniciado com Zaratustra – em que pode ser encontrado todo o pensamento posterior -, o único que contém sua verdadeira filosofia, a filosofia do eterno retorno considerado como ultrapassagem do niilismo extremo. É também o que diz Eugen Fink em A filosofia de Nietzsche, no início do capítulo significativamente intitulado “A anunciação”: “com Zaratustra começa o terceiro período, o período definitivo da filosofia de Nietzsche... Depois do início romântico... Depois da reação científico - desmistificadora Nietzsche encontra agora sua verdadeira natureza, esclarece suas ideias fundamentais e decisivas... No Zaratustra, Nietzsche encontra sua própria linguagem para seus próprios pensamentos. Essa posição como marco da maturidade do pensamento de Nietzsche é inclusive ressaltada por Charles Andler, que – como outros não segue estritamente o “hábito de reconhecer Três períodos em sua filosofia”: o “pessimismo romântico” (1869-76), o “positivismo cético” (1876-81) e a “reconstrução” (1882-88). Ao sistematizar o pensamento de Nietzsche a partir de duas “inspirações criadoras”, Andler defende que, se a primeira advém da descoberta de Schopenhauer e de Wagner, a segunda data da criação do Zaratustra, a ponto de os livros seguintes poderem ser considerados puros comentários e apêndices críticos dessa obra. E se é verdade, como diz Heidegger, que os cinco termos capitais da filosofia de Nietzsche são “niilismo”, “transvaloração de

todos os valores”, “super – homem”, “vontade de potência” “e eterno retorno”, estão mais uma vez indicada à importância do Zaratustra”.

Talvez nossos leitores estejam a se perguntar por nossa insistência em trazeremos Nietzsche através deste singular estilo do personagem de Zaratustra, ora poeta, ora visionário, que através de aforismo, ou se quisermos fragmentos que evidenciaram seu estilo de arte da escrita para nos pôr a pensá-la a partir deste estudo que fala de processo de escolarização de sexualidade e de envelhecimento.

Pensamos que mais uma vez de forma brilhante o professor Machado (2013, p.21) nos ajuda ao nos dar esta resposta:

[...] ao escrever assim falou Zaratustra, Nietzsche não está propriamente interessado em renovar ou modificar os conceitos da filosofia; seu objetivo principal do ponto de vista da forma de expressão é libertar a palavra da universalidade do conceito, construindo um pensamento filosófico através da palavra poética [...] os filósofos [...] não devem mais se contentar em aceitar os conceitos que lhes são dados, para apenas limpá-los e fazê-los reluzir; é preciso que comecem a fabricá -los, criá-los, colocá-los e persuadir os homens a recorrer a eles.

E de maneira magistral sentencia Machado (2013.p, 23):

Assim falou Zaratustra é um livro daquele e para aquele que, onde pode adivinhar, detesta inferir, daquele e para aquele que pensa ter pouco valor o que precisa ser provado, daquele e para aquele que admira a potência do “grande estilo” a potência que não mais tem necessidade de prova, que desdenha agradar, que dificilmente dá resposta, que não sente testemunhas por perto, que vive sem se dar conta de que existe oposição a ela, que repousa em si, fatalista, uma lei entre leis.

Foi através deste sentido que pensamos em traçar aproximação com o estilo trágico, sangrento e ao mesmo tempo alegre de Nietzsche em sua arte de estilo, pois neste estudo pretendemos fugir aos modelos sistemáticos e tradicional saber/fazer científico nas áreas da educação e das ciências humanas, as quais contribuem para de modo operante normalizar e padronizar nas instituições sociais práticas escolares regidas por verdades prontas, saberes absolutos e regimes de verdades fechados que a nosso ver, são aparatos e sistemas de controle, objetivos e sistemáticos visando à inculcação de suas verdades aos sujeitos em processo de formação presentes em seu território de saberes escolares. Apesar de reconhecermos as raras exceções de práticas e formações discursivas que se diferenciam destes modelos culturalmente majoritários de ensinar-aprender.

Por isto em sua obra a *Gaia Ciência* (1882) entendida etimologicamente como um saber alegre, Nietzsche admite “a séria desconcentração” sob a qual e sem preciosismo nós humanos devemos admitir o poder de errar e de se tornar risível o homem, a partir de sua própria estupidez. Nietzsche anuncia um pensar filosófico bem mais próximo da atividade criativa que envolve a arte e filosofia, realidade, poesia e ficção, e por outros caminhos bem diferentes das formas sisudas e tão herméticas presentes nas tradições da filosofia, das ciências, da teologia e de outras formas de conhecimentos e saberes que ainda hoje estão presentes nas atividades acadêmicas e científicas muitas vezes tão presunçosas.

Neste encontro de outras formas de dizer a verdade, Nietzsche tenha dito de forma irônica, “prefiro mais ser um sátiro a um santo”, e numa ácida crítica à teologia cristã, tenha afirmado que preferiria um deus que soubesse dançar ao invés de se deixar crucificar. Por isto, neste “novo momento/testamento” tenha defendido a ideia de que os homens devem viver suas vidas como uma obra de arte. E para vivê-las, através de outras formas singulares de viver e ser vividas, estaria livremente materializando suas (in) verdades. Na obra: *leituras de Zaratustra* (2011, p.440-441), um belíssimo estudo de: Assim falou Zaratustra, Mendonça assim resume e ressalta a importância de se produzir saberes por outras vias ao dizer que:

[...] a *Gaia Ciência* cumpre o papel de esclarecer o sentido do elogio à arte que atravessa as páginas da obra. Nela, Nietzsche retoma a ideia de que a ilusão e o erro são elementos integrantes da vida em todas as suas instâncias, de que são condições de existência da percepção e do conhecimento; mais uma vez, agora de forma explícita, emerge a ideia de que a própria existência pode ser compreendida como um fenômeno estético. A arte é então apresentada como uma “espécie de culto ao não verdadeiro” que, ao evidenciar os artifícios que a constituem nos sensibilizaria para perceber o que há de artificial e artístico na própria vida e, mais do que isso, para ver com bons olhos o caráter meramente aparente de tudo o que nos cerca: estimularia nossa boa vontade com relação à aparência. Por meio da arte, seríamos levados a compreender o caráter positivo e necessário das ilusões que constituem o que chamamos de conhecimento. Seríamos levados a olhar com boa consciência para o mundo de meras aparências em que vivemos, e ainda a estabelecer outro tipo de relação com o mundo, não mais pautada pela crença moral no valor superior da verdade, mas sim na afirmação do erro, da ilusão e da aparência como elemento próprio e imprescindível ao funcionamento da vida.

Sobre estas enunciações de Nietzsche, passamos a nos interessar muito mais por encontrar nos princípios gregos que marcam o caráter dionisíaco e o apolíneo de dizer a



verdade. Embora nos pareça que Nietzsche tenha dado maior evidência ou para uma aliança entre esses dois princípios ou tão-somente evidenciava sua preferência pela base dionisíaca de falar francamente.

Estas controversas relações binárias entre as questões de ordem apolíneas e dionisíacas trazem, em suas arquiteturas filosóficas de pensar, traçados que nos remetem a outras tradições em que os dilemas acerca da verdade pareciam bastante evidentes.

Sua primeira obra, acerca do nascimento da tragédia, isto é, da arte trágica grega, traz por entre vias reflexivas os conceitos (apolíneo e dionisíaco) que são basilares para a reinterpretação Nietzscheana do sentido e significados metafísicos acerca da tragédia humana, submetida aos cercos ondulantes e protetores por entre os jogos da realidade, por entre as aparências e ilusões. Ousamos seguir questionando a insistente polaridade entre mundos-vontade e/ou mundos-representação.

Sem deixar de lado, ou nos perdemos do cerne de nossas reflexões, ao trazermos estas ponderações significativas sobre a noção ou definição conceitual da verdade, ficou sobretudo, para nós o desejo de apontar um campo de demarcação entre o que parece ausente dos nossos ambientes escolares, isto é, o sentido de corporeidade como sendo também a vontade de dançar, de rir, de se exaltar, de transbordar, de colocar para fora o que parece estar preso, o que parece querer impedir o desejo de subjetivação dos sujeitos, fato tão singular a figura do artista e, por que não dizer dos sujeitos “excêntricos e estranhos” os quais não deixam escapar de si a tão presente alegria de Dionísio.

Ao contrário, e diferente das representações apolíneas muito frequentes nos ambientes escolares, principalmente como incorporam o sentido sisudo, normatizado, ordenador, disciplinador dos corpos nos espaços escolares, como sendo a válvula de escape para que os sujeitos da educação somente por estes caminhos de retidão possam vir a atingir o progresso-sucesso ao longo e após sua passagem pela vida escolar. Esta concepção marcada por critérios de verdades que se impõem sobre os corpos através das vias de escolarização, entendemos como algo lamentável e enviesadas formas de defesa da meritocracia e da talentocracia ainda presentes nestas instituições de ensino.

A partir destas considerações, pensamos que Machado (2005, p. 7-12) venha contribuir decisivamente para pormos com segurança e em bom lugar as controvérsias acerca destas clássicas reflexões sob as quais abordamos o caráter apolíneo e dionísio.

Ao referir-se a uma das principais ideias presentes na obra *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, afirma:

O apolíneo é para Nietzsche o princípio da individuação, um processo de criação do indivíduo, que se realiza como uma experiência da medida e da consciência de si. [...] Apolo, deus da beleza, cujos lemas são “conhece-te a ti mesmo” e “nada em demasia”, é a expressão, a representação, a imagem divina do princípio de individuação. O que se pode compreender pelas duas propriedades que ele encontra em Apolo: o brilho e a aparência [...] Apolo é o brilhante, o resplandecente, o solar. Propriedades que pertence não só a Apolo, mas aos deuses olímpicos em geral e até mesmo aos homens, quando se tornam gloriosos, por seus feitos heroicos [...] conceber o mundo apolíneo como brilhante significa não só criar uma proteção contra o sombrio, o tenebroso da vida, mas principalmente criar um tipo específica de proteção: a proteção pela aparência. Os deuses e heróis apolíneos são aparências artísticas que tornam a vida desejável, encobrendo o sofrimento pela criação de uma ilusão. Essa ilusão é o princípio da individuação. Já o dionisíaco é pensado por Nietzsche [...] em vez de um processo de individuação, trata-se de uma experiência de reconciliação das pessoas com as pessoas e com a natureza, uma harmonia universal, um sentimento místico de unidade. A experiência dionisíaca é a possibilidade de escapar da divisão, da individualidade, e se fundir ao Uno, ao ser; é a integração da parte na totalidade. Ao mesmo tempo o dionisíaco significa o abandono dos preceitos apolíneos da medida e da consciência de si. Em vez de medida, delimitação, calma, tranquilidade, serenidades apolíneas, o que se manifesta na experiência dionisíaca é a *hybris*, a desmesura, a desmedida.

Esta citação nos coloca diante de um dilema em nossas instituições principalmente as escolares: que princípios éticos e morais têm predominado sobre o sentido de corporeidade e do sentido de diferença a partir das práticas discursivas dos sujeitos que protagonizam os ambientes escolares. Por que e como as instituições escolares permanecem sendo centralizadoras possuídas de lógicas tão severamente racionais e legitimadoras de níveis de sua consciência tão distante de qualquer “espírito” alegre, divertido; excêntrico e intruso.

Por isto continuando a refletir sobre estes princípios ético-morais, a partir das noções de apolíneo e dionisíaco, pensamos que esteja estabelecida em tais momentos presentes a inquietante e paradoxal reflexão acerca da postura do homem sobre o mundo, onde nos parece ficar claras as inclinações de Nietzsche para o que estava estabelecido na obra *A Gaia Ciência* (2008) visando principalmente mudar o percurso paradigmático de um espírito apolíneo carregado de ilusões sisudas acerca da vontade de verdade por uma inversão em que a alegria transbordante pudesse nos fazer produzir,

criar e conduzir a vida também por meios “errantes”, como se estivéssemos descontraidamente aprendendo a dançar sem nos importarmos com os rigores técnicos da arte de aprender a dançar sobre elas, mas apenas a vontade de deixarmos transbordar alegre e embriagadamente nossos desejos.

Neste sentido, somos concordantes com Machado (2013, p.26) ao dizer:

É engraçado ver Nietzsche imaginar, no epílogo de A gaia Ciência, os espíritos risonhos de seu vídeo sobre a Gaia ciência livro protesta, gritando-lhe; Não suportamos mais; fora com essa música de corvo fúnebre! Não estamos no âmago da mais radiante das manhãs? Sobre um relvado verde e macio, reino da dança? Houve algum dia hora mais favorável à alegria? Quem nos cantará uma canção tão ensolarada, tão leve, tão aérea que não espante nem mesmo as cigarras- que, em vez disso, em diversos momentos de elaboração do seu pensamento filosófico, Nietzsche sempre foi sensível ao caráter afirmador, transfigurador da vida que a música possui. E Assim falou Zaratustra é uma expressão disso.

Por isto, estamos a trazer os sentidos e significados desta obra, se não é a mais importante, é a que representa significativamente seu estágio de maturidade para viver “postumamente”. Talvez por isto foi que Assim falou Zaratustra tenha sido considerado por Nietzsche uma obra para todos e para ninguém. Então se nossos estudos não pretenderam aprisionar as narrativas de nossos interlocutores e nossas análises decifratórias numa lógica reacionária, também não quis proibir, censurar o livre falar.

Voltando nossas reflexões para o ambiente escolar talvez a alternativa para superar esta polarização representada entre o espírito apolíneo e o dionisíaco, nos espaços escolares, também com lugar de se dizer francamente a verdade, deva-se optar por outros caminhos que venham a selar a aliança entre estes dois princípios revestidos de outros perspectivismos ético morais. Machado (2005. p, 8), ancorado em Nietzsche, assim esclarece:

[...] não é o antagonismo entre o apolíneo e dionisíaco; é a aliança, a reconciliação entre os dois princípios. Neste sentido, um dos pontos mais importantes da interpretação é a ligação que estabelece entre o culto dionisíaco e a arte trágica, defendendo a hipótese de que a tragédia se origina dessa multidão encantada que se sente transformada em sátiros e xilenos, como se vê no culto das bacantes; ou, mais precisamente, de que, no momento em que é apenas coro, a tragédia imita , simboliza o fenômeno da embriaguez dionisíaca responsáveis pelo desaparecimento dos princípios apolíneos criadores da individuação: a medida e a consciência de si.

Por isto consideramos importantes termos atravessado e deslocado reflexões entre o estilo apolíneo-dionisíaco que fala de parressia como vontade de verdade, pois assim nos aproximamos mais de Nietzsche e Foucault na reinvenção do pensar filosófico, educacional e outros saberes que se movimentem em direção a outras compreensões sobre a vida e as experiências escolares. Deste modo, podemos estar reinventado, assim, outras maneiras de dizer a verdade as quais se cruzem para a fecundação de novos e velhos sujeitos que pretendam transformar suas vidas numa obra de arte, assumindo, portanto aquilo que Foucault definiu na tese denominada de ética e do cuidado de si como importante e a favor da produção estética da existência evitando qualquer apagamento do belo diante da feiura existencial que o ameaça. Sobre isto nos esclarece. Chaves (2013, p.33- 34):

Desse modo, o estudo da “estilística da existência” sofreu um duplo processo de apagamento, seja por parte da predominância da “metafísica da alma”, seja pela redução do interesse e do estudo sobre o belo às artes. O que Foucault quer demonstrar, ao contrário, é que é necessário, e imperioso lembra que, na antiguidade, a maneira de ser e de se conduzir dos homens foi sempre um objeto de preocupação estética. A própria existência sempre despertou um cuidado de beleza, de brilho, e de perfeição.

Para se chegar até este estágio de compreensão sobre a estética da existência foi preciso que tanto Nietzsche à martelada como Foucault com suas escavações tivessem clareza para que estava a falar e de qual sujeito deveria ou precisaria ser negado e reinventado a partir de suas propostas destemidas de aprender a dizer a verdade.

Parece-nos principalmente que o Zaratustra, de Nietzsche, sendo ele mesmo, não temeu as consequências de dizer livremente suas verdades cujas consequências têm alto preço a pagar por suas ousadias e atrevimentos diante do poder. Como podemos ver nesta passagem abaixo da obra Assim falou Zaratustra:

Eu subia, subia, sonhava e pensava- mas tudo me oprimia. Eu parecia um doente ao qual seu triste martírio torna cansado e que é despertado, ao adormecer por um sonho ainda pior. - Mas existe algo, em mim, que chamo de coragem: até agora, sempre matou em mim todo desânimo. Por fim, essa coragem, me mandou parar e falar: Anão! Ou tu, Ou eu! - é que a coragem é o melhor matador - coragem que ataca. Pois em todo ataque há fanfarra. O homem, porém, é o animal mais corajoso: assim superou qualquer animal.com fanfarra superou também qualquer dor; mas a dor humana é a dor mais profunda. A coragem também mata a vertigem ante os abismos: e onde o ser humano não estaria diante de abismos? O próprio ver não é

- ver abismos? A coragem é o melhor matador: coragem também mata a compaixão. Mas compaixão é o abismo mais profundo: quando mais fundo olha o homem no viver, tanto mais fundo olha também no sofrer. Mas agora é o melhor matador, coragem que ataca: ela mata até mesmo a morte (NIETZSCHE, 2013, p. 49-50).

Neste mesmo sentido, percebemos mais uma vez que Foucault, a exemplo de Nietzsche, de maneira contundente e sem pudor, parece escavar seus sentidos de verdade diante das instituições que possa questionar sua ordem discursiva. Nestas vias de sentidos outros aproximam-se do pensar de Nietzsche sobre o dizer a verdade, quando na obra o Governo de Si e dos Outros nos provoca a pensar. Como podemos dizer de maneiras diferentes a verdade se há outras, neste sentido que estamos dando à parresia, afirma equivocadamente: “As diferentes maneiras de dizer a verdade podem aparecer como formas, seja de uma estratégia da demonstração, seja de uma estratégia de persuasão, seja de uma estratégia de ensino, seja de uma estratégia de discussão” (p. 52).

Porém, tem Foucault convicções de que a parresia não pode ser simplesmente confundida como retórica, persuasão, ironia, insulto, crítica, juízo ou opinião, ou uma maneira de ensinar como se fossem procedimentos pedagógicos, por isto consideramos estas formas de classificação de parresia muito perigosas e arriscadas.

Neste sentido, Foucault (2013.p. 55-56) sabiamente ainda nesta obra o Governo de Si e dos Outros tenha sido imperativo ao afirmar:

Mas, qualquer que sejam as formas em que essa verdade é dita, quaisquer que sejam as formas utilizadas por essa parresia quando se recorre a ela, sempre há parresia quando o dizer-a-verdade se diz em condições tais que o fato de dizer a verdade, e o fato de tê-la dito, vai ou pode ou deve acarretar consequências custosas para os que disserem a verdade. [...] A parresia deve ser procurada do lado do efeito que seu próprio dizer-a-verdade pode produzir no locutor a partir do efeito que ele produz no interlocutor. [...] Os parresiastas são os que, no limite, aceitam morrer por ter dito a verdade. Ou, mais exatamente, os parresiastas são os que empreendem dizer a verdade a um preço não determinado, que pode ir até sua própria morte.

Foucault e Nietzsche, mesmo em tempos diferentes da era da modernidade, têm fortes cumplicidades em dizer suas verdades, pois ambos tinham plena convicção do lugar filosófico em que falavam e não tinham dúvidas de seus compromissos com a verdade nem do lugar onde estavam a proferir suas práticas discursivas, por serem sabedores que tais relações sociais incidem sobre elas jogos e tramas de poder.

Ambos partiram das mesmas convicções sobre dizer a verdade por entender ser preciso ter dureza nas próprias atitudes para ser feliz e estar de bom humor entre verdades todas elas duras:

A vocês, audazes investigadores, tentadores, e a todo aquele que alguma vez se lançou em mares temíveis com velas astutas – a vocês, os ébrios de enigmas, o alegre do meio dia, cuja alma se sente seduzida com flautas para todos os abismos sem saída: - pois vocês não querem seguir com mão covarde um fio: e onde vocês podem adivinhar; odeiam o seduzir (NIETZSCHE, 1888, p.60).

Seguindo nesta mesma compreensão, para suportar sua solidão, Nietzsche (1888) nos diz em seu poema da pobreza do riquíssimo: “[...] Fora, fora, Ó verdades de olhar sombrio! Não quero ver em minhas montanhas a crer verdades impacientes. Dourada de sorrisos. De mim se acerca hoje a verdade, adoçada de sol, bronzeada de amor, só uma verdade madura eu tiro da árvore”.

Paul Veyne, amigo de Foucault, em sua feliz afirmação nos ensinou que Foucault como um bom Nietzscheano esteve; “disposto a reviver o mundo atual tantas vezes quanto se queira [...]” “que amava a vida e falava da irreprimível liberdade humana [...]” faz ecos em suas análises genealógicas principalmente acerca do dizer verdadeiro.

Reiterando, assim sentencia Paul Veyne (2011, p.187): “Em suma, a obra de Foucault inteira é uma continuação de A Genealogia da Moral Nietzscheana: ele busca mostrar que toda concepção que acreditamos eterna tem uma história, “deveio” e que suas origens nada têm de sublime”.

Neste contexto, abreviamos um texto bastante recente publicado pela editora autêntica sobre estudos foucaultianos intitulado: Parresia, prática de si e moral de código: mais um elo do problema do sentido histórico em Foucault de autoria de Cardoso Jr; Oliva; Rebello (2012, p. 124) no qual ele afirma:

Podemos definir a expressão grega *rappnoia* neste contexto como ‘liberdade em falar, franqueza na fala’ confiança aberta e destemida, coragem entusiástica, audácia, segurança (STRONG, 2006). A falta de instrução ou conhecimento não é empecilho para que proclame a verdade, pois não se trata de uma verdade epistemológica, algo que um sujeito desvende através da pesquisa erudita guiada por métodos rigorosos, mas de uma verdade ética, o que significa que o que está em questão são a coerência entre o que se crê e o que se diz, independentemente das consequências e dos riscos que isso possa acarretar.

Portanto, se fez necessário neste estudo resgatar e revisitar o conceito de Parresia, pois reiteramos dizendo que está consiste somente em dizer que significa literalmente o discurso livre, declaração verdadeira, subjetivação recíproca, prática da veracidade na relação de si, consigo, originária de pessoas sábias e virtuosas que possuem domínio de si (REVEL, 2011, p. 114 -116).

Este sentido imprime uma busca de reencontros e real definição de vontade que parece ser ressignificada e, nesta releitura, não há dúvida de que o exímio pensador Michael Foucault também partilhará cumplicidades intelectuais com Nietzsche como estamos a perceber nos ditos e não ditos deste texto.

Nesta nova moldura e acepção, o conceito de parresia fica então entendido como:

Um tipo de atividade verbal no qual o falante tem uma relação específica com a verdade por meio do falar francamente, certa relação com sua própria vida por meio do perigo, certos tipos de relação conseguem ou com os outros por meio do criticismo (crítica de si e de outrem) e uma relação específica com a lei moral por meio da liberdade e do dever (GROSS, 2004 p. 59 - 60).

Interessa-nos somente aqui, abreviando mais uma vez sobre o sentido da Parresia, dizer que: “na Parresia o falante faz uso de sua liberdade e opta por falar francamente em vez de persuadir pela verdade em vez da mentira ou do silêncio, pelo risco de morte em vez da vida e da segurança, pela crítica em vez da bajulação, pelo dever moral, em vez de seus interesses e da apatia moral” (GROSS, 2004, p. 59 - 60).

Portanto o conceito de Parresia implica afirmação atrevida, ousada e confiada em nome do dizer verdadeiro como sendo, construto de uma hermenêutica do sujeito<sup>9</sup> desejanste, como marcas do pensamento dos de “fora” na busca de constituir-se pela via da diferença.

Tal afirmação nos parece muito próxima do que afirma Bosi (2003, p.27) aproximando verdades, intimidades e histórias de vida ao sentenciar: “As histórias de vida estão povoadas de coisas perdidas que se daria tudo para encontrar; elas sustentam nossa identidade, perde-las é perder um pouco da alma”. Neste sentido, o conceito de

---

<sup>9</sup> De maneira abreviada podemos dizer que A Hermenêutica do Sujeito foi um dos últimos cursos ministrados por Foucault no Collège de France em 1982. Nele o eminente professor abordou questões acerca das técnicas de si e do cuidado de si, ou seja, como fora possível o sujeito tornar-se objeto de conhecimento ao buscar sua identidade como sujeito.

parresia serve-nos para aproximarmos de verdades invertidas que foram atravessadas em diferentes tempo/espacos por entre territórios escolares.

É deste modo que fomos seguindo e narrando nossas verdades atravessadas pelas de outros partindo da percepção de nós mesmos, das experiências de vidas por entre campos de subjetivações que foram também constituindo de modo diferente outros. O biólogo e filósofo Francês Henry Bérson (1859-1941), contemporâneo de Michel Foucault em sua obra "Matéria e memória" se perguntava: "o que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado?". Respondia Bérson (1994, p.44): "percebo, em todos os casos, que cada imagem formada em mim esta mediada pela imagem sempre presente do meu corpo".

E reitera:

O sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social, que circunda o sujeito [...] este presente contínuo se manifesta, na maioria das vezes, põe movimentos que definem ações e reações do corpo sobre o seu ambiente. [...] Estar estabelecido deste modo, o nexa entre imagem do corpo e ação.

Para "fechar" esta reflexão nos ensina Bosi (1994, p.45):

A percepção difere da ação assim como a reflexão da luz sobre um espelho diferiria da sua passagem através de um corpo transparente [...]. Abreviando finaliza: a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo.

Sem pretensões arrogantes, podemos afirmar que tudo que aqui dissemos sobre a noção de parresia, de sujeito, de verdade, de liberdade e de sofrimento, de moral, de ética foi para dizer que o mundo real em que vivemos é tragicamente real, e não há outro. Portanto, nossas memórias escolares e de nossos interlocutores têm diversas marcas de verdades experimentadas. Já aprendemos com Nietzsche a entender que o sofrimento e as dificuldades são algo normal, fazem parte de nossas dores, lutas e esforços constantes, pois para Nietzsche em toda condição de existência humana jamais existira estrada reta até o topo, as curvas são mais desafiadoras e por nada devemos desistir, por isto acreditava que a humanidade deveria ser superada. Afinal reconhece Nietzsche (2004).



[...] Nossas dores vêm da distância entre aquilo que somos ou como fomos inventados e aquilo que nos constituímos em aquilo que somos. Neste particular parece que o segredo diante destes sofrimentos é saber reagir bem, saber se beneficiar e usar o sofrimento para inventar ou criar coisas belas, afinal acreditava-se que todo homem deve ser um deus para si e, neste caso, não há outro no além-mundo.

Trazer essas reflexões de Nietzsche e Foucault para nossas problematizações pensadas a partir dessas experiências vividas de escolarizações não teve outro sentido e significado senão o de elegermos as instituições escolares, através das experiências dos sujeitos homoafetivos velhos (as), como lugar de onde partimos em nossas inquietações acerca da verdade, senão para entender que nestes territórios escolares os sujeitos vistos como estranhos excêntricos são também vistos patologicamente como anormais, e certamente devido às suas orientações homoafetivas não há dúvidas de que em uma sociedade culturalmente homofóbica, heterossexista estes sujeitos passaram e passam por muitos sofrimentos difíceis de serem superados pelas culturas vigentes e hegemônicas nos espaços escolares. A excentricidade também tem custos, o auto governo de si ao não amputar verdades, por está constituído de si mesmo, experimenta delicias e dores.

Por isto, buscar as experiências passadas destes sujeitos que se reinventaram em outras épocas ou num passado recente, contribuiu efetivamente para analisar inversamente como a consolidação da soberania política e das sociedades disciplinares foram impondo padrões hegemônicos de normatização, disciplinamentos, de jogos e trocas de verdades que ordenaram a reprodução de valores homogêneos que verticalizaram padrões de vida, principalmente nas ditas sociedades modernas.

Michael Foucault (1926-1984), em suas obras genealógicas produzidas em 1975, *Vigiar e punir: história das violências nas prisões*, e *História da sexualidade I, vontade de saber*, de 1976, já apontava também outras reflexões consistentes sobre a relação da verdade com a questão da vontade de saber e do poder disciplinar afeitas às lógicas de dominação culturalmente produzidas e inventadas pelas instituições nas diversas formações sociais constituídas para garantir o controle, a regulação e as formas de normatização enquadramento e sequestro das vontades manifestas e, muitas vezes dos sujeitos desejanter.

Foi por isto que resolvemos aproximar este tempo/espço narrado e preenhe de singularidades discursivas tornando-as o foco fundamental de análise na tese acerca de tais subjetivações, práticas de resistências e sentido e significados de liberdade vividos

pelos sujeitos da pesquisa. Portanto é a partir de seus falares que apresentaremos nossas decifrações articulando-as com nossos sentidos de verdade. Antecipando um de nossos pontos reflexivos, podemos dizer que a constituição das verdades dos sujeitos diferentes não acontece felizmente de forma igual às das instituições sociais, nem sobre as mesmas estratégias, métodos de resistência e conquista libertária de suas também não iguais condições.

Neste sentido, Foucault (1987, p. 119) tinha razão ao falar dos corpos dóceis em sua obra **“Vigiar e punir: história das violências nas prisões”** de 1975 ao tratar sobre as práticas disciplinares que contrariam os princípios de verdades para outras práticas de liberdade, quando nos diz:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, “corpos dóceis”. A disciplina aumenta a força do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar, e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

É nesta tentativa de encontrar-nos entre lugares que fogem aos espaços tão comuns, pouco excêntricos que buscamos localizar as “identidades anormais”, “estranhas” e infames para muitos, entendidos aqui como sujeitos circulantes e de “vidas paralelas” que parecem estar inomináveis, ocultos, às vezes, não revelados por suas vidas tão breves e ignorados, invisíveis sendo, portanto, vistos como sujeitos de vidas vulneráveis e ameaçadoras.

Torna-se de bom alvitre dizer, portanto, que estamos tratando de personagens reais, cidadãos republicanos os quais em sua maioria tem seus direitos negados e desassistidos pelo poder público/privado pela falta de simetria entre custo/benefícios por entre cidadania aceita, negada ou conquistada, em que pese o reconhecimento de tímidas conquistas no campo demarcatório do poder do Estado. Não se pode negar que estes sujeitos, na maioria das vezes, são excluídos socialmente devido a assumirem suas orientações sexuais de forma aberta, transparente e genuinamente verdadeiras e prenes da vontade de si mesmos, libertos.

Talvez o filósofo e pai do existencialismo francês, Jean Paul Sartre (1905-1980), tenha tido tanta lucidez ao afirmar que os encontros dos caminhos de maturidade é que

dão sentido à nossa existência, daí o homem estar condenado a ser livre, uma vez que, vivendo sua liberdade autenticamente não poderá deixar que seus projetos de vida sejam refratários de normas impostas socialmente. Reiterando, pois, com base em seus princípios existencialistas, fundamentou: Sartre (1978, p. 06):

O homem é não apenas como se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz [...] o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou um mês? [...] o homem é, antes de tudo, um projeto que vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa pobre ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a este projeto; nada há no céu inteligível, o homem será antes de mais o que tiver projetado ser.

Deste modo, trazemos de volta em nossas reflexões para mais uma vez usufruir o principal personagem de Nietzsche, ávido pelo sentido de verdade diante da falsa moral de seu tempo. Trata-se da figura do Zaratustra<sup>10</sup> apresentado no prólogo da obra: Assim falou Zaratustra, ao narrar que este aos trinta anos deixou sua pátria e partiu para as montanhas. Ainda que ele nos Alpes e montanhas estivesse fazendo suas escolhas por nutrir-se da solidão, pelo desejo filosófico à loucura, diante da incompreensão que o dilacerava, senão, a permanecer morbidamente vivo.

Resumindo, podemos dizer que o Zaratustra, de Nietzsche, veio com tanta força se fazer presente nesta reflexão em várias passagens desta obra distribuída em quatro partes que denominou como um livro para todos e para ninguém.

Pensamos que a filosofia trágica de Nietzsche nos foi muito útil para pensarmos sobre as (in) verdades presentes nas culturas escolares principalmente na atualidade. Pensamos que os sujeitos homoafetivos através de suas histórias de trajetórias de escolarização, nestes diálogos pertinentes entre narrativas e práticas discursivas dos interlocutores vieram por estas esteiras destes pensadores principais que assumimos nos ajudar a metamorfosear e ressignificar os lugares comuns através dos quais se ensina e se aprende, sobretudo, onde no revés residem culturas e orientações diferentes, porém constituídas de vontades e regimes de verdades outras.

Neste sentido, O Zaratustra, de Nietzsche, através de seus aforismos e fragmentos foi dando passagem para mais à frente o pensar de Foucault sobre o conceito de parresia que trouxemos com frequência neste estudo com o propósito de nos

---

<sup>10</sup> Zaratustra trata-se de um personagem da Obra de Nietzsche: assim falou Zaratustra de (1883-1885) que por assim dizer, tratava-se de um sujeito fictício um tanto, poeta, filósofo, satírico, visionário que em suas andanças fazia valer suas vontades de verdade em dizer livremente o que pensava.

posicionarmos como o **Educador**, o **Pesquisador e o Aprendiz** para a (re) invenção de nós mesmos fazendo elo com nossos interlocutores diretos da pesquisa; os sujeitos homoafetivos na passagem de tempo para o envelhecimento.

A aproximação do Zaratustra, de Nietzsche, e os parresiastas, de Foucault tem algo em comum com nossas vontades de verdades para falar sobre sexualidade, envelhecimento e escolarização através das histórias e experiências de vida presentes que destacaremos nos relatos abaixo.

Ancorado principalmente no conceito de Parresia, consideramos que ao trazê-lo neste estudo, ele nos movimentou a pensar, a analisar, a decifrar as narrativas enunciadas dos sujeitos da pesquisa. Sobretudo elegendo o conceito de parresia como âncora, podemos dispor e assumi-lo como princípio ético nestas escavações.

Assim sendo, direcionamos nossos falares e experiências vividas como **Educador** tendo como cenários os espaços de sala de aula, os lugares da gestão educacional, as salas de reuniões, entre tantos eventos que vivenciamos e que foram e são os ambientes de onde trouxemos a ocupação e arquitetura deste lugar para neste momento protagonizar as partilhas de sonhos, esperanças apesar de tantas pedras nos caminhos.

E ainda permanecemos vivos para tantas vezes que forem necessárias fazer valer com ousadia nossas vontades de verdades e sem medo, como no dizer de Foucault, produzir uma ontologia do presente majoritariamente constituída de sujeitos heterotópicos<sup>11</sup>, ou seja, aqueles considerados desviantes, os excêntricos, os anormais que se movimentam por espaços e entre lugares diferentes e incomuns aos ditos normais. Foucault considerava que partes dos indivíduos na velhice estão ali representadas.

Neste sentido, Foucault (2013, p. 64) na obra *O Governo de Si e dos Outros*, entende que dizer a verdade é um ato de veridicção ou de veridicidade, daí assevera:

A parresia é a livre coragem pela qual você se vincula a si mesmo no ato de dizer a verdade. Ou ainda a parresia é a ética do dizer-a-verdade, em seu ato arriscado e livre. [...] O parresiasta, aquele que utiliza a parresia, é o homem verídico, isto é, aquele que tem a coragem de arriscar o dizer-a-verdade e que arrisca esse a dizer num pacto consegue mesmo, precisamente na medida em que é o enunciador da verdade. Ele é o verídico. E [...] me parece que a

---

<sup>11</sup> A Heterotopia e os sujeitos heterotópicos são para Foucault os lugares ou entre lugares onde os indivíduos de comportamentos desviantes em relação aos padrões normativos se fazem presentes nestes espaços no interior da sociedade.

veridicidade nietzschiana é certa maneira de fazer agir essa noção cuja origem remota se encontra na noção de parresia (de dizer-a-verdade) como risco para quem anuncia como risco aceito por quem a enuncia.

Com aprendizado da metodologia genealógica de Foucault, pensamos ser preciso e necessário conhecer as particularidades e os pormenores nas relações de poder que pretendíamos localizar para apontar - em que e como - poderíamos demarcar nossa tese.

Por isto nos coube dizer que os esforços de escavações de Nietzsche e Foucault nos fizeram pensar sobre a vontade de verdade atravessada efetivamente por questões de ordem filosófica e por relações políticas e educacionais assim como por pontos relacionados com a ética e a estética da existência trazidas nas elaborações do último Foucault já próximo de sua morte em 1994.

Tais autores não pouparam críticas, desde século XIX, passando pelo século XX, o questionar as ilusões veiculadas pelos holofotes do século das luzes que fez prosperar o universalismo do mundo moderno com suas grandes narrativas duvidosas acerca da verdade e da liberdade circulante na figura imagética da criação de Deus, do Estado moderno e da racionalidade científica. Nasce, portanto nesta perspectiva uma necessidade contundente de focar na ideia de parresia como sendo uma vontade de verdade que se situa no território do poder e da política, das tramas, trocas e jogos de poderes, com seus rearranjos ideológicos e alienantes.

O que pretendia Foucault, assim como Nietzsche, era entender este conceito movimentando-se por entre exercício do poder, da prática discursiva, da ordem do discurso acerca da verdade e da liberdade moderna como seus estatutos de cidadania políticas. Neste sentido, a parresia para Foucault passa a ser entendida ou constituída como uma estrutura político-pedagógica e, por que não dizer, pedagógica e política.

Este exercício de poder e da política que buscamos compreender serviram-nos de pilares para a compreensão do curso de pedagogia e ciências sociais, pois principalmente através deles fomos nos constituindo como professor e pesquisador do magistério de nível superior. Por isto, devemos dizer que foi nesta relação, principalmente com os alunos, que fomos aperfeiçoando nossa compreensão para entender que todas as práticas e formação discursivas no campo da educação/escolarização, sobretudo, se constituem numa pedagogia da política, bem como em múltiplas políticas pedagógicas alçadas por mensagens e formas de comunicação, por bases epistemológicas, por práticas e formações discursivas que

induzem observações e significados pautados por critérios de verdades. Infelizmente, são práticas e formações discursivas as quais têm majoritariamente se exercitadas para a fabricação e produção de corpos “dóceis” como afirmou Foucault em *Vigiar e Punir*.

No exercício do magistério de nível superior ou mesmo como aluno, vivenciado por nós como discente de cursos de Pós-graduações *stricto e lato sensu*, constatamos que as situações não são tão diferentes. Afinal, desde o início de nossa carreira profissional como docente no exercício do magistério do terceiro grau, ocupando a cadeira de Sociologia da Educação, fomos por outras dobras buscando outras formas de convivência e experimentando outras relações entre docentes e discentes através de diálogos permanentemente com outros iguais e diferentes de nós.

Saídos de vários espaços de territorialidades e constituídos de traços culturais bem como de outros diante dos ditos que nomeiam de urbanidade, de cultura, de territorialidade, de afetividades e desejos subjetivados. Sobre suas orientações sexuais e afetivas, nunca nos foram tão explícitas, apenas se podia deduzir, comentar e muitas vezes até se subjugar através de outros marcadores sociais, por questões étnicas e raciais, por julgamento de origens familiares, por seus níveis de escolarização, pelos trejeitos visíveis nos hábitos, costumes, crenças, linguagem, e simplicidades como vivenciam “seus mundos”.

Foi no exercício deste magistério do ensino superior que fomos- nos defrontando com outros sujeitos e, através destas trocas, fomos aprendendo a nos constituir como educador para então vivermos, aprendermos a compartilharmos saberes com tantos outros tão singularmente distintos, num mundo repleto de semiotizações e corporeidades.

Ao longo de nosso trajeto como educadores, fomos percebendo e construindo o lugar político pedagógico de onde estávamos a exercer nossa profissão.

Os hábitos, costumes, a tradição de cada lugar e o conjunto de simbolizações trazidas por cada um passam a ser dispositivos que produzem seus sujeitos nas interfaces com as diversas instituições de ordenamento de poder nas sociedades e comunidades com suas particularidades.

Tais movimentações por entre culturas e as tradições desses ambientes produziram diversas identidades, diferentes grupos sociais e instituições de poder que, ao longo dos anos, passaram a demarcar as perspectivas destes lugares com sua ampla capilaridade no presente. Suas vozes ativas são os registros paradoxais que se constituem marcadores sociais muitas vezes inauditos de um passado presente que

projetam descaminhos por entre marcas de exclusões, silenciamentos, impunidades, invisibilidade e descasos. Mas que também são capazes de revelar as particularidades e singularidades escondidas através de padrões normativos universalistas.

Foucault considera que todas as relações humanas entre sujeitos são permeadas pelo poder, seja ele opressor ou produtivo. Pois isto ele advogava em sua reinvenção do poder como não sendo somente esfera centralizada no poder do estado, mas de forma circulante estando presente em todos os lugares das vidas dos sujeitos.

Foi neste sentido que estudiosos de Foucault chegaram a atribuir em suas reflexões três dimensões presentes na esfera do poder na sociedade; o poder do soberano, o poder disciplinar e o poder relacionado de exercício do poder.

Somente através deles fomos nos reinventando, pelo sopro de seus saberes e experimentações, das tramas dos jogos de poderes, que nos fecundaram definitivamente o desejo pelas letras vivas, da precedência das leituras de mundo que se cruzam polemizando com as formas de escritas, firmando nossos desejos e opção em estudar ao invés das celebridades a inefabilidade, não somente da cultura letrada como também as culturas vividas, os super-homens às avessas dos princípios e imperativos das grandes narrativas presentes nas culturas das homonormatividades. Nossas vontades e desejos de verdade de elucidar novos caminhos sobre estes sujeitos ainda que fosse a fios de velas na escuridão da noite, por entre armadilhas e encruzilhadas, sobre fortes ventanias diante das metáforas, aforismo ou fragmentos fomos tentando revelar nossas verdades e percepções para nos ajudar a decifrar estes anonimatos produzidos por entre noites sem luar onde repousam os corpos diante do silêncio das noites escuras e frias.

Por isto, este conjunto de reflexões atravessadas por processo de educação/escolarização mediado por objetividade e subjetivações foi o que nos pôs a pensar sobre o que Nietzsche e Foucault desejam ante a qualquer ideologia e nos fez entender realmente o que pode a educação e como deve a educação/escolarização fazer por entre tramas, por entre trocas e jogos, a inversão do real e da verdade, nos possibilitando dizer outras verdades invertidas a partir dos contextos históricos e da correlação de forças presentes no cenário político pedagógico e de saberes educacionais vividos em nossas cidades, em nossa região ou em qualquer lugar do mundo. Todas essas possibilidades em torno de todas as políticas educacionais também estão voltadas para os desejos subjetivados de querer francamente dizer verdades, embora muitos as usem para usufruir o direito de narrar belas mentiras.

Tornou-se, portanto, para nós um desejo evidente de aqui ressaltar que ambos os autores acima citados, isto é, Nietzsche com sua filosofia trágica, e Foucault com seu pensamento transversal não se dedicaram exclusivamente a estudar a educação/escolarização. No entanto, pensamos que em seus deslocamentos conceituais apontam no conjunto de suas obras para a transversalização do tema da educação e da pedagogia com maestria.

Por exemplo, Foucault, em suas obras *Vigiar e Punir*; *História da Violência nas Prisões* apresenta bem claro como as instituições na sociedade moderna (entre elas as escolares) usando de suas ferramentas e tecnologias de poder impõem formas de modelização e padronização dos corpos dos sujeitos não somente através de técnicas, tecnologias e estratégias de suplicios como no passado, mas por meio de técnicas universais de docilização e disciplinamentos para impor aos sujeitos seus regimes de verdades.

Não sem razão Foucault (2006, p. 118-119) indaga por que o século XVIII teve tanto interesse sobre as análises e domínio de saberes sobre corpo-sociedade-poder. Sendo enfático e profundo ele afirma:

Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, no exército, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.

E de maneira genial assevera:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o trona tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta a força do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o



produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Portanto, Foucault em suas vontades de dizer- a- verdade tece críticas severas às instituições de poder na sociedade desde a época clássica, como assim a chamava, até principalmente a era moderna.

Porém ao colocar em foco suas reflexões acerca do sujeito, Foucault não temeu dizer em sua vontade de verdade da necessidade de reinvenção da ideia de poder, principalmente atravessada por Nietzsche acerca do “super homem” ao recusar qualquer perspectivismo metafísico e religioso sobre sua vontade de potência, ou sobre a vontade de se produzir uma compreensão dos sujeitos e do poder.

Nestas mesmas dobras, outro ponto bastante interessante presente nas reflexões do último Foucault estava direcionado por seu interesse em construir a base de sua ética e estética para a produção do sujeito como uma bela obra de arte, a partir da ideia de cuidado de si e do cuidado do outro, como já mencionamos anteriormente.

Foucault acreditar que o poder exercido pelas instituições em direção aos sujeitos e destes para as instituições não pode ser visto apenas e somente de forma negatizada.

Ele nos fez pensar que, se é verdade que as relações de poder e disciplinarização têm um forte conteúdo de dominação, opressão, sujeição, também é verdade que as relações de poder podem também ter efeito ou ser pensadas como produção para a constituição das subjetivações. Haja vista não somente as instituições agirem sobre os indivíduos, o contrário também se aplica para Foucault, porque neste último caso, o poder seria circulante, descentrado e estaria se exercendo ao mesmo tempo de múltiplas maneiras e em muitos lugares.

Com esta sua compreensão de poder Foucault nas esteiras de Nietzsche desmascara a compreensão enviesada de que somente o poder disciplinar exerce influências sobre os corpos disciplinados.

Nietzsche, mesmo sem nunca ter sido especialista na área educacional em sua vontade de verdade, como vemos e entendemos a partir do conceito de *parresia*, quis dizer com autonomia e livremente como compreende as instituições escolares a partir dos sujeitos da educação. Não por acaso tece assim como Foucault fortes e ácidas críticas a toda lógica racional trazida em especial pelo pensamento moderno e a filosofia a martelada de Nietzsche quis também desmascarar, assim como Foucault, as propostas

de formação e práticas discursivas das instituições sociais e, em nosso caso, as escolares livrando os indivíduos desta imposição de padronização.

Os sujeitos para Nietzsche devem despertar para sua vontade de potência para poder tornar-se criadores de sua própria existência, somente por estas dobras poderão desenvolver seu talento, sua força superior a qual não depende de forças externas ou sobrenaturais. A verdade como vontade de potência, em Nietzsche, tem marcadores de afeto, de sensibilidade e de negação das pulsões reprimidas, acomodadas e gelatinosas, impostas pela cultura de poder presentes nas instituições.

Neste sentido, parece que Foucault assim como Nietzsche passam a defender as filosofias voltadas para a vida, para o valor estético da existência humana em negação, as formas de controle, de burocratização e gerenciamentos sobre a condição do sujeito humano bastante presente nas instituições de poder.

Pensamos que ambos são cúmplices da reinvenção de outras formas de existência que não estejam condicionadas por processos de normatizações. Na verdade tanto a ideia de super-homem de Nietzsche, como a da vida como uma obra de arte são apontadas não como prescrições, mas como seu ato de saber dizer- a- verdade como tessituras insistentes que estamos reforçando para que ao longo deste texto fiquem cravadas em mentes e corações estas belíssimas definições conceituais de: parressia que esperamos ter sido claras.

Neste sentido, não nos coube duvidar de que os sujeitos em seu tempo/espacos podem com ousadia descobrir suas energias e potencialidades para a superação de si mesmos e dos outros tornando possível a reinvenção de sua condição humana.

Foucault encerrava seus escritos na obra: *As palavras e as Coisas* (1966) nos remetendo a tão genial e profunda definição acerca da condição humana:

Uma coisa em todo o caso é certa: é que o homem não é o mais velho problema nem o mais constante que se tem posto ao saber humano [...] pode-se estar certo de que o homem é uma invenção recente. Não foi em torno dele e dos seus segredos que, por longo tempo, obscuramente, o saber rondou. De fato, entre todas as mutações que afetaram o saber das coisas e da sua ordem, o saber das identidades, das diferenças, dos caracteres, das equivalências, das palavras – em suma, no meio de todos os episódios desta profunda história do mesmo -, [...] O homem é uma invenção e uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente [...]. Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram [...] então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como à beira do mar um rosto de areia. (FOUCAULT, 1966, p. 501-502).

Neste itinerário atravessado pelos saberes de Nietzsche e Foucault com suas maneiras peculiares de dizer suas verdades, foi que quisemos seguir como **Pesquisador**, neste momento, para fazer desta oportunidade uma possibilidade de construirmos caminhos genealógicos de investigações que viessem identificar as singularidades dos acontecimentos. Isto consiste em dizer “que a genealogia trabalha, portanto, a partir da diversidade e da dispersão, do acaso, dos princípios e dos acidentes [...]” (REVEL, 2011, p.69).

Afinal, o pesquisador que operar com pensamentos diferentes por dentro de uma proposta de genealogia foucaultiana do saber/poder deverá saber que será preciso estar consciente de que ele deverá primar pelas multiplicidades, heterogeneidades e singularidades dos sujeitos na permanente vida política e do poder manifesto em cada um por caminhos transgressores, intempestivos, incendiários e não outros.

O sujeito nomeado por Foucault não pode ser visto como algo dado ou que precisa ser lapidado pelas instituições sociais, religiosas, políticas, entre outras, inclusive as escolares, que, para fazer funcionar suas tecnologias e estratégias de poder se põem a sequestrar, esquadrihar os sujeitos para que uma vez domesticados, docilizados passem aos convívios mais complexos de sociabilidades.

Para Foucault, estas estratégias de poder por parte das instituições precisam ser desmascaradas, por entender que o sujeito é uma construção histórica cuja base genealógica foi produzida pela sociedade moderna. Não por acaso Foucault ter o entendimento de que se os sujeitos são inventados é obvio se pensar que historicamente também as instituições de poder foram inventadas por entre tempos/espacos. O elemento diferenciador entre sujeitos e as instituições se deve ao processo de subjetivação.

O conjunto destes não poucos transbordamentos que relatamos vem engravidado pelo caos, pela desordem, pelo imprevisível, pelas necessidades de inconformismos pelas tragédias humanas que gravitaram, sem régua e compasso, por nossas “órbitas” para a busca de entendimentos e (in) compreensões de acontecimentos ou de interdições que não se esgotarão.

Portanto, os anúncios ditos e não ditos que fizemos nestes interstícios como aprendiz- professor- pesquisador, nos levando a subjetivar para este campo de saberes que em grande parte nos vieram das experiências e práticas educacionais, do ensino, do processo de escolarização, das militâncias pastorais, da participação política partidária, dos movimentos de base e do chão e quintal das casas comuns, das passagens pelas

noites obscuras e taciturnas dos subúrbios e baixadas onde na busca de dar sentidos à nossa existência fomos encontrando estes indivíduos tão singulares em suas intimidades e desejos, procurando se descobrir, assumir, sair dos “armários”, revelando todos os sentidos e sem direção certa de seus desejos por entre curvas de subjetivação sem ponto de chegada definido.

São todos estes múltiplos acontecimentos que fundamentalmente marcaram nossos compartimentos e zonas de afetos, memórias, lembranças, invenções e reinvenções e intervenções para neste momento nos fazermos pesquisador de um tema tão profícuo.

De lugares, de saberes comuns e incomuns visamos deixar marcas destas reinvenções através de nossas intervenções ao longo destes textos, através destas memoráveis experiências e oportunidades de novos saberes, indescritíveis e tão singulares que estivemos muito empenhados em desvelar para nos permitir subjetivar como pesquisador.

Vale ressaltar que achamos de bom alvitre dizer que em nossa tradição de pesquisa, principalmente *stricto sensu*, ainda é bem recente o encaixe destas temáticas, porém promissoras as receptividades e aos interesses gradativos, principalmente na área de Ciências da Educação.

Então, se de fato pesquisar for construir perspectivas teóricas e metodológicas, recursos, instrumentos e ferramentas técnicas para nos auxiliar a operar, examinar sobre os fascínios de nossos achados e nos antepor para a produção de verdades, na perspectiva de que a cada movimento da pesquisa nossas convicções e outro deslocamentos de vontade de verdades para que novos saberes tenham sido concretizado.

Deste modo, não nos foi tão óbvio, dizer que a criação e invenção deste imaginário sobre as condições de **aprendiz** na Pós-Graduação ancorado no personagem de Zaratustra, de Nietzsche, para falar destas vontades de verdades tenham nos sido tão intenso para dizer sobre nossas vontades de verdades, mesmo reconhecendo os limites que todos temos na condição de aprendizes. Apesar de tudo, estas experiências nos serviram de alerta para entender uma rede de reflexões que antes não fazíamos, por exemplo, estudar os “infames de Foucault”, os super-homens de Nietzsche e os (as) velhos (as) homoafetivos de hoje através dos modos de objetivações e subjetivações que se inserem no processo de transformações dos seres humanos, antes sujeitados, coisificados, abjetos.

Portanto, como aluno de um curso de Pós-Graduação em educação, não foi fácil tentar construir outras verdades para denunciar as formas sutis e sofisticadas de naturalização pelas quais os corpos no interior das instituições sociais, principalmente as escolares, produzem principalmente atravessados por diversas vias de encontros e desencontros, (des) caminhos legitimadores de várias gerações reveladoras da fisionomia das instituições de poder. Deste modo, queremos afirmar que este estudo quis reiterar nosso comprometimento com a verdade construída neste estudo, a qual foi ancorada por perspectivas genealógicas foucaultiana.

### **3 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO FOUCAULTIANO: DESAFIOS E TRANSBORDAMENTOS NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO**

“O olhar que observa se abstém de intervir: é mudo sem gestos. A observação nada modifica: não existe para ela nada oculto no que se dá. O correlato da observação nunca é o invisível, mas sempre o imediatamente visível”.

(Foucault, 2014)

Será de bom alvitre apresentar nesta seção como operamos com os referenciais presentes no pensamento e nas abordagens teórico metodológicas de Michel Foucault em constantes diálogos com outros autores que fizeram parte de repertórios epistemológicos proximais que contribuiram para que nós pudéssemos compreender as fases genealógicas e da estética da existência por ele inventadas. Foi com base nelas que procuramos nos apoiar para pensar e analisar as categorias conceituais centrais deste estudo, já mencionadas.

Trata-se de dizer que nossa opção, neste momento, foram as ideias e pensamento não somente de Michel Foucault (1926-1984), mas também de Nietzsche (1844-1900), os quais se constituíram como fios condutores teóricos e metodológicos para tratar de desvelar e escavar sobre a temática de tese. Dizer isto foi para que consideremos o lugar de onde falamos, a quem nos dirigimos, e quais os rigorosos caminhos que fomos percorrendo com eles, para fazer uso de seus monumentais pensamentos tão instigantes e com lugar de localização bem definidos.

Certamente não tratamos de recortar aleatoriamente, sobretudo o pensamento de Foucault, para situá-lo no contexto de nossos estudos, e nos movimentando pensar a partir de eixos temáticos de suas próprias teorizações que nos influenciaram diretamente. Como por exemplo, podemos dizer que as questões voltadas para: a estética da existência humana; a ética e o dispositivo da sexualidade; as hipóteses repressivas, o uso dos prazeres, a problematização moral e da religião sobre os prazeres, a condenação dos corpos, os corpos dóceis, as sanções normalizadoras, os sujeitos de vida infame. Assim como consideramos relevante pensar no contexto das histórias da sexualidade e da estética da existência, sobre: controle e regulação, disciplinamentos dos corpos, estratégia de poder por entre formas de vigiar e punir. Estes vastos repertórios produzidos por Foucault certamente nos permitiram atravessamentos de fundamental importância.

Para se chegar até aqui, damos por certo que nossas leituras de suas principais obra, têm diretas sintonias com nossas perspectivas nesta tese, a ponto de nos fazerem pensar e nos inscrever nas inter-relações de gênero, identidades, diferenças e de intergeracionalidades e dos estudos sobre diversidades socioculturais como base nos dispositivos do poder/saber/prazer institucionalizados, sobre os quais se movem múltiplos sujeitos por entre distintos modelos societários e culturais em qualquer tempo e lugar onde, por eles se produzem e são produzidas outras vias de invenções das múltiplas sexualidades, de (re) invenções da velhice, e de muitas práticas e experiências discursivas de escolarização que se empoderaram por entre tramas e relações sociais.

Vale dizer que ancorar alguns pontos deste estudo no pensamento da suspeita, e do trágico de Nietzsche e na genealogia foucaultiana, através de suas experimentações, nos abriu caminhos e possibilidades para possíveis análises decifrativas. Isto não significa descartar outras partituras para pertinentes diálogos e interlocuções que transversalizem o tema em foco, seja para firmar posições, apontar pontos divergentes, limites, ou avanços que selam tentativas voltadas para ampliar reflexões e abordagem no campo das ciências humanas, da filosofia, da ciência política, dos estudos culturais e, sobretudo, dos saberes na área da ciência da educação, em sintonia com as áreas do: Currículo, epistemologias e história.

Não nos cabe compartimentar por fases ou campo muito específicos o aporte teórico-metodológico foucaultiano que usamos como ferramentas para nos posicionando dando respostas aos problemas desta investigação. Se por esta via optássemos, estaríamos equivocadamente a desdenhar de seus tão evidentes, complexos e profundos saberes e experimentações.

Afinal, Foucault negava qualquer possibilidade de classificação ou hierarquização sobre o pensamento e Nietzsche tinha mais intimidades com as imprevisibilidades que rondam as incertezas das curvas. Portanto, ambos se puseram a negar o arquivismo necrófilo da história como campo da ciência tradicional que vasculha a história como tramas de grandes narrativas de relações de poder de um tempo já passado como se este não tivesse deixado vestígios no tempo presente, mesmo considerando outros sujeitos inventados.

Ao contrário disto, as suspeitas de Nietzsche e a função da arqueologia e da genealogia para Foucault foram descrever as especificidades, as diferenças dos discursos e dos tempos das narrativas, porém situando-os nas relações e tramas de poder

presentes por entre formação e práticas discursivas para em seus mínimos detalhes escavar as micro físicas do poder.

Dizia Foucault (2003, p.169-171), em *Arqueologia do Saber*,

[...] ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar [...] ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento [...]. E reitera: [...] “definir os discursos em sua especificidade; mostrar em que sentido o jogo das regras que utilizam é irreduzível a qualquer outro [...]”. Completa: A arqueologia não é ordenada pela figura soberana da obra [...] ela não quer reencontrar o ponto enigmático em que o individual e o social se invertem um no outro [...]. A arqueologia para ele: [...] não é o retorno ao próprio segredo da origem: é a descrição sistemática de um discurso-objeto.

Esta (im) previsibilidade ou negação de qualquer prescrição presente nestes autores já mencionados nos faz reiterar que não quisemos nestes estudos de tese ancorar ao pensamento foucaultiano apontamentos performáticos, fechados e conclusivos deste consistente e talentoso pensador como se, por sua grandeza, ele pudesse ser um pouco de tudo: Um genealogista do poder, arqueólogo do saber, historiador selvagem e perverso, pensador da transgressão, analista de processos de judicialização ou psiquiatrização, arquivista, estruturalista, pós-estruturalista etc.

Foucault pode até ter sido um pouco de tudo isto, porém, pensamos em compreendê-lo em sua totalidade de pensamentos, de produções, de possibilidades de experimentações, de percepções, de deslocamentos e geniais invenções que nos deixam desassossegado e inquieto. Nesta busca, não seria acertado forçar ultrapassagens desnecessárias, para se chegar às mais intrusas (in) conclusões. As ferramentas foucaultianas e as suspeitas de Nietzsche estão sempre de passagem e dispostas às escavações e às marteladas.

Deste mesmo modo, diríamos que também trabalhar com o pensamento de Nietzsche como outra âncora nos deu a oportunidade de pensar metodologicamente na possibilidade de fazer decifrações de caráter histórico por outros modos de pensar a história com suas pulsantes e contraditórias movimentações. Em sua obra *A Gaia Ciência*, Nietzsche produz um saber alegre nos livrando de didatismos, de preconceitos, de sisudos saberes religiosos. Para enfim nos dizer que de outros modos também se pode produzir conhecimentos, que ao privilegiar reflexões sobre o saber humano se possa, ao menos, considerar que as experiências de vida são fontes de conhecimentos



capazes de construir espírito livre. Nietzsche também criticou o corte de navalha, toda a vilania do poder religioso e moderno que adoeceu os corpos deixando-os fadigados, empobrecidos, abertos às feiuras, aos ressentimentos e a ocultação do sofrimento, sobretudo, a mal- dizer que enseja sua existência.

Talvez o frágil estado de saúde de Nietzsche que o levou a sofrimentos e estado de profunda melancolia e morbidez tenham sido os pontos cirúrgicos que lhe possibilitaram, e o inspiraram a compreender a fundo o que estava às margens e às bordas da tradição e da clássica reflexão trazida pelo platonismo acerca da separação entre alma e corpo, espírito e pensamento, razão e ação, como sendo para ele formas decadentes e amorais impostas e ainda mais consolidadas principalmente pelas luzes da era da modernidade.

Nietzsche, não sem razão, seguiu por outras vias para produzir uma filosofia do corpo que primasse por entender como o sofrimento, a dúvida, a suspeita, a convalescência, os enigmas, as incertezas podem, por assim dizer, constituir-se em pontos de desvelos para libertar o espírito, para a alegria, para a algazarra, para a dança diante destas realidades que pulsam tragicamente, mas que, ao mesmo tempo, são partes constituídas e de fundamental valor para a sustentabilidade de nossa existência.

Na verdade, em suas obras, Nietzsche e Foucault pretendiam através de suas suspeitas produzir outras releituras e reescritas por entre diferentes formas de pensar sobre os movimentos dos corpos indo para além dos aprisionamentos, das formas mecânicas e meramente fisiológicas de concebê-los como fazem as instituições sociais e, em particular, as escolares nascidas no seio da modernidade sustentadas por pedagogismos referenciados pela tradição humanista e também indutora de postulados conservadores sobre a utilização dos corpos.

Nossos autores tecem suas valiosas, desconcertantes e ácidas críticas a estes legados ancorados por uma (i) racionalidade, isto é, (des) razão, que foram sendo tecidas e se produzindo negando as bilateralidades entre as forças que compõem as sociedades por entre tempos e épocas.

Portanto, o desafio lançado e ancorado nos aportes teórico-metodológicos foucaultianos e nietzscianos foi o de fazer percursos que fossem lançados com base em nossas hipóteses erguidas como desafio, sob os quais procuramos articular pensamento e empiria, experimentações e documentações, subjetividades e objetividades, ditos e escritos, perspectivas históricas e possibilidades de invenção de uma análise, por travessias intrusas nas profundidades dos pensamentos em movimentos destes grandes

pensadores que, mesmo sendo formados dentro de uma cultura ocidental com fortes influências das instituições religiosas e científicas, conseguiram através de seus modos e estilos de pensar colocar sob suspeitas todo um legado intelectual e histórico pensado pelo ideário de sustentação simbólica e ideológica que ancoraram as verdades impostas e inventadas por entre modelos societários.

### 3.1 O percurso teórico-metodológico

Como temos mencionado, buscamos contribuir sem preciosismos utilizando, do ponto de vista teórico-metodológico, as ferramentas foucaultianas para movimentar os espaços tão vaidosos das academias, das instituições escolares, as quais têm enormes dificuldades de assimilar pensamentos selvagens, intempestivos, transgressivos e ousados. Deste modo, as contribuições de Foucault constituem-se numa reinvenções do pensamento moderno, que nos seduziu e mobilizou para (re) apreender a escavar distintos saberes.

Através delas, atravessamos e transversalizamos reflexões sobre os estudos geracionais, étnico-raciais, de gênero, de identidade e diferenças, de representações e significações, de semiótica, de memória, de poder e da política, dos sujeitos e das subjetivações, cujos eixos temáticos conceituais já anunciados não estão à espreita de bricolagem, emolduramento sem sentidos ou fragmentações superficiais desfocados completamente do lugar de origem de produção dos autores nos quais nos ancoramos.

A força e a potência presentes em suas abordagens teórico-metodológicas jamais permitem voos rasantes e ilusórias, ao contrário, constituem-se para quem neles se ancoram em desafios aos estudiosos, pois são como dinamites, pensamentos intrusos e complexos, e explosivos que fazem sangrar muitas escrituras de tese.

Tais estudos e suas várias matizes marcaram os grupos socioculturais e os de orientação homoafetivas como GLBT (Gay, Lésbica, Bissexuais, Transgêneros), assim como os movimentos geracionais e culturais voltados para a educação inclusiva, para o pensamento pós-estruturalista, para as teorias Queer, para as filosofias dos movimentos, da diferença os quais passaram a ser as principais correntes de produção ou campos de saberes provocadoras de rupturas e que (re) inventam para além dos muros da modernidade.

O conjunto destas vertentes teóricas, de opiniões, de engajamentos sociais por entre múltiplas movimentações, em especial nos movimentos acadêmicos e literários

não nos deram outras visibilidades, senão de evocar os “de fora”, mesmo que contenha pontos de vistas dissonantes por vias difusas, complexas e indefinidas, para fins de enquadramento teórico-metodológico.

Nestas árduas e difíceis tarefas de deslegitimar ou polemizar com os campos de saberes teórico-metodológicos de bases deterministas e positivistas nas áreas das humanidades para considerando suas enunciações, produções de saberes e regimes de verdade que antes pareciam inatingíveis e sob qualquer suspeitas em pleno vigor e auge do pensamento moderno. Fazer contrapontos, ante a este paradigma teórico-conceitual ficou claro para nós que os aportes teórico-metodológicos foucaultianos com seu vasto repertório de pensamentos explosivos certamente serviram-nos como ferramentas elementares para estas profundas e arriscadas travessias por onde ousamos nos aventurar.

Pensar a pesquisa por outros caminhos diferentes nas áreas de saberes das ciências sociais, artes e humanidades, e da ciência da Educação, sobre outras escritas e assinaturas, principalmente no Brasil, constitui-se num fenômeno recente. Isto justificou ainda mais o nosso desejo de seguir adiante.

Produzir uma tese em educação ancorada à luz de projetos político-pedagógicos profanos, como nos diz Larrosa (1998) é, sobretudo, ter a consciência de que por eles, os saberes, métodos, os tecnicismos, as falsas moralidades que se impõem através de modelos ou paradigmas educacionais deverão, na menor das hipóteses, ser “distanciados de qualquer pretensão de objetividade, universalidades ou sistematizações e, inclusive, de qualquer pretensão de verdade”. (LARROSA, 1998, p. 7-8).

As novas abordagens que se engendram, sobretudo a partir de meados dos séculos XX e início do XXI, cercam de reais possibilidades a tentativa de implementação de novas políticas públicas, de novas bases epistemológicas, de novos paradigmas, de novas "incertezas" e tentativas de transgressividades para um novo (des) ordenamento conceitual e cultural acerca das relações de poder/saber, das teorias das diferenças que reinventam os sujeitos apontados por estudos transgressivos, sob os quais estamos efetivamente assentados para aprofundar outros olhares.

Decerto, não há limites para campos de subjetivações, principalmente quando estamos a falar de sexualidade, de envelhecimento e escolarização. Portanto, não podemos enquadrá-las. Alguns saberes principalmente nas áreas das humanidades pareciam “tão perenes” e absolutos no auge da dita modernidade, como por exemplo, o positivismo, funcionalismo sociológicos, o psicologismo freudiano em outras dobras a

economia clássica, o liberalismo econômico, o fundamentalismo científico do marxismo, os paradigmas teóricos cartesianos, psicologia comportamentalistas, o biologismo fisiologista-determinista, entre tantos segmentos e vertentes do pensamento moderno de vanguarda da filosofia ocidental.

Desconfiar destas verdades consolidadas, em plena Modernidade, era como querer insultar todo o legado histórico e intelectual da época, seria como blasfemar, e não mais se curvar diante de teorias teológicas acerca de Deus ou pressupostos racionalistas ostentadores dos tempos modernos. Lançar outros olhares tentando seguir sem linhas de fugas, em outras bases teóricas deveu-se muito e principalmente a uma geração de incendiários do porte de Foucault, Nietzsche, entre outros.

A área da Educação e da arte, especialmente em suas perspectivas curriculares, ao apontar múltiplos olhares entre algumas enviesadas inspirações às diferenças, voltadas para a produção de novos sujeitos, inaugura outros campos de saber/poder sob uma nova ética de produção de conhecimento acerca dos prazeres, rompendo as fronteiras de desejo e os territórios de afeto proibido que circulavam por labirintos marcados por práticas discursivas e propostas pedagógicas de cunho conservador, falsos moralistas, idealistas, e reacionários presentes em desenhos curriculares oficiais predadores de um legado histórico e intelectual, e que são oriundos das tradições escolásticas da formação pedagógicas. Em alerta, Larrosa (1998, p.8) afirma:

Penso que o maior perigo para a pedagogia de hoje está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certeza, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranquilidade dos que já sabem o que dizer aí ou o que deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções.

Por isto, podemos dizer que lidar com outros campos de saberes diferentes das áreas da educação, como por exemplo, no domínio da arte e literatura através das poesias marginais, das prosas incendiárias, das paixões avassaladoras e dos amores vagantes presentes em suas narrativas exige a reinvenção, a mobilização para reencontrar para além dos saberes previsíveis, tudo aquilo que para os conservadores soa como flores do mal, ervas daninhas que vão silenciosa e atrevidamente se emponderando. É assim que veem ocorrer nos ambientes escolares, essas abordagens transgressivas do uso dos corpos e dos prazeres, mais que isto, como uma peste frente aos dispositivos de normatividades disciplinares, castradoras e higienizadoras capazes de controlar os impulsos e desejos presentes e atuantes nestes lugares.

As novas partituras abrandadas de reflexões críticas, indisciplinadas, irreverentes, sagazes e intrusas seguiam o transcurso de ironias e inquietações frente às grandes narrativas da modernidade e suas idealizações projetadas, principalmente no campo da educação e dos principais paradigmas das ciências humanas.

As fortes e tensas críticas sob as quais se lançavam por outras vias a negar as bases da economia privatista do afeto, vaticinadoras do “insuportável” direito ao prazer, do mesmo modo a recusar as lógicas cambiantes que faziam crer que as riquezas produzidas socialmente, assim como os bens culturais, poderiam se tornar sinais de resistência e novas possibilidades à prática de liberdades e subjetivações, que renunciassessem a qualquer forma de submissão ou sujeição dos sujeitos por entre tempo/épocas/lugares.

A reinvenção de si e do outro, as permissividades entre lugares dos afetos nas cenas de amores e paixões, de prosas e poesias do uso dos prazeres entre os que se doam se flertam são próprias da natureza transgressora, são campos de singularidades, de incertezas, de inquietudes, de descontinuidades, sem medidas e mediações a lugares proibidos e determinados.

Também nesta busca não há idades definidas, amores proibidos, ou contratos sociais para orientar e cambiar as formas de reinvenção das sexualidades, querendo impor limites. O lugar da institucionalização escolar é pequeno para tantos movimentos subjetivados, por isto, não adianta querer ignorar, silenciar ou omitir que existam nestes territórios escolares as versatilidades de movimentações de corpos e afetos, profanos e dementes.

Daí, acharmos desnecessário querer pegagogizar, isto é, normatizar e impor limites aos sujeitos nos espaços escolares como se fosse possível as subjetividades dos indivíduos serem apreendidas totalmente mesmo que de forma austera, sob as batutas que se erguem vis-à-vis de seus domínios doutrinários, de suas normas e regras rígidas, das práticas de modelização dos corpos mediadas por retóricas de cunho moralistas, na maioria das vezes sobre a anuência e convivência dos professores e gestores nos ambientes escolares. Por entre extremos, há muitas vidas transgressivas ao longo do tempo e épocas que foram ceifadas, porém também é verdade que muitos e indecifráveis modos de viver destes paradoxos foram reinventados, por entre frestas sociais.

Ao nos colocarmos sob novas perspectivas teórico-metodológicas para entender sobre sexualidade e escolarização de velhos, juntamo-nos a uma “multiplicidade” de produções e invenções de realidades sociais e educacionais que passamos a ter acesso e

que foram produzidas a partir de espaços contraditórios, de contextos desiguais e diferentes.

Estes lugares nos permitiram novas leituras proximais das produções de saberes que ancoram reflexões em estudos culturais, históricos, curriculares e epistemológicos antevendo novas tecnologias do saber. As ingenuidades e intencionalidades que circundavam nossa racionalidade científica apreendidas somente através de grandes narrativas “inquestionáveis” no epicentro das ilusões perdidas e reiteradas pela era da modernidade tão arrogantes e deterministas, reforçaram nossas buscas e opção pela reinvenção, (de) formação e ressignificação, mesmo sabendo que as forças discursivas nos espaços acadêmicos majoritariamente são contra os de “fora”, os de vidas paralelas, os ousados e atrevidos. Até breve tempo, eram quase invisíveis as forças demarcatórias e de resistência sobre a produção dos sujeitos historicamente ditos diferentes e excêntricos nestes espaços que podem ser de um lado de reinvenção, e de outro de mobilizações e articulações normativas, em busca ou não de empoderamento.

Pensar em produzir outros ecos nas instituições escolares e até na academia soava como diálogos dissonantes, ruídos e interferências. Por isto, a produção intelectual de Nietzsche e Foucault foi para nós marcada de provocações, rachaduras e ruptura cuja a ordem do discurso das autoridades, tornou-se assim, por meio deles, factível nossa busca de novas possibilidades em tempo de Pós-modernidade.

Querer rastrear novos caminhos metodológicos para a reinvenção e ressignificação de novas produções de conhecimentos não somente nos fez reconhecer o campo das diferenças e de outras movimentações teóricas, como também foi capaz de nos fazer compreender passagens de subjetivações e evocadores de novas “dobras”, para reinventar outras partituras através de um estilo “sangrento” de escrever, que fomos apreendendo com as leituras de Nietzsche e Foucault para aferir nossas “intrusas” maneiras de produzir novos saberes e enunciações em outras áreas da educação.

Neste sentido, a aparição de nossos estudos tem claros propósitos de trazer também para os ambientes acadêmicos “questões dissonantes” acerca da sexualidade, da vida escolar narrada por sujeitos envelhescentes através de suas vivências de escolarização quis atravessar o campo do currículo, da gestão, da organização escolar a partir de perspectivas teórico-metodológicas pretensamente pós-estruturalistas.

Os ecos apontados na tese são repertórios (texto, discurso, documento, sentidos, significados, enunciados, enunciações etc.) e partituras com claves, ainda que “simples”, talvez não comuns na composição, que chegam cercando o campo no qual

pretendemos fincar nossas contribuições; sejam esses seus interesses sociais e educacionais vistos com estranhamento para os que possam ter dúvidas ou não terem sido iniciados nestes domínios de saberes.

Ao longo de nossas escavações, identificamos que as respeitáveis instituições de ensino e pesquisas e os principais eventos de pesquisadores na área da educação como: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN) e Associação de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) tem se proposto e possibilitado a compreender os sujeitos sociais em suas múltiplas relações humanas tendem a ter um ganho significativo, inclusive a heterogeneidade nos ambientes que pretensamente geram a garantia da universalização dos saberes em interconexão com as produções locais presentes hoje nos espaços das academias.

Vale ressaltar que referidos espaços também se inserem neste lugar comum, de onde quase nada ou pouco se produz sobre estes sujeitos diferentes e excêntricos, que se movimentam por significados outros de si mesmos nos ambientes universitários, entre outros territórios de escolarização.

Nos grandes eventos acadêmicos nacionais e internacionais ainda são tímidas as produções de estudos acerca da sexualidade e do envelhecimento por entre vias de escolarização assim como outras temáticas correlatas.

Conforme revelam os dados levantados que pesquisamos através da Revista Brasileira de Educação e ANPED que são apresentados de forma sintética nos quadros a seguir:

**Quadro 1:** Artigos de aproximações teóricas com objeto de estudo encontrado na Revista Brasileira de Educação (2001 – 2013)

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE	Nº DA REVISTA	ANO	INSTITUIÇÃO
As desigualdades Múltiplas	François Durbet	Sujeitos, movimentos sociais, violência	17	2001	RBE
Corpo, Natureza e Cultura: Contribuições para a Educação	Maria Izabel Mendes e Terezinha Petrucia de Nobrega	Corpo, Educação, Epistemologia, Natureza e Cultura.	27	2004	RBE
Currículos Alternativos /Oficiais: Os riscos dos	Sandra Mara	Currículo oficial, currículo	17	2001	RBE

Hibridismos	Corazza	alternativo, hibridismo			
Fios e Furos: A trama da subjetividade e a Educação	Mériti de Souza	Subjetividade, Educação, Modernidade	26	2004	RBE
Preconceitos, Moralidade e Educação Moral para a diversidade	Viviane Potenza Guimarães Pinheiro	Preconceitos, Moralidade, Educação Moral, Resolução de conflitos.	46	2011	RBE
Revisando o passado e construindo o presente: O movimento gay como espaço educativo	Anderson Ferrari	Homossexualismo, movimento Gay, processo educativo	25	2004	RBE
Cultura visual e homossexualidades na constituição de "novas" infâncias e "novos" docentes	Anderson Ferrari	Cultura visual; sexualidades; subjetividades	49	2012	RBE
A menina e o menino que brincavam de ser: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças.	Constantina Xavier Filha	gênero; pesquisa com criança; representações	51	2012	RBE
A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico	Júlio Groppa Aquino	Michel Foucault; literatura educacional; difusão de ideias	53	2013	RBE

**Fonte:** Sistematização do pesquisador – 2013.

Como podemos notar, no quadro acima, num período de aproximadamente treze anos a produção de trabalhos acadêmicos divulgados sobre esta temática pode ser considerado baixíssimo se comparado com outras áreas de interesses de saberes no campo educacional, como por exemplo: políticas públicas, currículos, formação, trabalho docente, entre outros.

Isto nos leva a pensar que a academia parece estar de costas há algum tempo para estas temáticas que têm profundas relações com a realidade social que pulsa para além de seus muros e que influenciam na formação de valores, de posturas, atitudes, forma opinião e produz saberes para outras convivências com os sujeitos diferentes. Silenciar é privar-se de responsabilidades, é correr o risco de colocar em cheque a compreensão sobre como todas as instituições sociais deveriam ter entendido o seu papel social em contribuir com uma sociedade isenta de preconceitos sociais produtores da barbárie social. Estes relevantes assuntos deveriam fazer parte das listas de prioridades de qualquer instituição formadora, entre eles, o universo acadêmico.

De outro modo, mesmo que as relações humanas e sociais que pulsam fora dos espaços privilegiados de produção de saberes como as acadêmicas deixem antever a



divisão e os espaços fronteiriços entre academia e as múltiplas realidades, ainda assim nos permite pensar que a elitização do saber notório pode ser revelador de como a dinâmica acadêmica e os acelerados contextos de produção da vida de muitos sujeitos ocorrem em flagrantes descompassos.

Sem tergiversar, ainda nos cabe dizer que nossa impressão é de que as legítimas movimentações “daqueles mundos” por fora do “mundo acadêmico” são capazes de mobilizar e deslocar tais temáticas, por meio de ainda “poucos” transgressivos estudiosos que em suas travessias acadêmicas e essencialmente solitárias de pensar e viver sobre as múltiplas maneiras de vida, segue resistindo propositivamente diante dessas muralhas acadêmicas.

Temáticas acima mencionadas vêm aos poucos despertando interesses e invadindo os espaços da academia trazendo reflexões para refletir sobre tais problematizações pensadas. O que evidencia que as portas de ferro das academias ainda sobre as ferrugens e vestígios que denunciam suas “recusas” de avançar estudos e escavações acerca de sujeitos diferentes e intrusos. A academia precisa ser reinventada para conquistar outras vias, gerar outras sinergias e capilaridades por entre seus muros mostrando que a realidade não é para si indiferente e por elas próprias podem ser autonomamente pensadas também nas universidades.

Pensamos que estas temáticas não podem ser acessórios nos espaços acadêmicos, principalmente por entre saberes que atravessam as ciências humanas sociais, a filosofia, a cultura e a educação. Afinal, muitas tendências teórico-metodológicas se movimentam por entre estudos e pesquisas, como podemos perceber no quadro abaixo:

**Quadro 2:** Ranking do uso das tendências teórico-metodológicas nos artigos publicados na RBE

PREDOMINÂNCIA DE BASE METODOLÓGICA	PREDOMINÂNCIA DO APORTE TEÓRICO
Estudos Culturais	Michael Foucault
Materialismo histórico dialético	Agner Heller
Processo de subjetivação	Gilles Deleuze
Cartografia	Feliz Guattari
Representações sociais, Epistemologia prática, Pesquisa Ação, Pós-estruturalismo, teoria Queer, Estudos etnográficos, análise cartográfica	Martin Buber, Pierre Bordieu, Roger Chartier, Joan Scott, Robert Connel, Freud, Lacan, Larrosa, Stuart Hall, Artrich, Santana, Louro Meyer, Conelly, Paulo Freire, Essex

Fonte: Sistematização do pesquisador – 2013.

Como revelam os dados acima acerca das principais tendências teórico-metodológicas para as análises voltadas para estes temas de estudos, sem sombra de dúvidas, predominam os pensadores do assim chamado pensamento das diferenças, dos estudos culturais, das subjetivações, entre outros, que convergem para os domínios de saberes do assim chamado pensamento Pós- estruturalista.

Deste modo, podemos assegurar sobre a importância do pensamento de Michael Foucault na lista dos pensadores que têm sido âncoras predominantes e decisivas para entender as temáticas desta envergadura. Fato este que não foi diferente em nossos estudos sobre a temática da sexualidade, do envelhecimento e da escolarização.

De fato, o grande filósofo Foucault, depois de décadas de “invisibilidade”, de suas ideias presentes no conjunto de suas escavações e experimentações, vem ganhando outros contornos e assinaturas mostrando o quanto suas contribuições teórico-metodológicas através de suas ferramentas estão sendo usadas por indescritíveis campos de saberes na atualidade.

Apesar de todos estes riscos, torna-se necessário afirmar que as geniais ideias de Foucault continuam presentes e vivas servindo de âncoras por entre saberes e campos interdisciplinares de decifrações analíticas. Como podemos verificar no quadro abaixo:

**Quadro 3:** Informações gerais do levantamento da ANPED

QTD. DE ARTIGOS	GT-23 27ª INICIOU EM 2004	PERÍODO	INSTITUIÇÕES DE ORIGEM DO ARTIGO	REGIÃO DE CONCENTRAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
24	Estudos de Gênero, Sexualidade e Educação	2004 a 2013	USP	Sudeste	2004
			UFRGS	Sul	2007
			UFMS	Centro- Oeste	2007
			UFPR	Sul	2008
			UFU/UFV	Sudeste	2009
			UFpel	Sul	2010
			UFU/UFV	Sudeste	2010
			IFSC/UFSC	Sul	2011
			UFPB	Nordeste	2011
			UERJ-PROPEd	Sudeste	2011
			UFJF	Sudeste	2011
			UFMS	Centro-Oeste	2011
			UFU	Sudeste	2011
			UEPA	Norte	2011

			UFPR	Sul	2012
			PUC-Rio e UFRJ	Sudeste	2012
			UFU	Sudeste	2012
			UFPR	Sul	2012
			UFLA	Sudeste	2012
			UNIJUÍ	Sul	2012
			UERJ-PROPEd	Sudeste	2012
			UFOP	Sudeste	2013
			UFPR	Sul	2013
			UFMT/CUA/UFU	Centro- Oeste/Sudeste	2013

Fonte: ANPED-GT 23 – 2004 a 2013.

Os dados acima extraídos da ANPED referentes aos períodos equivalentes de 2004-2013 nos revelam que, desde a fundação do GT-23 neste evento acadêmico, trata especificamente de estudos de gênero, sexualidade e educação. Embora tenha sido notória a predominância e o interesse por estas temáticas por parte de estudiosos das instituições de nível superior do eixo sul-sudeste.

Com destaque no sul para UFPR, UNIJUI, UFRGS, UFPEL, IFSC/UFSC), e no Sudeste (USP, UFU/UFV, UFJF, PUC-RIO, UFRJ, UFLA, UERJ, UFOP, como demonstram os quadros acima citados.

Esta disparidade inter-regional demonstra que as instituições do sul/sudeste há algum tempo vêm avançando significativamente nestas áreas de estudos e domínios de saberes. O que não quer dizer, que mesmo com esta clara assimetria, se comparado com o norte/nordeste ou centro oeste do país, não existam produções e pesquisadores de muitas qualidades nestas outras regiões. O Nordeste apresenta somente a UFPB. O Centro-Oeste UFMS e o Norte somente a UEPA. Até este momento, apenas estas produções foram publicadas sobre a questão de gênero e sexualidade em educação. Apesar de tardia e lenta a inserção deste a estudos que aparecerem no GT-23 da ANPED, temos observado que, em eventos de porte acadêmicos nacionais, regionais e internacionais, há muitos interesses da comunidade acadêmica em procurar compreender, estabelecer intercâmbios entre grupos de pesquisas e estudiosos que vêm escavando sobre a temática em tela.

Neste sentido, e em função destas questões que apontam a difusão destes estudos pelas redes sociais e multimídias, além das estatísticas que denunciam práticas criminosas contra os sujeitos ditos diferentes, somadas às fortes movimentações de ruas

que têm denunciado os abusos, principalmente contra as diversas homoafetividades, assim como o acelerado crescimento da população envelhecida no Brasil, aposta-se que em breve muitos estudos investigativos possam querer buscar problematizações e assinaturas próprias nos cursos de Graduações e Pós-Graduações (stricto e lato sensu) no meio universitário em todo o planeta. Abaixo segue um quadro de produções de estudiosos brasileiros com produções acadêmicas que versam sobre estas temáticas.

**QUADRO 4** - Somente com atualizações ANPED – 2011/2013

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO</b>	<b>AUTORES CITADOS</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>
Um silêncio desconcertante: a homossexualidade permanece invisível na escola	Luiz Ramires Neto	Entender como a homossexualidade – enquanto prática associada a sujeitos sociais definíveis que se produz e reproduz no ambiente escolar	Baseado nas teorias de Agnes Heller	Agnes Heller	USP- 2004
Gênero, sexualidade e desempenho escolar: modos de significar os comportamentos de meninos e meninas	Maria Cláudia Dal’igna	Analisar algumas normas de comportamentos que são colocadas em funcionamento pelas Professoras Participantes da pesquisa	Pós- Estruturalismo	Foucault E Deleuze	UFRGS- 2007
A sexualidade feminina entre práticas divisoras: da mulher “bela adormecida” sexualmente à multiorgástica – imprensa feminina e discursos de professoras	Constantina Xavier Filha	Refletir sobre o discurso produzido e seus efeitos na constituição de subjetividade de mulheres- professoras brasileiras e portuguesas	Estudos de gênero e em pressupostos foucaultianos, observando os preceitos dos estudos sócio- históricos comparados	Foucault	UFMS- 2007
Quatro intervenções para uma pedagogia queer	Maria Rita de Assis Cêsar	Perceber os caminhos percorridos pelo discurso dos/as professores/as sobre a sexualidade na instituição escolar	Uso de entrevistas com 18 professoras	Foucault	UFPR- 2008
Docências que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero: a escola como espaço de imposições de poderes e resistências	Neil Franco Pereira de Almeida e Maria Veranilda Soares Mota	Analisar relatos de professores e professoras gays, travestis e lésbicas identificando o lugar ocupado pela profissão docente	Está embasada principalmente nas reflexões elaboradas pela teoria queer	Teoria Queer	UFU/UFV -2009
Panorama da produção sobre gênero e sexualidades	Márcia Ondina Vieira	Aborda alguns resultados de um estado da arte sobre	-	-	UFPe- 2010

apresentada nas reuniões da ANPED (2000-2006)	Ferreira e Georgina Helena Lima Nunes	educação, gênero e sexualidades, no âmbito da ANPED			
A visibilidade da sexualidade do/a docente homossexual na Escola	Neil Franco	Compreender e problematizar aspectos da Constituição identitária de professores/as que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do Gênero	Configurado a partir da análise de um questionário aplicado em três escolas públicas a fim de identificar as concepções de setenta e três docentes sobre sexualidades e Homossexualidades	Teoria Queer	UFU/UFV - 2010
O delírio do corpo: derivas das masculinidades	Rogério Machado e Rosa Patrícia de Moraes Lima	Analisa a variação-deslocamento-multiplicação do corpo masculino docente, a estética das sensibilidades e os agenciamentos corporais que os encontros pedagógicos inspiram.	Cartografia a partir de interlocução de autores da área	Deleuze & Guattari e Nietzsche	IFSC/UFSC-2011
Distintas masculinidades: considerações sobre a escolarização de alunos da Educação de Jovens e Adultos	Cristiane Souza de Menezes	Analisa como as concepções de masculinidade de alunos da EJA têm interferido no processo de Escolarização e no cotidiano escolar.	Análises feitas a partir de entrevistas com alunos do EJA	-	UFPB-2011
A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social nos intramuros da escola	Denise da Silva Braga	-	-	Foucault	UERJ-PROPEd-2011
“Nossa! eu nunca tinha parado pra pensar nisso!” – gênero, sexualidades e formação docente	Rolney Polato de Castro e Anderson Ferrari	Dialoga com a relação entre formação docente e as questões de gênero e sexualidades, tomando como análise a proposta de uma disciplina enfocando esses temas de duas turmas do curso de Pedagogia de uma universidade pública.	Estudos Pós estruturalistas e os estudos culturais	Foucault	UFJF-2011

A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero em pesquisa com crianças	Constantina Xavier Filha	Descreve e analisa dados de pesquisa-ação realizada com crianças em uma escola pública, com o intuito de propiciar momentos de reflexão e problematização sobre as temáticas da sexualidade, gênero e diversidades,	Bibliográfica e a pesquisa-ação	Foucault	UFMS-2011
(Homo) sexualidades e gênero nos documentos oficiais da Educação	Neil Franco Pereira de Almeida	O artigo contextualiza sobre como a discussão das (homo) sexualidades e de gênero se inserem na escola através de documentos oficiais da educação.	-	Teoria Queer	UFU-2011
Heteronormatividade ou reconhecimento? professores e professoras diante da homossexualidade	Lucélia de Moraes Braga Bassalo	Tem a intenção de compreender significados e sentidos atribuídos à homossexualidade.	Documentário	-	UEPA-2011
Gênero, sexualidade e diversidade sexual na Educação Física escolar. uma cartografia das práticas discursivas em escolas paranaenses	Gabriela Chicuta Ribeiro	Mostrar a presença, as ausências, e as diferentes maneiras das temáticas de gênero, sexualidade e diversidade sexual nas narrativas escolares da Educação Física.	Cartografia	Estudos Pós-estruturalistas e de gênero	UFPR-2012
Sexualidade, gênero e diversidade: currículo e prática Pedagógica	Alexandre Silva Bortolini de Castro	Analisa os registros que tratavam dos ambientes escolares e das atividades pedagógicas em si.	Análise de conteúdo produzido no evento	-	PUC-Rio e UFRJ-2012
Corpo e sexualidade no ensino de ciências: experiências de sala de aula	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	Analisa o que professoras e professores em salas de aulas no trabalho com a disciplina Ciências, anos iniciais e finais do ensino fundamental, apontam como “problemas” no diálogo com as crianças sobre corpo e sexualidade.	Cartografia	Deleuze, Guattari e Foucault	UFU-2012

O governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político educacional LGBT	Jamil Cabral Sierra	Desenvolve uma discussão sobre os processos atuais de governamentalidade de corpos e práticas sexuais e afetivo-amorosas LGBT	-	Foucault	UFPR-2012
No labirinto da educação infantil as falas de educadoras sobre gênero e sexualidade	Cláudia Maria Ribeiro	Este texto busca problematizar as falas de educadoras que atuam na Educação Infantil concebendo-as como enunciados	-	Foucault	UFLA-2012
A velhice estruturada nos vocábulos: ativa e muscular	Maria Simone VioneSchw Engber	Teoriza sobre o processo de envelhecimento na contemporaneidade.	-	Foucault	UNIJUÍ-2012
A formação da identidade e o processo de subjetivação de alunos com orientação homossexual	Denize de Aguiar Xavier Sepulveda	Investiga como se processa a formação da identidade de alunos com orientação homossexual que sofrem processos de exclusão a partir de práticas de perseguição no interior da escola.	Pesquisa nos/dos/com os cotidianos, para leitura das observações e narrativas o paradigma indiciário de Ginzburg	Goffman, Bauman, Borrillo, Louro, Foucault	UERJ-PROPED-2012
Docência, transexualidades e travestilidades: a emergência rede TRANS EDUC Brasil	Marco Antonio Torres	Analisa as formas de ingresso e sustentação das professoras travestis e transexuais femininas no ambiente escolar	Uso de entrevistas e observações de campo com sete professoras que se autoidentificavam como travestis e transexuais femininas que têm trabalhado em escolas da rede pública de educação básica	-	UFOP/2013
A escola como empreendimento biopolítico de governo dos corpos e subjetividades transexuais	Dayana BrunettoCarlin dos Santos	Problematiza também a utilização do Nome Social por travestis e transexuais nos estabelecimentos de ensino	Dialoga com alguns conceitos de Michel Foucault para pensá-los por meio da invenção do dispositivo da sexualidade, transexualidade e o agenciamentos biopolíticos da instituição escolar	Foucault	UFPR/2013
Professoras travestis e transexuais brasileiras e seu processo de escolarização: caminhos percorridos e obstáculos enfrentados	Neil Franco Graça Aparecida Cicillini	Identificar e problematizar sobre os indícios de desestabilização que a presença de professoras travestis e transexuais provocariam nas escolas em que atuam	A pesquisa se sustenta na análise de fontes bibliográficas e documentais, entrevistas e questionários	Teoria <i>queer</i>	UFMT/CUA/UFU/2013

Fonte: Sistematização do Pesquisador -2013.

Buscar coerentemente aproximar nossas leituras dos quadros acima citados, em que a produção de estudiosos brasileiros, no período equivalente a 2011-2013, nos fez observar os vários atravessamentos de suas pesquisas acadêmicas através de títulos e temas criativos.

Foram aproximadamente 25 estudos que encontramos neste levantamento. Foi-nos constante encontrar neste quadro de atualização de produções das reuniões ANPED no período acima citado, um repertório com vastos títulos interessantes que acenam para as reflexões acerca de: homossexualidades e espaço escolar; sexualidade, comportamento de desempenho escolar, sexualidade feminina, pedagogia Queer, sexualidade, docência/poder e resistência; gênero e sexualidades, corpos e sexualidades, docência e homossexualidades, representação de gêneros e heteronormatividades, sexualidade, gênero e diversidades, velhice, identidade e processo de subjetivação.

Baseado nestes quadros citados, vimos como têm sido fortes as preocupações de muitos estudiosos em aproximar tais reflexões no campo de saberes das ciências humanas e sociais e da educação. Isto nos revela como vem modificando-se e ao mesmo tempo sendo tensionadas, refletidas, debatidas por entre estudiosos as nuances que são apresentadas por seus trabalhos acadêmicos. Nem sempre são convergentes seus pontos de vistas sobre os títulos apresentados, as temáticas teóricas, as categorias conceituais assumidas por seus estudos mesmo estando situados tais estudos nos mesmos campos e domínios de saberes.

Por ser uma área relativamente nova de reflexão neste domínio de saberes, entende-se que, do ponto de vista das vivências e experimentações, ensaios, artigos e diversas formas de comunicações, muitas vias se abriram para estes campos de estudo. Talvez diferentes de outros tempos e espaços onde tudo parecia proibido, desnecessário, e era irrelevante pesquisar. Estamos diante de um momento fecundo para se apostar nas necessidades e na importância destes estudos diante do quadro de problematizações que vão emergindo do chão da sociedade brasileira. Infelizmente as políticas públicas e a intervenção de influentes segmentos da sociedade ainda deixam a desejar.

As informações acima apresentadas também podem contraditoriamente revelar as mais diversas e díspares formas particulares de reprodução de saberes por meio de pesquisa ou outras fontes sobre as quais estão cercados os sujeitos diante de realidades produzidas e nem sempre analisadas com rigor teórico-metodológico. Há hegemonia das perspectivas generalistas nas disputas de espaços acadêmicos, as quais são bastante



influentes nas disputas de poder/saber, nestas instituições e nos eventos de pesquisas e estudos acadêmicos, em esfera nacional e internacional.

Torna-se lugar comum dizer que em grandes eventos acadêmicos há polêmicas dissonâncias entre aqueles que disputam espaços a partir de seus perspectivismos teórico-metodológicos. Porém, não podemos negar que as academias têm também seus discretos charmes ao contemporizar grandes debates e dilemas diante das “seletas plateias” que assistem atentamente a estes grandes espetáculos de conhecimentos, exponenciais saberes que são frutos de pesquisas, de suas concepções teóricas, de seus posicionamentos como cidadãos de direitos que ao mesmo tempo revelam, através de suas diversas escrituras, suas assinaturas por meio de territórios conquistados de contestação e de imposições de regimes de verdades.

Aproximar autores consagrados e novos pensadores, fazendo surgir claros e nem sempre salutares debates que por ora acirram tensas divergências entre eles, sob o ponto de vista de suas compreensões teórico-metodológicas dentro e fora dos espaços acadêmicos, também aguça as animosidades que os separam a partir de suas perspectivas teóricas, tornando claras as consequências destas zonas de conflito entre seus mais ilustres pesquisadores. Cai por terra qualquer tentativa de sempre se querer a uniformidade e a pactuação entre seus mais renomados interlocutores. Afinal como dizia Foucault, o saber não é feito para consolar “[...] ele decepciona, inquieta, secciona, fere” (FISCHER, 2012, p. 23).

Por isto, nosso propósito foi o de trazer para o cenário das reflexões acadêmicas a possibilidade de convívio com temas relevantes e originais em novos domínios, perspectivas e descobertas. Haja vista serem ainda bem recentes as novidades de dissertações e teses no encaixe destas temáticas nos cursos e programas de Pós-Graduação. Porém temos percebido avanços gradativos e promissores que recepcionam interesses por temas desta envergadura que vêm acrescentar para os dilemas e ponto de vista, no centro de suas produções de saberes.

Posicionar tais autores, principalmente no campo dos estudos Pós, exigiu de nós ter clareza sobre os principais elementos, categorias conceituais e concepções sobre as quais se compõem tais abordagens teóricas e metodológicas. Por isto, surgiu a necessidade de identificarmos alguns instrumentos ou dispositivos conceituais que alicerçassem estes campos instituídos de novos saberes para “usá-las” em favor de nossas pesquisas.

Feita esta constatação e considerações, nosso propósito principal foi de estabelecer real sintonia acerca de nossa perspectiva teórica de tese, deixando claro que fomos seguindo trilhas na busca de compreensão acerca da localização dos falares dos sujeitos na envelhescência, considerando a partir de seus processos vividos de cotidianidade, vivências através de suas vias de escolarização atravessadas por suas orientações homoafetivas.

Nossas reflexões ancoradas no aporte teórico-metodológico, já acima mencionado, não quiseram fazer aberturas desnecessárias e apologias ingênuas tendo em vista escamotear ou ter atitudes de “ingênuo útil” nestas tramas, jogos e relações de poder. Também não foi de nosso feitio, constituir tais argumentos teóricos numa perspectiva na qual tudo se relativiza a ponto de não tratarmos com rigor genealógico o fenômeno abordado. Registrar e arquivar estes momentos, tendo em vista atingir os propósitos insidiosos em trânsito, fizeram de nossas decifrações analíticas mais uma necessidade de contribuir, como no dizer de Larrosa (1998, p.20), para:

[...] a emergência de outra forma de pensamento na educação e, talvez, de outro tipo de prática educativa que ao invés da absoluta segurança e a arrogância do poder possa vir a dar lugar às incertezas, às inquietudes, à infinitudes, às descontinuidades, à diferença, a um porvir irreduzível à reprodução do mesmo.

O rigor disciplinar exigido pelas perspectivas metodológicas foucaultiana, com ênfase em sua genealogia de poder e na ética e estética da existência e cuidado de si compreende que a produção do conhecimento se “finda” na constituição de monumentos de saberes cujas experimentações vividas se fazem poesia ao se reinventarem, ao renascerem novos dilemas, instituindo ritos de passagens nas margens em que vão as dobras, pelo centro e por entre lugares outros, em que estas produções de saberes encontram as respostas que fundamentam de onde, como e por que se originaram tais relações e experimentações vividas.

Por isto, apontar conceitos, ou melhor, os campos conceituais e metodológicos da pesquisa foram nos levando a constituir reais possibilidades de apresentar argumentos interpretativos e analíticos e os resultados que conseguimos atingir, os quais compõem este documento e nossas assinaturas sobre esta temática pesquisada.

As bases genealógicas e epistemológicas, os fundamentos e estratégias metodológicos e as perspectivas que lançamos, com ênfase no domínio de saberes

foucaultiano em diálogos pertinentes com Nietzsche, de fato nos ajudaram a consolidar assinaturas genealógicas ao pretender ser, como nos diz Revel (2011, p. 69):

[...] uma investigação histórica que se opõe ao “desdobramento meta histórico das significações ideias e das indefinições teológicas o qual se opõe à unicidade da narrativa histórica e à busca da origem, e que procura, inversamente”, a “singularidade dos acontecimentos à parte de qualquer finalidade monótona [...]” a genealogia trabalha, portanto, a partir da diversidade e da dispersão, do acaso dos princípios e dos acidentes: de forma alguma ela deseja voltar no tempo para restabelecer a continuidade da história, mas procura, em contraposição, restituir os acontecimentos em suas singularidades.

Assim podemos dizer que a premissa deste estudo quis, de fato, aprofundar, desvelar, reinscrever, ressignificar, redescobrir e reinventar as vias de escolarização de velhos (as) homoafetivos na cidade de Belém, usando as “caixas de ferramentas” foucaultianas, tendo como propósito, sobretudo, a deslegitimação dos modos de vida impostos sobre eles, questionar a imposição de padrão de sociabilidade, a higienização dos desejos, vontades e orientações destes corpos diferentes diante do quadro de normalidades impostas.

A rigor, atravessar décadas para revelar vestígios históricos de culturas de dominação, de silenciamentos, castração e de explorações de corpos através de ações, atitudes, abordagens e represálias por entre regimes de verdades e jogos de poder, por modos de esquadrihar os sujeitos que se constituem pela diferença, foram questões assumidas por outros com indiferença e sujeitados por mecanismo de controle dos afetos em territórios de escolarização.

Através destas constatações feitas por outros estudos ancorados nos referenciais teórico-metodológicos foucaultianos que seguimos escavando visando produzir novos acontecimentos, uma vez que desconfiamos, desde o início, da ideia de que estes sujeitos, ainda que inventados e marcados por classificações e hierarquização muitas vezes arbitrárias por serem diferentes, em grande parte não mais se submetem a estas definições, ao contrário, reinventam suas formas de poder na resistência, nos usos de estratégias de conquista, para fazer valer seus direitos à liberdade e aos usos de seus prazeres.

Portanto, não nos convence nos acomodarmos com as ideias lançadas de que somente as instituições é que moldam os indivíduos, pensamos que onde houver espaços para a abertura de caminhos à constituição dos indivíduos, estimulados por suas

inquietações e inconformismo, haverá disposição para as mobilizações e a invenção de suas maneiras de organizar-se reafirmando suas condições de sujeitos.

Talvez este seja o ponto capital a considerar desta busca de uma nova compreensão acerca dos sujeitos da pesquisa, que tivemos a oportunidade de estudar e sob os quais pautamos nossas análises, a partir de suas narrativas, experimentações, formação e práticas discursivas situadas ao longo da história da produção de saberes sobre si mesmos, sobre como foram produzidos seus corpos, delineando seus afetos, direcionando suas escolhas proibidas, suas orientações, até o definir de suas estratégias de sedução, inclusive para além dos muros das escolas.

Investigar os vestígios nas falas e enunciações dos sujeitos velhos por dentro dos acontecimentos que narraram referentes ao seu processo de escolarização, às sexualidades por entre travessias para suas experimentações existenciais, nos trouxeram novidades e a encontrar a descoberta do que parecia estar silenciado nestes fartos depoimentos nos quais suas impressões se fizeram marcas destes vários acontecimentos vividos em vias de escolarização.

Foram identificados através de seus relatos traços reveladores da reinvenção de si mesmos, e os sentidos e significados de suas estratégias de redefinições dos pilares morais e culturais de sustentação das instituições de saber/poder em diversos graus de sociabilidades pelos quais a maioria dos estudantes das redes públicas passaram. Portanto, este estudo também quis compreender, como funcionavam e se movimentavam no passado os sujeitos nos cotidianos escolares a partir de suas estratégias de fugas com o propósito transgredir.

Já fazendo uso do conjunto de informações coletadas, submetemos aqui dois exemplos de superação por entre vias de escolarização. Remeto àquilo que fiz de mim durante minha graduação, em seguida àquilo que meus interlocutores da pesquisa fizeram de si mesmo por entre sentido, estratégia de como em tempos e espaços diferentes fomos capazes de movimentar os ambientes escolares.

1987 foi o ano que trocamos de curso de filosofia para ciências sociais na Universidade Federal do Pará. A partir daí, sentimos que havíamos nos encontrado, pois o aprendizado fluía melhor, haja vista, que nossa sensibilidade e cumplicidade juntamente com a de alguns professores com os problemas sociais nos serviam de referência para participar destes momentos de efervescência dos movimentos sociais e de nos engajarmos nas fileiras das organizações de esquerda e em particular nos

movimentos estudantis universitários e nos movimentos populares e pastorais os quais foram responsáveis por nossa militância política e acadêmica.

Por exemplo, eram temas recorrentes nas áreas das ciências humanas e sociais com ênfase para ciência política estudarmos as questões voltadas ao cenário político internacional com atravessamentos para os problemas brasileiros diante das correlações de forças e das conjunturas políticas mundiais cujos jogos e interesses de poder refletiam fortemente nas políticas de ordem nacional.

Estudávamos, por exemplo, de um lado, o período Pós-guerra, em que quase todos os países latino-americanos, em particular, enfrentavam as duras e massacrantes investidas dos regimes totalitários e nacionalistas. E de outro modo, como as grandes potências mundiais: EUA e a antiga URSS com suas polaridades inconsequentes e inescrupulosas disputas produziram nefastos e trágicos resultados no mundo inteiro com graves prejuízos, principalmente para os países mais pobres.

O cenário hegemônico de disputa de poder e atrevimentos ideológicos se assentava em desconfianças, de um lado acerca das políticas de planificação econômica pelo Estado, e de outro modo, questionava-se a maximização da economia mundial gerada pelo capitalismo através da centralização do poder. Estas polaridades dividiam opiniões na sociedade de então sobre a imponência dos dois grandes blocos da política e da economia em ferrenha disputa de poder internacional.

Nos vastos repertórios analíticos das ciências humanas modernas, através de seus mais brilhantes e destacados especialistas, não era de se duvidar que o foco das análises sobre tais acontecimentos estivessem centrados em ordens discursivas, as quais deixassem antever suas preferências por perspectivas teórico-metodológicas por diferentes matizes de pensamento (economia, ciência política, filosofia, sociologia, entre outras). No entanto, já se esperava que tais concepções tivessem seus acirramentos, gerando pontos de vistas e análises interpretativas distintas acerca dos jogos de poder para negar ou defender os interesses das grandes potências mundiais. Fossem elas: Capitalistas ou Socialistas.

As consequências destas disputas entre os blocos mundiais afetavam as diversidades de interesses entre eles e, sobretudo, a cobiça pelas fronteiras econômicas entre diversos países e seus respectivos continentes. O mundo inteiro passava pelo período da bipolaridade na disputa pela hegemonização dos blocos centrais de poder e da política mundial seja como reféns ou aliados.

Falando especificamente do Brasil e, enfaticamente de nossa região Norte, os especialistas eram imperativos em afirmar que o norte e o nordeste estavam totalmente em descompasso e em situação de atraso com relação às diretrizes desenvolvimentistas praticadas, ainda que de forma tardia, no Sul e Sudeste do país. As regiões do norte e nordeste eram, muitas vezes, esquecidas pelo poder público, o que só pioravam as condições de vida e de sobrevivência da população mais empobrecida.

De outro modo trazemos como exemplo o espaço de escolarização situando-o no contexto sócio histórico para dizer que as desigualdades sociais decorrentes de uma economia de mercado centralizadora e controladora do grande capital produziam trágicos diagnósticos sobre os índices de desenvolvimento humano publicizados através de relatórios divulgados oficialmente pelas organizações mundiais. Em vastas literaturas acadêmicas sobre a formação econômica do País, eram frequentes as denúncias dos setores organizados no Brasil, por exemplo, contra o Fundo Monetário Internacional - FMI.

A Amazônia era, portanto, constituída como escoadouro estratégico dos bens de consumo, de matérias-primas e de suas vastas e ricas biodiversidades. As exuberantes fauna e flora amazônicas, por muito tempo ainda, serão a “menina dos olhos” de grupos poderosos economicamente nacionais e internacionais. Em sua retórica, eram constantes os flagrantes em como vinham se beneficiando das riquezas naturais de todo o país e, paradoxalmente, em detrimento da maioria de brasileiros que continuavam sobrevivendo em estado de barbárie social.

A imponência do poder trazia como consequência a vulnerabilidade social imposta, e essas geravam os graves e crônicos problemas socioambientais, principalmente se levarmos em considerações os serviços essenciais e inadiáveis, como os de interesses essenciais da coletividade tais como: saúde pública, transportes, educação, habitação, de que tanto necessitavam os brasileiros. Porém eram quase inexistentes ou muito precários tais serviços públicos desde aquela época à população.

Em grandes partes dos países da América do Sul e no caso específico do Brasil Pós anos 1960, as rachaduras eram impostas aos brasileiros pelo regime militar, mesmo considerando todo o acúmulo histórico de trabalho, de organização e investimentos na elevação do nível de consciência política dos brasileiros sobre seus direitos elementares. Ainda assim, foi notório que este ciclo ditatorial não houvesse encerrado, ao contrário, fortalecia ainda mais o sistema disciplinar e soberano do Estado, através de fortes esquemas de controle, regulação e práticas de censuras e coerção aplicadas,

principalmente às lideranças da época, para manter vivas as zonas de interesses estratégicos do poder do Estado com fortes impactos nos diversas configurações sociais entre elas as escolares. Os dizeres de Foucault (1979. p, 179) sintetizam muito bem estas reflexões:

Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos? [...] mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem numa produção, uma acumulação, uma circulação um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência.

E em seguida, reitera Foucault (1979. p, 180):

O poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade profissionaliza-a e a recompensa. [...] p. 183: o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca é o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão.

Talvez por todas essas situações pelas quais o povo brasileiro em particular passava nos debates acadêmicos, entre os anos 1960 até 1990 predominavam as fortes discussões de poder/saber ancoradas nas teorias críticas cujos eixos temáticos mais relevantes eram: ideologia, reprodução cultural e social, poder, consciência ingênua e crítica, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência, empobrecimento, mudança social e revolução.

Torna-se interessante um registro: os temas voltados para a questão de identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significações e discursos, saber-poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade, multiculturalismo aparecem com maior ênfase somente tempos depois, através das influências de estudo e pensamentos difundidos por meio das concepções teóricas pós-críticas, como sugere o Professor Tomaz Tadeu em sua obra “**Documento de identidade**” (2003).

Apesar da diferença de tempo e espaço escolar apontados nestes dois exemplos que cercaram o passado e o presente e as situações envolvendo a economia, o prazer, a política e as invenções do poder, todas essas reflexões se voltam para o biopoder mencionado por Foucault como sendo uma das mais complexas redes de relações humanas entre tramas e jogos de poder e subjetivações, apontando como os sujeitos em elevados níveis de sociabilidade estabelecem relações com os outros e consigo.

Portanto, quisemos tornar evidente que por entre tramas e jogos de poder, os graus de sociabilidades se diferenciam de acordo com o lugar em que é exercido o poder, acabando por determinar os fundamentos das práticas discursivas e seus ecos, cujos elementos significantes são representados pelo lugar de onde se fala e de onde estão os sujeitos a se inventar.

Por entre espaços inclusive os escolares tendo especificamente como foco de reflexão não somente o poder e o saber, mas, sobretudo os prazeres da carne, portanto, é necessário que se atualizem as maneiras dissonantes e até heterogêneas de como refletiam e analisavam a constituição de si mesmos e de outros e suas diversas formas de sexualidades e homossexualidades, no passado e no presente, a partir de suas perspectivas alçadas nos direitos aos afetos e no desejo de ser o que se pretendia, através do uso de seus prazeres, do indivíduo na relação com o outro, dos direitos aos afetos respeitando as relações de cidadania e urbanidades como cidadãos, e da materialidade do direito às diferenças como animais políticos, questões estas que pareciam e parecem distantes das perspectivas de formação discursivas das instituições escolares.

Sem dúvida, neste estudo, a força motriz desta busca de autenticidade e originalidade se volta para o cuidado de si e do outro trazendo como ênfase o tema da sexualidade nos espaços escolares, a partir da perspectiva dos que estão envelhecendo. Nestes posicionamentos metodológicos assumidos por nós, os sujeitos da pesquisa nos deram a impressão das marcas reveladoras de suas transgressividades no contexto da normalidade das instituições escolares por onde passaram.

Estes territórios de poder demarcados e que foram tão presentes nas vidas escolares dos sujeitos destes sujeitos velhos foram capazes de revelar que de fato o poder está em todos os lugares. Estes territórios de poder materializados através das práticas políticas dos sujeitos deixam antever que essas práticas não traduzem uma movimentação politicamente ingênua e incompatível com as suas estratégias e atitudes de promoção de mudanças sociais.



Após ter dito isto, nos sentimos à vontade para dizer um ponto que nos permite afirmar que não existe liberdade sem resistência, e que através das pegadas dos transgressores de um passado recente encontram-se resiliências, possibilidades da presentificação destes lugares diante dos novos acontecimentos. Sob os quais ficaram evidentes suas travessias por entre manifestações de confrontos de poder entre as autoridades e as ousadias e atrevimentos dos sujeitos reinventados.

Foi por isto que para nós neste estudo ancorado por vias de escolarização, o rigor teórico-metodológico da pesquisa não se constituiu em meras palavras, escriturações e enunciações. Aos poucos nossas necessidades foram se constituindo também numa tentativa intrometida de categorização e conceitualização que está presente por todo o corpo da pesquisa.

Os conceitos ou categorias analíticas acerca destes sujeitos se constituíram a partir de suas histórias de vida, de seus testemunhos corajosamente lançados, os quais passaram a constituir em documentações pela via da diferença. As passagens de tempo e espaços não tão fáceis por territórios ameaçados não os fizeram vencidos em suas irreverências. Mergulhar na profundidade desta temática nos fez um ser movente para seguirmos nesta expedição.

Marcada pela discursividade que envolve as formas de padronização comportamental de uma época, assim como as sociabilidades reprimidas nestes espaços escolares cujas novas convenções e os padrões formais foram impostos através das culturas escolares já secularizadas nestes ambientes. Porém, os sujeitos indignados confrontam sem tréguas e rebatem as atitudes de intolerância, pois são reveladores das tramas do saber/poder hegemônicos através das práticas políticas e das perspectivas presentes nestes tipos de modelos societários.

No campo específico das questões escolares, residem práticas discursivas das quais se cercam o currículo entre outros eixos educacionais que se direcionam à formação/escolarização. Porém nem toda temática dão sinais de transgressividade, o campo da sexualidade e da selinidade na educação tem sido um deles.

O currículo ainda não nos parece contemplado em suas práticas pedagógicas em atender ou incorporar estas reflexões sobre sexualidade e escolarização de forma mais incisiva, mais elaborada e planejada, apesar de grandes avanços nesta primeira década do século XXI, por ter problematizado e dado ênfase aos relevantes temas tais como: raça, etnia, gênero, sexualidade, senescência, sujeitos, diferenças, identidades, entre outros, como já vínhamos anunciando ao longo deste texto, ainda assim nos parece

“invisível” um posicionamento, principalmente dos professores sobre como lidar com esta situação no ambiente escolar, já que para o pensamento pós-crítico “o poder e o currículo estão espalhados em toda rede social” (SILVA, 2010, p. 148).

Diríamos então que o campo do currículo da formação de professores deve tornar-se os explosivos foucaultianos e as suspeitas de nitzschianas tecer outros atrevimentos com lastros voltados às aplicabilidades de outras teorias, experiências e práticas discursivas aplicadas ao campo educacional, constituindo-se como invenção e produções a partir de realidades sociais diversificadas, diferenciadas e constituídas pelos sujeitos, excluídos socialmente, vistos como perversos e condenados socialmente.

Neste particular, algumas reflexões curriculares se inseriram e se tornam tão importantes para as ambições deste estudo, conforme nos faz refletir Silva (2010), ao caracterizar os seguintes pontos de vista: a) Toda teoria está sempre envolvida num processo circular; b) Deve-se considerar o currículo como uma questão de poder; c) Sempre em volta de um território contestado ao desenvolverem descentramento na forma de conceber o mundo, as relações sociais e, por que não dizer, o próprio currículo esta fora de padrões de disciplinamento normativo com forte apelo para o diferente; d) Neste sentido mesmo, a diferença como categoria conceitual sob esta orientação teórica não pode ser vista fora dos processos linguísticos de significações.

Após termos esclarecido e explicitado alguma definição teórico-metodológica que foram mencionadas, não sem razão, podemos dizer que o currículo nesta perspectiva pode por assim dizer, também constituir-se num campo de abordagens conceituais com reais possibilidades de produção de novos saberes, isto é, numa tentativa concreta de teorizações sobre como vêm sendo efetivamente praticadas estas relações nos ambiente escolares.

Os aplicativos foucaultianos não se esgotam mesmo após os diversos usos de suas ferramentas analíticas. Novos dizeres podem significar do ponto de vista teórico-metodológico o alargamento das assinaturas de Foucault sobre as responsabilidades de outros, através de seus dispositivos conceituais elencados pelas várias propostas de teses em determinadas época e lugares para analisar e explicar os fenômenos sociais com suas vontades de verdades. Ainda assim, não se pode desconsiderar que a realidade social inventada também sofre alterações com os tempos.

Foucault certamente em momento algum ostentava a ideia dos apegos, das vaidades ou preocupações em serem somente suas assinaturas. Por isto, se houver passagens para choques entre pontos de vistas em nossa tese, isto não descredencia os

pressupostos e fundamentos que balizam o pensamento foucaultiano neste estudo, certamente também não será de modo algum nossa preocupação.

Logo, será de bom alvitre considerar que o esgotamento de uns determinados repertórios teóricos e conceituais, seus possíveis desgastes entre o tempo de produção em que foram inventados e os presentes momentos históricos, ainda assim não perderá sua total legitimidade e validade.

Se assim o fosse, os dilemas causados até hoje pelos dogmas, pelas ortodoxias principalmente religiosas, morais, políticas e ideológicas, não se colocariam no epicentro de grandes debates por fora de seus lócus de origem.

Um exemplo clássico está na história da **sexualidade** atravessada por diversos saberes e épocas. Michel Foucault, em uma importante passagem da obra História da Sexualidade I – vontade de saber ao focar reflexões sobre o dispositivo da sexualidade (1988, p. 9-10), afirma que:

No início do século XVII ainda vigorava certa fraqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência e as coisas, sem demasiado disfarces; tinha-se com ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência se comparado com o século XI\X. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo e nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. [...] a sexualidade é então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de produzir. Em torno do sexo, se cala. O casal legítimo e procriador dita a lei, impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais [...].

Esta formulação de Foucault ainda não perdeu sua força e vitalidade epistemológicas por estar fora de seu lugar de origem. A rigor “não” geraram em nós estranhamentos, excentricidades a crença, a opção preferencial que fizemos por seus fundamentos teóricos, mesmo considerando o tempo, o espaço e o momento em que suas ideias foram produzidas, questionada e transformada no bojo da esfera do Estado.

Entendemos que será de responsabilidades de seus seguidores e entusiastas o papel de dar coloração e consistências para suas produções de saberes, indo ao encontro do que acreditam nas passagens de novos fundamentos para outros elementos

investigativos. Portanto, para seguir por estes caminhos escolhidos não foi necessário perder as empatias e sinergias construídas por ele.

A propósito, a validade de um “receituário teórico” pode ter perdas, sim com o tempo. No entanto, do lugar em que surge pode-se até admitir novas vontades de produção de saberes para serem assumidas como uma reinvenção e intervenções acerca do fenômeno proposto sem obstruir os caminhos de fidelização, da superação ou transvaloração diante dos autores que ancoram os estudos teórica e metodologicamente.

Ao contrário, novos pressupostos podem significar novos caminhos de significações e singularizações, novos entendimentos, reflexões e análises a serem reinventadas ou produzidas.

Se a ciência para uns constitui-se em dogmas, saberes fechados e absolutos, não foi esta perspectiva que adotamos nesta produção de novos saberes. Fazer a diferença, contribuindo efetivamente para o alargamento da produção do conhecimento, dar legitimidade para a importância da pesquisa como campo investigativo, irradiando novas descobertas, foram pontos de nossos interesses. Estamos convictos desta perspectiva metodológica que escolhemos, por elas quisemos legitimar os legados foucaultianos e de Nietzsche para encontrar “outros caminhos” de decifração que não fossem o lugar do absoluto, do finito, da privação, da frieza e da insensibilidade.

#### **4 CURVAS E INCURSÕES POR ENTRE VIAS, CONCEITOS E SUBJETIVAÇÕES**

Aquele que pensa estou em poder da verdade, quantas outras posses não deixa escapar para conservar este sentimento! “Quantas coisas não se jogam por cima da borda para se manter “na superfície” – isto é, por cima dos outros, daqueles que estão privados da verdade!

(Nietzsche, 2008)

Antes de iniciar nossas reflexões acerca das categorias teóricas principais de sustentação da tese, podemos afirmar, de bom alvitre, que elas estão constituídas como partes assumidas por nós as quais ancoram e compõem os caminhos e procedimentos metodológicos que entendemos como importante segui-los para que atinjamos os objetivos traçados.

Por isto, queremos deixar claro que este elenco de conceitos que também compõem os aportes teóricos e metodológicos é reiteradamente parte de nossas decisões que marcaram nosso enfático desejo de trazer, neste momento, tentativas de estudos inovadores.

Começando por inserir tais explicações das categorias conceituais na textualidade que deram capilaridade às narrativas de professores/pesquisadores que fazem parte de programas de Pós-Graduação em domínios de saberes das ditas ciências humanas e sociais, filosofia e da educação, os quais têm produzido trabalhos acadêmicos frutos de larga experiência de pesquisa, de debates, palestras, entre outros eventos e modalidades acadêmicas.

Seus depoimentos e pontos de vista contribuíram para melhor localizar nossas reflexões analíticas tendo em vista, mais adiante, aprofundar nossas análises acerca dos falares de nossos interlocutores diretos.

São, portanto, falares de cinco professores pesquisadores que há anos vêm atuando no tripé universitário. Todos eles vêm trabalhando em suas pesquisas com referências teórico-metodológicas que transitam pelo campo de saberes das ditas modernidades e Pós-modernidades e em especial trabalhando com autores do porte de Karl Marx, Frederick Nietzsche, Michael Foucault, Giles Deleuze, entre outros.

O ponto em comum sob o qual metodologicamente aproximaram seus falares coincidiu no fato de todos, neste momento, manifestarem preocupações acerca das

temáticas envolventes da tese, isto é, a sexualidade e a envelhescência em passagem de escolarização.

Importa ainda dizer que estes professores-pesquisadores cujos depoimentos trouxemos, justificam-se por entendermos que os conteúdos de suas explicitações foram alçados através de suas largas experiências acadêmicas, daí trazermos trechos sobre os quais refletem, formulam, anunciam, denunciam, aprofundam, discordam e aproximam suas análises dos pensamentos transgressivos atravessados pelas questões conceituais que envolvem: a sexualidade, a escolarização e o envelhecimento nos respaldando para outras formulações.

Esta tentativa de inovação metodológica não significa, em hipótese alguma, querer estabelecer um jogo ou troca de verdades hierarquicamente verticalizadas dando-se maiores credibilidades ao que disseram os professores-pesquisadores por serem quem são e pelo status que ocupam em detrimento dos falares dos sujeitos homoafetivos velhos (as). Esses atravessamentos que multiplicam falares abrem-nos para outras perspectivas conceituais.

As evidências de suas falas neste texto, voltamos a dizer, quiseram evitar qualquer saber cheio de si ou verdades incontestes. Trata-se apenas de evocar os sentidos e significados de suas práticas discursivas como possibilidades de maturar nossas reflexões decifratórias e nos ajudar a encontrar melhores definições das categorias conceituais imensas em territórios contextualizados.

Inicialmente, torna-se indispensável considerar o que pensam os professores acerca de uma pesquisa deste porte que se propõe a falar de sexualidade, envelhecimento em vias de escolarização, transversalizando outras temáticas principalmente para o domínio de saber da educação e das humanidades. Do mesmo modo, procurar saber como entendem estes assuntos e como se põem a refletir sobre tais categorias mesmo que, para eles, não tragam grandes novidades conceituais no campo da pesquisa.

Neste sentido, a investigação consistiu em estabelecer metodologicamente uma triangulação envolvendo; os falares dos professores-pesquisadores, as análises e as movimentações dos interlocutores diretos antes mesmo de procedermos para as interpretações acerca das problematizações e hipóteses anunciadas e assumidas pela tese, as quais estão apresentadas no último capítulo no qual trazemos diretamente as análises ancoradas no roteiro de entrevistas com eles realizadas.

De modo preliminar e panorâmico o professor de iniciais C. E (2014) faz a abertura destas reflexões teóricas e conceituais iniciando pelo tema da sexualidade, ao nos esclarecer que:

O tema da sexualidade é um tema fundamental para a reflexão e para o estudo dentro daquilo que podemos chamar grosso modo de ciência da educação. Evidentemente que isso não é nenhuma novidade, eu conheço excelente grupo de pesquisa na área da educação que tratam, a propósito da questão da sexualidade, da questão do gênero que foram extremamente importantes no Brasil, assim para lembrar apenas um nome dentre os vários que talvez vocês conheçam mais do que eu que é o grupo de pesquisa que foi criado e fundado, dirigido enquanto ela era professora que agora se aposentou, que é a professora Guacira Louro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que tem uma contribuição inestimável em torno desta discussão e deste debate. Então eu penso que discutir o tema da sexualidade dentro de um programa de Pós-Graduação em educação não é só oportuno, ele não é só uma questão da moda, pelo contrário, é uma questão necessária, urgente e importante sobre esse debate e essa discussão.

A importância desta fala do professor pesquisador acima, fruto destas entrevistas gentilmente concedidas, nos abriram reais possibilidades de efetivação para iniciarmos esta triangulação. Daí considerarmos sua contribuição um dos pilares iniciais que visamos dar consistências às análises no capítulo seguinte para abrir outros campos interpretativos.

Compreendemos, portanto, que ao trazermos por decisão metodológica os falares destes cinco professores pesquisadores universitários fruto de experiências, vivência e militância na pesquisa, no ensino e na extensão universitárias, neste momento, fortaleceu nossas perspectivas de análises decifratórias. E nos ajudaram a melhor posicionar as categorias conceituais a partir do lócus real da pesquisa, isto é, os ambientes escolares.

Tais narrativas nos colocaram diante de outras perspectivas metodológicas de como podemos tratar as categorias conceituais em estudo deste porte. De outro modo, pensamos que com esta iniciativa estivemos fazendo a abertura da porta de entrada de nossos diálogos pertinentes para nos aproximar dos falares de nossos interlocutores indiretos e diretos.

O vasto material coletado que reunimos com os depoimentos e narrativas destes professores assim como os dos sujeitos homoafetivos velhos (as) a partir de suas preocupações e perspectivas com e para o tempo de escolarização, justificaram nosso desejo de partilhar com o leitor nossas impressões, isto é, de vontades verdades em

oferecer estas contribuições para com aqueles que demonstrem interesse pela temática com bastante evidência na atualidade.

O que pretendemos do ponto de vista metodológico foi ousar e sem modismos reafirmar esta triangulação com base nas diferentes leituras e releituras sobre estas categorias conceituais visando qualificar e ampliar outras bases para as intimidades com estas temáticas.

Por exemplo, quando o Professor C.E (2014) fala do tema da sexualidade, logo acima, considerando de suma importância estas reflexões no campo da educação, está ampliando outros interesses e olhares que até então pareciam considerar insignificante discuti-los por entre vias foucaultianas.

Por isto, a necessidade de tentar inovar, de sair da dormência e embriaguez despertando outros interesses, rompendo com a ideia de que era lugar comum se ouvir as verdades sobre homoafetividades em grupos seletos e, sobretudo daqueles que parecem para muitos como cheios de si. Nossa intenção foi ressignificar este sentido e lugares de verdade, livrando-os de serem vistos como supostamente uma instância, uma entidade ou pedestal de verdades supremas e inquestionáveis.

Ao contrário, para nós, os professores que tivemos a oportunidade de entrevistar colocaram-se como partícipes, interlocutores e parceiros por entre os falares de si mesmos e de outros.

Nossa pretensão foi estudar algumas vias de interdição de seus processos de escolarização, de envelhecimento por entre experiências como docentes que transitam cotidianamente por ambientes escolares.

Antever olhares frutos dessas vivências por entre espaços de escolarização possibilitou-nos melhores caminhos para se pensar acerca da vida afetiva e sexual dos “sujeitos esquecidos” que estamos a estudar, tendo como parâmetro seus processos de subjetivações vividos e contextualizados por diversas correlações de forças, trocas e poderes presentes e disseminados por todo o corpo social.

Foi, portanto, relevante termos nos posicionado e ampliando as entrevistas, procuramos saber como os professores observam tais tramas, jogos, relações, trocas e redes sociais de saber/poder; e, de igual modo, como observam os sujeitos homoafetivos velhos (as), tendo como foco suas vidas e vivências escolares.

Reiterando este começo, consideramos de suma importância à declaração da experiente professora e coordenadora de um dos principais grupos de pesquisa nesta área, o Grupo de Estudo de Educação e Relações de Gênero (GEERGE). A



pesquisadora, Louro (2001, p. 30) que nos ensina sobre a questão da sexualidade no espaço escolar:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com a relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância.

Esta posição acima apontada por Louro (2001), também, foi reiterada várias vezes no transcurso deste texto, com posição que nos traz reflexões de que nos ambientes escolares são flagrantes as práticas discursivas de professores que, de modo descabido, demonstram suas aversões e indiferenças para com estes sujeitos. Tornando-se irritantes nas salas dos professores os comentários homofóbicos e de indiferença sem nenhum pudor de muitos destes profissionais da educação para com os alunos homoafetivos.

Estes comentários tornam a sala dos professores, muitas vezes, espaço agressivo e brutal, e parece incorrigível se comparado com as agressividades que também ocorrem em salas de aulas, entre os alunos através das práticas criminosas de bullying homofóbico, tornando muito difícil, para eles, assumirem suas orientações homoafetivas, o que dificulta sua permanência na escola devido às atitudes de rejeição, xingamentos, abusos, humilhação e reprovação pelas quais passam.

Estas muitas facetas das realidades escolares em especial as práticas discursivas daqueles que de algum modo protagonizam relações de saber/poder em seu interior, sinalizam e denunciam as maneiras e normas de condutas preconceituosas e discriminatórias por parte dos atores sociais nestes territórios de saber/poder. Entre eles lamentavelmente os professores. O que vem a prova é que dentro das instituições escolares, grande parte de gestores são omissos ou despreparados para tratar ou lidar com a questão das sexualidades ditas diferentes nestes espaços.

Fica, portanto para nós demonstrado os distanciamentos históricos, sobre os acontecimentos que já há décadas vêm demarcando posicionamentos contrários às práticas discursivas heterossexistas na sociedade.

Foram tantas as interdições sociais inventadas no calor das lutas e conquistas dos movimentos de libertação, resistências e transgressividades que possibilitaram novos estudos, articulações, movimentações diferentes e intempestivas que provocaram mudanças nos espaços públicos e privados institucionalizados, assim como houve várias tentativas de reinvenção, através de proposições, protestos e denúncias por meio de amplos debates e mobilizações que passaram a se constituir em marcações de espaços de poder que aos poucos e continuamente vieram legitimar as reivindicações dos grupos socioculturais e os de orientação homoafetivas como, por exemplo, o GLBT (Gay Lésbica, Bissexuais, Transgêneros)

De igual modo, os movimentos geracionais e culturais voltados para a educação inclusiva. Por exemplo, neste depoimento abaixo, se fez mister situar o conceito de sexualidade através de cenários históricos vividos e que geraram capilaridades por entre décadas, espaços e tempos destas legítimas lutas de resistências. Neste sentido, o Professor C. E. (2014) ressalta:

Claro que nós podemos dizer que nas últimas décadas o tema da sexualidade ganhou outra dimensão. Durante muito tempo, digamos assim durante propriamente uma das consequências do movimento de maio de 1968, dos movimentos de liberação sexual ligados à contra cultura e que chegaram ao Brasil juntamente com a abertura política. A grande questão ligada à sexualidade era a questão da identidade sexual, era uma questão de assumir a sua identidade sexual era uma reivindicação pela possibilidade de você viver a sua escolha, a sua opção o nome que você queria dar. E ao mesmo tempo é claro juntando com os movimentos de liberação uma abertura também cada vez maior pelas relações no caso dos heterossexuais das relações sexuais antes do casamento, da queda do famoso tabu da virgindade e agora nas últimas décadas nos últimos anos nós estamos vivendo outra faceta desta questão que não é mais essa, mas agora nós estamos na era do direito como se costuma chamar. Quer dizer, hoje em dia, as reivindicações no campo da sexualidade são reivindicações no campo do direito, são reivindicações pelo direito ao uso do próprio corpo pelo direito à decisão a respeito da maternidade ou não no caso do aborto, pelo direito à união civil ao famoso casamento entre pessoas do mesmo sexo, de adoção de crianças entre pessoas do mesmo sexo etc, quer dizer, o panorama hoje é muito diferente, já não há mais aquelas reivindicações iniciais, digamos assim, de certa liberdade. Mas nós temos também uma enorme valorização hoje de determinados temas nas relações e em especial entre pessoas do mesmo sexo que antes não era assim, temas muito importantes, a questão da conjugabilidade das regras da fidelidade, dados relacionamentos estáveis duráveis, então nós estamos vivendo nesta época, evidentemente que tudo isto vai chegar à escola [...].

Por isto, é de se lamentar que docentes sejam simpatizantes e intermediários destas infelizes posições discriminatórias, quando na lógica da judicialização os movimentos homoafetivos têm evidenciado suas constantes lutas e manifestações de rua para garantir direitos violados, avançando nas conquistas também na ordem jurídica do Estado democrático de direito.

No entanto, não vale aqui procurar higienizar os espaços societários, entre eles os escolares, já que neles coexistem as diferenças e os múltiplos interesses de grupos, classes, gêneros, etnias raciais, entre vários segmentos sociais, que expressam formas múltiplas e também “legítimas” de disputas de poder e de demarcação de opiniões. Ainda assim somos diametralmente opostos destes tipos de práticas discursivas, mesmo considerando seus posicionamentos equivocados e difusão para expressar seu preconceito, não podemos negar que estes professores podem através de coletivos ou isoladamente se constituir em protagonistas nos espaços e ambientes escolares. Não sem razão Louro (2013, p.103) afirma:

Professores e professoras – como qualquer outro grupo social forma e são objetos de representações. Estamos aqui operando a partir de uma perspectiva teórica que entende a representação não como um reflexo ou espelho da realidade, mas como sua constituidora.

Em concordância com o dizer de Louro (2013), podemos afirmar que essas representações sociais não são, contudo, meras descrições que refletem as práticas destes sujeitos, elas são, de fatos, circunscrições que as constituem, que os produzem. Não se pode deixar de dizer que por enquanto os espaços de escolarização têm sido majoritariamente omissos e visivelmente homofóbicos sobre as questões referente à diversidade sexual e de gênero, o que facilita posicionamentos, ao nosso modo de ver, equivocados.

Não por acaso, os falares dos professores entrevistados corroboram e se aproximam como veremos mais à frente, de modo invertido, das narrativas trazidas pelos interlocutores diretos neste estudo. Os sujeitos homoafetivos velhos (as) quase todos afirmaram que tiveram nos ambientes escolares, problemas vividos de discriminações e preconceitos por mera ou evidente desconfiança sobre suas orientações homoafetivas.

Deste ponto de vista, podemos dizer que estas situações também se reproduzem na família, no trabalho, nas instituições religiosas e escolares entre outras esferas da vida social. São muito presentes nelas as marcas sociais de uma cultura heterossexistas e

falso moralista que reproduzem normas, regras e valores através de práticas educativas no mínimo sob suspeita. Tais práticas são, no dizer de Louro (2001, p. 51), ancorando-nos no pensamento de Foucault, dispositivos inventados pela sociedade disciplinar tendo em vista aperfeiçoar as formas modernas de regulação social através de uma sociedade de vigilância e controle. Daí em outro momento reflexivo presente em sua obra: *Gênero, Sexualidade e Educação*, Louro (2013, p. 72) nos diz que:

A negação dos/as homossexualidades nos espaços legitimados da sala da aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

Em concordância, mais uma vez com o dizer da autora citada, não podemos negar que existem vários entraves que permeiam tais relações escolares indo dos mais simples aos mais complexos motivos, como por exemplo, com raras exceção dificuldades de aceitação que envolvem valores religiosos e moralistas sob os quais incidem dispositivos de controle e disciplinamentos que são, por assim dizer, inscrições e nomeações trazidas desde a origem de sua formação pela cultura normativa ainda muito presente nos espaços institucionais, e muito pouco modificados se considerarmos suas histórias e tradições ao longo de suas trajetórias de vida escolar.

As esferas sociais da família e da formação religiosa destes sujeitos homoafetivos, seja no passado ou no presente, pesam muito em suas vidas contraditando com suas orientações sexuais, levando-os a passar por consequências desastrosas; entre elas: a expulsão de casa, permanecer no “armário”, ocultar suas orientações dentro de casa, ser copiosamente levado ao psicólogo, ao médico e às confissões presentes nos espaços pastorais. Enfim, todos eles passaram por algum tipo de constrangimentos, silenciamentos ou aconselhamentos sobre suas orientações afetivas e sexuais. Não sem razão, este tem sido historicamente o preço a pagar por constituírem-se naquilo que são.

As lutas de resistência e valorização de suas liberdades ao direito, ao afeto e ao respeito às suas singularidades ficaram, todavia, em descompasso em muitos lugares, com os direitos sociais conquistados em outros tempos, mesmo que muitos obstáculos, desafios e situações institucionalmente ameaçadas e negadas tenham sido superadas, ainda há no presente muitos confrontos, perspectivas e estratégias de conquistas do direito ao afeto a se vencer.

Nas dobras destes estudos, podemos dizer que muitos depoimentos e narrativas se aproximam de nossas problematizações pensadas e que dão vida aos conceitos chave da tese. Portanto, são os de fora, de vidas paralelas, de histórias de vidas infames que, neste estudo em vias de escolarização no espaço urbano da cidade de Belém, estiveram em foco para que tentássemos responder às problematizações levantadas pela tese, entre elas: Qual a orientação de ordem discursiva que deu sentido e significado aos tempos vividos de escolarização acerca dos sujeitos homoafetivos? Os espaços de escolarização apontaram tramas, jogos, trocas, relações de poder e estratégias de resistências e transgressividades por entre as ordens discursivas disciplinadoras e as inventividades criativas dos sujeitos homoafetivos marcadas por desejos e vontade de subjetivações de seus corpos?

Estes marcadores socioafetivos presentes questionadores destas relações de poder que foram colocadas no cerne destas problematizações são, em geral, reveladores das antinomias que repercutem sobre a condição humana dos sujeitos, sejam eles quais forem, e em que perspectivas históricas estejam apontando ou sinalizando suas diversas maneiras de empoderamento.

Apesar de todas essas situações apontadas até aqui de maneira panorâmica sobre a temática da sexualidade, também do mesmo modo, apostamos no conjunto de formulações que emergem por entre épocas em que as relações de poder nem sempre foram amistosas entre os movimentos sociais e as representações do Estado. Principalmente para subsidiar a produção de políticas públicas voltadas para estes segmentos sociais, ainda que sejam gradativas as conquistas, diante da acelerada repercussão que a temática vem despertando. Neste sentido o Professor R. G (2014) nos chama a atenção para que possamos melhor entender a relação entre o estado e os movimentos sociais e como destas tramas de poder se constituem as correlações de forças visando à garantia ou não de políticas públicas para estes segmentos. Sobre estas questões assim se expressa:

[...] por que políticas públicas? Eu penso que elas não são dádivas do Estado. Eu penso que a política pública é construída a partir desse tencionamento entre a sociedade e o Estado. Agora, se a sociedade não está organizada politicamente, dificilmente ela vai conseguir promover este tencionamento com o Estado, que gere a formulação de políticas públicas, então isso para mim é preocupante [...]. E quando eu falo de políticas públicas eu estou falando de políticas de lazer, política de saúde, política de esporte, políticas culturais, mas eu quero destacar uma que é a política educacional.

Os tensionamentos oriundos destas invenções de poder que se capilarizam por entre várias necessidades de materialização urgente e necessárias de políticas públicas não são diferentes quando pensados sobre a ótica da educação-escolarização. Os entre muros escolares refletem na maioria das vezes essa ausência, escassez ou abundância de ressignificação e busca de novas escritas. São lugares que se movem para reencontros de produções de significados que reverberam a reprodução de vidas nem sempre aceitas. Apesar dos paradoxos, estes sujeitos inventados congestionam os espaços de difusão de opiniões públicas e privadas por serem partes ativas que garantem polêmicas em torno da manutenção do sistema e da sustentabilidade das redes de relações que envolvem as diversas formas de poder e de políticas traçadas e nem sempre bem executadas.

Diante de tantas tramas de poder, pensamos que nossas tentativas de invenções metodológicas aqui apresentadas visaram trazer desde já os falares de nossos interlocutores diretos e indiretos para identificar traços que revelassem a reinvenção de suas vias de escolarização, tendo em foco nossa problematização de tese. Compreendemos que foram vitais tais posicionamentos para esta materialização e exercícios reflexivos onde estão assentadas as categorias conceituais, as estratégias de redefinição que foram dando contornos às assinaturas da tese, por entre saberes e poderes, engendrados de suas concepções teóricas e metodológicas, ou mesmo meras opiniões.

Alargar nossos olhares para nossas decifrações conceituais a partir de outras experimentações vividas foi, sem sombra de dúvida, o grande aprendizado para buscarmos nossas próprias elaborações, definições e assinaturas, tornando-nos mais maduros para viabilizarmos com autonomia e sem temor nossas reflexões em direção à sociedade, à academia e principalmente aos estudiosos e sujeitos da pesquisa. Com isto, fomos alargando, criteriosamente e de maneira responsável, as assinaturas que se identificam com o modo de pensar de Foucault.

Daí ser de comum acordo com os posicionamentos de Vorraber (2005, p.125) quando nos diz:

Assumir uma posição teórica, explorando ao máximo o pensamento de alguns autores que passam a fazer parte de nós mesmos, relançarem a herança, e, de outro modo, como sugere Derrida, passar a orientar nosso olhar (agora convertido) por esses outros lugares, sem, no entanto, deixarmos de ser nós mesmos, de falar dessa pessoa única que aqui está a pensar, sem deixar de estar atento ao nosso país, ao nosso lugar, ao nosso tempo, às agruras e beleza do espaço e da hora que habitamos – esse é o grande desafio, esse é o grande exercício do que estou chamando aqui de conversão do olhar na escrita acadêmica, como cuidada consigo, como escrita de si, como arte da existência.

Estes caminhos de experimentações conceituais foram ancorados por nosso entendimento sobre a constituição da arqueologia do saber foucaultiana, segundo a qual devem estas experimentações se fortalecer através das atenções voltadas aos sentidos e significados de uma proposta arqueológica: “[...] que não se destina a reduzir à diversidade dos discursos nem a linearidade que deve totalizá-los, mas sim a repartir sua diversidade em figuras diferentes. Voltamos a insistir: A comparação arqueológica não tem um efeito unificador, mas multiplicador” (FOUCAULT, 2013, p.195).

O conjunto das inovações metodológicas de Foucault o tornou um dos mais respeitados pensadores de sua época. Suas pesquisas culminaram em grandes, densos, consistentes e intempestivos relatórios e arquivos que se constituíram naquilo que ele definia como acontecimentos, em outras palavras: “a reconstituição por trás dos fatos de uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas” (FOUCAULT, 2013).

Suas ousadias nos inspiraram sem grandes pretensões para esta tentativa de reinventar a forma de trabalhar as categorias conceituais nesta tese. Não foi, portanto esta nossa pretensão, no entanto, pensamos que se ao menos nossos esforços pudessem contribuir efetivamente para outros olhares sobre a temática em questão já seria de nossa parte de grande valia poder confirmar nossos desejos e objetivos para com este estudo.

Como por exemplo, o de compreender como se movimentam os cotidianos escolares muitas vezes silenciados, apesar de repletos de múltiplos acontecimentos que apontam singularidades e subjetivações que não sabemos ao certo aonde irão chegar e qual o tempo de parar. Nestes ambientes escolares também se fala de corpos e sexualidades ainda como assunto tabu, ou pouco recomendados mesmo que para muitos sejam novas frestas por onde a transgressividade se põe, porque para muitos é desnecessário vivenciá-las e experimentá-las. Diante desta afirmação, Louro (2013, p. 84) sentencia:

É importante notar, no entanto que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta, indagados/as sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo; “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nesta área”, ou, então, “nós acreditamos que cabe à família tratar desse assunto”. De algum modo, parece que se deixar de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola. É importante que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.

Seguindo na linha de formulação de Louro (2000), traremos mais uma vez Foucault (1926-1984) para entender que todo acontecimento consiste num discurso, ou no despertar de uma ruptura necessariamente induzida pelo fato e pela incursão das singularidades históricas inauditas que estão por trás das estratégias de poder.

Por isto, com ele aprendemos a importância de revisitar os discursos procurando analisar suas entrelinhas presentes em rede discursiva de subjetivações, através deste exercício, seremos capazes de dar novos significados e sentidos àqueles que não podem simplesmente ser esquecidos por serem “estranhos” e excêntricos.

Neste sentido, buscar compreender a questão conceitual da sexualidade e da escolarização dando sentido material para estes, nos fez perceber que nos ambientes escolares os sujeitos se reinventam em várias e múltiplas direções, isto é, os conceitos se movimentam e reinventam nos cotidianos escolares através de: atrevimentos, inventividades, pluralidade de opiniões, mas também no convívio diário com as formas de disciplinamento, vigilância e controle, geradores de conflitos, paradoxos e interseções.

Neste ponto pergunta-se: será possível despedagogizar as práticas curriculares e as atividades escolares castradoras, disciplinadoras e modelizadoras dos corpos dóceis e inaugurar outros lugares de convivência escolar no mínimo aceita? Sobre isto a professora M.J. (2014) nos provoca e nos faz refletir ao dizer:

Infelizmente o campo da educação tem dificuldades em lidar com discussões que tratam do corpo. E para mim as questões que tratam do envelhecimento, do gênero, da sexualidade têm uma ação profunda sobre os corpos. E qualquer ação que se volte para a ação dos corpos na educação é muito mal vista, que a ideia sempre que se tem é que a educação é sempre da mente, do espírito e não é uma prática que atua sobre os corpos. De um modo geral, esses temas não são considerados temas centrais e importantes para ser conhecidos no campo da educação. Sobretudo quando se tem um escolacentrismo. Qualquer discussão que não passe pela educação escolar é vista como uma



temática acessória [...], a pergunta é sempre o que eles têm a ver com a educação? Na verdade, as pessoas estão querendo perguntar, o que isto tem a ver com as escolas? [...] então reduzem a educação ao que se passa na escola, esquecem que a escola é um lugar de sujeitos e corpos vivos e o que acontece na vida destes sujeitos em suas diferentes dimensões é tão importante quanto aquilo que acontece numa prática chamada de escolarização. Ou melhor, isso tudo atravessa uma prática chamada de escolarização. Então todo tema que traz o corpo vivo, o corpo docente, o corpo educado o corpo escolarização é absolutamente importante. Quando a gente cruza categorias como gênero, sexualidade ou envelhecimento, no meu ponto de vista, na verdade, nós estamos trazendo as multiplicidades desta discussão [...], é preciso entender que dentro destas categorias ou desses grupos está uma série de nuances então que elas mesmas precisam ser problematizadas.

Portanto fica a lição: problematizar por entre curvas sinuosas e caminhos circulantes, envolvendo as instituições escolares, os territórios de afetos, e práticas educativas como lugares de inquietações no campo da educação requer que situemos tais categorias conceituais principais que elegemos para dar continuidade às análises que estivemos movimentando ao longo deste percurso.

A partir deste momento, só nos coube aprofundar detalhadamente os conceitos chave que constituem o campo analítico deste estudo: são eles: a sexualidade, o envelhecimento e a escolarização. Os demais termos correlatos foram atravessados por estas reflexões e tiveram o propósito de trazer clarezas sobre suas importâncias nesta construção de significados e sentidos que orientam os domínios de saberes da educação.

Estes “passeios” panorâmicos acerca das categorias conceituais escolhidas, como por exemplo, a questão da sexualidade, agregam em si, práticas discursivas, linguagem, estratégias sociais e políticas que permeiam a cultura sobre os corpos mesmo considerando que as instituições escolares historicamente tenham sido arredias ao tratar destas temáticas em seus ambientes de formação/escolarização como já falamos inúmeras vezes.

Por isto, a necessidade de aprofundamentos acerca destas categorias aproximando-as das questões voltadas para entender as práticas educativas, as teorias de currículos, modos avaliativos, estratégias de ensino, entre outras situações envolvidas nas relações de poder da cultura e do currículo que geram capilaridades e outras maneiras de envolvimento nos ambientes escolares sob as quais se constituem os sujeitos na trama histórica dos acontecimentos por eles vividos.

As influências sofridas por eles, os ordenamentos de controle e regulação que visam à higienização destes corpos pelas instituições sociais fazem destes, por entre

tempo e lugares, sujeitos capazes apesar dos desafios de a qualquer momento terem desejos de subjetivações, às vezes tímidas, às vezes tardiamente não importa senão seus desejos de experimentar algo próprio de si e que em dado momento podem revelar suas posições de inverter as relações de saber/poder que parecem eternamente pertencer ao universo das instituições escolares.

Segundo Foucault apud Revel (2011, p. 147):

[...] a maneira como o sujeito realiza a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo, torna-se então o centro das análises do filósofo: se o sujeito se constitui, não é com fundamentação numa identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou por meio de técnica de si.

Após ter deixado claro que para Foucault conceituar o sujeito significa realizar e experimentar vivências de si mesmo para ampliar seus pontos de vista e perspectivas como sujeitos. Quando nos propomos elucidar estas vias conceituais especificando o sentido de cada uma das categorias, fazia parte de nossos desejos aproximá-las de forma clara para o leitor com quem estávamos em sintonia fina com os campos de saberes das ciências humanas e sociais sintonizadas com a área da educação.

No entanto, não pretendemos negligenciar sobre a triangulação que envolve nossa abordagem do começo ao fim, pois que a sexualidade, a escolarização e o envelhecimento trazem como novidades o olhar que penetra entre tempos e épocas o concreto e o almejado voltado para a reinvenção dos sujeitos entre memórias, experimentações e perspectivas.

A categoria conceitual da escolarização foi vista e trabalhada por nós não como sendo apenas uma formulação com sentido negativo sobre as instituições escolares ou então por olhares polarizados ideologicamente, mas o nefasto papel ou função social da escola na formação de sujeitos como algo reprovável ou desprovida de sentidos.

Não foi esta linha de orientação que seguimos embora não haja cegueira sobre estes ensaios, como se as práticas escolares estivessem acontecendo de maneira absurdamente (des) favorável a todos. Nem é isto que queremos dizer sobre o que vem ocorrendo em grande parte das teses acadêmicas que tivemos a oportunidade de estudar durante a concretização de nossa produção do conhecimento.

Tentaremos apenas nos isentar desta indução investigativa tendenciosa por entender que os ambientes escolares são espaços plurais e possíveis de múltiplos

olhares, regimes de verdades, jogos, relações e tramas de poderes diversificados e inauditos.

Acreditamos que as categorias conceituais muitas vezes estão à revelia dos jogos de interesses e podem ser instrumentalizadas não por acaso, a partir das tendências e bases epistemológicas que as envolvam.

Se for para demarcar nossos espaços epistemológicos, então diremos que nossa abordagem “passeou” com seus sujeitos por uma perspectiva foucaultiana da história. Então não devemos, por excesso de precaução, omitir e perder de vista os sentidos e significados sob os quais nos lançamos para escavar atravessando vias de subjetivações e singularidades presentes nos espaços escolares.

Estas categorias parecem ter encontrado novas ancoragens no pensamento de Foucault nos levando para outras margens que ampliam o campo da diversidade ora em relevo. Pensamos, que por elas, encontramos caminhos de subjetivações que atravessaram questões relacionadas como as intimidades, alteridades, os territórios de afeto, a política, o poder, a moral, a família, a religião, as estratégias de desejo e as formas de denúncias, resistências e possibilidades de reinvenções além de outras temáticas correlatas.

Após situarmos os ziguez-zagues destas passagens panorâmicas sobre o foco central de nossos estudos subsidiados e ancorados pelo perspectivismo de nossos referenciais teórico-metodológicos, resta-nos por fim dizer o que entendemos e como localizamos estas categorias conceituais, nas considerações e nas ponderações até aqui apresentadas.

#### 4.1 Sexualidade

Iniciaremos esta incursão sem linhas de fuga sobre a questão da sexualidade, situando-a enquanto categoria conceitual que ancora tais enunciados por entre práticas discursivas, linguagens e estratégias sociais e políticas que permeiam a cultura sobre os corpos, mesmo considerando que as instituições escolares historicamente tenham sido arredias ao tratar destas temáticas em seus ambientes de formação/escolarização.

Por isto, nos parece claro aqui entender a categoria da sexualidade e do sexo em nossa perspectiva de estudos bem distante de qualquer tendência teórico-metodológica de concebê-la como de ordem essencialmente vinculada à natureza humana, como em passado não tão longínquo se tentou emplacar posicionamentos através de fortes

vertentes teóricas do campo da biologia como sendo esta a única via de compreensão acerca do corpo, do sexo e das sexualidades.

Numa brilhante passagem de sua obra: *O corpo educado; pedagogias da sexualidade*, Louro (2001, p, 11) nos parece pôr fim a quaisquer dúvidas sobre estas polêmicas ao afirmar:

[...] podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções. Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria compreensão de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é - ou não- natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentidos socialmente. A inscrição de gênero - feminino ou masculino- nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura, e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Neste sentido, alguns outros autores no passado também compartilhavam da ideia de que a sexualidade se tornara o lugar da verdade do sujeito com suas fantasias, criatividades e desejos de poder/prazer. Entre os brilhantes teóricos modernos (Pós), com forte presença e autoridade sobre o tema, encontra-se o pensador francês Michael Foucault, reconhecido por suas pesquisas e posições como aqui foi citado por Soares; Mayer (2003, p. 144):

Foucault contestou a perspectiva da sexualidade como biológica e íntima do indivíduo, ao priorizar análises que buscaram explorar os modos pelos quais os discursos e as instituições produziram conhecimentos sobre nossa sexualidade desde os primeiros passos genealógicos da constituição histórica.

O sexo não pode ser entendido somente como função biológica determinista sobre a qual se agregariam aspectos culturais e morais condicionadores das vontades dos sujeitos sendo, portanto, necessária a busca de vestígios impostos e inventados, sobretudo, acerca da condição humana.

A partir desta compreensão conceitual foucaultiana, pode-se partir da ideia de que entre sexo e sexualidade se possuem, constroem-se e constituem-se orientações

diferentes de em si mesmos por entre um vasto regime circulante e disperso sobre as subjetividades humanas.

Não sem razão, partimos efetivamente a assimilar que os fundamentos que orientam a prática da sexualidade dos sujeitos se assentam na lógica de que tais conceitos são invenções não necessariamente excludentes ancoradas em dispositivos de vontade de saber/prazer. Porém, são desconhecidos os seus limites.

Foucault (1988, p. 171) de forma magistral a partir de suas escavações ter esclarecido com tamanha lucidez que:

[...] o sexo se encontra na dependência histórica da sexualidade. Não situar o sexo do lado do real e a sexualidade do lado das ideias confusas e ilusões; a sexualidade é uma figura histórica muito real, e foi ela que suscitou como elemento especulativo necessário ao seu funcionamento, a noção de sexo. Não acreditar que dizendo sim ao sexo se está dizendo sim ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo da sexualidade. Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, serão com relação à instância do sexo que devemos liberar-nos.

Agregando em si, múltiplas nuances históricas e culturais que marcaram e nomearam as mais diversas maneiras de sociabilidades humanas inventadas pelos sujeitos, sobretudo e a partir de como subjetivam sobre seus corpos nos esclarecem ainda mais sobre a perspectiva de Foucault. Em relação a questão da sexualidade, o professor de iniciais P. E. (2014) nos diz:

A sexualidade em Foucault implica uma série de dimensões. Não é apenas o sexo, não é. É a realização de nós com o nosso próprio corpo e com o outro. Implica uma série de dimensões subjetivas. A sexualidade, o uso dos prazeres para Foucault. No grego, implica a dietética, o exercício de exame de consciência sobre as reflexões pessoais sobre a nossa própria vida. Sobre o modo que se vive a cada dia.

Seguindo em nossas reflexões, retornamos de forma mais diretiva, a partir de Foucault, o que estamos entendendo por sexo e sexualidade, ou melhor, o dispositivo da sexualidade como assim pensava no campo de suas problematizações.

Poeticamente pensamos que ele assim define, ancorando-se em Kate em *The Plumed Serpent*<sup>12</sup> (1988, p. 171) “tudo é sexo. Como o sexo pode ser belo quando o homem o mantém poderoso e sagrado e quando ele preenche o mundo. Ele é como o sol que vos inunda, que vos penetra com a sua luz”. Com isto o emitente pensador deixa-nos claro, em que pese à noção de sexo atravessar os divãs psiquiátricos e os confessionários nas cabeceiras da história da sexualidade, que o sexo é bem mais sedutor, erótico, pulsante e transbordante, capaz de nos levar por mundos desconhecidos e transcendentais na busca de nós mesmos até o constituir-se, por entre indecifráveis atrevimentos naquilo que se é, sem ousar dizer seu nome, seus códigos e senhas na busca inquietante e intrusa de essencialmente aprender a dançar dando sentidos à vida em plenitude como se esta fosse uma obra de arte.

Espera-se que estejamos sendo claro para o leitor, partindo nestas trilhas reflexivas que surgiram destas experimentações conceituais sobre sexualidade e o sexo, sendo compreendido, pois, que decifrar a fluidez dos desejos mais íntimos presentes na condição humana é algo extremamente complexo.

Porém foi nesta perspectiva que procuramos compreender as multipolaridades que estão situadas nos discursos sobre a sexualidade principalmente no contexto escolar. Deste modo nossa mira analítica temporal e espacial se fundou numa abordagem histórica por considerar estas instituições escolares como ao longo de seus tempos de existências terem sido “possuidoras de regimes de verdades” fortemente ancorados no disciplinamento, no controle, nas normatividades e formas de regulação sustentadas por valores morais e em grandes medidas religiosos.

Buscar uma compreensão contrária a estas posições nesse sentido a partir do pensamento de Foucault requer ir ao encontro de sua arqueogenealogia, abordagens estas que estão presentes em suas obras: *História da Sexualidade, Vigiar e Punir: A história da violência nas prisões* e *a Microfísica do Poder*, onde nesta última, as seções IX referentes ao poder-corpo (1975), seção XV – não ao sexo e Rei, e a seção XVI – sobre a história da sexualidade pensamos que torna tão cristalino seu posicionamento acerca deste dispositivo.

Insistirmos em dizer que o repertório teórico-metodológico foucaultiano, em grande parte, está situado em questões relacionadas: à sexualidade, à loucura, às

---

<sup>12</sup> É um romance de DH Lawrence, publicado pela primeira vez por Martin Secker em 1926. O título original do trabalho um projeto inicial era "Quetzalcoatl", uma referência ao culto da serpente emplumada no México.

anormalidades, ao poder, ao saber, à ordem discursiva, aos regimes de verdades, às formas de vigilâncias e constituição do sujeito entre outras temáticas correlatas.

Segundo Foucault, para além de uma simples metáfora, o corpo possui uma representação simbólica nas relações de poder-saber-prazer e é sobre ele que se pode, de acordo com os modelos societários, produzir formas de tecnologias e governamentalidades as quais geram as sujeições, as subjetivações, as intervenções, interseções e os interditos na esfera da vida política.

A partir destes conceitos apreendidos, pode-se dizer que todo corpo individual também é social, tem marcas de sua produção e invenção na esfera do poder e da política para proteger-se ou usar dispositivos que engendrem métodos de assepsia, e exclusão, higienização diante dos que fogem às normalidades impostas, entre eles estão: os “degenerados”, “os bizarros” e “extravagantes” os quais produzem discursos por entre tempos e lugares, passados e presentes que fogem ao contexto das heteronormatividades.

Para Foucault, as instituições sociais a partir da ordem do discurso de suas autoridades, através de tecnologias, produzem seus modelos e fortes marcas de dominação acerca da sexualidade dos sujeitos sendo estes normatizados por entretempos e épocas históricos em que sistemas de controle e regulações passam a dominar as formas de invenções sociais. Principalmente através dos dispositivos enunciativos que são produzidos. Como por exemplo, no contexto, sobretudo, da racionalidade instrumental presente nas sociedades aristocráticas e burguesas no mundo ocidental.

Na obra de Foucault intitulada *História da sexualidade I: a vontade de saber* encontramos expressões que sinalizam os sentidos e significados destas invenções, tais como: sexo – natureza, sexo – história, sexo – significado, sexo – discurso, sexo – razão de tudo.

Neste ponto de vista poderíamos, em âncoras genealógicas, dizer que historicamente a questão da sexualidade passou por vários domínios de saberes e graus de sociabilidades em campos inventados por sujeições e subjetivações, sobretudo em diversas tramas e caminhos arriscados de verdade.

Para um melhor entendimento sobre isto, Foucault constrói o conceito de veridicção, nos dando uma visão mais ampla e profunda acerca das técnicas de verdade que têm forte efeito de realidade por dentro dos diversos níveis de realidades sociais produzidas.

A veridicção, portanto para ele, seria compreender e focalizar como o diverso tipo de sociedade faz funcionar seus regimes próprios de verdades através do uso de técnicas e procedimentos discursivos em várias áreas de domínio de saber/poder.

Como nos diz Foucault na obra *Os anormais* (2010, p.216):

A família aristocrática e burguesa [...] até meados do século XVIII, era afinal essencialmente uma espécie de conjunto relacional, feixe de relações de ascendência, descendência, colateralidade, parentesco, primogenitura, aliança, que correspondiam a esquema de transmissão de parentesco, de divisão e repartições de bens e dos estatutos sociais. Era essencialmente às relações que se referiam efetivamente os interditos sexuais.

Romper as cadeias universalistas que materializam as formas de poder sobre o desejo-prazer-saber tendo em vista desconstruir por meio de outros sentidos padrões normativos e modelizadores sobre os corpos, sem sombra de dúvidas, requer que exercitemos outros olhares ao que Foucault denominou de microfísica, por entender que por e sobre elas estão marcadas as particularidades e singularidades dos indivíduos, grupos, castas, que vis-à-vis podem ser também vistos com traços reveladores de outras formas manifestas de poder-saber-prazer, porém nem sempre visivelmente marcam a personalidade e autenticidades dos sujeitos.

Na tentativa de nos aproximar desta perspectiva que pode vir ao encontro de sentidos antropológicos, para dizer que as produções do sujeito e suas relações históricas são também culturais e autopoéticas. Os sujeitos ao reinventarem-se podem ter assinaturas não necessariamente ideológicas, nos movimentos de controle, dominadores e alienantes, como no dizer de Karl Marx (1818-1883), serão marcas que o identificam não sendo suas e muito menos vistas com bons olhos.

O julgamento de cunho especialmente moral e religioso destes acontecimentos pelas instituições da sociedade sobre os sujeitos em suas inovações quase sempre produzem juízos de valor depreciativos e (in) compreensões hierarquizadas e etnocêntricas diante da possibilidade de capilaridade na representação e erotização dos corpos, principalmente dos sujeitos vistos como diferentes, especialmente quando as formas de afetos se diversificam para além das ditas normalidades e padrões impostos.

Como são vistos, por exemplo, os corpos dos ditos loucos, das pessoas com deficiências, dos dograditos, dos andarilhos, dos pervertidos, dos homossexuais, dos obesos, dos velhos, dos meninos (as) de ruas, dos falantes, dos irreverentes, das prostitutas, dos pretos, dos pobres, dos homens do campo, entre outros.



Entretanto, tais juízos de valores e posicionamentos morais e religiosos que obliteraram sentidos para além de quaisquer dispositivos midiáticos ou publicitários, seja através de indultos de governo, estado, ou mercado em suas lógicas cambiantes, são, sem sombra de dúvida, manifestações de regras de poder maquiadoras e manipuladoras sobre quaisquer possibilidades de acesso para as transgressões e anormalidades.

Portanto, isto nos vale para acrescentar que a questão da sexualidade enquanto categoria conceitual não pode, a partir de uma perspectiva foucaultiana, deixar-se possuir somente por vontades e desejos que se moldam de fora para dentro dos estágios de sociabilidades, esquadrinhando os sujeitos desejanter de quaisquer possibilidades de encontro com outras fontes e tramas em que possam estar singularizados ou inventados por suas vontades e momento de sedução ou erotização sobre as quais se preenche de afetos em seus corpos.

Foi por isto a nosso ver que a visão universalista sobre os corpos e os sentidos e definições, às vezes, equivocadas sobre corporeidades gera uma espécie de identidade coletiva ante molecular, e até mesmo uma invenção meticulosa manifesta na forma de poder produzindo efeitos, construindo, inventando outros sujeitos ancorados em estratégias de poder dominantes que podemos notar através das culturas, das histórias da sexualidade sobre os olhares das instituições sociais seculares como de fato ocorreu principalmente no século XVIII e XIX. Entre elas chamamos a atenção para: as formas médicas, religiosas, militares, familiares, escolares, distribuídas pelo corpo social.

Ademais, Foucault (2010, p.225) faz referência, ressaltadas na obra *Os anormais* ao nos dizer:

É essa sexualidade assim investida, assim constituída no interior da família, que os médicos – que desde fins do século XVIII já têm controle sobre ela - vão retomar em meados do século XIX, para constituir, com o instinto de que lhes falei nas sessões precedentes, o grande domínio das anomalias.

Fica-nos, portanto, a ideia de que a invenção dos dispositivos e as estratégias produzidas acerca da sexualidade, de fato, revelavam fartamente as relações de poder exercidas pelas instituições para controlar, vigiar, punir, castrar, regular, censurar, proibir os desejos dos indivíduos sobre seus próprios corpos, querendo imputar-lhes o direito ao uso dos prazeres e o direito aos afetos.

Vale, portanto, acrescentar que a concessão e o acesso aos direitos sobre o sexo e a sexualidade dos indivíduos ao longo do tempo-espaço, adquiriram novas estratégias de produção de tecnologias, tendo como exemplos, os contratos e as formas de soberania disciplinar que passam a engendrar papéis sociais legítima e legalmente reconhecidos pelas esferas de poder constituídas, somente se tiverem como vimos na citação acima, o consentimento e os vistos das instituições de poder que controlam e reinventam novas possibilidades de inclusão e permissividades legais e os domínios sobre os eventos sociais.

Os contratos de casamento, os contratos de direito à propriedade, os contratos e de modo mais recente as conquistas de direitos homoafetivos como, por exemplo o direito a adoção, casamento civil, entre outros, como os direitos de vida e morte que podem ser vistos como exemplos que nomeiam as novas diretrizes conjunturais e o quadro de conquistas na atualidade.

Porém nem sempre os contratos sociais que se institucionalizam tiveram ao longo da história de ser complacentes com as ousadas tentativas de legitimação diante da possibilidade (na ausência de outro termo) de se efetivar “contratos de natureza animal” que, a nosso ver, estariam para além de qualquer normatividade sobre o direito aos afetos e das tramas de gênero. Estes (des) caminhos, efetivos, ativos e afetivamente são, todavia os “únicos” para tornar possível a invenção de afetos singulares, vivenciados e experimentados somente pelos indivíduos que ousam atrevimentos, com base em seu código de ética ou princípio de permissividade, deixar que se concretizem as “leis e éticas do desejo”.

Estas vias de sexualidade a se concretizar não encontram e nem têm instrumentos ou dispositivos legais, nem lugares de registros definidos e muito menos contratos de alianças para sua amorosa erotização se concretizar. Parece ousado dizer isto, porém esta é a nossa aposta atrevida para romper os limítrofes conceituais acerca da sexualidade.

As marcas tatuadas das recíprocas entregas dos corpos são aberturas poéticas e sinérgicas, são sem muito formalismo para entrega senão à vontade, ao desejo e a cumplicidades, por isto, são circulares e sem formas definidas, sem ousar dizer seus nomes, podendo acontecer em qualquer fase da vida, e atingir níveis de subjetivações que transcendem as previsibilidades de nossa condição humana. De certo são atitudes de afeto imprevisíveis que ousaríamos chamar de uma entrega profundamente ecológica e ontológica da natureza humana desconhecida e que está para além das perspectivas

freudianas sobre o conceito de libido como energia sexual presente nas excitações e nos impulsos sexuais.

Tais afirmações ousadas nos deixam “tranquilo” quando acreditamos que à natureza ecologicamente animal, na composição anatômica dos sentidos “insanos” dos indivíduos, pode até, como estratégia de afeto, deixar escapar sua singularidade e se pôr e opor a qualquer regramento social, podendo lapidar, inverter ou ressignificar ou desconstruir suas vontades de prazer, de poder e de saber.

Porém, vale dizer que as constituições de modelos societários históricos experimentados se constituem dos modos associativos inventados pelos indivíduos e seus ciclos ininterruptos através dos quais intercedem por suas próprias vontades de viver neste universo. O genial sociólogo em suas elaborações contrárias às ciências modernas, com seu indolente cientificismo, já nos alertava Elias (1994, p.16):

Ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos [...] a junção de muitos elementos individuais forma uma unidade cuja estrutura não pode ser inferida de seus componentes isolados.

Pensamos que as contribuições pertinentes na obra do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990): *A Sociedade dos indivíduos* (1939) nos ajuda a colocar com clareza as enunciações de um de nossos problemas conceituais que trouxemos acima quando partimos da questão de que os sujeitos em seus atrevimentos e singularidades podem modificar as estruturas e concepções das instituições com o passar do tempo. Neste caso, os homossexuais ao se colocarem como sujeitos de direitos, inclusive aos afetos, podem alterar os dispositivos institucionais através de enigmáticos campos de subjetivação que sobre eles se põe.

Sob as âncoras de Norbert Elias (1994, p.25) poderíamos como ele sentenciar:

A relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. Não encontra analogia em nenhuma outra esfera da existência. Apesar disso, a experiência adquirida observando-se a relação entre as partes e o todo em outras esferas pode, até certo ponto, ajudar-nos neste aspecto.

Pretendemos deixar antever nossas expectativas, haja vista compreender que o isolamento de tais questões não pode em suas pretensões analíticas discorrer separadamente do contexto de produção e invenção em torno da questão da sexualidade.

A sexualidade como fenômeno que estudamos tratou de possibilidade de constituir uma ontologia do presente, como entende Foucault, só terá sentido se partimos do seguinte problema chave: Se admitimos que o sexo e a sexualidade ao serem inventados socialmente estão associados às formas de transgressão e também de controle e se através das relações de poder e políticas, com fortes presenças de fatores determinantes econômicos, sociais e culturais, vão se hegemonizando não sendo isto, pensamos que os dispositivos da sexualidade só terão força se pensados a partir de relações de poder agregando neles o valor de troca e uso como anteveem os fundamentos e as perspectivas teóricas economicistas clássicas, inclusive as que se ancoram no pensamento marxiano.

Porém, se alçarmos nosso olhar a partir dos (des) centramentos do poder que movem a política, podemos antever que, em suas singularidades, os indivíduos no uso e exercício de sua tecnologia do eu, como prevê Foucault, podem muito bem estabelecer e atravessar outras trilhas de exercício de poder e de práticas políticas sobre as quais estão as formas inventadas ou sobre as quais se (re) inventam afetos ou sua forma de indignação, transgressão ou subjetividades que podem liberar seus instintos agressivos por entre as bordas do poder que pune e vigia.

Portanto, qualquer tentativa de classificar e nomear a sexualidade pensamos que esbarrará em problemas abertos, sem respostas, ou levianamente falsos, moralidades com argumentos que forjam acontecimentos no mínimo insanos e arbitrários como temos visto no Brasil acerca da cura gay, entre outras insanidades e estados de demências na ordem dos discursos de pseudo-autoridades.

Na obra *A ordem dos discursos*, Foucault (2009, p. 40-41) na então passagem já chamava a atenção para o seguinte elemento:

É certo que não mais existem tais “sociedades de discurso”, com esse jogo ambíguo de segredo e de divulgação. Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não-permutabilidade. É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma “sociedade do discurso” difusa, talvez, mas certamente coercitiva.

Para Foucault, o que é essencial na constituição dos corpos, da sexualidade e do sexo, muitas vezes foi negado também nas intencionalidades do materialismo histórico

e dialético como fontes teórico-metodológicas inspiradoras de grandes epistemologias nas raias das ciências sociais e humanas e nas fontes principalmente da ciência política de cunho materialista com suas várias vertentes marxistas. Para ele, o elemento capital diferenciador está no fato de sua negação em que se contrapõem aos ideologismos, fundamentalismos e essencialíssimos sobre o corpo, o sexo e a sexualidade como elementos integrantes das práticas discursivas.

Considera que o importante é estudar os efeitos do poder sobre o corpo. É o seu estado de imanência o foco da materialidade e das consciências, de modo que somente por estes caminhos podemos buscar outros e novos sentidos acerca da complexidade deste tema, sem traçados de polaridade como única alternativa para fins de análise. Portanto, será de bom tom afirmar que na perspectiva foucaultiana estes rearranjos marcados por dualidades como linhas de fugas não existem.

Neste particular reconhecer a face positiva do poder para além de quaisquer “ismos”, como fez Foucault (2012, p. 148- 149), nos possibilita ressignificar nossos olhares para entender que:

[...] o poder produz novos saberes que não são somente os da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil [...] é por isso que a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente, e talvez até perigosa.

Vai ficando evidente que sexualidade, poder, loucura, anormalidade historicamente fundamentam e alicerçam os aspectos societários em torno desta questão. Não por acaso podemos dizer que a sexualidade e o poder não desaparecem de quaisquer descobertas acerca das instaurações dos eventos que fundam e fundem os pilares destas constituições que são consideradas pelas tradições de culturas milenares.

Neste sentido, podemos falar de como muitos pensadores das mais valiosas estirpes se pronunciaram e quantas construções mitológicas e artísticas também sacralizaram ou profanaram sobre o tema da sexualidade e do poder.

O contraditório desta complexa rede de poderes que se irradia no corpo social é que os poderosos, a depender do lugar e do interesse, inventam formas arbitrárias para classificar os sujeitos tornando factível a constituição de binômios e pares de opostos que se polarizam entre normais e anormais, disciplinados e indisciplinados, dóceis e

bárbaros, santos e demônios, céus e infernos, homos/heteros, sã/insanos como ao longo do texto temos dito insistentemente e sem recuos.

Portanto, há outros (des) caminhos indescritíveis, sem finitude ou nomeações em rota de interdições sobre a sexualidade e a vontade de poder. Estas se multiplicam e reinventam-se, porém podem ser banalizadas através de grandes aparatos de mobilização e peças publicitárias visando dar materialidade à erotização e aos desejos da carne, os quais foram segredados em grandes narrativas literárias e acontecimentos pelos controladores das tecnologias de poder/saber no auge de seus eventos históricos.

Cabe, portanto, aos estudiosos destas díspares realidades construir uma nova base de conhecimentos sobre a importância dos corpos, do sexo e da sexualidade, não mais como conselheiros ou telespectadores das realidades assistidas. Torna-se necessário encontrar estratégias, instrumentos e dispositivos de análise de tal realidade para além das profundidades já aceitas. Por isto, Foucault (2012, p.151) acredita que os intelectuais, nesta batalha, têm papel importante para as ressignificações conceituais com base em suas análises:

[...] para poder fazer e fornecer os instrumentos de análise [...] trata-se, com efeito, de hoje, ter do presente uma percepção densa, de longo alcance, que permita localizar onde estão os pontos frágeis, onde estão os pontos fortes, a que estão ligados os poderes [...] Em outros termos, fazer um sumário topográfico e geológico da batalha [...] Eis aí o papel do intelectual.

Dito isto, daí acreditarmos também que as instituições, principalmente as escolares, podem assumir em quaisquer modelos societários uma importância para os entendimentos e novos posicionamentos difíceis de serem realizados indo para além das cargas ideológicas e doutrinárias.

A invenção das escolas, em sintonia com a invenção dos sujeitos pode dar garantia de sustentabilidade de novos tipos de escolarização em que o sexo e a sexualidade não sejam deturpados ou vistos moralmente como coisa suja anticépticas e proibida, como desvios de personalidade e patologização.

Estas questões precisam ganhar ecos para que a sociedade/comunidade possa refletir com seriedade no ambiente escolar, na família, nos trabalhos e em todos os espaços de sociabilidade. Do contrário, vai ficando evidente que a sociedade do “futuro”, caso não assuma outras posturas e atitudes, será bem possível que venha a se “repetir” e, em impulsos tautológicos, venha a se necrofilhar coletivamente ou se

anacronizar individualmente, até não poder mais passar de suas idiossincrasias, ou de nihilismo negativista como estão presentes no dizer de Nietzsche.

Aproximando Foucault de Nietzsche, diria que na busca de um eterno retorno de si mesmos, os indivíduos nesta condição viriam a ser ou o deus de si mesmos ou neurotizarem em torno de si a invenção enviesada do homem mórbido, castrado, sem potência e nem força para reinventar-se preferindo a inércia sobre seus dias sombrios.

Por isto, as instituições risivelmente podem ser uma das poucas opções desta nova busca que visa dar sentidos à existência humana na tentativa de laborar uma das mais originais argilas que moldadas se podem soprar aos ouvidos (re) criando outras obras humanas e assim (de) cantar o mito genealógico da criação do sujeito humano livre e criador de estações da vida como uma obra de arte, um gozo de liberdade e como o barro da invenção de si mesmo.

Por fim, nesta tentativa de assentar as bases conceituais para fins de análise em consonância com os aportes teórico-metodológicos foi que lançamos, a partir de Foucault, o escopo sobre o qual exercitaremos nossas análises sobre a sexualidade partindo da premissa de como se constituem os corpos sociais. E para isto, as informações levantadas por Foucault sobre corpo/poder, corpo/universalismo, corpo/controle evidenciam os rumos de suas profundas análises acerca da história da sexualidade chegando a uma interdição que historicamente colocam a questão sobre frágeis limites somente como sinônimo de reprodução, gozo, prazer.

Indo para além dessa percepção, a sexualidade como possibilidade de verdade da e na condição humana traz novos rastros para além das ilusões principalmente de cunho religioso muito presentes no mundo medieval e moderno, em que a invenção de dispositivos de controle, de punições e proibições, segregações se realizam. Os fetiches e os mitos inventados em torno das sexualidades são também produzidos por instituições militares, familiares, escolares e midiáticas que se transformam em práticas discursivas constantemente nos espaços público-privados.

No entanto, a finalidade aqui foi deixar claro como ocorria o gerenciamento das proibições e o poder repressivo nas instituições escolares cujos vestígios evidentemente de cunho moral e religioso, entre outros que já mencionamos, estavam sendo conduzidos por entre estratégias de fugas por dentro destas possíveis (re) invenções inseridas como regime de verdades nos ambientes escolares.

Porém torna-se evidente que, quando Foucault acentua as sinuosidades acerca das verdades produzidas sobre o sexo e o dispositivo da sexualidade, foi também de

deixar claro que as instituições ao terem aprisionado e silenciado a questão da sexualidade, por vias das ordens dos discursos especializados, isto não foi o suficiente para revelar as reais necessidades de aprofundamento desta temática no mundo ocidental, antes que se produzisse, portanto, a miséria discursiva acerca da sexualidade.

Pensamos que foi relevante apostar em outros pontos de vista em lugares diferentes e com outros olhares para além das normatividades nesta busca de decifrações conceituais sobre a sexualidade. Foucault, ao problematizar acerca das verdades científicas da era moderna, estava, todavia questionando as formas de exercício do poder do estado, através das ações e medidas tomadas na época através dos sistemas de judicialização, de medicalização e pedagogização.

Pensamos que este estudo aponta passagens e pegadas de nossas experimentações que ficarão por entre caminhos em busca de outras produções de saberes. Esta foi a motivação mais profunda nesta busca por entre escritas solitárias e responsabilidade de seguir por entre escrituras foucaultianas.

Do ponto de vista conceitual, pareceu-nos necessário fazer estas pontes com a questão das homoafetividades, como sendo esta uma variante da questão da sexualidade. Aproveitamos aqui para fazer um pequeno diálogo com Foucault em sua obra: “A ordem do discurso (1971)” ao antever que as regiões da sexualidade e da política são as mais tênues e complexas, porém mais propensas ao uso frequente a exclusões e interdições. Assim, afirma Foucault (2007, p. 09-10):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição [...] temos o jogo de três tipos de interdições (interdição, separação, rejeição) que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, os buracos negros se multiplicam são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes.

No cotidiano escolar são constantes as ameaças impostas por preconceitos, condutas intolerantes e homofóbicas sofridas pelos indivíduos que inventam seus modos de vida sob a égide do governo de si mesmo, estas ameaças parece já terem fugido do controle do espaço escolar. As redes sociais entre vários mecanismos de comunicação e difusão social rompem tais fronteiras do silenciamento daquilo que ocorre dentro e por



fora da escola e apontam outras direções criativas para falar também de homoafetividade ou sexualidade.

Nosso entrevistado, o professor C.E. (2014), sobre isto, nos diz:

A escola não tem muito preparo para enfrentar essas questões. A escola do jeito que é organizada vive em permanente conflito entre aquilo que acontece fora dela e a velocidade com que o mundo imprime o mundo da escola. O tempo da escola está sempre atrás. O tempo da mídia, da informação, da globalização facilita esta aceleração do tempo que acaba competindo com o tempo da escola que é necessariamente mais lento. Quer dizer, o tempo da aprendizagem, o tempo da discussão, o tempo do debate é mais lento que o tempo do mundo. [...] neste sentido, o tempo da sexualidade explode dentro da escola, passa a ser um tema fundamental dentro da escola. Você tem dentro da escola a exacerbação da questão da sexualidade. Por “isto”, o tema da sexualidade é fundamental para a reflexão no campo da ciência da educação”. O grande problema é que na minha geração havia uma clara divisão entre aquilo que estava dentro e aquilo que está fora da escola [...] hoje com os meios tecnológicos essa divisão não existe mais.

Infelizmente, mesmo com todas as tentativas de transversalidade existentes dentro das práticas curriculares ou práticas educativas ocorridas por dentro ou fora do espaço escolar, ou dos equipamentos sociais e de comunicações como as redes sociais, ainda se percebem as visíveis marcas da (in) tolerância, na convivência com os ditos diferentes, mesmo que nos pareçam mais toleradas, na atualidade, se comparadas com um recente passado.

Não se pode negar que as práticas homofóbicas têm resquícios históricos centrados numa cultura sexista, heteronormativa, e numa pedagogia da sexualidade conservadora e moralmente decadente que trespassam por vários domínios de saberes.

As relações de jogos, trocas e tramas de poder presentes nas instituições sociais apesar de reinventadas ao longo dos anos, parecem produzir escassas atitudes e modos de vida que demonstrem interesses claros de efetivar práticas curriculares numa cultura de respeito às diferenças e a formulações de perspectivas teóricas e políticas de resistência que legitimem os direitos negados dos homens de vida infames, entre eles, os velhos (as) homoafetivos.

Os homossexuais (masculinos e femininos), como interlocutores diretos desta pesquisa, são homossexuais em passagem de tempo para o envelhecimento que nos fazem pensar e querer escavar os caminhos de nossa abordagem sobre os ambientes

escolares através de suas narrativas sobre o que viveram dentro e fora destes estabelecimentos.

Portanto, ao mencionar os homossexuais, partimos do entendimento conceitual de que este tema, independente de gênero, das cargas de preconceitos, das homoafetividades assumidas nos provoca a indagar sobre suas relações com o mundo heterossexista, por serem estes também lugares de sociabilidades de sujeitos que, no uso dos direitos aos seus prazeres e afetos, demarcam através de suas assumidas orientações sexuais.

As redes sociais e as indústrias de cultura de massas através principalmente das programações televisivas, na atualidade, “não têm poupado esforços para incluir” em suas pautas as temáticas referentes às sexualidades. Neste sentido, o professor C.E. (2014) em seu feliz comentário acentua:

[...] você tem hoje dentro da escola, por conseguinte, uma exacerbação das questões da sexualidade, por exemplo, durante a época junina, as reivindicações para que se organizem as quadrilhas gays, para que haja a miss caipira gay etc. evidentemente que tudo isso esta num contexto onde, por exemplo, a mídia está presente no contexto onde nosso produto mais bem acabado da indústria cultural que a novela da televisão explode de personagens homossexuais masculinos e femininos, explode de questões relativas à sexualidade entre adolescentes etc., por exemplo, se você acompanhar, a grade da rede globo desde Malhação até a minissérie ou as novelas que passam às 11 horas da noite, você vai ver que em todas elas tem uma forte presença da temática sexual. Desde uma abordagem que está mais ligada aos adolescentes, por exemplo, na Malhação até cenas eróticas muito fortes nas minisséries ou nas novelas que acontecem às 11 horas da noite.

Então por que não perguntar? Não seria arbitrária qualquer tentativa inventada ou disfarçada de querer qualificar ou hierarquizar lugares de afetos, como por exemplo, os espaços midiáticos, as redes sociais ou até mesmo os espaços escolares?

Portanto, nosso intuito neste campo de pesquisa quis mover-se dentro e fora do meio acadêmico, com o intuito de tentar envolver educação, currículo, história e epistemologia, eixos principais de nossa área de pesquisa no programa de Pós-Graduação em Educação com os quais estivemos dialogando e levantando reflexões acerca dos sentimentos, sentidos, significados, estilos de vida, costumes, hábitos e atitudes na maioria das vezes repelidos, proibidos, censurados e controlados a respeito dos sujeitos homoafetivos nos contextos escolares.

E no campo prático e conceitual das homoafetividades e de gênero, as práticas habituais da indiferença direcionadas àqueles que são e foram no passado considerado extravagante, desviantes, pervertidos, repugnantes assim como rotulados e estigmatizados, por gestos e atitudes de igual modo depreciativo. A impressão que temos é de que os vários lugares e ambientes sociais ainda no presente, assim como foram no passado, mesmo tendo incorporado outras tecnologias e estratégias, continuam nos parecendo como sendo algo senão aceito pelo menos mais tolerado, embora muito pouco ressignificados e inventados.

Portanto, deve ficar claro, através de nossas proposições neste estudo, como este reacende polêmicas acerca da patologização, das desagradáveis investidas falso moralizantes que se assentam diante das diversas práticas de afeto e orientações homossexuais.

Nessas buscas analíticas conceituais não há dúvidas de que seguimos cuidadosamente formulando proposições que perpassaram pela ideia central de que toda sexualidade é uma construção histórica. É importante reconhecer, legitimar e legislar sobre iguais ou diferentes por entre vias das homossexualidades evitando seguir critérios arbitrários e hierarquizados de aferimento sobre estes sujeitos como sendo: normais e anormais, pervertidos e não pervertidos, anjos e demônios. Este conjunto de polaridades existentes sobre as quais assenta “a própria natureza humana e sexual” que, em síntese, está a falar do corpo não nos pareceu algo simples e fácil nem no campo teórico conceitual, assim como no terreno das práticas discursivas, por outros vieses que se inscrevem além das polaridades já conhecidas.

A professora de iniciais M.J. (2014) sobre isto foi contundente ao nos trazer reflexões a partir de dois grandes teóricos das diferenças, quando afirmou:

Foucault e Deleuze são autores pra quem o poder se exerce sobre os corpos onde nós aprendemos com os corpos onde nós vivemos no mundo com os corpos e com um corpo que não é necessariamente um corpo biológico. Deleuze fala de corpos sem órgãos sem corpos viajantes, digamos são corpos que transcendem a ideia de uma matéria física, mas se metamorfoseiam, então acho que há autores que nos permitem pensar nos corpos para além dessa dualidade corpo e mentes ou para além de dualidades, mas que preferem pregar determinados conceitos determinadas formações subjetivas pelo meio pelo que estar sendo não por um estado mas pelo que está sendo pelo que está em movimento. Considerando as diferentes formas que estes corpos vão poder viver a sua sexualidade no mundo. Acho que isso obviamente vai atingir todos os grupos e todos aqueles que decidem inclusive viver sozinhos, decidem viver com os iguais, decidem viver com os

diferentes com os mais jovens com os menos jovens, eu imagino que nós vamos conseguir talvez olhar com menor estranhamento isso. Talvez seja mais possível que a gente possa ver os corpos idosos como corpos eróticos ainda, pelo menos é isso que eu desejo.

Apesar de todas estas nuances apresentadas acima sobre os amplos debates e estudos acerca do gênero e da sexualidade, visando á desmitificação simbólica e conceitual sobre essas atitudes discriminatórias sobre estes sujeitos, acreditamos que significativas mudanças, ainda que “lentas”, estejam ocorrendo no interior das instituições sociais, principalmente as religiosas ou confessionais, as militares e as educacionais e vários lugares do mundo mesmo apontando sinais de avanços e retrocessos sobre o tema.

O fenômeno da homonormatividade como imposição na sociedade e com grande poder de influência e capilaridade para o interior das instituições sociais, cultural e historicamente, reproduzem através de práticas discursivas, sem sombra de dúvidas, atitudes heterossexistas que visam, inconsequentemente, excluir e higienizar dos ambientes escolares os sujeitos que não estejam esquadrihados, inventados e aceitos por critérios e padrões de normatividade.

As narrativas e enunciações dos velhos (as) homoafetivos sobre seus tempos vividos se constituíram nesta pesquisa como fonte geradora de parâmetros para que possamos estabelecer quais as estratégias de resistências e com que sentido de liberdade foi possível em tempos diferentes quebrar ou fazer rachadura, a marteladas sobre os ambientes escolares.

Suas iniciativas de enfrentamentos, de resistências, de habilidades têm marcas históricas que convergem para este irradiar que foi proliferando dispositivos de legitimidade e legalização de conquistas homoafetivas, forçando a ressignificação das práticas e formações curriculares assim como os que atuam nestes ambientes escolares a se reinventarem também.

Em que pese neste momento histórico ainda considerarmos que os currículos oficiais não têm apresentado significativas mudanças de atitudes, a menos que tenham sido experiências inovadoras e isoladas frentes aos processos de homonormatividades.

Ressaltamos que o conjunto destas reflexões analíticas conceituais sobre as quais estamos trazendo as categorias que sustentam a tese por entrelinhas a partir das formulações, que se ancoram nas ideias de currículo e práticas curriculares presentes nas formulações, se não podemos nomeá-los todos como curriculistas, que os

entendamos como estudiosos no campo da educação, entre eles destacamos: Antônio Flávio Moreira, Tomaz Tadeu da Silva, Sandra Corazza, Marisa Vorraber Costa, Guacira Lopes Louro etc.

Ressaltamos que estudos sobre o corpo, corporeidade, sexualidades, gêneros, identidades, diferença, entre outros temas correlatos, têm sido muito frequentes nas últimas publicações destes autores citados, entre outros, que há anos vêm dedicando-se à pesquisa e produção de saberes que atravessam as polêmicas no campo da heteronormatividade e da homoafetividade no espaço escolar em épocas e tempos diferentes.

Apesar dos muitos esforços voltados para sensibilizar, movimentar, articular e mobilizar a sociedade e as instituições escolares é muito penoso ter que afirmar que ambas ainda não estão preparadas para estabelecer outras maneiras e atitudes de compreender e se relacionar com as múltiplas orientações homoafetivas. Os ambientes extraescolares continuam a invadir estes espaços com suas ambiguidades sobre os sujeitos homoafetivos. Continuam com seus estigmas, estereótipos e juízos de valores depreciativos sobre estes sujeitos desejantes. A variedade de recursos técnicos e midiáticos aferem, reinventam e projetam tipos afetivos que podem ser ora risíveis, ora interessantes, porém muito questionáveis. Neste sentido, o professor de iniciais C.E. (2014) declara:

E eu quando penso nestas questões da sexualidade no Brasil, quando penso que a televisão, que a indústria cultural tem sempre um papel ambíguo, mas assim acho que acontece dentro do tradicionalismo, dentro de nossa hipocrisia é que a televisão acaba trazendo à tona questões que nós conhecemos, nós sabemos mas que nós acabamos não conversando e não discutindo. Quer dizer, agora na novela do Aguinaldo Silva, na novela Império, nós temos duas ou três versões da homossexualidade masculina, do modo de viver a homossexualidade masculina, do modo como se relaciona com os outros personagens, todo mundo reclama que o personagem do Paulo Betti está sendo feito de uma forma muito caricata. Bom, eu que frequento o universo gay, conheço bichas caricatas e eu sempre digo que sempre uma bicha caricata é um “pão com ovo” É claro que você pode dizer que a interpretação pode estar forçando a barra, mas eu digo que eu prefiro um tipo mais caricato a uma idealizada que não pode existir, por exemplo, nas nossas formas de normalização. Como por exemplo, os gays das novelas do Gilberto Braga que são muito idealizados não fazem frescura, são todos da classe média arrumadinhos etc. Acho assim que é muito interessante que a gente tem que ver os dois pontos da indústria cultural, que a indústria cultural não apenas reitera estereótipos não apenas reitera um determinado tipo de comportamento, mas no mínimo ela provoca uma discussão, ela

provoca um mal estar das pessoas que estão na sala assistindo à novela. O caso do personagem do José Mayer que eu acho assim também todos nós conhecemos assim alguém com aquele perfil se todos nós conhecemos aquele perfil que todo mundo sabe que tem um amante gay um namorado gay, que também é gay, mas que é casado e que tem filho, isso é uma experiência geracional também. E que criou bem os seus filhos etc. e no caso tem um filho homofóbico que é para dar uma “apimentadazinha” na trama é mais um recurso digamos assim, dramático, não que isso não possa acontecer na vida. Então a gente tem que encarar, por exemplo, a televisão o cinema as mídias eletrônicas desses dois pontos de vista elas podem ser muito ruim, mas elas poder ser muito interessantes dependendo do modo de como elas são abordadas.

Infelizmente, as instituições escolares, em geral, produzem um efeito moral que negativiza os sujeitos em suas orientações, desfigurando os caminhos de mudanças significativos já conquistados e outros que estão em processos de implementação, esta é sem sombra de dúvidas, uma das preocupações que incorporamos nesta tese. Deste ponto de vista, as relações ou jogos de poder, no interior dos espaços escolares, apresentam-se cheias de dobras, rachaduras que não seguem uma única direção na produção de verdades e saberes, para assegurar dispositivos legais que possam vir judicializar tais perspectivas de inclusão e garantia de direitos conquistados.

Caberia indagar mais uma vez, se os indivíduos homoafetivos, ao fazerem uso de estratégias de conquista de afetos, de valorização de uma estetização de si mesmos, de protagonismo de sua condição de cidadão, teriam ou não ainda que compreendam o caráter histórico das produções de verdades sobre sua condição afetiva, teriam ou não real possibilidades históricas de produção de verdades que viessem de fato alterar os regimes de verdades impostos secularmente nos ambientes escolares?

Nosso ponto de partida conceitual quis diante das formas históricas e culturais situar estas reais possibilidades de resignificação dos espaços escolares para o convívio com as relações diferentes para ao menos acreditar ser possível estabelecer novos hábitos, modos de convivências, capazes de gerar outras maneiras de sociabilidades entre os “diferentes” e os “iguais”.

Não há necessidade de se inventar outro lugar para as práticas da homoafetividades, pois o lugar social dos diferentes é qualquer lugar de interação, seja ele público ou privado. Portanto, para se constituir as homossexualidades, não convêm espaços de isolamento e higienização.

Com este esforço de triangulação que fizemos acerca desta categoria da sexualidade e mais à frente das outras como envelhecimento e escolarização por entre

práticas, experiências e opiniões analíticas pensamos estar trazendo pelo menos a vontade de ser algo novo, embora isto não signifique nosso engajamento como uma tentativa de advogar lugares específicos, espaços lineares, olhares uniformes sobre a condição desses sujeitos.

Estes encontros de narrativas e gerações que se constituíram por orientações sexuais homoafetivas dos sujeitos em tempos e espaços escolares diferentes acabam por produzir uma compreensão sobre como usar de estratégias e como construir experiências de convivência nestes ambientes (in) tranquilos, onde são frequentes as práticas criminosas inclusive do bullying.

Se estas experimentações vividas por homossexuais são capazes de produzir não somente objetividades negativas, como, ao contrário, também fabricam subjetividades e singularidades nem sempre reveladas ou ditas. Estas são reveladoras de novos jogos de verdade, de poder e, ao mesmo tempo, de aprendizagem que as práticas curriculares no interior das escolas ainda estão distantes.

Há outro conteúdo simbólico voltado para a reinvenção das práticas e formação curriculares com preocupações da questão da afetividade, da sexualidade e do corpo sob as quais também vão se produzindo e estabelecendo significativas bases epistemológicas, filológicas e semânticas sobre como diferenciam, em suas abordagens genealógicas, saberes sobre: sexo, sexualidade e homossexualidade. Ainda que tais classificações sejam arbitrárias, é através delas que tivemos encontros nesses caminhos analíticos e conceituais.

Muitas vezes o foco acadêmico desfoca a realidade vivida por tais sujeitos. A academia com seus infinitos saberes sistematizados, às vezes, se equivocam e se excedem em seus modelos lógicos e explicativos. No contexto das empirias vividas, reinventar e recriar outros caminhos e possibilidades tem sido a chave para outras conceituações e avanços de perspectivas teóricas.

Vale aqui neste final reiterar que o pensamento de Michel Foucault nos serviu de âncora para nossas análises conceituais, assim como o conjunto de seu referencial metodológico e analítico sobre as múltiplas sexualidades presentes em nossa cultura.

Neste sentido, a sexualidade assim como as homossexualidades só se constitui a partir de territórios de afeto, de intimidades ou sentimentos demarcados por preferências eróticas por pessoas do mesmo sexo biológico, independentemente da faixa etária, ou de outras variáveis como classes sociais, padrões étnicos raciais, status sociais, entre outros.

Portanto, ao nos referirmos aos homossexuais, não nos interessa classificar suas formas e práticas de afeto, sejam elas passivas ou ativas. Interessa-nos saber que se colocam em qualquer espaço e tempo de graus de sociabilidade, constituindo-se em sujeitos transgressores das zonas de afetos heterossexuais e heteronormativas presentes hegemonicamente na sociedade.

Se novos ou velhos, se extravagantes ou seletivos, não importa, o foco são estas ditas “anormalidades” transgressoras sob as quais se quer desmistificar, ressignificar e reinventar os espaços escolares e os preconceitos no contexto destas experimentações sociais, sexuais e afetivas vividas por estes sujeitos em sociedades (in) diferentes a eles.

#### 4.2 Envelhecimento

Chegamos a mais uma categoria conceitual de sustentação da tese sob a qual continuaremos com a triangulação iniciada anteriormente. Desta vez, trata-se da categoria envelhecimento ou de modo mais definido por alguns autores como a fase da envelhescência ou da senilidade, situando-a por entre contextos históricos culturais e relações de poder. As localizações das falas dos interlocutores que aqui trazemos estão entrecruzadas por nossas intervenções analíticas, fortemente influenciadas através dos referenciais foucaultianos para ganhar visibilidade e outros sentidos neste momento do estudo.

Assim sendo, a categoria do envelhecimento, ou se quisermos chamar da envelhescência e senilidade ganha destaque, também, por nos permitir apresentar nossa aposta numa perspectiva de reinvenção do envelhecimento que, no mínimo, possa ressignificar olhares e perspectivas teóricas para nós, “definidoras” acerca das condições de velhos, inclusive sobre os seus direitos à vontade de saber, ao uso dos prazeres e ao cuidado de si, além de outras situações materiais referentes à vida, aos vestígios presentes nos problemas relacionados e entrelaçados por suas condições históricas.

Nesta tentativa de contextualização, sinalizando para o viés conceitual, podemos já dizer que a imposição pelas instituições sociais de padrões hegemônicos de normatização e disciplinamentos visa ordenar a reprodução de sentidos e significados através de valores culturais diante das realidades sociais e políticas, porém estas não têm sido contundentes e incisivas acerca da questão do envelhecimento.



Situamos estas reflexões por dentro da perspectiva teórica da educação/escolarização que emergem deste território de disputas por entre tramas e jogos de poder/saber/prazer. Neste sentido, podemos dizer que as formulações de Foucault mais uma vez nos serviram de base e ferramentas para nossas incursões neste estudo.

Identificados os sujeitos desta pesquisa como sendo os velhos (as) homoafetivos através de suas narrativas sobre vivências transgressivas e de resistências em ambientes escolares trazidas por este estudo, podemos dizer, por exemplo, que os sujeitos velhos são considerados somente aqueles que estivessem na faixa etária acima dos 60 anos de idade, conforme prescrevem vários dispositivos de defesa e garantia dos idosos pelo Estado brasileiro. Entre eles a Lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003, denominada **estatuto dos idosos**.

Chamamos especial atenção para:

Art. 1º: O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízos da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual, social, em condições de liberdade e dignidade. Proteção integral.

Art. 2º: É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

A Constituição Federal denominada Cidadã, de 1988, também prevê no Art. 230 sobre as seguintes formulações: “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”.

No que se refere à LDB 9.394/96, esta anuncia no Art. 37 § 1º “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

E a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta as seguintes classificações definidoras das fases relacionadas à velhice: meia idade dos 45 a 59 anos; idosos, 60 a 74 anos; o ancião, de 75 a 90 anos; e a fase da velhice extrema de 90 anos em diante.

Entre tantas formulações conceituais e classificatórias acerca do envelhecimento que tomamos conhecimento durante nossas leituras sobre o tema, duas nos parecem fundamentais e estimulantes para a imersão destas reflexões que vão criticamente ao encontro dos dispositivos legais acima citados embora os reconheçamos.

Entre elas, destaque para: como força motriz a clássica obra da escritora, filósofa e feminista Simone de Beauvoir (1908-1986), no livro “A Velhice” (1970), ao escrever que “o envelhecimento e a velhice aparecem com maior clareza aos olhos dos outros do que aos olhos de nós mesmos”, daí ter denunciado o péssimo tratamento que era dado aos anciãos na Europa e, particularmente na França. Também através dos estudos de Rago; Veiga Neto apud Swain (2008, p. 261) que nos brindam ao dizer:

A velhice afinal é um estado pelo qual todas/os nós passaremos, a menos que a morte antes nos ceife. Vida e morte colidem no estado da velhice, mas em algum momento é a morte que triunfa. A velhice é a marca da morte em nossos corpos e peles, em nossos olhos, em nosso olhar, mas também o é a doença, o medo, o ódio, o poder que dissolve as entranhas, ao decretar na norma, o direito à vida. A velhice se debate assim, entre Chronos e Tânatos, mais um objeto da biopolítica de hierarquização social, que instala o paradoxo da exaltação da vida face à violência da morte que habita nossos corpos e nos circunda.

Diante destes pontos de vista, podemos dizer que a categoria conceitual envelhecimento ou velhice ganha destaque, também, ao nos permitir apresentar nossa aposta numa perspectiva de reinvenção do envelhecimento que no mínimo, possam ressignificar olhares e perspectivas teóricas “definidoras” acerca das condições de velhos, inclusive sobre os seus direitos à vontade de saber, ao uso dos prazeres e ao cuidado de si.

Neste sentido, neste esforço de triangulação conceitual, trazendo falares de interlocutores, mais uma vez nos apoiamos em nosso entrevistado de iniciais C.E. (2014) ao tecer o seguinte comentário:

Acho que nós precisamos, do ponto de vista dos processos de subjetivações, aceitar que só podemos mudar nossa maneira de ver a velhice se nós nos imaginarmos na nossa própria velhice. Primeiro do meu ponto de vista, precisamos aceitar a passagem do tempo [...]. Esse mito da eterna juventude atrapalha bastante, porque você acaba não vivendo tão bem quanto poderia viver dentro das limitações que a sua idade lhe dá. Eu acho que a gente tem que aceitar a passagem do tempo aceitar que não é mais criança, aceitar que não é mais jovem, aceitar que não tem mais o vigor sexual de antes que no caso dos homens, é super complicado. Isso eu acho que é uma coisa muito

importante. Eu penso todos os dias, penso que daqui a três anos eu vou fazer 60 anos que eu vou entrar nas filas das pessoas de 60 anos, então tem as suas vantagens. A gente precisa aceitar a passagem do tempo eu acho que na medida em que a gente aceita a passagem do tempo fica menos angustiante a convivência com as pessoas idosas, com as pessoas mais velhas que são mais lentas, enfim. Que por consequência têm todas as suas dificuldades.

Foi através destes pontos de vista que fomos ampliando o repertório de sentidos e significados para apresentar reflexões e concepções que foram nos situando conceitualmente e nos remetendo a formar nossas compreensões sobre a vida na velhice, sobretudo para a aquisição de um entendimento ontológico sobre os direitos inalienáveis aos afetos no contexto sobre os quais também se constituem e inventam os velhos e, em especial, os ditos diferentes, mesmo que muitos não queiram admitir “a incômoda” situação de terem que aceitar que estão envelhecendo. Mascaro (2004), no livro “o que é velhice?” destaca que:

Torna-se difícil perceber de repente o próprio envelhecimento, tomar conhecimento de que o tempo também urdiu e teceu suas tramas em nosso corpo [...] a distância que existe entre o olhar do ser incidindo sobre a velhice de “outro” ser. Melhor dizendo: a diferença de si mesmo existente entre “ser” idoso e “sentir-se” idoso e as dificuldades de se determinar qual a idade da velhice.

Foi preciso estar sobre sinal de alerta para compreendermos que a educação e/ou escolarização no Brasil, mesmo nos parecendo ainda distantes destas temáticas e com todos estes imbróglis presentes no cotidiano escolar, vem sinalizando timidamente em direção a estes segmentos, pois já em algumas décadas verificamos conquistas e marcas claras destes significativos avanços através da educação de jovens e adultos, da educação à distância, do surgimento das universidades abertas da terceira idade, entre outras modalidades que vêm sendo realizadas através de várias formas de manifestação e iniciativas de diversos segmentos da sociedade.

Em que pese reconhecermos que antes destes dispositivos legais surgirem, os sujeitos em sua passagem para o envelhecer foram inseridos no contexto da produção do envelhecimento como sinônimo de adultos. O que significava dizer, que não eram feitas distinções específicas sobre a produção destes corpos, tratá-los como sendo iguais escamoteava as diferentes formas políticas, religiosas e os valores centrando por costumes ancestrais. Foi à bem pouco tempo que a invisibilidade deu lugar ao reconhecimento legal e legitimamente dos velhos como sendo sujeitos de direitos.

No entanto, é fato que o Brasil, principalmente através das organizações competentes dos estados que atuam de modo isolados ou intersectorializados para implementar e consolidar direitos assumidos através dos órgãos nacionais ou de interesses bilaterais como a OMS, os fóruns mundiais em defesa dos direitos humanos, ainda assim, na prática está distante e com ações inversamente (des) proporcionais, se trabalhando os “ranqueamentos” entre os países ou os continentes sobre as políticas de caráter público e privado voltadas para estes segmentos. Decrepitude, senilidade, abandono, doenças senis, isolamento, maus tratos compõe o quadro de situações que envolvem os sujeitos velhos (as).

Isto, de certo modo, denuncia o quanto ainda estamos despreparados para enfrentar a realidade dos envelhescentes, principalmente dos homossexuais, haja vista que a real taxa de crescimento do envelhecimento populacional acerca destes segmentos exige para o encontro de sua qualidade de vida um sistema eficiente e eficaz na área da saúde, da previdência social, da moradia, de transporte, cultura e, principalmente, da educação, pois esta exige mudanças atitudinais e de posturas para que se possa entender o fenômeno da velhice. No entanto, nos serve de alerta o que nos diz Debert (2012, p.15):

No Brasil, proliferam, na última década, os programas voltados para os idosos, como as “escolas abertas”, “a universidade para a terceira idade” e os “grupos de convivência de idosos”. Estes programas encorajam a busca de autoexpressão e a exploração de identidades através de imagens que era exclusivos da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento. Contudo, o sucesso surpreendente dessas iniciativas é proporcional à precariedade dos mecanismos de que dispomos para lidar com a velhice avançada. A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania.

Construir práticas sociais e escolares nas representações de poder/saber/desejo no interior dos espaços de atuação dos idosos, em seu “habitat social”, urge como necessidade a inversão de caminhos que desnaturalizem práticas e atitudes que não reconheçam as singularidades destes sujeitos em grandes partes perdidas pelas modelizações escolares impostas, de modo que aos velhos parecem restar apenas retratos e imagens de velhos ancorados nas paredes da casa, nos livros didáticos e

paradidáticos cujas representações veiculadas sobre a velhice nos pareçam (in) conscientemente desrespeitosas, ingênuas, românticas e conservadoras sobre o direito de ser e estar velho.

Em alguns casos já vemos quadro social traçado por marcações e significados conceituais que tentam ressignificar compreensões sobre os direitos dos idosos como prevê seu estatuto que contempla a todos que tenham atingido a faixa etária da velhice inclusive aos homoafetivos, isto revela vontades de verdades que por vezes ficam aparentemente ocultas e refratárias daqueles que ignoram conquistas de direitos prescritas que substanciam direitos os quais não podem está referenciados por perspectivas de morte.

Diante destas formulações a professora de iniciais M. J. (2014) foi bastante enfática ao afirmar:

Eu imagino que isso é algo bastante enraizado em todos os campos e viver o envelhecimento no interior de determinadas diferenças é muito mais forte. Eu imagino o que é viver a homossexualidade estando imerso em viver o envelhecimento sendo homossexual numa sociedade que atravessada por texto que associa a companhia do envelhecimento a uma coisa terna, a muito mais uma coisa fraterna, uma coisa amena e não mais como uma coisa pujante como uma coisa possível de erotismo. Então, é muito difícil transitar neste campo de diferença. Então, eu acho que, do ponto de vista teórico, a grande questão que o estudo coloca no caso quando transita por homossexualidade e envelhecimento é dizer, do meu ponto de vista ao tratarmos de homossexualidade que ainda não chegamos a tudo, é preciso verificar as diferenças dentro da diferença, e acho que a geracional etária ou o envelhecimento é um desses nós e que requer bastante atenção no tempo desses que associam sempre o envelhecimento a fim de linha.

Foi talvez por isto que o professor de iniciais C.E. (2014) para fugir aos estigmas e concepções tradicionais que enlaçam envelhecimento e sexualidade, nos mostrou que, apesar das formas silenciadas e ocultas sobre os idosos, estes a partir de seus desejos, singularidades e vontades de subjetivações podem uns dos outros se diferenciar na condução de seus processos de envelhecimento, sobre os quais as instituições sociais, em particular as escolares, têm poucas experiências e domínios de saberes acumulados nestes campos de reflexões teóricos, conceituais e vivenciais. Por isto, C.E (2014) foi enfático ao afirmar que:

Quando você associa então os processos de envelhecimento com a sexualidade, as coisas vão ficando mais complexas. Embora muito mais do que a gente pensa, principalmente nas relações entre homens e mulheres, nos temos assim muitos, digamos assim senhores com mais de 60 e 70 anos que estão casados pela segunda, terceira vez com mulheres muito mais jovens, ou então não necessariamente casados mais se relacionando porque a gente sabe que é casado mais tem umas amantes como se fala, muito mais jovem. Então, como no Brasil é essa cultura, quem tem essa cultura da virilidade da masculinidade tem uma preocupação muito forte com a questão entre os homens com a sexualidade.

Outro ponto interessante e acolhedor de nossas incursões está na forma poética e encantadora do teólogo, psicanalista, escritor, filósofo e poeta Rubem Alves (1933-2014) na obra *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*, posto que nesta nos apresenta uma situação magnífica acerca do reconhecimento de sua velhice ao nos narrar um episódio vivido dentro de um metrô:

Era uma tarde. Tomei o metrô. Estava lotado. Não havia lugares. Segurei-me num balaústre. Eu tinha planejado ler durante a [...]. Guardei meu livro e me entreguei a outro tipo de leitura: a leitura dos rostos [...]. Mas de repente minha leitura foi interrompida. Ao passar de um rosto para outro, meus olhos se encontraram com olhos que faziam comigo o que eu estava fazendo com os outros: eles me liam. Era uma jovem. Nossos olhos se encontraram e seu olhar não se desviou. O que é raro [...]. Mas os olhos dela não tiveram medo. E chegaram mesmo a sorrir discretamente [...]. Aquele sorriso era a garantia de que ela via beleza em mim [...]. Pois, felicidade é isto: quando lemos, no olhar do outro, a suprema declaração de amor que se pode fazer – “Ver o seu rosto me faz feliz [...]”. Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma. Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e me ofereceu o seu lugar [...] E a bolha mágica da felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza [...]. Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria! [...] seu gesto era uma declaração de amor, quase um abraço. Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono. (ALVES, 2004, p. 18-19)

Neste sentido, o ponto de encontro das reflexões conceituais e analíticas que introduzimos nesta triangulação a cerca do envelhecimento partiu da ideia, sobretudo das diferenças sobre o ato de envelhecer, levando-nos a pensar a diferença por si e nas relações dos próprios ditos diferentes. Foram estas possibilidades que nos aproximaram também de autores incendiários, como o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), por acreditar que (2009, p.16):

Nossa vida moderna é tal que, quando nos encontramos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipadas, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças, variantes e modificações. Inversamente, repetições secretas, disfarçadas e ocultas, animadas pelo deslocamento perpétuo de uma diferença, restituem em nós e fora de nós repetições nuas, mecânicas e estereotipadas. No simulacro, a repetição já incide sobre repetições e a diferença já incide sobre diferenças. São repetições que se repetem e é o diferenciador que se diferencia.

Ancorado por esta maneira deleuziana de compreender a diferença, nos vimos ainda mais comprometidos neste estudo com a ideia de singularidades e alteridade que trouxemos nas âncoras teórico-conceituais de Foucault, que também nos fez acreditar em escritos múltiplos, diferentes e heterogêneas práticas discursivas, construídas e inventados em tempo e lugares ou definições conceituais em que tudo parece já predeterminado. O que significa dizer de outro modo que não nos limitamos em análises fechadas.

Este sentido conceitual de diferenças que aqui trouxemos quis romper neste estudo como as frequentes abordagens pautadas pelas ideias biológicas tradicionalistas ou ainda pelo cartesianismo determinista que influenciaram grande parte das formulações deste fenômeno e de outros presentes nos imaginários da sociedade moderna ocidental construída pelas instituições em que, neste caso, os sujeitos que envelhecem passam a se constituir sem possibilidades de reinvenções de si mesmos.

Neste sentido e a bem da verdade, não podemos nos excluir de qualquer possibilidade de experimentações vividas por pessoas idosas sem antes considerar a leitura de mundo e de escrita que sirvam de partilha e comunhão de aprendizagens produzidas através de seu tempo-espaço e lugares vivenciados, no caso de nosso estudo, principalmente nos espaços escolares, não é cabível reconhecer as contribuições de ações somente por meio de suas experiências, mas pela memória e pelas contribuições dos velhos como forma de assegurar direitos.

Nossa compreensão foi a de que mesmo existindo uma infinidade de compreensões e tipologias construídas e inventadas sobre o fenômeno do envelhecimento do ser humano, fomos nos aproximando daqueles que nos ajudassem a transpor ao leitor maiores clarezas acerca destes diferenciados conceitos, como nos explicou a Psicóloga e Gerontóloga Elvira Abreu e Mello Vagner: ao nos dizer que, em caso de uma necessária classificação conceitual de maneira razoável, pode-se dizer que há a idade cronológica, a biológica, a social e a psicológica.

Ainda assim, consideramos que existe, principalmente nas sociedades modernas, um conjunto de referencial teórico-metodológico que cerca o tema sobre novas roupagens conceituais que vão se capilarizando ao longo do tempo, na biologia, nas ciências humanas e sociais, na gerontologia, na geriatria e em outros caminhos e domínios de produção de saberes.

As reflexões sobre a questão da qualidade de vida, da longevidade, da senilidade da indigência da decrepitude, das patologias do envelhecimento, da sexualidade e da violência do descaso, desrespeito e de reinvenção da velhice e outros termos correlatos como temas geracionais acerca dos sujeitos, sobretudo acima da faixa etária dos 60 anos de idade, têm, apesar dos paradoxos estabelecidos e despertados, interesses de investigação e intervenções em segmentos da sociedade.

Ancorados na autora citada acima, trouxemos, apesar de não pactuarmos com as formas de hierarquizações, por concebê-las como arbitrárias, de maneira providencial, a classificação conceitual para este estudo, no qual ela faz uma localização esclarecedora sobre as fases do envelhecimento ao estabelecer a seguinte definição: a idade cronológica é marcada pela data de nascimento da pessoa e nem sempre ela caminha junto com a idade biológica.

Na compreensão biológica, a velhice é determinada pela herança genética e pelo ambiente e diz respeito às mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo. A idade social relaciona-se às normas, crenças, estereótipos e eventos sociais que são controlados, através do critério de idade e através do desempenho dos idosos. A idade psicológica envolve as mudanças de comportamento decorrentes das transformações biológicas do envelhecimento e é influenciada pelas normas e expectativas sociais e por comportamentos de personalidade, sendo, portanto, algo extremamente individual.

Em que pesem na ordem discursiva as instituições sociais também estabelecerem marcos cronológicos para distinguir as faixas etárias e sua periodização, o mais importante foi perceber que estas podem ser relativizadas quando se pretende constituir a singularidade de cada um.

Em se tratando da idade na velhice, constatamos que ao relativizarmos chegamos à ideia de que ela não tem o mesmo sentido e o mesmo significado para todas as pessoas e sociedades quando compreendidas principalmente no domínio de saberes sócio- antropológicos, a partir de suas marcas históricas e culturais.



Há modelos societários que valorizam a experiência, a sabedoria, os conhecimentos e as práticas discursivas ancoradas nas virtuosidades “suprema” dos velhos, enquanto outras sociedades acreditam que a idade na velhice seja algo execrável, detestável, entre outros adjetivos profundamente depreciativos, desprezíveis, improdutíveis e condenados a morte nas suas condições humanas em fase do envelhecimento.

Neste sentido, partimos de dois depoimentos que revelam paradoxos no tratamento dado aos idosos para mostrarmos as discrepâncias em como os diversos poderes e modelos societários apresentam-se diante dos sujeitos envelhescentes:

No primeiro depoimento, o professor de iniciais P.E (2014) ressalta:

Há países em que qualquer pessoa, mesmo que não esteja no seguro saúde, seria atendida imediatamente pelo Estado. Os remédios são coparticipados pelo Estado. Eu sinto e suspeito que no norte, nordeste do Brasil parece faltar tudo. Isto é um grande buraco negro. O problema de ser idoso não é a idade é a desproteção com que algumas pessoas podem confrontar-se [...]. Ser pobre e ser velho são a pior coisa do mundo, porque uma invalidez é difícil de aceitar. Sinto que estas condições não estão ou estão muito longe. Sinto que não há tantas preocupações no Brasil. Tem um monte de lei para idosos mas faltam vagas nas universidades, filas especiais estas coisas não existem de todo o Brasil. Mas é mínima essa coisa no Brasil, que se tenha necessária segurança para as coisas básicas em um país enorme. E agora as pessoas devem aproveitar [...] fico preocupado se continuar assim. Como encontrar um lugar mais fácil para ser velho? Por exemplo, Belém não tem acesso, as calçadas não têm acessibilidade, é uma coisa tão simples. As pessoas tropeçam várias vezes.

No segundo depoimento, o professor P. E. (2014) nos fala da experiência vivida em outro país como Portugal em que aponta outras situações bem favoráveis à condição dos idosos naquele país. Deste modo, P.E. (2014) nos faz a seguinte revelação:

Por exemplo, lembrei-me de uma experiência interessante. Em Portugal há serviços que pegam os idosos com uma Kombi e levam a todos os lugares que necessitam para fazer. Vai ao supermercado, ao médico, á livraria se querem pegar um livro. O serviço de acompanhamentos pelo estado tem jovens estagiários de organismo do estado que ficam 2 ou 3 vezes na semana a conversar com os idosos. Tudo isto implica investimento muito grande. Deveríamos começar a fazer, por que não? Se o Brasil vai ter uma grande população de idosos. Acho isto ainda bastante obscuro [...]. Em Portugal onde tive a oportunidade de viver durante três anos, há uma série de espaços e lugares de encontros e atividades e propostas que estão muito próximas das pessoas em cada bairro, em cada cidade, sobretudo de pessoas idosas, que oferecem possibilidades de desenvolverem uma

vida rica apesar da idade, de terem deixado a vida ativa, de terem deixado o trabalho, isto é uma coisa rica. E eu vejo que isto está muito longe das políticas públicas, pelo menos aqui no norte e nordeste [...]. Em Lisboa, o idoso pode passar o seu dia em centros, bibliotecas públicas, pode assistir a concertos grátis praticamente todos os dias da semana. Há um monte de serviços públicos, tem pequenas bibliotecas, e equipamentos para fazer exercícios [...].

Como vimos, a partir destas narrativas, de fato, o envelhecimento e as maneiras como as sociedades, através de suas culturas tradições, arranjos e prerrogativas morais de suas compreensões políticas e costumes ancestrais estabelecem realmente formas diferentes de valorizar e negativizar e de conceber a fases do envelhecimento. Em muitos lugares, contrariam, inclusive, os dispositivos ou instrumentos legais que regem a vida dos sujeitos e as declarações universais de combate às violações centradas nos direitos humanos.

Isto pode ser constatado, como por exemplo, na sociedade atual brasileira, em relação aos direitos e deveres dos cidadãos. A Constituição Brasileira, de 1988, e o Estatuto do Idoso apontam e estipulam o marco da idade no envelhecimento, porém numa visão mais universalista acerca dos direitos humanos, o foco que seria de grande importância era comparar a qualidade de vida, o sentido de seguridade social, de assistência médica, à longevidade, entre países desenvolvidos, emergentes e subdesenvolvidos e em se tratando do Brasil, poder comparar as discrepâncias inter-regionais e a constatação de assimetria na implementação da política para idosos entre estados e municípios. Para dar consistência ao que estamos a dizer, resolvemos acrescentar esta informação sobre as tendências do envelhecimento populacional no Brasil seguido de recorte para a Região Norte, como nos mostram os dados a seguir:

A representatividade dos grupos etários no total da população em 2010 é menor que a observada em 2000 para todas as faixas com idade até 25 anos, ao passo que os demais grupos etários aumentaram suas participações na última década. O grupo de crianças de zero a quatro anos do sexo masculino, por exemplo, representava 5,7% da população total em 1991, enquanto o feminino representava 5,5%. Em 2000, estes percentuais caíram para 4,9% e 4,7%, chegando a 3,7% e 3,6% em 2010. Simultaneamente, o alargamento do topo da pirâmide etária pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010. Os grupos etários de menores de 20 anos já apresentam uma diminuição absoluta no seu contingente. O crescimento absoluto da população do Brasil nestes últimos dez anos se deu principalmente em função do crescimento da população adulta, com destaque também para o aumento da participação da população idosa. A região Norte, apesar do contínuo

envelhecimento observado nas duas últimas décadas, ainda apresenta uma estrutura bastante jovem, devido aos altos níveis de fecundidade no passado. Nessa região, a população de crianças menores de 5 anos, que era de 14,3% em 1991, caiu para 12,7% em 2000, chegando a 9,8% em 2010. Já a proporção de idosos de 65 anos ou mais passou de 3,0% em 1991 e 3,6% em 2000 para 4,6% em 2010 (IBGE, 2010).

Estes níveis de contrastes trazidos pelas estatísticas oficiais e que de modo concreto nos falam de realidades vividas por sujeitos velhos são claros flagrantes de uma cultura depreciativa da velhice, constatarmos situações de descaso, desumanas e desiguais marcadas por incompreensões que certamente comprometem suas condições de vida e morte.

O professor de iniciais P.C. (2014), ao nos falar sobre as condições desiguais e desumanas no envelhecimento, foi enfático em afirmar:

Lamentavelmente, o benefício social para idosos (velhice) se torna uma exceção devido à dificuldade que se tem para conseguir o benefício. Mas a dor é geral para todos, o ônus é para todos. Agora o bônus depende às vezes do velho ter alguns recursos para pagar um agente, um corretor para cuidar de sua vida e fazer valer seus direitos. Hoje se pode entrar na internet pegar uma senha eletrônica e ser atendido para fins de aposentadoria, mas não é tão simples, para boa parte. Estamos falando de velhice de quem tem formação e de quem não tem formação, dessa população que se está falando de velhos e do envelhecimento. Nessa estatística em boa parte estão os semianalfabetos e os analfabetos. Então, imagina um velho em nossa sociedade analfabeto e ou semianalfabeto.

A partir desta perspectiva e mesmo reconhecendo que existe um leque de variados conceitos de envelhecimentos que transitam e atravessam várias áreas e saberes, analisamos o que Rua Fontaine (2000, p.14), em Psicologia do envelhecimento, na ampliação de sua definição conceitual, nos diz: “o envelhecimento é o conjunto de processos [...] que o organismo sofre após a sua fase de desenvolvimento”.

O que nos fez entender que o envelhecimento não é sinônimo de velhice, mas uma etapa da vida, pois ninguém chega na condição de sujeito senil do mesmo modo. A partir deste posicionamento podemos entender a velhice como o estado que caracteriza um grupo de determinada idade, o das pessoas com mais de sessenta anos; vistos pela sociedade de então, como no dizer de Freud; Estranhos familiares. Já “[...] o envelhecimento é um processo de degradação progressiva e diferencial que afeta todos os seres vivos e o seu termo natural é a morte do organismo” (Idem).

No entanto, partimos do entendimento de que as perspectivas para o envelhecimento trazem em suas nuances questões relacionadas aos direitos e deveres dos cidadãos, sobre os afetos e, certamente, aos usos dos prazeres e os direitos sobre a morte e a vida que são inerentes à condição humana. Embora sejamos favoráveis às concepções teóricas conceituais que venham contradizer as perspectivas fechadas sobre os sujeitos envelhecendo como improdutivos e despossuídos de vontade e desejos, entendemos que, neste esforço de deixar claro nosso posicionamento conceitual, nos aproximamos de diversas e felizes compreensões presentes nos depoimentos dos professores interlocutores da pesquisa, as quais são significativas para a demarcação teórico conceitual que vimos apostando neste interstício. Por exemplo, ao chamarmos a atenção do leitor para novos sentidos e significados da reinvenção da velhice presentes nas narrativas da professora M. J. (2014) quando assim se expressa:

A pior imagem para mim é essa do velho como um corpo terno um corpo doce, um corpo cuja imagem é sempre de um casal de mãos dadas olhando para o infinito. Obviamente que já há imagens outras, mas nunca a imagem de um corpo que pulsa e que tem diferente forma de viver o desejo, o erotismo etc. Não sei mais [...] acredito que há um conjunto de práticas discursivas envolvidas nisso, seja da mídia seja. Acho que há uma determinada visão do corpo. De um corpo que tem que ser perene, mas tem que ser perene na juventude, ele não tem que ser perene no envelhecimento. Há um movimento muito grande pela juventude do pensamento, pela juventude do corpo, juventude do vestir, juventude da pele, ou seja, e aí envelhecer significa sempre um processo de decadência ou um processo no qual você precisa abdicar de determinadas práticas corporais que, necessariamente, não se alteram, só se modificam.

Compartilhando desta mesma compreensão acerca dos sujeitos envelhecendo apontada pela professora M.J. (2014), o professor C.E (2014) reitera:

[...] nós vemos que cada vez mais aquele modelo da avó que fica em casa cuidando dos netos é um modelo também que esta cada vez mais em questão. Claro que no caso do Brasil tudo isso é atravessado pela questão das classes. Certamente esse modelo em que a avó fica cuidando dos netos da tia solteira cuja vida é cuidar dos sobrinhos é um modelo que existe e persiste provavelmente muito nas comunidades rurais no interior. Você vê aqui em Belém muitas senhoras sozinhas no shopping, no cinema. Então, quer dizer também é a nossa relação com ideia de velhice, deixando de associar a velhice com o fim da vida, mas a velhice como mais uma etapa da vida, provavelmente a última etapa da vida, mais a ênfase é uma etapa da vida e não mais como pura e simplesmente o fim da vida. Você vê que na classe média se organizam passeios, se organizam viagens, você às vezes encontra em determinados lugares turismo religiosos eu sei por

que pessoas da minha família fazem isso, vão de ônibus para Aparecida, mas na volta param no Rio de Janeiro, para compras, passeio em Copacabana é um pouco de praias, quer dizer, senhoras de 60 anos de 70 anos. É muito engraçado como esse movimento é muito maior de mulheres, muito mais do que de homens. É muito engraçado com as mulheres fazem esses movimentos de transgressão. Talvez as mulheres tenham uma necessidade muito maior de recuperar o tempo perdido, mas isso é uma coisa muito interessante que acontece no mundo de hoje.

Portanto, nossa abordagem teórico-conceitual esteve centrada nas ciências humanas e sociais, na ciência da educação, em diálogos pertinentes com outras áreas afins, retratando, sobretudo, as ligadas aos direitos de afetos e às condições humanas que trouxemos o que nos parece estreitar nossa posição sobre o envelhecimento. As questões de cunho social, muitas vezes limitadas, são de grandes magnitudes para aferir nossa compreensão sobre este fenômeno em foco. E se constituem em marcadores para procurarmos perceber as contradições de ordem econômica e política que interferem de modo explícito ou não na sociedade, intervindo também na questão geracional e intrageracional com suas particularidades.

Por isto, passamos a entender que o estágio de sociabilidades que envolvem o conjunto da população como cidadãos de direitos evoca corresponsabilidade do Estado, do mercado, da família e de todas as instituições sociais que, de forma alguma, devem desconsiderar os elementos sob os quais os indivíduos se constituem, mesmo sabendo que há singularidades. Afinal, como já dissemos ninguém envelhece da mesma maneira em nenhum lugar de experiências e de sociabilidades, por isto é que insistimos em dizer que a velhice tem suas próprias singularidades. Como afirma o professor C.E. (2014) ao nos dizer:

É nesse sentido, acho que nós precisamos, eu não digo só do ponto de vista institucional, do ponto de vista político, do ponto de vista da saúde, do ponto de vista das instituições cuidadoras dos idosos, mas eu estou dizendo do ponto de vista dos processos de subjetivação. Quer dizer, nós só podemos mudar a velhice se nós nos mudarmos.

Portanto, tornam-se inconcebíveis as análises que abdicam de buscar uma compreensão para este fenômeno distanciado das questões de ordem política, econômica, cultural e nas órbitas das ditas subjetividades humanas. Entendida esta última na perspectiva foucaultiana.

Por isto, consideramos de grande importância os aportes teórico-metodológicos alçados no pensamento foucaultiano para esta empreitada de definir o marco teórico conceitual da pesquisa. Ter feito estas incursões foi importante para que nossa análise sobre o envelhecimento tivesse encontrado outros ecos para se pensar a ética e estética da existência estas travessias. Que por exemplo, encadeiam o sentido mais frequente de solidão, medo e morte, que geram para eles e para sociedade reflexões também sobre o abandono, descaso e maus tratos inseridos na lógica do poder/saber.

As práticas discursivas presentes na ordem dos discursos das autoridades parecem adquirir com o tempo, em muitos casos, as marcas da intolerância, insensibilidade e desumanização para com os diferentes.

Por isto, não há dúvidas, nossas apostas do ponto de vista teórico-metodológico e conceitual terem convergido para o campo do pós-estruturalismo por entender que por este prisma poderíamos compreender a realidade socioeducacional dos sujeitos da pesquisa e sua interseção com as realidades educacionais sobre as quais viveram. Não quisemos mais, sem demérito, seguir caminhos analíticos que nos apontassem destino histórico apenas através das contradições objetivas que derivam das lutas de classes. Isso nos faz querer buscar respostas aos dilemas levantados também em outras órbitas que reconhecessem processos de significados, sentido e subjetivações.

Estes momentos foram de suma importância para anunciarmos e situarmos nossas categorias conceituais chave, entre elas a questão do envelhecimento nesta triangulação, chamando a atenção de outras necessidades que se apresentam nas escritas e escrituras que compõem o repertório deste fenômeno.

Por exemplo, até mesmo nos aproximar de uma linguagem cinematográfica que nos possibilitasse entender, através da arte, como tudo isto ocorre e como os velhos se constituem deixando suas marcas e traços, quando assinam suas escrituras de vida, seus sentidos e significados de existência, e sobre suas maneiras de ser e estar no mundo, constituindo-se, portanto, como sujeitos.

Parece-nos relevante neste momento citar algumas produções cinematográficas, como por exemplo: *A Dança da vida* (Juan Zapata), *Bailão* (Marcelo Caetano), *Elsa e Fred um amor de Paixão* (Marcos Carnevale), *Desde que Otari partiu* (Julie Bertucelli), *Ensina- e a viver* (Colin Higgins), *Amor*, dirigido por Michael Haneke, entre outros, que nos ajudaram a nos posicionarmos do ponto de vista teórico-conceitual.

Se nossa abordagem de fato tem âncoras nos aspectos teórico-metodológicos presentes nos pensamentos foucaultianos, apontar outras ferramentas para a enunciação

de outras escritas se tornou imprescindível. Daí compreender que a linguagem fílmica a qual Foucault, Deleuze, entre outros, tiveram zelo e apreciação, certamente nos abriram espaços para olhar e ler tantas imagens quebradas.

Uma vez que Foucault ao tratar e inventar um vasto repertório de categorias como poder, sujeitos, homens infames; Deleuze com as categorias de diferença; Nietzsche com os conceitos de suspeitas, entre outros, certamente não trataram especificamente do envelhecimento, porém de modo algum, esta temática escapa a qualquer tentativa de analisá-la à luz de seus pensamentos acerca do que lhe reserva ser e estar constituído no campo da diferença. Como sentenciam Rago e Neto apud Swain (2008, p.262):

Se Foucault aponta para uma nova sensibilidade em relação à velhice, uma nova categorização inclusive, seu lugar de fala é a França, onde os idosos são um grupo consumidor, fazem parte do mercado capitalista. Entre nós, esta nova sensibilidade apenas encobre o desprezo, que aparece em certa condescendência social em relação à velhice, criando-lhes um não lugar. Seus relacionamentos vistos como “Travessuras”, “tão bonitinhos”, “a melhor idade”, a “terceira idade” que começa cada vez mais cedo. Atenção aos mais de 40! É a quarta idade.

#### 4.3 Escolarização

Nesta triangulação que fecha nossa tentativa de inovação teórico-metodológica para definir e posicionar nossas categorias conceituais assumidas por esta pesquisa, reiteramos que essas categorias estão envolvidas com escritas transgressivas. Neste sentido e desta vez, será o conceito de escolarização que será atravessado por reflexões contextualizadas pelos interlocutores professores pesquisadores nesta triangulação.

Assim sendo, iniciamos dizendo que não será visto tão somente por perspectivas de negação das instituições escolares ou então por olhares polarizados ideologicamente sobre o papel e a função da escola na formação de sujeitos vista somente como uma instituição reprodutora e somatizadora dos interesses dominantes na sociedade.

Fato este que nos parece vir ocorrendo em grande parte das análises decifratórias de teses acadêmicas ancoradas em bases epistemológicas no campo do marxismo e das teorias críticas em educação que tivemos a oportunidade de estudá-las.

Nossa perspectiva teórico-metodológica para dentro e fora do universo escolar quis imergir das multiplicidades de relações escolares nos livrando do estigma das polaridades e binarismos que vêm, sem demérito predominando nas abordagens

daqueles que acreditam nestes caminhos de verdades sobre percursos de educação escolarizada.

Foi não sem razão que optamos pelos perspectivismos foucaultianos para nos arrear destas maneiras de abordagens sobre as tramas, os jogos, as trocas e as relações de saber/poder presentes nestes ambientes escolares. Portanto os discursos e práticas discursivas presentes em determinados momentos da atuação desses sujeitos que protagonizam nos ambientes escolares nos provocaram a pensar ousadamente tentando avançar reflexões em outros caminhos abertos de sentidos e significados.

Tentamos nos isentar desta indução investigativa por entender que os ambientes escolares são espaços possíveis de múltiplos olhares, regimes de verdades e jogos e relações e tramas de poderes diversificados. Embora venham predominando há décadas posicionamentos críticos, sobretudo, que revelam insatisfação, inconformismos e desconfianças acerca de suas crises e dos problemas conjunturais e estruturais históricos. Esses ambientes trazem fortes questionamentos sobre qual tem sido a função social da educação escolarizada (principalmente pública) diante de processos de transformação social, por exemplo, que envolve os velhos (as) enquanto categoria social.

A ausência de reflexões no meio escolar e principalmente nas atuais interdições curriculares e práticas discursivas pedagógicas sobre os ritos de passagens para outras temáticas, entre elas; o fenômeno da velhice e da sexualidade ainda tem sido um tabu, ou ato de dispersamento devido a vários atenuantes<sup>13</sup>.

Diante destas questões levantadas que estão inseridas no contexto educacional, ainda assim podemos perguntar: Como manter vivas as utopias dos sujeitos de direitos nos ambientes escolares através de dispositivos socioeducacionais mediadores de práticas e formações discursivas como possibilidades de reinvenção de novas ferramentas e dispositivos que assegurem as conquistas das organizações da sociedade diante do Estado e das lógicas cambiantes impostas pelo mercado educacional?

Apesar de nosso foco principal ser a educação-escolarização, torna-se necessário indagar sobre as políticas públicas em várias áreas e não somente na área da educação.

---

<sup>13</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem-se como um dos poucos dispositivos que apresenta estas temáticas como tema transversal com destaque para a Pluralidade Cultural e da Orientação Sexual, porém pouco efetivada no contexto escolar.



Não por acaso o professor O. G (2014) apresentar a seguinte fala sobre as questões voltadas para as políticas públicas e a Educação, ao chamar a atenção para a seguinte preocupação:

No Brasil, a maior, parte das pessoas analfabetas é a população de idosos, e aí nos temos um problema sério, nós vamos ter uma população idosa com baixa escolarização ou sem escolarização, isso se constitui num problema. Eu penso que isso é um problema, pois, eu não posso, pensar no que diz respeito apenas em políticas educacionais sem políticas que busca combater essa ausência de escolarização dessas pessoas idosas, mas outra coisa que me chama atenção é assim nos temos políticas educacionais que pensam na formação continuada desses idosos. Por exemplo, nos anos oitenta mais nos anos oitenta e noventa, à medida que foram surgindo os primeiros grupos de idosos, a medida que foram surgindo as primeiras associações de idosos, essas associações começaram a demandar políticas educacionais, é nesse contexto dos anos 80, 90 que surgiram as universidades da terceira idade porque ela surgem para atender essas reivindicações de pessoas que envelheceram e que tinham desejos de continuar estudando. Fazer cursos livres, fazer formação continuada etc. de lá para cá, além da universidade da terceira idade, que outras ações foram pensadas a partir desta lógica de uma política educacional voltada para a terceira idade? O que nós temos de fato de forma consistente eu não vejo, pode ser desinformação minha.

As fortes preocupações e questionamentos feitos acima que cercam as fragilidades das políticas públicas em vários setores, inclusive na educação de jovens e adultos, onde através deles estão inseridos sujeitos de direitos que atingiram a fase da senilidade e que passam a rigor a serem levadas em consideração suas lutas para se viver com qualidade de vida nesta faixa etária, mesmo tendo ainda tendo que passar por muitos desafios. Como nos diz Debert (2012, p.32):

[...] A gerontologia tende, cada vez mais, a abarcar o problema do envelhecimento populacional que se transforma em problema nacional. Já não se trata apenas de melhorar as condições de vida dos velhos pobres ou de propor formas de bem-estar que deveriam acompanhar o avanço das idades ou, ainda, de empreender cálculos de contribuições adequadas às despesas com aposentadoria; trata-se, agora, de apontar os problemas que o crescimento da população idosa traz para a perpetuação da vida social, contrapondo-o à diminuição das taxas de natalidade.

Diante desta realidade concreta, por onde se pode recomeçar a potencializar os ambientes escolares para as reinvenções sociais diante das várias ameaças que assombram estes territórios, como nosso estudo se pautou por narrativas de velhos sobre suas vivências nos espaços escolares, questionar os entraves acerca da velhice tornou-se

de suma importância principalmente quando partes significativas de professores começam a ser aproximadas de suas aposentadorias significando perda de status, autoridade, poder, reconhecimentos, principalmente aos economicamente pobres.

Mesmo assim talvez tenha sido importantes não termos nos fechado em perspectivas conceituais de autoafirmação dos velhos simplesmente para justificar os nossos interlocutores como narradores destas vivências de escolarização apelativas para justificar nossas preocupações com realidades sociais em curso sobre a velhice.

Preferimos nos aproximar de outras perspectivas conceituais que nos parecessem mais completas sobre escolarização e que nos possibilitassem compreender as dobras destas relações de poder/saber que circulam por ambientes escolares e que são bem mais frequentes na cotidianidade urbana com seus constantes flagrantes, principalmente ao falarmos de práticas de ensino, de Projetos Políticos Pedagógicos e gestão escolar que muitas vezes, são deformadores destes espaços de ensino-aprendizagem, principalmente quanto aos saberes direcionados para a questão dos corpos e das sexualidades e de temas correlatos que são marcados pela diferença.

Nossa aproximação conceitual com estas perspectivas genealógicas não foi para adotar considerações fixas, estáveis como se fossem garantias de verdades absolutas, ao contrário, apenas para entendermos como se movimentam e no passado como funcionavam na materialidade do ambiente escolar cercado por objetividades, mas também por subjetividades como nos fez compreender Foucault.

A partir desta compreensão de como entendemos as questões de caráter teórico, vendo os espaços de educação escolarizada como também de transformações e mudanças sociais, coube-nos aproximarmos conceitualmente da ideia de Heterotopias, sobre a qual Foucault no vídeo: Foucault por ele mesmo: assim nos explica:

São espaços absolutamente outros. Esses lugares seriam reservados aos sujeitos cujo comportamento é desviante em relação à média ou à norma exigida [...] daí as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, as prisões, precisamente acrescentar os asilos, o ócio como desvio biológico ao estar ligado à velhice.

Essas variações entre utopias imaginativas e heterotopias a serem materializadas nos espaços escolares se constituíram em importante dispositivo de reflexão no qual estivemos empenhados em querer desvendar. Portanto, nestes “círculos e redes” de contradições e limitações socioeducacionais direcionados para o currículo, para a formação de professores, estes nos serviram de dispositivos de análise frente às

correlações de forças envolventes das condições dos sujeitos, seja de forma legal e/ou legítimas do passado presentes nos espaços escolares, principalmente quando se trata de temáticas conceituais-transversais.

Nossa intenção, portanto, foi procurar consolidar os pilares teóricos conceituais para mais à frente analisar as narrativas dos homossexuais que já atingiram a fase da senescência e que no passado também vivenciaram os espaços de escolarização e como criaram arranjos interpretativos sobre os sujeitos que estiveram presentes nas redes e bordas das culturas escolares dominantes, mas influentes na modelização do corpus em seu tempo e vida escolar agora narrados por eles.

No Brasil são recentes os dispositivos legais nos espaços escolares para garantia de direitos sejam eles, direitos étnico raciais conforme a Lei 10.639/2003 que “torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” ou direitos de orientação sexual e afetiva, que garantisse e assegurasse os direitos sociais dos sujeitos homoafetivos conquistados através da recente Resolução de nº 12 de janeiro de 2015 em que:

Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização.

Sem essas conquistas tornava-se impossível apresentar qualquer denúncia acerca de bullying homofóbico, violação de direitos como o racismo, desrespeitos com os sujeitos ditos estranhos nos ambientes escolares, das instituições públicas ou privadas. Porém, em consulta ao Relatório da Secretaria Nacional de Direitos Humanos apresenta informações sobre violência homofóbica no Brasil com ênfase para as unidades da federação no qual destacamos a situação do Pará<sup>14</sup>.

Apesar de todos estes avanços, ainda não são tão claras as conquistas e bandeiras de lutas destes segmentos para o conjunto da sociedade. Por isto, o espaço escolar ser importante para suscitar estas reflexões em seus domínios de escolarização, e as narrativas destes (as) velhos (as) homoafetivos importantíssimas diante de um cenário

---

<sup>14</sup> Em 2012, no Pará, foram registradas 101 denúncias sobre 186 violações relacionadas à população LGBT pelo poder público, sendo que em agosto houve o maior registro de 12 denúncias. Houve um aumento de 180% em relação a 2011, quando foram notificadas 36 denúncias.

que já começou a se desenhar sobre o envelhecimento no Brasil. Sobre esta questão, o professor de iniciais O.G (2014) aponta:

Então, eu penso, assim, nós precisamos nos preocupar com a formulação de políticas educacionais voltadas para a terceira idade. E de forma no sentido de nos antecipar. É outro problema da sociedade brasileira, geralmente a gente espera acontecer para depois resolver o problema. Então, a gente sabe que as projeções são daqui a vinte anos. Se nós sabemos que vamos ter esse boom de envelhecimento daqui a 20, 30 anos por que nós não começamos de forma antecipada a pensar uma política para essa população? Eu penso que a universidade enquanto centro de produção de conhecimento é omissa em relação a isso. Eu penso que, por exemplo, nós não temos um curso aqui que discuta andragogia, esse é um tema que não se faz presente, por exemplo, no Instituto de Ciência Educação como este aqui. E se eu pegar as faculdades de educação que existem nos campi da UFPA, nas outras universidades públicas estaduais, federais, nas universidades privadas que são muitas e eu particularmente desconheço alguém que esteja discutindo andragogia. Então nós vamos esperar o problema acontecer para alguém se dedicar a estudar a andragogia e educação da pessoa idosa? Eu penso que não.

É preciso compreendermos que a educação e/ou escolarização, no Brasil, voltada para estes segmentos se materializa através da educação de jovens e adultos, da educação à distância, das Universidades abertas da terceira idade, entre outras modalidades que são realizadas através de várias formas de manifestação. Nosso intuito nesta abordagem histórico conceitual, voltamos a dizer, não se restringiu aos espaços de formação escolar e sim nas narrativas destes sujeitos velhos (as) homoafetivos que vivenciaram espaços escolares.

Por entender as políticas públicas educacionais no Brasil voltadas para este segmento como um direito, identificamos que as referidas políticas são quase inexistentes, o que deixam muito a desejar. Foi por isto que o professor de iniciais P.C. (2014) não economizou palavras para dizer:

Olha! Eu vou partir de um documento oficial. Os PCNs da escola básica até o nível superior, a situação não é tão diferente. Você tem nesses níveis, você tem lá nos temas transversais a sexualidade. Tema transversal é um tema que entra em todas as disciplinas, como um tema que gera reflexões, que gera uma análise crítica daquela situação a respeito daquela temática, um aprofundamento que oxigena as disciplinas do currículo a essa temática. A educação sexual. No caso da sexualidade (educação sexual), isto ficou tão secundarizado na escola que foi diluído, se desmanchou no ar, apesar de está expresso nos documentos legais. Na universidade apesar de ser um espaço onde a ideia mais aprofundada cientificamente, culturalmente do ponto de

vista político, ocorre com maior frequência. Ela ocorre tanto por conta da formação de professores e por ser um espaço de formação profissional e também de formação de nível de excelência para a composição de diversos campos da sociedade.

No entanto, é fato que o Brasil ainda não está preparado para enfrentar a realidade da envelhescência, principalmente dos homossexuais, haja vista que a real taxa de crescimento do envelhecimento populacional exige-nos ir ao encontro de respostas sobre a qualidade de vida, a construção de um sistema eficiente e eficaz na área da saúde, da previdência social, da moradia, e principalmente da educação, pois esta exige mudanças atitudinais e de posturas que ressignifiquem a compreensão da população sobre o fenômeno do envelhecimento.

No entanto, o que nos diz Debert (2012, p.15) nos serve de alerta para entender que:

No Brasil, proliferam, na última década, os programas voltados para os idosos, como as “escolas abertas”, “a universidade para a terceira idade” e os “grupos de convivência de idosos”. Estes programas, encorajando a busca de autoexpressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento. Contudo, o sucesso surpreendente dessas iniciativas é proporcional à precariedade dos mecanismos de que dispomos para lidar com a velhice avançada. A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais na nossa sociedade para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania.

Uma nova perspectiva nos desloca para assimilar uma des-razão de multiplicidades de ideias, desejos e verdades de poder para o qual nossos saberes, principalmente através dos dispositivos curriculares, culturalmente não nos educaram lamentavelmente para um entendimento direcionado à nossa condição de vida para o envelhecimento.

Este despreparo encontra razões argumentativas no fato de que somos majoritariamente movidos pelo mito da eterna juventude e por uma escolarização e uma corporeidade que desconsideram e negam esta singularidade dos sujeitos sejam eles novos, ou seja, na faixa etária da velhice e, por isto, dificultam a compreensão de outras práticas discursivas que venham dar visibilidade às políticas de atendimento aos idosos e, como parte e extensão de poder, acaba-se por negar sua condição de sujeito e cidadão de direitos. Por isto, muitas vezes o poder ou força do currículo parece-nos deslocado,

deixando escapar importantes reflexões sobre esses sujeitos. Neste aspecto, Queiroz (1999, p.17) argumenta:

Na análise Foucaultiana do poder, podemos perceber a noção de “poder” fora de sua concepção clássica, fora do espaço restrito da instituição, sem estar necessariamente situado em certo lugar, e apenas nele, e daí ser praticado por alguns poucos que assegurassem sua posse. Sem submeter-se às análises de super e infraestruturas. Sem se inscrever no seio dos aparelhos de estado, sejam estes repressivos ou ideológicos [...] poder não é um atributo de classe. Mas algo que se exerce, que se investe, que se efetua. Podemos, todavia, procurar inverter as questões e pensar que se o poder é algo que não está localizado em algum lugar e excluído de outro, ou melhor, se não podemos pensar o poder em termos de exclusão é, sem dúvida, pelo fato dele ser contínuo, ininterrupto, adaptado e individualizado e desta forma estar, em todos os lugares.

Sobre esta mesma base discursiva, Louro (2010, p.42) sentencia:

Novas identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontinuada. Muitos afirmam, com evidente desconforto, que essas novas identidades “excêntricas” passaram não só a ganhar importância nestes tempos pós-modernos, como, mais do que isso, passaram a se constituir no novo centro das atenções. [...] é preciso, no entanto, evitar o reducionismo teórico e político que apenas transforma as margens em um novo centro. O movimento não pode se limitar a inverter as posições, mas, em vez disso, supõe aproveitar o deslocamento para demonstrar o caráter construído do centro – e também das margens.

Por isto, nosso propósito neste momento de reflexão e conceitualização contextualizada foi, sem dúvidas, intenso ao falarmos de sujeitos históricos vistos como diferentes e por muito tempo silenciados nos espaços escolares.

Por este prisma, partimos da ideia de que para entendermos um projeto político-pedagógico, a organização da educação escolarizada, as práticas discursivas e os dispositivos de mediações voltadas para a formação dos sujeitos a partir de temáticas conceituais também diferenciadas em seu interior, como por exemplo, o envelhecimento e a sexualidade será preciso que os professores possam sair das castrações, dos confinamentos intelectuais, das centralizações polarizadas pelas tradições, e, por estarem assim nomeados, esquecem-se de ressignificar suas práticas discursivas, agindo do mesmo modo como foram formados e com os “mesmos” mecanismos atuam

promovendo a formação de outros, com isto esquecem ou ainda não sabem que o poder, como antevê Foucault é circulante e descentrado.

Os corpos dóceis podem ser manipulados e hierarquizados no espaço escolar quando se recusam a interagir com o novo. Neste caso, os estudos voltados para os idosos, são muitas vezes negligenciados e preteridos por parte dos professores, que pouca ou nenhuma intimidade tem para trabalhar em sala de aula com o universo da velhice, principalmente de sujeitos homoafetivos muitas vezes, isto ocorre pelo fato de não entenderem que a condição de velhos não está só para o outro, constitui, sim, uma passagem de tempo que alguns irão passar, resguardadas as diferenças e singularidades dos sujeitos com os encontros e desencontros inusitados na partilha da vida.

Sobre isto a professora de iniciais M. J. (2014) afirma:

A gente está chegando ainda a um lugar que valoriza, por exemplo, o corpo jovem, então dentro da discussão da diferença do ponto de vista da sexualidade ou da homossexualidade ter um corpo idosos e problemático porque há também norma ou homonorma dentro desse campo que valoriza muito mais o corpo jovem e que associa sempre o corpo envelhecendo a uma decadência e a uma perda do erotismo uma perda do interesse ou do desejo. Então, imagina o que vive um corpo que é homossexual, um corpo que assume uma determinada forma de viver, esse corpo no mundo como ele vive, isso quando do envelhecimento agrega uma série de nuances a discussão da homossexualidade ou do homoerotismo como se queira dizer que ao se chegar à discussão da diferença, do ponto de vista da sexualidade, não se chega a um lugar tranquilo ou não se chega a um lugar necessariamente revolucionário aí também as normas, aí também há enquadramentos, inclusive aqueles geracionais [...].

A formação dos cidadãos de direito dos profissionais da Educação e os demais agentes da política de atendimento e proteção dos idosos sabem que, no exercício de suas profissões como (re) inventores de símbolos, sentidos, imagens e significados, é necessário compreender que se trata de um segmento social que precisa ser tratado com respeito e dignidade. E muito mais, fundamentar sobre seus direitos legais e legítimos nas esferas da vida pública e privada.

Entendemos que mesmo com todas as contradições detectáveis no ambiente escolar este ainda é e será por muito tempo uma fonte inesgotável à reinvenção das ideias, de hábitos e costumes que mexem com corações e mentes dos sujeitos, mas também como lugares de fortes crenças e ritos de passagens onde se possa imprimir líquidas significações e reinvenções desde que tenhamos sensibilidade para o poder da escuta. Torna-se necessário fazermos com que o espaço escolar seja muito mais que um

ambiente determinante de um estilo de raciocínio que sistematiza e sintetiza processos, formação e práticas discursivas.

Nesta direção, o professor de iniciais P.E. (2014) nos brinda com esta oportuna reflexão:

As escolas são instituições apesar de que passam a ter limitações e de ter efeitos de sujeição que implicam hierarquia. As escolas também são lugares de encontros, é um espaço uma forma protegida de lógicas mais selvagens. É um espaço público mais horizontal onde eventualmente encontramos pessoas, onde nunca encontraríamos, onde são possíveis diálogos que não se encontram em espaços fora da escola ou da Universidade. É muito mais importante que isto, é o lugar no espaço contemporâneo onde ainda é possível dar a cara e não ser castigado por isto. Na Universidade, nós podemos entrar em projetos e fracassar diuturnamente e tentar de novo, e fracassar de novo, e tentar de novo [...] fora deste espaço há outros espaços, mas são muito poucos. Fora deste espaço qualquer fracasso nos deixa praticamente fora de qualquer lugar no mundo ativo [...] somos infelizes no trabalho. O mundo não permite errar. Apesar de todos os problemas, a escola é um lugar onde podemos errar. Eventualmente isto explica que, quando chegam à escola, certas pessoas devido à luta, se atrevem a explorar sua afetividade, sua sexualidade. Atrevem-se a pensar em certas coisas que não chegavam a pensar. A escola é um espaço completamente diferente. Para nós que tínhamos a escola quando crianças como um lugar de brincadeira, então essa ambiguidade por não querer ir à escola, aquela chatice, careta. Mas por outro lado, era o melhor lugar para esta, porque tinha os momentos de troca, de brincadeiras, um lugar onde tinha centos de crianças, não era lugar de ficar sozinho em casa. Então eu imagino uma pessoa que trabalhou toda a sua vida em trabalhos que não tinham processos de subjetivações [...] entrar na escola aos 60 anos pode ser o lugar da infância recuperada.

Apesar de este olhar otimista acima citado sobre as instituições escolares, podemos dizer que ainda tem sido muito difícil combater as ondas de preconceitos, discriminações e práticas criminosas dirigidas aos sujeitos diferentes, intrusos, excêntricos. Por isto, o território escolar precisa ser reinventado, tornando-se espaços coletivos de circulação de indivíduos visando ao ordenamento de discursos e práticas diferenciadas.

Este quadro social traçado por marcações que tentam negar tais direitos revelam vontades de verdades aparentemente ocultas. Neste caso, fica claro que, através da produção e fabricação de currículos oficiais que ignorem estes segmentos da sociedade, certamente arrefecerão as práticas educativas dos sujeitos da educação em seu ambiente de convívio e sociabilidade.



Como desterritorializar estes espaços de escolarização amorfos às vezes diacrônicos e destituídos de utopias sugerindo outras modalidades de currículo?

Como superar estes espaços de (des) educação/escolarização já positivados nos desenhos curriculares ausentes de reflexões diferenciadas? E como acreditar que, em meio a tantos desafios, ainda seja possível às construções de novas significações, sentidos e verbalizações nos espaços escolares, capazes de reinventar o papel ou função da escola ancorada em novas relações de poder-saber, em uma nova ética social pautada em crenças e em esperanças como estratégias de sobrevivência e de invenção de singularidades e subjetivações entendidas nas relações, jogos e tramas de poder/saber que produzem efeitos sobre os próprios sujeitos tornando-os aquilo que são como pensava Foucault.

Podemos acreditar que, por caminhos de utopias possíveis, ou melhor, de heterotopias, os espaços escolarizados possam se constituir também em lugares de práticas discursivas, criativas e autônomas e escrituras transgressivas sobre novos olhares, e novas linguagens curriculares capazes, possíveis e necessárias, de intensamente provocar os ambientes escolares.

Nossas buscas de referências teórico-conceituais sobre escolarização estiveram alçadas pelo pensamento Foucautiano procurando extrair ensinamentos que fecundem e aprofundem nosso olhar para os estabelecimentos escolares e que de fato nos levem por caminhos em busca do cuidado de si, tendo como referência uma educação no pleno desejo da vontade de um saber não mediatizado por práticas excludentes, ausentes e silenciadas diante de perspectivas diferenciadas.

Ao dizer isto, recorreremos mais uma vez a Silva (1998, p.314-316) por ser enfática em afirmar:

O que as escolas, os currículos silenciam entra também como que legitimando a presença da ausência, seu poder produtivo [...] O silenciamento – a ausência de fala – aparece como uma espécie de garantia de norma. A ignorância (chamada por alguns de inocência) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos “bons” e confiáveis.

Por isto, torna-se necessário não distanciarmos tanto as questões sociais e econômicas das perspectivas socioculturais quando relacionadas às diferenças muitas vezes não aceitas pelo conjunto dos sujeitos que habitam cotidianamente os contextos escolares.

Neste sentido, o currículo enquanto linguagem constitui-se em um dispositivo fundamental para a compreensão, reflexões e mobilidades sociais possibilitando revigorar ou ressignificar os múltiplos argumentos e conceitos sobre escolarização. Ainda que nos fique uma inquietação que pretendemos dissecar: Como enfrentá-los sem linhas de fugas à reflexão e às claras intervenções sobre como foi constituído e hoje quem é o sujeito da educação que nos interessa evocar em processo de escolarização?

Entendemos que são visíveis as demonstrações de fragilidades e despreparos de grande parte dos educadores para lidar à luz de suas expertises com realidades outras marcadas por via da coerção, controle e preconceitos daquilo que lhes parece estranho, excêntrico, ou fora da normalidade nas escolas como, por exemplo, os sujeitos homoafetivos.

Mesmo sabendo, como nos diz Corazza (2001, p.127): que: “para o professor, a escola [...] é o lugar de possibilidades de construções de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidades”.

Nosso esforço neste momento de buscar uma conceituação teórica sobre escolarização, ainda que não fixa, como vimos fazendo desde o começo deste interstício, teve como propósito nos auxiliar a desconstruir o imagético social que, como sabemos, nomeia e representa realidades social em curso, impondo ao conjunto da sociedade práticas discursivas que culturalmente naturalizam formas de violências de todos os tipos, inclusive no interior das instituições escolares, sobre os sujeitos vistos como diferentes ou alienígenas do mal, entre eles os homossexuais, através de gestos e atitudes preconceituosas e agressivas que também partem dos educadores no exercício de sua profissão, por isto, sobre eles, também estão nossas suspeitas de bullying homofóbicos.

O bullying, no interior das instituições de formação de valores, como os estabelecimentos de ensino e os lares, sejam no centro ou nas periferias das cidades, vem ocorrendo desenfreadamente. Até mesmo nas redes sociais vão ficando evidentes práticas virtuais, o assim chamado cyberbullying. Então, diante das constatações deste fato, partindo da ideia de que as discriminações dos sujeitos de direitos inclusive aos afetos, têm marcas históricas principalmente por parte daqueles que têm dificuldades de admitir que ser diferente também é ser normal.

Assim sendo, o que podem ou devem fazer os educadores para desnaturalizar estes crimes hediondos que violam os direitos dos sujeitos diferentes que se mobilizam e transitam nos ambientes escolares?

Por isto, nestas áreas de saberes como, por exemplo, o da ciência da educação, tornam-se necessários as investigações de fenômenos socioeducacionais tendo em vista atingir resultados que possam ressignificar tais realidades sociais produzidas e inventadas neste espaço de educação escolarizadas. E que podem ser transformadas e singularizadas por seus exercícios de seu saber/poder.

Porém, nem sempre a vontade de saber torna-se de fato inquietante ou uma ameaça às formas de poder que já institucionalizaram práticas de controle e confinamentos através de normativas disciplinares e práticas discursivas conforme seus interesses de saber/poder.

Precisamos reconhecer que a institucionalização dos espaços de formação está em todos os lugares onde os pais, os formadores de opinião e as referências de educação, a partir de seus posicionamentos e interferências em território de disputas, passam a viabilizar ou inviabilizar práticas codificadas de subjetivações que não parecem tão visíveis para muitos, embora agindo sob “silenciamentos”, impondo formas de castrações e de enquadramentos nem sempre hegemônicos em seu *locus* de atuação.

As criativas formas de resistências por parte principalmente dos discentes, no ambiente escolar, também produzem estratégias de fugas que contrariam a normalidade imposta, inclusive às vezes “estranhamente” por comandos e escamoteamentos advindos dos próprios professores e/ou dirigentes das instituições escolares. O que nos faz pensar que também nos espaços escolares existam as multiplicidades de sujeitos se movimentando, sejam eles: professores, gestores, técnicos, alunos por diferentes caminhos movidos por relações, trocas, jogos, e tramas de saber/poder.

Dito isto, torna-se importante neste momento de intensa reflexão, nos aproximarmos de uma tentativa de conceituação e definição teórica muito interessante que nos faz Silva apud Simon Rogerl (1995, p.67) ao nos dizer:

A escolarização e o ensino podem ser considerados como “políticos” de diversas formas. Em primeiro lugar, e talvez de forma mais comum, está o reconhecimento de que as políticas de currículo, as condições de ensino e as práticas pedagógicas são orientadas pela “política” convencional dos governos estaduais e administrações locais. Em segundo lugar, está o reconhecimento de que a escolarização está implicada na distribuição diferencial de

conhecimento e recompensas simbolicamente diferentes dos grupos de pessoas, de forma tal que padrões de desigualdade social são mantidos através da participação (ou da falta de participação) dos membros desses diferentes grupos [...] mas existe ainda uma terceira forma de compreender as práticas de escolarização como fundamentalmente políticas: através do reconhecimento de que as escolas (e as formas particulares de pedagogia que elas contêm), como locais de produção semiótica, estão inevitavelmente presas nas relações inseparáveis entre cultura e poder.

Como podemos notar, nas instituições escolares, não existem sujeitos únicos, com única visão de mundo e com um modelo padrão de conceitos teóricos para explicar e definir escolarização e muito menos iguais. O sentido de heterogeneidade que nele habita nos exercita para o olhar das diferenças e demais maneiras de subjetividades.

Nestes aspectos, ao focarmos a educação nesta perspectiva crítica acima traçada, Silva (1998, p.316) argumenta:

Assim a participação das escolas na produção de subjetividades está se dando tanto quanto reproduz modelos que não permitem criar saídas para os processos de singularização nem que, de algum modo, trabalhe para que esses processos funcionem, através da invenção de modos diferenciados de referências, de modo de práxis.

Por isto, é bom considerar que a elevação da cidadania ativa, os direitos aos afetos, o respeito às diferenças, como conquistas dos sujeitos da educação, são raridades que temos que provocar, tornar possível a todo o momento, visando provocar “choques” de realidades e impactos no cotidiano social e escolar.

As posturas, posicionamentos e atitudes marcadas por autonomias, autenticidade, resistências, excentricidades, isto é, “anormalidades” produzem uma nova estética da existência, provocam e produzem, ao mesmo tempo, indignação, deslizamentos e recalque daqueles que são intolerantes, preconceituosos e homofóbicos. Por isto, as constantes tensões no interior das instituições de ensino e da sociedade, principalmente quando marcadas por histórias de vida diferentes das normatividades que se hegemonizam no interior das escolas.

No entanto, a impunidade e o dispersamento consciente de autoridades geram lastro de inversão de valores. Diz-se que no início deste século tem-se levado a cabo, a naturalização de práticas repressivas com as ditas minorias que são maiorias, sim, no Brasil, quando o fenômeno analisado trata das condições sociais e do rastreamento punitivo sob as condutas daqueles que são vistos com indiferença na sociedade.

Foucault (2011, p. 9-10) já chamava atenção através de seus estudos para este tipo de transbordamento que ocorria na Europa no século XVII:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava certa fraqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparado com os do século [...]. O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei [...] a repressão funciona, de certo, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio [...].

Neste mesmo sentido, segue nos explicado ainda Foucault (2011, p.11):

Que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção das palavras, uma restituição do prazer real, e toda uma nova economia do mecanismo do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente.

Se estas atitudes estão em desencontro e desacordo com as ditas normalidades prescritivas presentes nas práticas educativas e impulsionadas por suas matrizes curriculares, estamos então tratando, neste caso, das barreiras, das discriminações e dos preconceitos com poucas possibilidades de saída a menos que as “imprevisibilidades das curvas” nos tragam gratas surpresas diante destes paradoxos.

Para Foucault, a produção de um novo tipo de sujeito imaginativo sobre outros regimes de verdade ou vontades de verdades e de outros sentidos não pode estar esquadrihada por prescrições para sociabilidades aceitas mesmo, que as marcas e possibilidade do devir se consolidem pelas vias da transgressividade.

Negar ou ignorar a importância de se ter dispositivos conceituais claros e bem definidos em sintonia com o lugar de onde se fala para provocar reflexões no interior das redes escolares cujas realidades educacionais têm muito mais fortalecido estado de insegurança e fortalecimento da barbárie social, como temos presenciado diante de tantos fatos de agressividades.

Estes acontecimentos contextualizados para definir a categoria conceitual de escolarização nesta triangulação nos deparamos com estatísticas comprometedoras sobre os riscos constantes e ameaça de vidas que sofrem os sujeitos diferentes, em

particular os homossexuais. Dados como estes revelam que a realidade de fora, que pulsa, não foi tão diferente das narrativas de velhos interlocutores principais da pesquisa como veremos daqui para frente na última seção desta investigação em que estamos trazendo os falares destes sujeitos.

## 5 NARRATIVAS, OLHARES TRAÇADOS EM SENTIDOS DE SI MESMOS

Chegamos ao momento crucial de nossa pesquisa, tão importante quanto as outras seções, porém com um diferencial, aqui trouxemos nossas análises sobre as narrativas de nossos interlocutores diretos, isto é, os sujeitos homoafetivos velhos (as) ao falarem de suas vivências de educação escolarizada, na cidade de Belém.

Nosso intuito aqui visou trazer sentidos e significados outros para as relações, jogos e tramas vividos por eles nestes espaços de saber-poder os quais foram marcados por estratégias de resistências, por denúncias de práticas discursivas discriminatórias e preconceituosas, todavia por maneiras criativas de se reinventarem através de suas relações com práticas, estratégias e tecnologias utilizadas por estas instituições escolares, disciplinadoras e de sequestro como no dizer de Foucault.

Deste encontro gratificante com estas experimentações e seus narradores, tivemos a oportunidade de escutar histórias de vida escolar que atravessaram por linguagens, sentimentos, denúncias, anúncios, indignações, revelações surpreendentes, risos, ironias, inacabamento, visões de mundo, irritabilidades, irreverências, inteligentes e gostosas de ser ouvidas.

Porém, antes de chegarmos até elas, achamos de bom alvitre apresentar os passos que demos por caminhos abertos nem sempre tão tranquilos, muito pelo contrário, às vezes surpreendentes, tensos e imprevisíveis, nos dando a sensação de estarmos indo a devida direção, por curvas incômodas e bordas incertas.

### 5.1 A inserção no campo da pesquisa: sentidos e significados revelados na fala dos sujeitos

Nesta seção apresentaremos dois aspectos fundamentais que consideramos neste estudo: em primeiro plano, oferecer ao leitor os passos que demos para sedimentar as vias que transitamos para nos aproximarmos de nossos interlocutores e com eles aprender a olhar as nuances que cercam o campo de suas experimentações vivenciadas; e em um segundo plano, apresentar as análises como resultantes do que foi possível decifrar das entrevistas com os interlocutores diretos da pesquisa e de tê-las como algo pronto e acabado.

Com esta decisão tomada, pensamos ousadamente que estamos fechando metodologicamente está tentativa de triangulação, ao considerar na seção anterior as falas dos professores/pesquisadores em campo de contextualização teórico-conceitual, e

neste momento, trazendo as falas dos interlocutores principais da pesquisa, isto é, os sujeitos homoafetivos em sintonia com os falares frutos de nossas experiências e ancorados teoricamente pelas ideias e pensamentos de Nietzsche e Foucault e demais autores deste campo de reflexões que atravessaram trilhas curiosas desde a modernidade até a pós-modernidade.

Esta triangulação; professores/pesquisadores, sujeitos homoafetivos velhos (as) e nossa condição de pesquisador, neste momento, exigiu-nos ser o mais autêntico possível para fazer, esse transbordamento e escavações consentidas que desde o início destes estudos vimos sinalizando.

Sobre o primeiro aspecto, a partir destas passagens, apresentaremos suspeitas acerca do fenômeno estudado, tendo por base o conteúdo presente em seus depoimentos. Portanto, nossa incumbência foi analisar os ditos e não ditos a partir destas escutas das falas e das entrelinhas presentes nos discursos dos informantes da pesquisa, sobretudo visando andarilhar, sem muitos rodeios para não cair em excessivos sombreamentos de suas percepções sobre as questões da escolarização e da sexualidade, eixos conceituais norteadores desta pesquisa.

A pluralidade destas narrativas nos serviu de elemento para nossas análises, tendo em vista, transformá-las em veículo de comunicação e diálogos pertinentes, misturando-as por entre a linguagem, as palavras, os discursos, os gestos e emoções considerando, inclusive, os momentos em que as pausas que foram feitas naqueles contextos do lugar das entrevistas soaram em nós como ecos necessários para entender seus falares, tão importantes por serem frutos de suas experiências de vida subjetivadas que atravessaram os espaços escolares.

As exigências e rigores do saber acadêmico montados em paradigmas metodológicos de pesquisas predominantemente fechadas pareciam querer nos intimidar, porém quando decidimos pela genealogia de Foucault, nossa inventividade aflorou em nós o desejo de escavação por outros caminhos mais criativos, sem grandes barreiras entre saberes, priorizando curvas de imprevisibilidades nos permitindo ousar tentativas de reinvenção metodológica e uma maneira atrevida de análises decifratórias.

Escavamos aquilo que consideramos como pontos vitais e envolventes, porém dispersos e misturados de impressões assinadas pelos sujeitos nesta pesquisa inserida no contexto da Pós-Graduação, no campo das ciências educacionais, fortes capilaridades para os saberes imersos nas áreas das Ciências Humanas e Sociais.



As ideias e experiências de vida escolares destes interlocutores são singulares e múltiplas, produzidas em contexto, espaços e tempos diferentes por sujeitos também diferentes, os quais vivenciaram os jogos, as trocas e tramas do poder, as relações específicas e universais sobre as quais estavam envolvidos. No entanto, um pouco de tudo foi acontecendo; olhares polarizados por perspectivas às vezes fechadas, narrativas atravessadas por acontecimentos normalmente impensados, nítidos vestígios das influências sofridas pelas culturas científicas da modernidade e da ciência política através de formulações hegemônicas por confrontos e enfrentamentos, enredados em uma visão panorâmica de lados, isto é, dual e maniqueísta.

Foram-nos visíveis os indultos maniqueístas presentes nas lutas “do bem contra o mal”, os maquiavelismos da razão política, fria, calculista e, às vezes, sectária, o pragmatismo mundano em que os meios justificam-se pelos fins, a decrépita ideia fria e calculista entre o ser político que deve ser amado ou odiado. Também nos pareceram bastante interessantes as narrativas desconstituídas de formas, de regras e valores falsos moralistas, as histórias reveladoras de conteúdos nihilistas, atravessados pelo caos da angústia, da decepção, da solidão, da partilha, assim como as estratégias e fugas conscientes ou não para fazer valer o desejo, a erotização de seus corpos. Estes cenários misturados nas narrativas dos sujeitos, sem sombra de dúvida, para nós, demarcaram concretamente as influências de duas visões de mundo que vêm já há algum tempo (de) formando, (des) ordenando, (des) definindo as maneiras como os sujeitos são ou podem ser na passagem do mundo dito moderno para o pós-moderno.

Porém, nosso olhar por orientar-se, sobretudo, para o que Foucault insistia em dizer, com propriedade, da necessidade de se pensar uma ontologia do presente para a constituição dos sujeitos no cuidado de si, no aperfeiçoamento de seus modos de vida e na árdua tarefa de construir possibilidades de uma criativa estética da existência, nos fez refletir que as instituições sociais e, particularmente as escolares, assim como os indivíduos em estado de isolamento, de negação e busca de afirmação e invenção de si podem querer avançar ou retroagir por caminhos (in) certos em seus desejos de serem o que pretendem ser através e, sobretudo evocados por possibilidades de formação e práticas discursivas.

As realidades foram produzidas e inventadas socialmente, a se considerar o tempo/espaço destes acontecimentos. Através dos falares de nossos interlocutores, notamos que suas marcas reflexivas ainda estão hegemonicamente territorializadas por entre tramas e relações sociais centradas na tomada de poder estatal e pelas imposições

das instituições públicas e privadas como se fossem elas as únicas vias de acesso à implementação de outros desejos de subjetivação individuais ou coletivos. Nestas reflexões, desde já, estamos chamando a atenção do leitor para reiterar que, segundo Foucault, o poder é circulante e descentrado como já foi dito em outros momentos deste texto.

Ao dizer isto, visamos antecipar que o campo demarcatório da sexualidade e do envelhecimento por vias de educação escolarizada o qual recortamos nesta pesquisa, soma-se ao nosso do ponto de vista teórico-metodológico, ao campo da empiria que envolve e tece tais redes de relações complexas a serem analisados.

Partimos da ideia inseparável destes dois campos anunciados acima, porque acreditamos na orientação que incide em multiplicidades de experiências, compreensões teórico-conceituais abertas e norteadoras das curvas que sombreiam as interdições, as recusas, as afinidades e os nós górdios presentes nestes acontecimentos por eles anunciados.

Deste modo, queremos dizer que, neste estudo, recusamos simpatias por tendências teóricas e práticas políticas segregacionistas, ideológicas ou dicotomizadoras, que fragmentem de modo tão febril recortes sociais e humanos para fins de análise da pesquisa, como se houvesse regras rígidas, verdades teóricas e metodológicas no campo da objetividade da ciência acerca dos limites que evocam teoria versus prática, prazer versus fazer, saber versus poder, dominador versus dominado, velhos versus novos, homem versus mulher, homossexualidade versus heterossexualidade, docente versus discente, pesquisador versus pesquisados.

Pensamos que, no exercício das práticas discursivas, nas elaborações, nas percepções que irradiam ideias em movimento que se interpenetram, se confundem, se arriscam, aguçam possibilidades de inventividade nas diversas redes de poder presentes na micro e macro física do poder-saber, já anunciadas por Foucault, não cabem tantos ordenamentos, caminhos de retidão, subserviências metodológicas. É a transgressão, a desordem, a (in) coerência, a intromissão, a anarquia, a anti-higienização, o olhar avesso, atravessado, invertido que nos interessa.

Afinal não há poder paralelo, o que existe de fato são múltiplos e descentrados poderes neste campo complexo de fluxos variados de argumentos e experiências de sujeitos intrusos, excêntricos, estranhos e fecundos, movidos por falas, olhares, gestos e sentimentos que confessamos foi difícil decifrar.

Dito isto, antes da análise, coube-nos ainda deixar claro o segundo aspecto fundamental, informar ao leitor como foram dados os passos sob os quais conduzimos os procedimentos, por entre caminhos e as técnicas da pesquisa que as elegemos para chegarmos às nossas (in) conclusões. Vale ressaltar que estamos considerando duas fases importantes sobre os quais foram realizadas as experimentações significativas destas escavações que nos oportunizaram e possibilitaram finalmente chegar até aqui.

Estas fases são inseparáveis, interconectadas, porém autônomas em seus direcionamentos, conforme detalharemos abaixo. Mesmo que estejamos apresentando-as em momentos distintos para a constituição deste processo de experimentações, voltamos a dizer que eles são (in) completos, pois não se trata de uma proposta metodológica absoluta e fechada.

## 5.2 Os procedimentos metodológicos: detalhando as fases

Na primeira fase já citada, apesar de nos movimentarmos no campo das pesquisas Pós, em que não há espaços para práticas ortodoxas de busca de saberes necessariamente através da pesquisa de campo cujos passos das escavações estejam sequenciados metodologicamente, ainda assim, pensamos que os procedimentos tomados seguem graus de conexão e, sob tais sentidos, estão nomeados neste estudo.

Por isto, neste momento, foram estes os nossos objetivos:

- a) Conversar com pessoas que não tinham nenhuma restrição em assumirem suas orientações sexuais;
- b) Levantar informações mais precisas sobre os acontecimentos vividos por eles, que nos subsidiassem construir definições conceituais sobre a sexualidade, as vias de educação escolarizadas e o envelhecimento como pontos chave para se compreender as relações ocorridas nas instituições escolares e como os demais sujeitos presentes em suas épocas nestes ambientes, se posicionavam apostando na viabilidade de uma sociedade que respeitasse as diversidades e tivesse preocupações éticas acerca da qualidade de vida, do respeito e do cuidado de si; com as pessoas em qualquer nível de sociabilidade;
- c) Abrir caminhos diferentes de diálogos pertinentes com os possíveis sujeitos, tendo em vista outras aproximações com o contexto social no qual se insere nossa problemática;

d) Buscar maior familiaridade no campo da empiria com as questões de interesses da pesquisa, além de conhecer o universo das homossexualidades e do envelhecimento de maneira descentrada; por estratégias de poder-saber-prazer que fugissem aos padrões normativos abrindo-nos para o exercício de outros olhares;

e) Ancorar as categorias principais da tese de modos consistentes nos possibilitando interpretações e outros sentidos e significados considerando, é claro, as subjetividades como elemento chave, sob as quais nos apoiamos para trabalhar.

Nossa opção pela coleta de informações através da técnica de entrevistas deu-se pela necessidade de perceber, conhecer e acompanhar melhor a realidade social e suas vivências de toda ordem sobre as quais os sujeitos se deslocam e se colocam em movimentos para também negar, se contradizer, gesticular, se autoafirmar, revelando suas vontades de verdades a partir das experiências de vidas, de todos e de cada um.

Informamos que, dos dados coletados, resolvemos somente destacar nestes momentos as respostas que estivessem estrategicamente articuladas com o problema e a hipótese, evitando divagações nas interpretações e análises. Trouxemos para nossa pesquisa uma sábia lição da experiente professora Brandão (2010, p. 75) que assim nos ensina sobre os cuidados que devemos ter ao trabalhar os dados em pesquisa de Pós-Graduação:

[...] Não tenho dúvida de que temos caminhado no sentido de conferir rigor e consistência, cada vez maiores, a nossa produção. No entanto, a expansão acelerada da Pós-Graduação em educação expõe-nos risco do fascínio pelas novidades acadêmicas; e entre elas estão seguramente as novas roupagens, os novos objetos e as novas abordagens, que circulam nos âmbitos disciplinares e conquistam mais facilmente aqueles menos preparados para os trânsitos disciplinares, que estão nas fronteiras das práticas interdisciplinares que tanto atraem o campo da educação.

Esta citação nos coloca diante de um cuidadoso ensinamento, fruto de anos de pesquisas que nos serviram de alerta para entender, mesmo que esteja havendo experiências interessantes no campo da pesquisa em educação, ainda assim, não podemos ficar tateando por muito tempo em (in) definições no campo teórico-conceitual e metodológico.

Foi com esta contribuição que resolvemos nesta fase, abraçar um conjunto de oito entrevistas que envolvessem sujeitos homoafetivos com o perfil que estávamos

buscando. A este momento e pelos procedimentos e formas como conduzimos os trabalhos chamamos de pesquisa exploratória.

Metodologicamente, o que pretendemos foi, sobretudo, estabelecer os pontos marcantes que enunciaram: os desejos de subjetivação, de liberdade, de contradança com os valores impostos e punitivos, com a desconstrução daquilo que foi dado como verdade principalmente no ambiente escolar, na família, por diversas instituições da sociedade moderna. Portanto, interditar, subjetivar, contraditar, (in) definir, (re) inventar, (des) construir são, sem sombra de dúvida, expressões, linguagem, discursos, verbalizações que tomamos ou fomos percebendo nas maneiras de eles problematizarem por entre ditos e não ditos em seus falares sobre questões que cercam as sexualidades e a escolarização narradas por velhos (as) marcados pelo debate da diferença, que consideramos pertinente seguir escavando ainda nesta fase preliminar de experimentação.

Daí justificar também que nesta ocasião nossa decisão foi de seguir travessias indo além das disciplinaridades de saberes. Ao contrário, nesta fase de definições fomos nos aproximando de caminhos interdisciplinares, multidisciplinares que nos possibilitaram trazer outras linguagens e bases epistemológicas com assinaturas próprias e domínios de saberes. Nesta busca para uma arqueologia das emoções desses sábios sujeitos, as falas, os gestos, as ironias, o riso, a alegria, os sentimentos, os desejos e tramas não mais segredados, as saliências, as diversas expressões produzidas por seus corpos que nos ensinaram o que se pode dizer por singularidades, desfocamentos, atrevimentos e vontades de verdade.

Ao amadurecermos para estas questões acima levantadas, seguimos levando em consideração outros quesitos relevantes e definidores neste estudo.

Diante do fato de estarmos nos familiarizando com eles e com as abordagens foucaultianas em vários de seus escritos e, para este momento, com a Arqueologia do Saber, em que nos pareceram bastante explícitas seus interesses de escavação optamos pela inversão de procedimentos metodológicos para operar nas diferenças, inclusive através de falares por dentro de outros falares como podemos notar.

Ou seja, ao invés do exagero, de supervalorização das tendências teóricas, dos debates meramente conceituais foi nossa pretensão, sem hierarquizar ou classificar nada, nos aproximar do campo da empiria (experimentações) para escavar melhor a realidade pulsante e vivida pelos sujeitos que nos ajudariam a definir nossas problematizações pensadas.

O que nos interessou foi verificar quais seriam suas reações, como apontariam suas percepções a partir de sua experiência de vida sobre a questão da escolarização, da sexualidade e do envelhecimento.

Nossa ousadia de invenção metodológica nos apontou um caminho próprio e heterodoxo, aberto, dialógico e sem prescrições. Bem diferente de como de praxe se faz em processos de análise na maioria das pesquisas de campo ortodoxas, nas quais se privilegia a indução de variáveis, a escolha da base teórico-metodológica impregnados de sentidos ideológicos ou humanistas, e de delimitações formais sobre o fenômeno da investigação como sendo estes processos históricos movidos por antagonismo.

### *5.2.1- A primeira etapa de nossa pesquisa*

Neste primeiro momento realizamos uma roda de conversa por constituir-se como parte das dobras da pesquisa em seu campo experimental, as quais foram nos mobilizando para o exercício de outras práticas e técnicas de escavações que consideramos importante operacionalizá-las.

A roda de conversa consiste em uma técnica de pesquisa que visa, sobretudo, reunir sujeitos que estejam criteriosamente integrados, dentro do perfil apontado pela definição clara e objetiva da pesquisa, sobre isso Gatti (2012, p.7) destaca que “os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”.

Após esta definição, procuramos reunir uma sessão de pertinentes diálogos, reflexões e comentários interativos nos quais os sujeitos trocam ideias, abrem caminhos, múltiplos de reflexões, muitas vezes dissonantes, em outros convergentes, tendo o livre falar como algo diferenciador nesta dinâmica, ainda que esta esteja sendo subsidiada por um roteiro de questões de interesse frontal da temática em estudo.

A tarefa do pesquisador nestes encontros deve ser de agir como um mediador por entre falares dos interlocutores sem interromper de maneira desnecessária, tecer comentários conclusivos, ou fazer insistentes interrogatórios com cortes abruptos as declarações ou depoimentos dos depoentes mesmo quando haja interdições ou tensões declaradas por suas falas que se cruzam em determinados momentos da conversa.

A roda de conversa é uma reunião coletiva, um evento ou acontecimento social com o propósito de trazer por meio da dialogização as proposições, as negações, as interlocuções, interdições e suspensões através de práticas discursivas daqueles que se

propõem a participar deste círculo de diálogos em que os interessados não tem receios de se posicionar diante dos comandos apresentados pelo pesquisador-mediador.

Como forma de exemplificar neste cenário que envolveu várias temáticas, entre elas a questão da homofobia, não sem razão um de nossos interlocutores das pesquisas traz em sua reflexão a posição de que no ambiente escolar são flagrantes as práticas discursivas de professores que de modo descabidos, demonstram suas aversões e indiferenças para com estes sujeitos.

Nossa depoente N.I (2014) afirma:

É irritante na sala de professores os comentários homofóbicos e de indiferença dos colegas com os alunos homoafetivos, considero uma brutalidade o que falam sem nenhum pudor, simplesmente é irritante [...] A sala dos professores muitas das vezes é mais agressiva do que a sala de aula.

Tais olhares para estas realidades escolares em especial para as práticas discursivas daqueles que de algum modo protagonizam relações de saber/poder em seu interior. Sinalizam e denunciam as maneiras e normas de condutas preconceituosas e discriminatórias por partes dos atores sociais.

Este evento social aconteceu na casa de uma das entrevistadas. A ideia partiu de uma das interlocutoras que, motivada com a intenção da pesquisa, sugeriu este momento como possibilidade de diálogo, de trocas, de aprendizados, mas também de conhecimento e sensibilização com o estudo voltado para os desafios daqueles que ousam assumir suas orientações afetivas e sexuais diferenciadas.

De imediato, a proposta teve o acolhimento de suas outras colegas que aprovaram a ideia e se fizeram presentes naquela tarde em que entramos até altas horas da noite, refletindo sobre a questão da sexualidade homoafetiva, das práticas de educação escolarizadas e do envelhecimento através de suas invenções transgressivas.

Foi para nós de bom grado, um momento único, terem reconhecido que, em hipótese alguma, estabeleceriam um diálogo tão íntimo se não soubessem com clareza com quem estavam lidando. Por isto, ficamos muito lisonjeados e, claro, agradecemos imensamente tanta gentileza e generosidade.

Estabelecidas as dinâmicas de como tudo ocorreria, as deixamos bastante livres para este “papo molhado”, como assim denominaram. Tal expressão foi assim definida, pois ao mesmo tempo em que trocavam opiniões entre si, ficavam bem à vontade para saborear algumas garrafas de vinho e cervejas, refrigerantes, café, chás, licores,

acompanhadas de um bom tira-gosto, biscoitos ou pão francês. E, como parte do ambiente, músicas para ouvir.

Acrescentamos ainda que sentamos em formato de círculo onde, todas elas sentaram-se ao lado de suas companheiras. Em seguida, foram feitas as explicações acerca do que se tratava através de uma de suas principais lideranças que expôs os motivos de estarmos ali e sempre reiterando como ocorreria a dinâmica daquele agradável encontro.

Logo após, fomos chamados para nos apresentar, falar de forma abreviada de nossas intenções com a pesquisa. Sugerimos que, após a nossa apresentação, elas espontaneamente se apresentassem, já iniciando nosso diálogo, e assim foi feito. Ressaltamos que tivemos o apoio de dois amigos para a gravação daqueles momentos, e que também, junto comigo, estes fizeram anotações sobre alguns pontos de observações para dialogarmos depois.

Tudo ocorreu de forma tranquila, porém entre seus relatos havia alguns pontos divergentes que foram cuidadosamente aprofundados durante o encontro, através de outras intervenções sobre a temática da sexualidade, dos movimentos sociais e dos eventos políticos.

Entre elas foram discutidos, polemizados e localizados os pontos de vista divergentes sobre as “manifestações festivas e das passeatas gays” em todo o país, e as especificidades das lutas que urge maior grau de politização e imediatas respostas, principalmente através do poder público, as preocupações com os processos de envelhecimento em nosso país, a questão de políticas públicas para estes segmentos, os caminhos e descobertas da afetividade homoafetiva, as estratégias usadas para as conquistas e usos dos prazeres, o respeito às diferenças, os despreparos, a indiferença e as dificuldades de lidar com os sujeitos diferentes nos ambientes escolares entre outros pontos relevantes que foram transversalizados naquele momento.

Consideramos que conseguimos, naquela ocasião, transversalizar pela temática do sexo e sexualidade, das vivências escolares, pelas nuances que aproximam o tema do envelhecimento narrados pelos sujeitos da pesquisa. Entre as muitas questões levantadas algumas nos chamaram a atenção são elas: as descobertas e o assumir de suas orientações sexuais, o despreparo dos profissionais da educação com a temática discutida, suas experiências de vida anteriores, os desafios e as dificuldades enfrentadas por se constituírem naquilo que são, os dilemas em volta da aceitação ou rejeição da família, no trabalho e o controle escolar, as separações entre os casais, sobre o fazer



desta perspectiva uma militância social, os cenários traçados acerca do envelhecer, a importância desta pesquisa, a continuidade deste diálogo com outros profissionais etc.

Após tantas discussões, reflexões e debates, resolvemos encerrar nos despedindo calorosamente com um brinde, como uma manifestação da importância singular de tudo o que vivemos naquele dia inesquecível.

### 5.2.2 *A segunda etapa de nossa pesquisa*

Nesta segunda etapa da pesquisa usando como instrumento ou ferramenta para a coleta das informações, o roteiro de entrevistas, com os devidos ajustes, foi aplicado somente para seis interlocutores diretos, do sexo feminino e masculino.

Afirmamos isto a fim de que ficasse claro para o leitor a diferença que estamos traçando sobre o que estamos entendendo a respeito das categorias de gênero e sexualidade. Neste sentido, recorreremos à interessante formulação de Ferrari (2010, p, 257) aos nos dizer que:

E, no Brasil, mais do que a existência de relação entre gênero e sexualidade, parece que ocorre certo embaralhamento entre essas duas categorias de análise [...] no Brasil ser homem passa por ser heterossexual, fazendo com que a sexualidade atravesse o gênero, constituindo-se em mais uma forma de marcar a diferença [...] em meio a esta “confusão” que nos captura, o que parece despertar maior interesse nas escolas são questões que dizem respeito às sexualidades, mais do que aquelas ligadas às construções de gêneros, embora não seja possível separá-las. Isso porque é no campo das sexualidades que os problemas parecem se fixar, se organizar, uma vez que lidamos como se houvesse uma relação automática entre gêneros e a heterossexualidade, de forma ao mesmo tempo em que há um investimento nessa relação também se organiza uma rede de vigilância e controle para garantir seu sucesso e atacar os possíveis “desvios”. É o enquadre que se espera.

Estabelecer no campo teórico-conceitual esta diferença nos ajuda a situar o que estamos aqui tratando, nos deixando em situação confortável para apontar algumas pistas que nos levarão a aprofundar outras nuances acerca destas temáticas propiciadas pelos agradáveis encontros realizados com nossos interlocutores, que já havíamos selecionado para focar nossas interpretações das práticas discursivas e enunciativas colhidas.

Como estratégia metodológica, visando nos familiarizar com o espaço de empiria necessária para uma observação deste porte, optamos em estabelecer contatos

com os sujeitos informantes através de indicações de amigos, de lugares públicos em que nos defrontávamos com tais sujeitos, ou de interlocutores que já conhecíamos e que, ao serem abordados, foram igualmente gentis ao nos acolherem para as entrevistas realizadas, inclusive, em suas residências cuja acolhida foi sempre receptiva, amável e generosa. Eles abriram espaços de diálogos conosco a partir dos locais onde frequentavam, como por exemplo, seus locais de moradia, seus lugares de trabalhos, entre outros espaços.

A partir de tudo o que foi dito, anunciamos o deslocamento, sem negligenciar do campo meramente teórico conceitual, para enfim o domínio das experimentações. Foi sobre estas orientações que durante todos os anos de estudos, 2011, 2012, 2013 e 2014 na Pós-Graduação, percorremos, até este momento, por vários lugares da cidade para estabelecer contatos ou apenas para simples informações circulantes que nos mobilizariam ainda mais a entender tais investidas nas ditas zonas de anormalidades dos afetos, por entre ditos e não ditos presentes em processos de subjetivações.

Vale ressaltar que este itinerário como pesquisador ocorreu no espaço urbano da cidade de Belém, cuja população total, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010 eram de 1.393.399 habitantes<sup>15</sup> com população estimada para 2014 de 1.432.844 habitantes espalhadas por domicílios, tanto nas zonas centrais como periféricas. Incluem-se ainda as áreas alagadas, onde existe a maior concentração de pessoas de baixa renda, vivendo em condições precárias e praticamente desassistidas pelo poder público (independentemente de suas faixas etárias) quase em situação de abandono, o que quer dizer, portanto, que em grande parte a população permanece em estado de vulnerabilidade social, como preconiza o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), documento oficial publicado pelo Ministério do desenvolvimento e Assistência Social do Brasil.

Vale ainda dizer que partes significativas destas pessoas são procedentes de um processo migratório ocorrido em décadas passadas. A origem familiar de muitas delas tem raízes nos municípios do Estado do Pará e Estados circunvizinhos como nos diz Araújo apud Evelin (2008, p. 36):

Esta é a realidade de boa parte de mais de 88.000 velhos que vivem em Belém e na região metropolitana, assim como, os do interior do Estado, remanescente da grande migração promovida pelo governo federal à época, sob o slogan “terra sem homens para homens sem-

---

<sup>15</sup> Com base nos dados do IBGE de 2010 do total geral da população do município de Belém, identificou-se um total de 128.938 habitantes na faixa etária acima de 60 anos.

terra”, estes últimos acabaram sem conseguir suas terras, perdendo a saúde e até suas famílias. Hoje são homens e mulheres envelhecidos pelo trabalho [...].

Segundo os dados recentes da pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgada pelo IBGE podemos destacar:

No Pará a população paraense está estimada em 8.074.572 pessoas. [...] segundo o estudo a população de crianças de 0 a 9 anos caiu de 25,7%, em 2000, para 20,3% em 2013. Essa faixa etária somou 1,62 milhões de habitantes no ano passado. No grupo entre 0 a 4 anos de idade essa redução foi de 13% da população para 9,9% no mesmo período totalizando 794,4 mil crianças. Em compensação, o número de pessoas no Estado acima de 60 anos (definição de “idosos” dentro da pesquisa) continua crescendo. Ao longo desses treze anos, a proporção passou de 5,45% para 6,96% dos habitantes do Estado, correspondente a 554,599 pessoas. De acordo com as projeções da população do IBGE, por grupo de idade. Ao final deste ano, a parcela de idosos no Pará já será de 7,18% (580.149). [...] em 2020, a proporção de pessoas acima de 60 anos já será superior ao de crianças. [...] em 2030 essa porcentagem será quase o dobro, chegando 12,1% ante 6,7%. Essa projeção de idosos em 2030 também aponta a quase equidade com todo o universo de crianças entre 0 a 9 anos, que será de 13,8%. Para finalizar ainda foi revelado que o aumento do índice de idosos no Pará, como em todo o Brasil (passou de 8,19% em 2000 para 10,9%) [...] a população de 60 anos ou mais em 2000, era de 347 mil no Pará. Em 2014, são mais de 580 mil, e em 2030 será de 1,13 milhões.

Ao mesmo tempo em que apontamos estes números acima, queremos também dirigir nossa percepção ao campo das contradições sociais uma vez que a maioria desta população de idosos está concentrada em área urbana, extremamente difícil em sua infraestrutura e equipamentos urbanos<sup>16</sup>. Por isto, podemos enfim afirmar que as características da cidade de Belém como sendo de terra firme, igapó e várzea, as chamadas baixadas por onde passam os principais canais que cortam a cidade revelam o crescimento desordenado e desigual da produção dos espaços sobre a influência da lógica de concentração de renda capitalista, cujas marcas históricas da ocupação deixam vestígios da evidente contradição social urbana, onde residem tais populações em situação de risco devido à falta de saneamento básico, de segurança e de equipamentos e infraestrutura urbana.

---

<sup>16</sup> Esta realidade não se diferencia das condições de vida da população residente nos municípios do Estado do Pará, onde em alguns municípios predominam os sujeitos em passagem de tempo para o envelhecimento. Para confirmar, apontamos os municípios com maiores índices de pessoas acima de 60 anos: Belterra (9,2%), Colares (10,4%), Curuçá (10,3%), Magalhães Barata (11,1%), Maracanã (10,2%), Marapanim (10,8%), Nova Timboteua (10,9%), Peixe Boi (10,3%), Primavera (11,1%), São João da Ponta (9,9%), São Francisco do Pará (9,8 %) e Terra Alta (9,7%).

Na verdade, os moradores das áreas de baixadas, enfrentam os mais sérios problemas sociais e ambientais, tais como: desemprego, violência urbana, os efeitos do tráfico de drogas, as precárias condições de moradia e transportes urbanos, a falta de higiene ambiental e sanitária, a situação de alagamento de canais, o alto índice de criminalidade onde estão envolvidos principalmente os jovens.

Por entre espaços urbanos de Belém, fizemos contatos com os sujeitos desta pesquisa, homossexuais masculinos e femininos em processo de envelhecimento e selecionamos aqueles que seriam nossos interlocutores diretos, os quais de forma bastante receptiva trocaram, informalmente, ideias sobre a questão em voga, apontando em seus falares dados interessantes e reveladores de sua condição de vida.

Partindo destes esclarecimentos, fomos ficando mais à vontade para a partir das entrevistas, apontar nossas reflexões acerca das vivências escolares dos sujeitos velhos (as) voltados para as práticas e formação discursivas em vias de escolarização.

Nossa experiência foi muito gratificante, pois fomos adquirindo maiores habilidades como pesquisador para efetivá-las já que essas entrevistas exigiram muita concentração, intimidade e domínio do roteiro para não chegarem a ser distorcidas suas informações ou nos deixar deslizar pelos caminhos da indução, do sensacionalismo, ou de curiosidades de interesses pessoais.

O domínio de saberes sobre esta problemática que envolve a constituição de uma descrição arqueológica do saber, sobre a qual Foucault anuncia a importância de inverter os procedimentos, visando aferir uma nova aplicação analítica nas abordagens metodológicas desconstruindo as estratégias das pesquisas tradicionalmente realizadas no domínio das ciências sociais ancorados pelos elevados critérios de científicas impostas ou refratárias das lógicas instrumentais da sociedade moderna.

Operar de outro modo foi-nos algo desafiador, haja vista que estávamos acostumados no contexto de investigação das ciências sociais que metodologicamente ainda se aplicam estratégias de pesquisas construídas através de procedimentos metodológicos tradicionais. Para aferir seus critérios de verdades que garantissem status, credibilidade e legalidades científicas, assim, diríamos ainda, de forma mais contundente, que pensar a partir de Foucault exige de nós compreender outras dobras, e nos depararmos com a imprevisibilidade que nos possibilite outras ressignificações e vias de desconstrução dos modelos que supervalorizam as ditas verdades científicas em detrimento de outras movimentações de saberes.

Não seria de bom grado, como pesquisador, negligenciar sobre como se movem as pesquisas nestes terrenos em que estão inseridas as escavações foucaultianas, sobre as quais não interessa a história universal pautada em grandes narrativas, importa, sim, em desconstruir todo um legado de verdades materializadas, e que estão por trás e nas especificidades destes acontecimentos, que venham abrir novas perspectivas de pessoa, os de fora.

Neste sentido, pensar de maneira arqueológica, como no dizer deste profundo e grande pensador francês, é, sobretudo, descrever, verificar não somente o quê, mas o como foram inventadas, fabricadas as formações históricas pelos sujeitos em cada tempo/espço das formas de saberes independentemente se estes são; científicos, filosóficos, teológicos, artísticos e de senso comum etc. Em sua “des-razão”, o que quer Foucault é desconstruir o sujeito racional, o homem de ciência (moderna) de sua tão arrogante, prepotente, pretensiosa e “absoluta” ordem discursiva.

Foi neste movimento de ideias foucaultianas que neste estudo optamos ousadamente pela análise do discurso ancorado em seus pensamentos e nos seus “modelos de decifrações analíticas”, pois vimos neles a real possibilidade de partir para nossas análises tendo em vista no que e em como estão situados os valorosos falares dos interlocutores diretos da pesquisa a partir de suas formações e enunciações discursivas.

Ao nos definir por estes caminhos, estamos ao mesmo tempo nomeando e inscrevendo nossa vontade de dizer a verdade naquilo que Foucault denominou de arqueologia. O que nos coloca diante de uma concepção metodológica e tendência teórica, sem sombra de dúvida, do pensamento da diferença, da filosofia da suspeita, consolidando se possível nossas assinaturas por entre domínios e campos de saberes complexos, e, por que não dizer, ancorados nas monumentais construções de saberes teóricos principalmente de Foucault.

A partir daqui, já praticamente iniciando nossas análises decifratórias, trazemos o feliz dizer de nosso interlocutor de iniciais C.E. (2014) ao apresentar de forma resumida como entende a importância dos estudos de Foucault para compreendermos o que se passa no mundo:

É, eu vejo principalmente a importância de Foucault. Eu acho assim que o pensamento de Foucault é um pensamento que precisa ser conhecido, estudado, porque ele pode nos ajudar muito, porque Foucault não é um pensador qualquer. Foucault não é um filósofo qualquer, é um grande filósofo. Foucault é uma das marcas mais importante do pensamento no ocidente, deixou um pensamento rigoroso, não é uma mera opinião, não é um conjunto de observações históricas pura e simplesmente, é um pensamento muito forte e rigoroso na sua radicalidade que pode nos ajudar a compreender o que se passa no mundo, porque nós pensamos assim a respeito da sexualidade a, respeito do corpo etc.

Dito isto daqui para frente procuraremos esclarecer, ainda que de forma abreviada, afinal em que consiste a análise do discurso foucaultiano pelo qual optamos? Do que se trata e de como se pode operar com as caixas de ferramentas de uma arqueologia do saber? Torna-se necessário dizer que Foucault analisou as práticas e os discursos procurando não somente evidenciar os aspectos negativos, porém os positivos presentes neles, considerando as enunciações e a validade destas práticas discursivas como suposto regime de verdade, considerando a força e a função do enunciado.

Foi nos ancorando neste exercício arqueológico para produção de novos saberes presentes nos estudos de Foucault que buscamos inspirações para fazer nascer nossa compreensão acerca dos sujeitos homoafetivos em processos de envelhecimento tendo como trilhas suas trajetórias de escolarização.

No caso da importância da análise dos discursos, nas práticas de pesquisas, assim se expressa Foucault (2013, p. 186):

A análise do discurso visa fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições. É mostrar o jogo que nele, elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las. Dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência. Para a análise arqueológica, as contradições entre seus não são nem aparência a transpor nem princípios secretos que seria preciso destacar. São objetos a ser descritos por si mesmos, sem que se procure saber de que ponto de vista se pode dissipar ou em que nível se radicalizam e se transformam os efeitos em causas.

Porque os discursos para ele são concebidos como uma dispersão, o que quer dizer que as falas não se movem ou se estabelecem por princípio de unidades. Ao contrário, pela multiplicidade de falares nas e com as diferenças que se inventam através das relações intrínsecas e extrínsecas de poder, através dos quais as regras de formação regem e compõem tais discursos.

Para Foucault (2004, p. 32), os elementos que servem de arranjos para a prática discursiva são:

Os objetos que aparecem, coexistem e se transformam num “espaço comum” discursivo; os diferentes tipos de enunciação que podem permear o discurso; os conceitos em sua forma de aparecimento e transformação em um campo discursivo, relacionados em um sistema comum; os temas e teorias, isto é, o sistema de relações entre diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, permitindo ou excluindo certos temas e teorias.

Em síntese, podemos dizer, a partir de Foucault, que o discurso consiste num conjunto de enunciações e não proposições emitidas pelos sujeitos considerando-se o lugar de onde falam, gerando uma regularidade, significações e posições de subjetivações diversas e descontínuas.

Vale ousar em informar que tais mudanças metodológicas e teóricas no pensamento foucaultiano, confrontam e se propõem a inverter procedimentos de análise, sobretudo sendo inequívoco de se fazer diferenciar de domínio de aplicação imposta pelos critérios objetivos de científicidades tão desgastadas e repetitivas que ele denominava de “um velho solo gasto até a miséria”.

Deste modo, o eminente pensador não dará trégua a toda base de fundamentos e pressupostos que ancoram toda a “história das ideias”, por serem para ele (2012, p. 67): “fronteiras mal desenhadas, método tomado de empréstimo aqui e ali [...] conhecimento imperfeito, mal fundamentado”.

Completando sua ácida crítica a este modelo, Foucault (2012, p. 67) sentencia:

Ela é a análise dos nascimentos surdos, das correspondências longínquas, das permanências que se obstinam sob mudanças aparentes, das lentas formações que se beneficiam de um sem-número de cumplicidades cegas, dessas figuras globais que se ligam pouco a pouco e, de repente, se condensam na agudeza da obra.

Dito isto, tentaremos buscar pontos de coerência com o que estamos anunciando desde as primeiras linhas deste texto sob o qual temos a pretensão de ancorar numa perspectiva metodológica e analítica, tendo como fio condutor teórico-metodológico os pressupostos e fundamentos presentes em tais escrituras.

No entanto, sabemos que não se trata de uma cumplicidade ingênua e nem fora de tensões, haja vista tratar-se de uma abordagem complexa que vai de encontro a outros enfoques consolidados, como é o caso, das histórias das ideias tradicionais e do

cientificismo inaugurado desde o gênesis da dita sociedade moderna, portanto, estamos a lidar com a estrutura fortemente pensada a qual Foucault se, pois rigorosamente a escavar.

Pensamos que em nossos atrevimentos queremos, a partir de nossa opção assumida, correr o risco para fazer valer o carimbo das assinaturas das diferenças, traçado por Foucault, entre outros pensadores de igual lastro, ao aderirem a outros modos e domínios de saberes reinventados e sem recalque sobre o qual incidem suas demarcações e rupturas sem culpas no campo do pensamento denominado de estudos Pós. Entre eles estariam, sem sombra de dúvidas, Gilles Deleuze, Felix Guatary, entre outros.

Dito isto, só nos resta ressaltar que, daqui para frente, nossa tarefa será apresentar o perfil de nossos interlocutores diretos; são eles; professores, artistas, ativistas dos movimentos de gênero e sexualidade, administrador de empresas, educadores populares. Nossas entrevistas com esses interlocutores foram realizadas em locais públicos (praças, bares, escritórios, e entidades ligadas aos movimentos sociais organizados), além de nossa própria casa.

Deste conjunto de seis entrevistas realizadas nesta fase, resolvemos usar como técnica de análise dos discursos para este momento, a partir da perspectiva de Foucault ao afirmar que (2004, p. 32-33):

[...] Cabe à análise do discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação dos discursos [...] e em sua singularidade possibilitam a passagem da dispersão para a regularidade”. “Regularidade que é atingida pela análise dos enunciados [...].

Partindo destas escolhas de técnicas de procedimentos metodológicos, do perfil de nossos interlocutores, nos restava apenas trazer as problematizações pensadas e as hipóteses, colocando-as em sintonia direta com os objetivos para, enfim, iniciarmos as experimentações analíticas acerca das vias de escolarização.

De forma abreviada, precisamos lembrar ao leitor qual é o foco central de nossa escavação, isto é, qual é, o que e como deste nosso exercício arquegenealógico uma vez que é para Foucault impossível separar as relações de origem históricas das relações, tramas e jogos de poder presentes nas sociedades as quais se têm direcionado não somente para as condições históricas da humanidade, mas e sobretudo, do sujeito



histórico sobre os quais se produzem as invenções, fabricações, em processos de subjetivações.

Foi com estas desafiadoras vontades de verdade que partimos para procurar compreender: A história de vida escolar de homoafetivos velhos (as), através de suas narrativas acerca das interdições vividas afetiva e sexualmente em espaço escolar, das lutas e resistência, das estratégias políticas e dos marcadores sociais diante das formas soberanas de controle, disciplinamento e normatizadoras destas instituições sociais de sequestro.

Procuramos analisar suas efetivas contribuições para a (des) legitimação, (des) sexualização e a reinvenção do espaço escolar através de ações pedagógicas positivas do poder escolar que ao menos viesse contribuir com a orientação sexual e afetiva dos múltiplos sujeitos que são constituídos e constituem-se por dentro e fora dos ambientes escolares.

Estamos reiterando por que e como estivemos a escavar saberes acerca da afetividade de homoafetivos velhos (as) por entre relações, tramas, trocas e jogos de poder sob os quais foram e estão se produzindo através de suas vivências de escolarização por entre espaços de educação escolarizados.

Neste sentido, nada nos foi mais gratificante do que neste momento verificar os pontos cardeais que aproximam experiências passadas e o presente, tendo como fonte as práticas discursivas dos sujeitos homoafetivos envelhescentes.

Para finalizar estas reflexões e antes de passarmos para as análises decifratórias dos falares dos sujeitos da pesquisa, cabe ainda dizer que nesta segunda fase destas experimentações metodológicas da pesquisa, tivemos no exame de qualificação pertinentes e relevantes contribuições para este campo de experimentação, em que os professores sugeriram trazer as falas dos interlocutores, sobretudo, acerca das tramas, trocas, das relações e jogos de poderes presentes ou silenciados nos espaços escolares; apresentar posicionamentos sobre os lugares dos exercícios e práticas de seduções e conquistas, das marcas de preconceitos e discriminações vividos, das posturas e (des) preparos dos profissionais da educação sobre os sujeitos homoafetivos, entre outras questões essenciais para seguir sem linhas de fugas nestas escavações.

A partir de suas relevantes contribuições, fomos descobrindo ainda mais que pesquisar é se movimentar, andarilhar, escavar, atravessar, fazer dobras inquietantes e, por vezes, errantes, incertas, acerca dos sujeitos que se reinventam. Por isto, fomos percebendo novos desafios a cada dobra, e elas inevitavelmente dariam maiores

substâncias aos estudos. Então fomos percebendo que, mesmo tendo definido as seis entrevistas, ainda tínhamos fôlego para inaugurar um momento desafiador e novo em nosso estudo, isto é, produzir um vídeo-documentário sobre a temática do estudo, ou seja, a sexualidade, o envelhecimento e as vias de escolarização.

Uma vez decidido, montamos uma equipe com jovens estudantes universitários dos cursos de Oceanografia e Teatro da Universidade Federal do Pará que, assim como eu, são apaixonados por cinema, pelas artes visuais, por aprender lidar com outras linguagens que estivessem diretamente relacionadas com a existência humana e seus paradoxos.

Partimos daí para esta fase experimental de produção do vídeo documentário, nos debruçarmos e assumimos que iríamos até o final, então seguimos; ideia na cabeça, câmaras nas mãos, tensos diálogos, muitas partilhas, tantas criatividade, cumplicidades, novidades, expressões gestuais e verbais. Fomos somando um pouco do que cada um podia dar até chegar à materialização de uma ideia que é texto, que é produção de realidades, de ficção, de narrativas, de reconstrução.

Quanto aprendizado neste processo de produção, como aprender e se familiarizar com termos muito novos vindos de gente tão nova! Aprendemos com eles o que era com mais detalhes: renderização, take, decupagem, corte, edição, trilha sonora, ficha técnica, locação, pós-produção, codireção, canon 7D, gopro, frame, fotografia, exposição de legenda, tratamento de imagens, que são partes constitutivas das linguagens e do uso de técnicas e ferramentas de produção do vídeo-documentário.

A relação destes jovens estudantes com a arte visual já trazia lastros próprios, devido a terem em outros momentos participado de cursos de roteiro para cinema, de mostra de curta-documentários, de produções artesanais de vídeo documentários, além dos cursos de manejo de câmeras, fotografias, além de terem iniciação no teatro, na música e em outras linguagens artísticas. Tanto que já possuíam equipamentos para fazermos tais filmagens, como câmeras profissionais, computadores com programas específicos e máquinas fotográficas equivalentes com este nível de produção.

A partir daí, fomos “fechando” um roteiro para o documentário que incluía as imagens ou takes externos acerca dos espaços urbanos de Belém, incluindo espaços escolares, praças e vias públicas, espaços de acolhimentos de idosos como os abrigos, instituições públicas e privadas que atuam junto a estes segmentos como; Universidade da Terceira Idade, como exemplo a UNITERCI, movimentos de idosos ligados a Associação Paraense das Pessoas com Deficiência (APPD), entidades ligadas às

questões de gêneros como, por exemplo a Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC), entre outras.

Em seguida, resolvemos participar de eventos dos movimentos sociais e acadêmicos como: conferências, colóquios, seminários entre outros eventos ligados ao tema da pesquisa. Também participamos de eventos específicos como, por exemplo, manifestação nacional contra a discriminação, o preconceito, a homofobia e pela valorização dos direitos humanos promovidos pelos movimentos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT).

A partir destes eventos sociais, resolvemos entrevistar professores-pesquisadores que trabalham ou atravessam estes temas em suas pesquisas em educação ou ciências humanas e sociais as quais têm incursões teórico-metodológicas com os autores por nós estudados nesta pesquisa. Também procuramos entrevistar sujeitos cujas orientações no campo da homossexualidade estavam bem definidas e abordamos pessoas participantes ativas dos movimentos dos idosos na cidade de Belém.

Com o conjunto destas atividades de pesquisas, consideramos encerrado este momento empírico de nossas escavações as quais serão traduzidas através de nossas análises decifratórias dos falares dos sujeitos que iniciaremos daqui para frente.

Ao situarmos nosso leitor frente aos dilemas por nós traçados, esperamos, no conjunto da obra, trazer, do ponto de vista acadêmico, contribuições para os campos de saberes da ciência da educação e das ciências humanas; do mesmo modo, apresentar outros subsídios com os quais estamos contribuindo para outros olhares, inclusive daqueles que estão nas militâncias políticas em defesa de políticas públicas, de construções de outros olhares de qualquer sujeitos que em seu convívio social saibam respeitar o direito às diferenças.

Portanto, queremos deixar claro que o problema central desta pesquisa se volta para a busca de compreensão das histórias e experiências de vida escolar destes homossexuais na passagem para a velhice e a análise dos fenômenos sociais voltados para a vida deles.

Como fez Foucault na produção de sua História da Sexualidade I- A Vontade de Saber, em a História da Sexualidade II- O Uso dos Prazeres e na História da Sexualidade III- O Cuidado de Si, em que no primeiro volume abrevia sobre suas pretensões acima citados:

Mostrar com as proibições, as exclusões, os limites, as valorizações, as liberdades, as transgressões da sexualidade, todas suas manifestações verbais ou não, estão ligadas a uma prática discursiva determinada. Ela faria aparecer, não certamente como verdade última da sexualidade, mas como uma das dimensões segundo as quais pode ser descrita, certa maneira de falar [...] e essa maneira de falar mostraria como ela está inserida, não em discursos científicos, mas em sistemas de proibições e de valores (FOUCAULT, 2013, p. 233).

Partindo desta assertiva foucaultiana, não há dúvida, pelo menos pensamos assim, de que a sexualidade se constitui num ponto de passagem nas relações de poder.

Assim Foucault (1988, p. 114) concluiu:

Entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população [...] utilizáveis no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação, às mais variadas estratégias.

Apresentados todos os passos metodológicos da pesquisa; conceitual e empírico, considerando o antes e o depois do exame de qualificação, nos compete dar sequências as nossas análises considerando os eixos que elencamos, como sendo estes nossas âncoras provocadoras das incursões analíticas, a qual trouxe os falares de nossos interlocutores entendidos estes como exercícios e experimentações, como saberes e práticas discursivas por caminhos e curvas decifratórias surpreendentes e sem lugar de chegada pré-definido.

### 5.3 Um olhar investido para as vivências escolares: as instituições, as estratégias de resistências e a reinvenção dos sujeitos homoafetivos velhos (as) por eles mesmos

Foi nosso propósito neste interstício, abrir reflexões analíticas sobre as invenções dos sujeitos homoafetivos velhos (as) por meio de suas narrativas de vidas escolares vivenciadas cotidianamente através de práticas discursivas nestas instituições, sobretudo, quando se estava a falar de sexualidades, de subjetivações, de desejos, de verdades, de estratégias, resistências e transgressividades de sujeitos vistos como diferentes nestes ambientes de disciplinamentos e controles através de normas, condutas, padrões, e regimes de verdades instaurados secularmente como dispositivos inventados nestes lugares e território de saber/poder.

Como nos parece lugar comum dizer que nestes ambientes há coexistência de proposições que advogam caminhos distintos, quisemos avançar nestas reflexões dizendo que por elas foram constantes por entre tempos e lugares as tentativas de esquadramento, de docilização ou mesmo o controle sobre os corpos, marcadas por medidas coercitivas e imperativas muito presentes nas práticas discursivas destas instituições escolares desde longas tradições.

Porém, as inventividades transgressivas são marcas das reações de resistências, reinvenção de si mesmos, através das atitudes de “sujeitos intrusos” que estão muito presentes na sociedade e para muitos não passam despercebidos devido às suas maneiras transgressivas e extravagantes de reagirem com ousadia frente às situações que visam aprisioná-los.

Este começo de reflexões analíticas, em que já nos posicionamos deste modo, foi para dizer das tramas, as trocas e relações de poder que historicamente perpassaram os espaços escolares trazendo, em seu bojo, muitos acontecimentos que, por meio das narrativas de nossos interlocutores, iremos encorpar nossas ponderações através de revelações que nos pareceram pertinentes trazê-las neste momento em que seguimos nossas análises decifratórias.

Consideramos de bom alvitre levar o leitor a entender que tanto as instituições como os sujeitos jamais podem ser vistos ancorando-se em pressupostos universais, uma vez que ambos se multiplicam, se reinventam em partes dispersas por entre tempo e espaços inventados e movidos de singularizações, formas de subjetividades, experimentações por entre relações de saber/poder.

Não será possível ficarmos presos neste momento em querer responder somente os porquês que estão nas bordas dessas tramas, mas como no dizer de Foucault

(1984,p.11e 12), mas sobretudo, “analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo uma certa relação que lhes permite descobrir, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído”.

Dentro destas perspectivas, torna-se necessário e curioso considerar o como, também sendo ponto vital para se compreender a fundo as nuances daquilo que dá origem a tais eventos sociais inventados por entre contextos marcados por ditos e não ditos sobre os quais muitas vezes se perpetuam violações de direitos, silenciamentos, mediante preconceitos e discriminações que ficam por muito tempo represados por entre os escombros de uma sociedade moderna e conservadora e tão incapaz de conviver com as diferenças.

Por isto compreendemos que talvez Foucault em *Historia da Sexualidade II – O Uso dos Prazeres* (1984, p.10) tenha afirmado que:

Falar de “sexualidade” como uma experiência historicamente singular suporia, também, que se pudesse dispor de instrumentos suscetíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade.

Diante destas reflexões, já nos cabe revelar as dificuldades que encontraram os sujeitos homoafetivos para vivenciar e sustentar suas orientações sexuais e afetivas dentro dos espaços das instituições escolares e seus dispositivos que se constituem em marcos regulatórios para fins de disciplinamento, padronizações, modelizações e controle de corpos.

A partir desta elaboração, torna-se viável afirmar que estamos tratando neste interstício direto sobre a questão da sexualidade em ambientes escolares.

Em alguns relatos, nossos interlocutores, isto é, velhos (as) homoafetivos ao narrarem sobre seu tempo de vivência escolar foram enfáticos em afirmar o quanto foi difícil ousar dizer ou assumir aquilo que se é em espaços tão absurdamente indiferentes às suas condições de gerir afetos outros que fogem às ditas normalidades.

Nossa entrevistada de iniciais S. L. (2014) sobre isto que estamos analisando afirmou: “na escola foi pior, porque o pessoal apelidava, mesmo usando saia, mas eu tinha aquele gingado, aquela mulher-macho mesmo, cabra-macho, aí que a porrada comia lá na escola”.

Em outro depoimento, nosso interlocutor de iniciais C. G. (2014), sendo mais comedido em suas declarações, afirmou que o uso das estratégias depende muito mais da postura que se quer tomar nos espaços das instituições do que no enfrentamento ou tomada de posição que às vezes são desnecessários diante das indiferenças, sejam elas explícitas ou implícitas, principalmente quando parecem públicas as orientações homoafetivas dos sujeitos, através de alguma característica que induz os outros de alguma maneira a suspeitar deles, por exemplo, pelos trejeitos.

Aliás, este nosso interlocutor citado acima é um sujeito crítico e bastante reflexivo, fez questão de nos antecipar em suas intervenções que não tem vínculo ou filiação com nenhuma instituição ativa e atuante na sociedade. Porém, admitiu que gosta de se manter bem informado sobre o debate da questão da sexualidade nos espaços escolares como exercícios de práticas discursivas que se movimentam em direção ao devir, assim se expressou:

Eu realmente assim, nunca tive essa preocupação de fantasiar, por outro lado, por exemplo, eu também sempre mantive esse tipo de comportamento em termos assim de não negar, mas também, eu acho o seguinte: a minha posição é a seguinte, não tem porque eu fazer confissões gratuitas à primeira questão por exemplo, eu não vejo que para eu me expor para todo mundo eu chegar na sala de aula e dizer pra todo mundo olha gente eu sou homossexual, entendeu? isso não leva a nada em termos de melhorar a sociedade de um modo geral, a consciência do povo sobre o fenômeno da homossexualidade não contribui, o que vai contribuir é justamente o teu posicionamento, entendeu? procurei sempre ser responsável pelos meus alunos até para que eu pudesse me impor inclusive em termos de me fazer ser respeitado, então eu naturalmente fui respeitado de um modo geral, quando eu falo para os alunos que a afetividade ela é importante no processo da aprendizagem eu fazia questão de dizer para os alunos olha a afetividade não significa dizer que o professor explore afetiva ou sexualmente o aluno ou a aluna não é isso daí, nada disso é outra coisa totalmente diferente é realmente o interesse que tens que ter pelo teu aluno para que ele aprenda gostar do teu aluno como ser humano tanto que eu nunca tive problema assim coma questão justamente da homossexualidade.

Estes dois depoimentos que trouxemos ilustram muito bem posicionamentos diferentes e até mesmo “jogos de verdades” antagônicos sobre como usar as inventividades, as estratégias nestes espaços institucionais em que as marcas de um poder central e controlador parecem não ser surpresas de como estes são eficientes e eficazes na condução de suas ordens discursivas por entre relações sociais de poder que são inegáveis.

No entanto, estes depoimentos parecem antever a coexistência de outras formas de movimentações do poder, e de extensas maneiras de constituir-se homoafetivos os quais podem ser exercidos até por caminhos (des) conhecidos através de disputas intempestivas, como partir para a agressão, o acerto de conta diante de quaisquer situações não aceitas, ou então deixar suas assinaturas sobre aquilo que se é, sem precisar efetivar confrontos que não justificam as vias dos fatos. De um modo ou de outro, ou por infindáveis formas de manifestações de poder que podem vir a ocorrer nos espaços escolares, fica certo de que nestes lugares ocorrem umas multiplicidades de acontecimentos que muitas vezes fogem ao controle da ordem discursiva e disciplinar reinante neste território de disputas de toda ordem.

Estes depoimentos ancorados em vivências de velhos em ambientes escolares nos remeteram às reflexões trazidas por Foucault, em que este expressa, não por acaso, em que consiste o conceito de biopoder. Para ele, os sujeitos vivendo em sociedades, sejam elas quais forem, precisam compreender e estabelecer outras visões de mundo em busca de entendimento mais ampliado acerca da capilaridade do poder, pois assim, ao visualizá-lo no exercício das práticas discursivas, talvez se aproximem da ideia de que em torno da política há coexistências de movimentos circulantes que expressam nuances tanto negativas e sobretudo positivas da dinâmica do poder e evidentemente de seus regimes de verdades.

Neste sentido, é bastante peculiar em vários estudos que tratam do pensamento foucaultiano, a ideia de que o poder está em todos os lugares. Portanto, foi tão evidente a partir de sua compreensão analítica a existência do descentramento do poder e da política, como forma de reinvenção das instituições e dos sujeitos que se produzem através dos múltiplos eventos sociais sobre os quais se reinventam e são reinventados por entre tempo/espacos e territórios de disputas muitas vezes não tão claras nestas posições/contradições para os mais ingênuos que transitam estes lugares.

Deste modo, as evidências são muito óbvias ou simplesmente lugar comum atribuir como hipótese a proposição de que sujeitos e instituições se reconstroem e se transformam por entre jogos e tramas entre regimes de verdades, relações de poder e por sua vontade de potência e do agir politicamente em qualquer tempo e lugar. Pensamos que qualquer insistência em abarcar as relações com o poder, como sendo este apenas algo associado ao aparato institucional, estaria incorrendo em erros, se visto por entre perspectivas analíticas de Foucault sobre a relação acerca do poder e da política, o que



nos levaria às explícitas limitações e tudo não passaria de jogos de palavras e exacerbadas retóricas.

Do mesmo modo, avançando um pouco mais em nossas análises, trazemos mais uma vez Foucault, quando nos diz, em sua obra *Vigiar e Punir*, que não se pode pensar as instituições de poder em suas relações com os sujeitos sejam elas, os quartéis, os hospitais, as fábricas, as escolas sem evidentemente discutirmos regime de verdade e relação, jogos, tramas e trocas de poder/saber mesmo que haja diferenças explícitas.

Partindo desta reflexão, podemos ancorados em suas redes de ideias dizer da necessidade de desconstruir as visões binárias sobre o poder/saber as quais tendem a se sustentar em visões universalistas sobre os sujeitos e suas relações sociais como se este poder fosse o mesmo em qualquer época, tempo e lugar.

Os depoimentos acima foram fecundos, pois, ao nos ancorar nestas perspectivas genealógicas que marcam as assinaturas de Foucault, coube insistir em outras possibilidades de práticas discursivas capazes de por elas, se fazerem releituras invertidas sobre aquilo que já nos parecem dadas como caminho certo, ou verdade absoluta. Pôr-se a questionar tais critérios de verdades sobre os eventos ou acontecimentos existentes torna-se tarefa inadiável principalmente diante daquelas “verdades” que são dadas como prontas, absolutas, acabadas, imutáveis e incondicionais sobre as questões da existência e dos “desejos dos homens” como diria Foucault.

Foucault considerava descabido tratar os sujeitos através de formas/conteúdo a partir de um modelo conceitual: ideal e universal como já ressaltamos anteriormente. Para ele, apostar nesta direção era como querer uniformizar, padronizar por mecanismos, ferramentas ou dispositivos de controle e disciplinamento dos sujeitos negando sua capacidade histórica de se singularizar, metamorfosear, indignando-se, transgredindo, transmutando e, por conseqüente, realizando sua maneira de ser e estar no mundo. Isto significa concretude e materialização do devir, como sendo vontade livre e franca de dizer a verdade, em síntese, isto tudo para Foucault estava relacionado à construção daquilo que chamou de “arte da existência”, isto é, que os sujeitos fossem capazes de fazer de suas vidas uma obra de arte, através de técnicas de si, que os levaria a questionar as armaduras, os engessamentos que os objetaram e quando entorpecidos bloqueavam e impossibilitavam questionarem a si próprios, e com isto dificultando a constituição de sua autonomia, por efetivar o governo de si.

Reinventar, redobrar, redescobrir, fazer deslocamentos por outras curvas de produção dos sujeitos e suas múltiplas relações parece pôr fim à ideia de representação

deste ideal tipo de sujeitos inventados principalmente a partir do contexto histórico e intelectual da sociedade moderna, com suas promessas de sociedades livres para homens livres, autônomos, para se deixar fazer, deixar passar em busca de suas verdades.

Neste sentido, nossa hipótese foi de que sujeitos são inventados e fabricados, porém residem neles e sobre eles vontades nem sempre visíveis do devir, como maneira de transformações e de metamorfoseamento de si e do outro, independentemente de conceitos pré-determinados sobre os critérios de classe, de grupos sociais, de gêneros ou mesmo intrageracional.

Sobre isto, trazemos outro autor a partir do qual e com a autonomia de Foucault se reinventa e que está muito presente ao longo deste estudo, trata-se de Nietzsche, em várias de suas obras, porém em particular quando em: “Assim Falava Zaratustra”, nos fez pensar no sentido do devir, como ponto fulcral para a existência dos sujeitos em vias de ir para além de si e das molduras impostas pelas instituições as quais foram e permanecem adormecidas em muitos sujeitos. Portanto, questionar as visões generalistas nos faz entrar e perceber não somente as mudanças de “fora para dentro” impostas pelas instituições, como de outro modo compreender as mudanças de “dentro para fora” sob as quais os sujeitos divergem na forma de ser e estar no mundo, porém o que parecem buscar é a materialização de sua força potência, isto é, atingir, apesar dos percalços, sofrimentos e, dos fardos tão pesados diante das situações não tão fáceis a serem enfrentadas, o sentido de afirmação, vontade e superação de si e para si mesmos, é o que constituiria o seu élan vital, o que Nietzsche chamou de superação do homem pelo super-homem.

Neste sentido, conforme pudemos perceber nas duas narrativas de nossos interlocutores, em que pese apontarem caminhos diferentes de reações na utilização de estratégias sobre aquilo que são e como os outros os veem, há, sobretudo o esforço de mudanças de si e dos outros nestes convívios que passaram nos espaços escolares.

Portanto, os dois relatos de velhos (as) homoafetivos acima nos fazem lembrar de dois discursos ou aforismos apresentados por Nietzsche, após o prólogo da primeira parte de sua obra: Assim falou Zaratustra, publicado entre os anos de 1883 à 1885, considerado por ele o maior presente que entregou à humanidade, a ponto de dizer que era um livro para todos e para ninguém. Entre outros relatos que ressaltam a importância da superação de si mesmos e dos outros, achamos por bem trazer este denominado pelo autor como “das três metamorfoses”, em que narra as três mudanças

do espírito representadas pelos personagens de Nietzsche: ao nos dizer como o espírito se torna o camelo, o leão e a criança.

Situando-nos na intertextualidade de Nietzsche para compreender o sentido da transformação ou metamorfoseamento, o autor estabelece algumas situações sobre as quais está envolto o espírito humano, entre elas destaca: as muitas coisas pesadas pelas quais os sujeitos passam, porém suas tentativas de resistir, de querer colo, de sentir ignorado, altivo, autoestimado, tolo, vaidoso, ávido de desejos de superar a sede e a fome diante de seu estado de ignorância perante a vida e ante destes paradoxos: em que melhor confiar, que águas correntes enfrentar, como superar os desafios mesmo protagonizando com os inimigos, com os fantasmas de pele e ossos, os quais às vezes nos amedrontam, nos rebaixam engessando-nos no atrevimento necessário para nos metamorfosear.

Nietzsche não tem dúvida, mudança de espírito está para ele ameaçada por armadilhas, pedras de tropeços, caminhos de sombra de morte, para o desamor entre tantos desafios. Porém este sentido da tragédia humana é o que o faz o humano demasiadamente humano.

Diante disto, em que pese as instituições escolares ser também espaços de alegria, de descobertas, de encantamentos, de interação, de criatividade, estes deslocamentos sobre os quais se reinventam os sujeitos através de práticas discursivas, são o lócus de labirintos e armadilhas cujas saídas passam, antes de tudo, por esta transmutação do espírito que Nietzsche identificou como sendo espírito do camelo, o qual seria nomeado por aquele que carrega a dor do mundo para si, junto com suas dores e sofrimentos, este se assemelha àquilo que costumamos chamar vulgarmente do “sujeito burro de carga”, “o pau para toda obra”, aquele dos “olhos tristes que guarda a dor de todo esse mundo”.

Pergunta-se: como é possível metamorfosear-se com todo este fardo? Nietzsche diria: indo até o deserto. Nós diríamos: indo ao lugar da reflexão, da (in) conformidade, da (in) tranquilidade ativa, da vontade de se superar diante deste desafio em que os homens se encontram solitários, introspectivos. Porém, chegará o momento em que ousarão dar seus gritos, se desprender. Estes movimentos do espírito humano farão os sujeitos se metamorfosearem para o espírito do Leão, aquele que captura sua vontade “sagrada” de liberdade incondicional, sangrenta, aquele que se sente o próprio, autônomo, constituído de si e pronto a enfrentar as adversidades desta vida e das relações mais febris ou pueris que vir à sua frente. Trata-se de um sujeito destemido,

ousado, abusado, irônico, intempestivo, a ponto de em sua incredulidade desafiar a deus e seus mistérios, suas verdades sobre si e sobre o direito à vida e a verdade, sintetizado pelo sentido e significado através dos dogmas que induzem -no como sendo uno, único e absoluto. Portanto, o leão é o redentor, o todo poderoso, aquele que acumula em si a onipotência, a onisciência e a onipresença.

Para Nietzsche nesta fase o espírito que luta contra o dragão está a lutar consigo para não aceitar proibições, imposições, para matar um Deus que para ele não existe nem dentro e nem fora de si. Esta forma de projeção secular, milenar introduzida em mentes e corações dos sujeitos, os fez assujeitados, iniciados por entre ensaios de cegueiras, que os tornaram frágeis, dóciles, acovardados, medrosos. Então, o espírito de leão de Nietzsche quer este enfrentamento, renega as proibições, pois sem este confronto não há possibilidades do encontro de si mesmo, de constituir-se naquilo que se é, que ele traduzia como o super-homem, pois ficaria mais difícil de atingir este estado de transmutação.

Nesta via de transmutação, Nietzsche através de seu Zarathustra compreendeu que para atingir essa transvaloração, requer do sujeito atingir um estado de maturidade, de sabedoria, de escolha com clareza, somente isto o deixa “tranquilo” para deliciar o que há de vir mesmo por entre curvas entrecortadas e imprevisíveis. É nesta cumplicidade que amor e liberdade copulam, tocam-se, acarinham-se, sentem a delícia e a dor do orgasmo singular que não ousam dizer seu nome. É daí que nasce o espírito da criança, da inocência, da espontaneidade, que o faz nascer de novo, esquecendo tanta carga pesada, tanta arrogância e intolerância diante da vida. O que vale mesmo neste momento é que o espírito aprenda a dançar, girar profundamente, fazer movimento no sentido sagrado de sua liberdade, pois agora sua vontade de verdade o libertou para o mundo que estava perdido de si e somente agora foi conquistado. Assim Falou Zarathustra.

Torna-se importante perceber que Nietzsche não renuncia e nem hierarquiza nenhum desses espíritos evocados para o processo de transmutação ou metamorfoseamento, eles são todos necessários, diz Nietzsche, para atingir estas superações de si, para a criação de novos valores, para a desconstrução, para a ressignificação, para a destruição do velho no novo, que entende com o deslocamento para a superação de si mesmo e do outro.

Trazer Foucault com sua ideia de biopoder, entendido como poder descentrado e Nietzsche através das Três Metamorfoses, foi para dizer que por estes caminhos não

existe escapatória, somente os sujeitos evocando tais espíritos humanos, ou seja, o camelo, o leão e a criança, é que deverão o conduzir-se à superação de si em nome de sua sagrada liberdade como vimos.

Estes pontos reflexivos nos serviram para entender que, quando estamos a falar de vias de experiências de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos (as), o conteúdo presente em seus depoimentos pode muito bem nos ajudar a fazer deslocamentos analíticos que nos aproximaram destes espíritos narrados por Nietzsche e pelas escavações genealógicas foucaultianas acerca das relações de poder. Foi seguindo sem linhas de fugas que fomos compreendendo o conjunto de nossas problematizações pensadas, nos permitindo investidas diante da falsa moral presa às prescrições que se enredam em um conjunto de dispositivos de disciplinamento e controle através das instituições entre elas: a família, a igreja e a escola.

Pensamos que, neste depoimento abaixo, nosso interlocutor, ao falar de sua homossexualidade, tem clareza, tem autonomia, tem ousadia diante daquilo que pudesse em outro momento vir a aprisioná-lo. Neste sentido, parece ter superado as ameaças das instituições sobre seus desejos de liberdade.

Quando nosso depoente de iniciais I.G. afirma que: “Nunca tive esse sofrimento de aceitação, eu sempre fui o que eu quis, a minha personalidade sempre foi muito forte, então eu sempre me aceitei e que o mundo se explodisse, problema é do mundo, a vida é minha, eu vou viver, saí cedo da minha casa”.

Podemos dizer que o depoente está dando sinais de sua superação, de ter assimilado outros valores que lhe dão substância ética para enfrentar a carga ideológica e moral trazida pelas instituições para moldá-lo e sujeitá-lo. Em seguida, mais a frente, estende sua vontade de potência como crítica de si mesmo e dos outros, atinge outras instituições talvez até mesmo mais fechadas, doutrinárias e preconceituosas que a instituição escolar, trata-se das instituições religiosas, sobre isto, o interlocutor G.I. (2014) como forma de transgressividade e resistência chegou a afirmar:

A igreja fica muito chateada quando eu falo que, na verdade, na minha primeira comunhão, eu tive um assédio de um padre, mas o padre era muito lindo e foi de livre acordo, era um padre italiano, muito bonito. Acabou passando a mão nas minhas coxas, a coxa de um garoto de 10 anos. Eu adorei, ele pegou, então na verdade, era de acordo.

Este depoimento aproxima-se muitíssimo sobre as reflexões que Foucault fez como crítica à pastoral cristã católica principalmente dessa época, o século XIX,

sobretudo, por esta evocar alguns princípios dogmáticos que parecem querer deter os prazeres e desejos da carne, a erotização como sendo parte dos jogos de desejos em que os corpos ao serem tocados, estimulados ficam suscetíveis ao prazer a partir de várias formas de erotização que podem ser estimuladas direta ou indiretamente, como por exemplo, através da música, o corpo, as lembranças, os toques, os álbuns de fotografias, o perfume, as imagens, o olhar, entre tantos outros elementos já apontados por Foucault, ao tratar do sentido de Aphrodisia, Foucault (1984, p.53) como sendo: “atos, gestos, contatos, que proporcionam uma certa forma de prazer”.

As instituições religiosas e escolares, em geral, escamoteiam ou querem fazer vista grossa para o que de fato acontece devido a encastelarem-se em seus princípios e planos próprios, formação e práticas discursivas. O depoimento acima de nosso interlocutor se revela em atitudes transgressivas presentes nesta narrativa.

Se por um lado mostra o caráter transgressivo e libidinoso de “um homem de desejo”, como diria Foucault, quando nosso interlocutor diz algo revelador sobre seus desejos carnis quando, sem reserva alguma, afirmou que sua conduta estava de comum acordo com os sentimentos do padre.

Sendo ponderados em nossas análises, diríamos que devemos considerar que esta narrativa feita está localizada em sua história de vida do passado, portanto, trata-se de um sujeito homoafetivo velho falando de sua infância. O que consiste dizer que o lugar da fala de hoje, ainda que significativa, faz-nos entender processos de erotizações. (In) felizmente, sua maturidade não condiz com a espontaneidade daquela criança que hoje narra sua história de vida.

Se por outro lado, a figura do padre de certo modo representa a instituição religiosa com seus dogmas, princípios e sistemas doutrinários, fica-nos claro para a ordem jurídica, religiosa e moral que as suas “atitudes infracionárias” depõem contra e expõem todos estes espaços de institucionalização que ordenam regime de verdade através dos dispositivos presentes nas práticas pastorais que se ancoram nos sacramentos, nas práticas das confissões da carne, nas definições sobre o que se pode entender como pecado, seja por pensamentos, atos ou omissões adotados pelas doutrinas da santa fé católica.

Porém, se nos pautarmos nos estudos foucaultianos, em suas histórias das sexualidades, veremos que nosso sistema atual de julgamento moral, jurídico e religioso acerca dos prazeres e perversões da carne em nada se coadunam com a tradição presente, principalmente nos princípios gregos em que os domínios dos amores entre

sujeitos, inclusive do mesmo sexo, eram bem “mais livres” para aferir outras formas de subjetivações de afetos dos sujeitos.

Por exemplo, Foucault, em uma importante passagem da obra história da sexualidade: o Uso dos Prazeres (1984, p. 64), nos traz a seguinte informação:

E é preciso, segundo Aristoteles, que a faculdade de desejar obedeça à razão com a criança aos mandamentos de seu mestre, se o próprio Aristipo queria que, sem se deixar de “servir-se” dos prazeres, se velasse a não deixar levar por eles, a razão não é que a atividade sexual seja um mal; também não é porque ela arriscaria desviar-se em relação a um modelo canônico; mas sim porque ela depende de uma força, de uma energia que é por si mesma levada ao excesso. Na doutrina cristã da carne, a força excessiva do prazer encontra seu principio na queda e na falta que marca desde então a natureza humana. Para o pensamento grego clássico essa força é por natureza virtualmente excessiva e a questão moral consistirá em saber de que maneira enfrentar essa força, de que maneira dominá-la e garantir a economia conveniente dessa mesma força. Como a atividade sexual aparece sob a forma de um jogo de forças estabelecidas pela natureza, mas suscetível de abuso, isto a aproxima do alimento e dos problemas morais que ele pode colocar.

Apesar de neste momento termos dado ênfase à questão da sexualidade centrada na questão religiosa e outras várias instituições sobre as quais Foucault e Nietzsche teceram árduas e ácidas críticas, não poderíamos em hipótese nenhuma deixar a descoberto nossas observações analíticas para falar também das instituições familiares, as quais se orientam também por modelos bastante arbitrários e preconceituosos para julgar os sujeitos excêntricos, intrusos e diferentes, principalmente a respeito de sua sexualidade.

Neste sentido, encontramos uma narrativa de nossa interlocutora de iniciais S.L. que questionando sua relação com a família afirmou: “Se eu fosse atrás da minha mãe, vou vestir vestido, vou não sei para onde, eu estava fumada, sabe como eu estava hoje? Recalcada, frustrada, fumada, talvez nessa vida por aí, sabe lá por onde, infeliz, fu... do caramba mesmo”.

Em outro depoimento, nosso interlocutor de iniciais B.J também afirmou que usava suas estratégias para se resguardar de sua família quando estava envolvido em algum tipo de relação homoafetiva: “para todos os efeitos ele era meu amigo, a minha família pode saber, mas eu que nunca quis [...] Um amigo da família, eu saía com ele e eu ia à minha casa geralmente com ele, e ele tratava bem minha família”.

As narrativas dos sujeitos entrevistados trouxeram-nos importantes comentários sobre as formas impositivas, preconceituosas e coercitivas de tratar a questão da sexualidade, do controle e disciplinamentos dos corpos fosse nos espaços escolares, religiosos ou familiares, com tamanha rigidez.

Tornou-se necessário, mais uma vez, aproximarmos estas narrativas do dizer de Foucault em *História da Sexualidade I* ao tratar desta questão da sexualidade em pleno apogeu da sociedade burguesa em que acentuou em suas análises significativas passagens que nos levaram a melhor compreender este acontecimento quando disse Foucault (2011, p. 9-10):

Um rápido crepúsculo se teria seguido a luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se os princípios do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.

Como podemos perceber, o pensamento de Foucault realmente nos parece bastante atual diante de todas essas mudanças que vêm ocorrendo em torno da questão da sexualidade. E nos serve para denunciar as formas de repressão e ridicularização sobre os corpos principalmente aqueles cujas orientações parecem soar estranhas para muitos preconceituosos e também para as instituições que impunham as bandeiras da homofobia, da discriminação por entre fermentadas práticas discursivas.

Ainda neste sentido, Foucault (2011, p. 13) na mesma obra *História da Sexualidade I* ter sido enfático, irônico e genial ao nos dizer:

Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir alguma coisa da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei, passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo. Certas velhas funções tradicionais da profecia nele se encontram reativadas. Para amanhã o bom sexo. É porque se afirma essa repressão que se pode ainda fazer coexistir, discretamente, o que o medo do ridículo ou o amargor da história impedem a maioria dentre



nós de vincular: revolução e felicidade; ou, então, revolução e um outro corpo, mais novo, mais belo; ou, ainda, revolução e prazer. Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delicias - eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar de sexo em termos de repressão; eis também, o que explica, talvez, o valor mercantil que se atribui não somente a tudo o que dela se diz como, também, ao simples fato de dar atenção àqueles que querem suprimir seus efeitos. Afinal de contas, somos a única civilização em que certos propositos recebem retribuição para escutar cada qual fazer confidência sobre seu sexo: como se o desejo de falar e o interesse que disso se espera tivessem ultrapassado amplamente as possibilidades da escuta, alguns chegam até a colocar suas orelhas em locação.

Não por caso, ao referenciar a questão do devir em suas obras assim como Nietzsche, Foucault traz travessias constantes e descontínuas e ao se por a pensar as relações sociais entre instituições sociais, sem sombra de dúvidas, dar especial atenção às suas relações com os sujeitos, principalmente os ditos de “fora”. O que vamos encontrar em Foucault será uma compreensão analítica decifratória que visa à (des)personalização do sujeito que nos mobiliza a pensar por dobras invertidas presentes no cerne das formações discursivas das instituições, sejam as escolares, as familiares, as religiosas.

Por termos mencionado as instituições escolares como sendo centrais neste estudo a ser analisadas, ainda nos cabe dizer, a partir de Foucault, que estas, no século XVIII, traziam em seu bojo orientações sobre a questão do sexo no ambiente escolar acompanhadas de pareceres médicos que visavam orientar diretores, professores, dar conselhos aos responsáveis pelas famílias. Como nos diz Foucault (2011.p.35), era: “toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquema de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e de seu sexo”.

Por isto, continua Foucault (2011, p. 36):

Seria inexacto dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores para falar do sexo das crianças, fazer com que falem deles os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar de sexo com as crianças, fazer falar elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas,

um saber que lhe escapa - tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicidade dos discursos. A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.

Em que pese, todos estes mecanismos que de certo modo representam tecnologias sofisticadas de controle e disciplinamento de corpos que vieram ao longo do tempo se alastrando e sendo reinventadas por sujeitos e principalmente por instituições de modo bastante diferente em sua ordem discursiva. Estamos convictos de que em tempo algum haverá esta possibilidade de apreensão para fins de controle e disciplinamento dos desejos de subjetivação dos sujeitos de modo integral, sem que estes tenham qualquer chance de se inventar como diria Nietzsche.

Não esqueçamos que ao falarmos de subjetivações estamos, a partir de Foucault, compreendendo de acordo com Revel (211, p. 144) como:

Um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. Os “modos de subjetivação” ou processo de subjetivação do ser humano correspondem, na verdade, a dois tipos de análise: por um lado, os modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeitos o que significa que há apenas sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de subjetivações; por outro lado, a maneira pela qual a relação com o si, por meio de uma série de técnicas de si, permite ao ser humano se constituir como sujeito de sua própria existência [...] trata-se de compreender as modalidades de uma relação com o si, que passa pela retomada do exercício contínuo de um procedimento de escrita de si e para si, ou seja, um procedimento de subjetivação.

Neste sentido, em suas narrativas, nossos interlocutores foram enfáticos em afirmar que no espaço escolar usavam seus mecanismos e estratégias de afeto para deter e driblar as formas de controle e disciplinamento no espaço escolar, enquanto que ao mesmo tempo apontaram que em meio às brincadeiras no intervalo dos recreios, nas atividades voltadas para a educação física, os banheiros e os depósitos escolares eram os lugares mais frequentes onde aconteciam e certamente até hoje acontecem nas instituições escolares as maneiras de expressar sentimentos, desejos, práticas de erotização e vontades de subjetivações, isto é, a escrita de si e para si, mesmo correndo riscos de serem aplicados sobre suas ousadias procedimentos disciplinares bastante rígidos.

Diante destas reflexões sobre subjetivações, trazemos ao leitor o depoimento bem “atrevido e ousado” de nosso interlocutor de iniciais B.L. (2014) que fez as

seguintes declarações: “A gente tinha que estar se encontrando no banheiro, aí a pessoa tinha que marcar na mesma hora para entrar no banheiro, porque é muito difícil. Sempre rolou e rola e rolará sempre”. Neste outro depoimento nosso interlocutor B.J. (2014) não economizou palavras para fazer a seguinte declaração de si mesmo: “Eu já tinha aquela atração, eu me lembro até hoje, tinha atração por dois coleguinhas meus, e acho que foi eles que me despertaram a minha sexualidade, era o Ananias e o Ronaldo, e eu tinha aquela atração, aquela vocação com eles, aquele carinho todinho entendeste?”.

Por isto, evitando perspectivas binárias, por entender que a questão da sexualidade assim como as questões voltadas para as subjetividades de si, não seguem classificações, ordenações de tipo algum, seguem muito mais a vontade de verdade dos sujeitos desejantes independente do status, de faixa etária, ou de qualquer padrão social. Diante das práticas de subjetivações de si mesmos, o mais importante será entender que todos os sujeitos aos seus modos querem usufruir tímida ou ousadamente esta vontade de materialização de seus desejos. Deste modo, diríamos que as instituições escolares também não fogem a regras diante destes sujeitos intrusos e criativos que não cessam de inventar estratégias criativas para consumir suas vontades para extravasar seus interesses de erotização dos usos dos prazeres.

Compreendemos que estas formas de “olhar de lado” para as questões do poder e da verdade que também cercam e circulam por entre espaços escolares são quase sempre influenciadas por lógicas rigidamente maniqueístas e ideologizadas do poder e de se fazer política neste território de disputas nem sempre visivelmente declaradas.

Por isto, nossas reflexões querem com isto buscar respostas sobre o poder e a verdade como estamos acostumados a refletir, isto é, presos a uma lógica em que o poder é por excelência propriedade e campo de domínio das instituições. Enquanto que a verdade ideologicamente sendo vista por muitos segmentos da sociedade como sendo patrimônio de subversão, transgressividade e resistências dos que estão localizados em prováveis articulações de poder em que os discursos dos de fora, sejam eles através de coletivos sociais organizados ou de excluídos socialmente, seriam então portadoras de outras verdades, contra qualquer forma ou regime de poder constituindo socialmente pelas vias legais sobre as quais se promovem dispositivos aparentemente aceitos ou muito pouco questionados.

A partir das ideias de Foucault em suas reflexões acerca destas tramas que se evidenciam a partir destas interdições, torna-se necessário em nossas reflexões fazer usos de seu conceito de biopoder pelo qual estabelece outras compreensões mais

ampliadas acerca da capilaridade do poder imersas em sistemas centralizadores. Ao contrário do que nos dispomos escavar, tentamos ir além desta visualização acerca do poder através do exercício oriundo das práticas discursivas em torno do poder e da política de movimentos circulantes que expressam nuances tanto negativas e, sobretudo, positivas da dinâmica do poder e evidentemente de seus regimes de verdades.

Neste sentido, nos foi bastante peculiar escavarmos em vários estudos o que tratou os pensamentos e ideais foucaultianas, de que o poder está em todos os lugares, daí a necessidade de que seja reconhecido o descentramento do poder e da política, como forma (i) limitada de reinvenção através dos canais das instituições por entre tempo/espacos e territórios em que ambos se reinventam.

Deste modo, nossa tese evidenciou que seria muito óbvio ou simplesmente lugar comum atribuir como hipótese a proposição de que sujeitos e instituições se inventam, se transformam por entre jogos e tramas entre regimes de verdades e relações de poder, e se assim insistíssemos em finalizar nossas análises nesta limitada afirmação, tudo não passaria de equívocos e incompreensões acerca das vias de subjetivações de si, ou de escritas de si.

Por isto, coube-nos trazer para o cerne de nossas reflexões, como efetivamente estes eventos sociais ocorreram por entre espacos escolares, conforme foram narrados por nossos interlocutores no decorrer destas vias analíticas que trouxemos para apontar como ocorrem estas múltiplas movimentações entre instituições e sujeitos em seus enfrentamentos diretos ou indiretos, usando de tecnologias de poder.

Por exemplo, como mobilizam táticas e estratégias para o controle e disciplinamento ou ainda para o exercício de atividades políticas de resistências, em que ambos se metamorfosearam a partir de suas compreensões acerca da verdade e do poder em campo do debate da sexualidade a partir da valorização do livre pensar de quem convive em espacos escolares há muitos anos sem necessariamente estar vinculado a eles ou somente autorizado a falar a partir de sua fidelização a uma rede articulada de intervenção.

Portanto, não há espacos vazios, muito menos espacos fixos e simplesmente demarcados em territórios de disputas, sejam eles quais forem, para que se possa expressar seus regimes de verdades por entre situações ou oportunidades que cotidianamente ocorrem inclusive por entre espacos escolares.

A reinvenção destes lugares de disputas que enfrentam épocas e tempos de localização principalmente histórica são vistas como múltiplos e amplos lugares de

ocupações pelas instituições e pelos múltiplos sujeitos, visíveis ou invisíveis, inglórios ou bastardos, dóceis ou intrusos ou ainda inomináveis como se fossem sujeitos não identificados.

Nossos depoentes nos pareceram tão claros quanto às suas sexualidades e, de igual modo, quanto ao exercício ético acerca de sua condição como sujeito de orientação homoafetiva, evitando qualquer possibilidade de misturar o claro-escuro em sua prática discursiva, mesmo tendo consciência das barreiras moralizadoras e/ou higienizadoras acerca de como, as instituições pensam sobre “responsavelmente” o exercício do afeto.

Porém, como sujeitos protagonizadores nos ambientes escolares reconheceram a necessidade de utilizar dispositivos, ferramentas ou mecanismos estratégicos de dialogar sobre temáticas importantes que transitam e atravessam referidas instituições educacionais.

Torna-se necessário afirmar que nos parece inconcebível as redes de formação escolares se porém a silenciar estas temáticas por dentro de seus espaços quando a invasão das redes sociais foca qualquer assunto ou temática de interesses ou curiosidades dos sujeitos escolares, por outras dobras, cujos efeitos capilares chegam facilmente as escolas através de equipamentos tecnológicos de usos culturalmente diários de qualquer sujeito que transita pelos territórios escolares.

Portanto, os lugares de particularidades, ou melhor, singularidades que envolvem sujeitos e coletividades em constantes dialéticas, redes de relações de poder e da política, ao agregarem através de seus regimes de verdades outros valores, fora destes lugares comuns ao exercício da objetividade de si em suas relações com outros sujeitos e instituições sociais, podem se reinventar quando evocarem para si a ideia ou noção conceitual que nos parece fundamental como já tratamos acima como sendo a subjetivação.

Estes lugares são para nós pertencentes aos campos dos sentidos e significados não tão visíveis nesta troca, nestas tramas, nestes jogos de relações de poder e da política, são pertencentes aos campos de desejos, de vontade de intervenções ou interdições nem sempre objetivos, ao mesmo tempo em que são limitados enquanto campo de subjetivações para localizar vontades individuais e coletivas.

Por exemplo, em grupos sociais ou nas representações da esfera da vida social, sejam representadas por que matizes forem, todos os envolvidos numa trama de poder, embora possam vir a concordar em alcançar determinados objetivos coletivamente, isto

não significa dizer, em última instância, que em se tratando de suas vontades de verdades individuais, todas as suas ações e práticas discursivas rigorosamente seriam norteadas por esta decisão, como forma e conteúdo da manutenção ou sustentabilidade de sua existência ou do coletivo social a que pertença naquele momento.

A subjetivação colocada em prática discursiva através dos sujeitos ou instituições sociais, ou seja, portanto, em nosso estudo as escolares, não tem caminhos e linhas retas a seguir o tempo todo, como se fosse uma forma de contrato social ou individual inquebrantável como queremos admitir ao tratarmos as ideologias, as doutrinas, os dogmas, as aparições fundamentalistas do poder e da política com seus regimes de verdades fechados, nascidos, sobretudo, das entranhas e emergentes sociedade moderna.

Porém, isto não significa dizer que quem esteja fazendo uso destas verdades não possa externar ou deixar vaziar sentimentos ou ressentimentos moralmente contraditórios sobre suas vontades de verdade, ou seja, no “cuidado de si ou do outro”. A subjetividade também deixa vestígios flagrantes, se autodenuncia mesmo por entre retórica ou discursos competentes aparentemente cuidadosos.

Ainda falando de sexualidade por entre espaços escolares, nosso interlocutor C.G. (2014) nos presenteia com algumas situações que presenciou no ambiente escolar.

Olha, eu lembro que eu estava com uma turma da Federal de pedagogia e uma moça me falou que na escola que ela trabalhava um aluno se apresentou como miss caipira e já era um aluno que já ia pro transexual que já ia com um traje de mulher para escola, e aí a diretora não se opôs, só que o voto era comprado e o garoto ganhou, só que quando ele ganhou com o resultado, ela não deixou que ele recebesse a faixa de miss. Aí o problema era o dinheiro depois então é que a diretora veio se lembrar da moral social, então eu vejo que a questão é, como nós vivemos numa sociedade capitalista a questão da sexualidade ou a questão sexual ou o fenômeno da homossexualidade serve como objeto de consumo né? Então você não pode negar que a passeata gay de São Paulo, por exemplo, que reúne milhares de pessoas que lota os hotéis e tal entendeu? A sociedade de um modo geral, para mim é muito mais uma questão de lucro de objeto de lucro do que de fato uma situação de liberdade eu vejo, que nas novelas, por exemplo, é muito mais um objeto de marketing do que outra coisa como, por exemplo, onde em determinadas situações o autor realmente pecou muito apelou muito com umas situações assim muito caricatural. O homossexual é aquele negócio assim como o camarada que é um administrador que esta administrando é um profissional, numa reunião que ele vai dirigir enquanto profissional e que ele está

reunindo com profissionais para discutir os problemas da instituição ele vai tratar o pai de Papi? não é por ai. Eu acho que isso daí é muito mais marketing do que outra coisa, é claro que hoje você tem de fato, muito mais uma tolerância do que outra coisa então as pessoas estão confundindo. Tolerar não significa que eu vou te aceitar que eu vou te respeitar que eu estou te colocando no mesmo pé de igualdade que o meu não é isso ai não. Tolerar é totalmente diferente então eu percebo que a sociedade de fato não está assim, eu nunca esqueço de um colega meu, uma colega nossa que era diretora no Paz de Carvalho na época disse que no prédio onde morava tinha um gay. E ai se teu filho fosse homossexual como tu reagiria? Eu me lembre de uma vez agente brincando, agente conversando ela disse assim, qual vai ser a nossa posição se um dos nossos filhos forem homossexuais? Se no futuro ele vai ser homossexual não sei o que eu não quero é que ele seja influenciável isso eu não quero. Quero que ele decida por ele entendeu? Se vai ser homem nesse sentido hétero eu realmente não estou preocupada com isso eu só não quero que ele seja influenciável. Então o que eu vejo, há uma tolerância maior, de fato aceitar e tolerar são duas coisas diferentes, é claro e evidente que hoje você já tem situações que na minha época de juventude não havia né, por exemplo; Acho que foi no governo da Ana Júlia ela assinou uma portaria, que os alunos que fossem travestis ou transexuais tivessem no diário de classe, tivessem seu nome social ou nome de guerra, o nome como ele era chamado. A tolerância hoje é maior, na minha época de mais jovem, você tinha que ter mais jogo de cintura. Hoje a situação é outra bem diferente.

Como havíamos dito, de fato, o interlocutor apresenta situações bastante emblemáticas que hoje rondam os espaços escolares quando o tema em voga é a sexualidade, pois, apesar dos avanços sobre a questão de gênero e sexualidade na sociedade atual, ainda há vestígios de serem estes temas “tabus” por entre várias instituições sociais, onde muitas vezes os próprios profissionais da educação não têm preparo ou habilidade para lidar com tema desta envergadura.

Como vimos nas narrativas de nossos sujeitos homoafetivos em processos de envelhecimento, a dubiedade nos flagrantos diante das situações aparentemente comuns apresentadas, entre elas: o desfile de miss gay na escola, as suspeitas acerca da ingerência do mercado na produção e invenção das homoafetividades presentes nas manifestações do movimento GLBT, as programações televisivas (novelas, minisséries) como objeto de marketing atrelado ao mercado da erotização e dos fascínios sobre as homossexualidades aceitas, toleradas ou rejeitadas pelas tramas televisivas.

As desconfiças com o sentido e significados da produção das tolerâncias nos espaços de cotidianidade, as preocupações dos pais como as orientações sexuais e

afetivas dos filhos, as polêmicas em torno das leis que legitimam e legalizam a condição de sujeitos de direitos a partir das novas relações de gêneros e sexualidades conquistadas que ainda estão em cursos na sociedade atual fazem parte destes zinguezagueamentos que envolvem a temática em voga que estamos analisando.

Como podemos notar, todas estas questões pertinentes apresentadas e paradoxalmente aceitas ou contestadas, principalmente em ambientes escolares, evidenciam e mobilizam múltiplos olhares dissonantes os quais evidentemente são produtores e produtos das culturas majoritariamente normatizadoras acerca dos sujeitos estranhos, intrusos e excêntricos, como nos diz Louro (2013, p. 37), que estão presentes dentro e fora dos ambientes escolares.

O processo de desconstruir permite perturbar essa ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em varias direções. O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idade, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante versus mulher dominada, por outro lado, não custa reafirmar que os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão lugares de resistências e de exercício do poder.

Neste sentido, a depoente de iniciais B.L (2014) nos trouxe tais reflexões emocionada e ao mesmo tempo decepcionada sobre o movimento que construiu em defesa dos direitos sociais, quando sentiu-se destrutada no próprio movimento que fundou por assumir sua bissexualidade. Nossa depoente assim denunciou:

Ah foi quando as próprias colegas minhas, aqui dentro, fizeram campanha contra mim, achando que estava sendo uma grande bandida por ter coragem de assumir minha bissexualidade publicamente. Foi muita crítica, muito preconceito, muita discriminação, muita homofobia. Dentro da própria instituição que eu criei para lutar sobre a questão dos direitos humanos, sobre a questão da mulher, sobre o combate à violência, sobre o combate a homofobia. Foi aqui dentro do GEMPAC onde eu sofri a maior discriminação e preconceito.

Este depoimento reaviva em nós a oportunidade de refletir sobre a questão da diferença ancorada numa perspectiva deleuziana basicamente em um de seus mais importantes estudos denominado: Diferença e Repetição, no qual nos leva a pensar que, por mais que os sujeitos estejam próximos de algum objetivo, desejos e vontade de



verdade, sejam elas individuais e coletivas, por mais arbitrários que sejam seus julgamentos sobre qualquer acontecimento, não será possível pensar a diferença mesmo daqueles que são vistos como diferentes pela lógica da subordinação e submissão em decorrência de suas vivências coletivas de gênero e de sexualidades.

Para Deleuze, a diferença entre os próprios sujeitos diferentes também admite intempestividades, contradições, tensões, evitando que seja feita a higienização dos diferentes somente para garantir e assegurar entre eles a certeza de sua identificação, por terem objetivos comuns. Deleuze não ideologiza e nem socializa as relações entre os diferentes mesmo sendo estes vistos como diferentes, pois para ele, todas as identidades são simuladas, produzidas, estereotipadas e indutoras de comportamentos idênticos mesmo não sendo. Não por acaso irá dizer Deleuze (2006, p. 16-17):

Há muitos perigos em invocar diferenças puras, libertadas do idêntico, tornadas independentes do negativo. O maior perigo é cair nas representações da bela-alma: apenas diferenças, conciliáveis e federáveis, longe das lutas sangrentas. A bela-alma diz: somos diferentes mais não opostos. E a noção de problema, que veremos estar ligada à noção de diferença, também parece nutrir os estados de uma bela-alma: só contam os problemas e as questões. Todavia, acreditamos que, quando os problemas atingem o grau de positividade que lhes é próprio e quando a diferença torna-se objeto de uma afirmação correspondente, eles liberam uma potência de agressão e de seleção que destrói a bela-alma, destituindo-a de sua própria identidade e aniquilando sua boa vontade. O problemático e o diferencial determinam lutas ou destruições, em relação às quais as do negativo não passam de aparência e os votos da bela-alma de mistificações a partir da aparência. Não é próprio do simulacro, ser uma cópia, mas subverter todas as cópias, subvertendo também os modelos: todo pensamento torna-se uma agressão.

Como podemos notar, a compreensão deleuziana sobre a diferença também passa pela compreensão nietzschiana de que os sujeitos precisam se libertar de tudo o que os aprisiona como vimos acima nas relações que trouxemos sobre “As três metamorfoses”.

Porém em o “Convalescente” há algumas passagens em que o Zaratustra, de Nietzsche nos traz a seguinte reflexão nesta mesma direção. “Certa manhã, não muito tempo após seu retorno à caverna, Zaratustra pulou da cama como um louco, gritando com voz terrível e gesticulando como se lá estivesse alguém que não queria levantar-se; e de tal modo soava a voz de um Zaratustra que seus animais acorreram assustados, e de todas as cavernas e tocas que eram vizinhas da caverna de Zaratustra saíram todos os bichos \_ voando, esvoaçando, rastejando, saltando, conforme o tipo de asa ou pata que lhe fora dado.

[...] aqui há trovão bastante, até os túmulos aprenderão o a ouvir [...] eu Zaratustra, o advogado da vida, o advogado do sofrimento, o advogado do círculo- chamo a ti, meu pensamento mais abismal [...] então seus animais acharam que era tempo de lhe falar [...] Ó Zaratustra, disseram eles, “há sete dias estás assim deitado, com os olhos pesados; não queres, enfim, pôr-te de pé”? Sai da tua caverna: o mundo te espera como um jardim [...] Todas as coisas anseiam por ti [...] Ó meus animais, respondeu Zaratustra, continuai falando e deixai-me escutar! Ainda-me bastante que falais: ali onde se fala, o mundo já me parece um jardim [...] a cada alma corresponde outro mundo; para cada alma, cada outra alam é um mundo por trás [...] em cada instante começa o ser; em redor de todos aqui rola a esfera ali. O centro está em toda parte. Curva é a trilha da eternidade [...], pois o homem é o animal mais cruel. Foi com tragédias, touradas e crucificações que até agora ele se sentiu melhor na terra; e quando inventou o inferno, este foi seu céu na terra [...] ah meus animais, apenas isto aprendi até agora; que ao homem é necessário o que tem de pior para ter o que tem de melhor, - que o que tem de pior é sua melhor força, e a mais dura pedra para o mais alto criador; e que o homem tem de se tornar melhor e pior.

Estas passagens do convalescente Nietzsche deixam-nos ainda mais próximos da compreensão de diferença de Deleuze. Nesta análise, fizemos das narrativas de nossa interlocutora acima citada, quando esta revelou sua total decepção diante do movimento que criou para defender os direitos humanos, para combater a violência e a homofobia.

Se Nietzsche através do Zaratustra revela que a crueldade, a agressividade e o trágico fazem parte da existência dos homens, então podemos dizer que em situações de contradições, e as tensões parecem evidentes, torna-se necessário compreender que aí estão instaladas humanamente as zonas de conflitos, inclusive entre seus pares.

Portanto, em nossa compreensão, a interlocutora de iniciais B.L tem razão em se sentir agredida por seus pares quando da descoberta de sua bissexualidade. No entanto, também é legítimo o direito ao questionamento como direito de subjetivação daquilo que parecia não tão claro para elas, ainda que estivessem fazendo sem critério algum julgamento mesmo equivocado.

Para Deleuze a diferença é, sobretudo, acidental, provoca contrariedade e incompatibilidade. Dito isto, Deleuze sentencia (p. 65):

A diferença só deixa, com efeito, de ser um conceito reflexivo e só reencontra um conceito efetivamente real na medida em que designa catástrofes: sejam rupturas de continuidade na série das semelhanças, sejam falhas intransponíveis entre estruturas análogas. Ela só deixa de ser uma coisa sem a outra. Mas, como catástrofe, a diferença não dará, justamente, testemunho de um fundo Rebelde irreduzível que continua a agir sob o equilíbrio aparente da representação orgânica?

Então a partir destas reflexões sobre a questão da diferença que a narrativa deste sujeito provocou. Daqui para frente estejamos trazendo uma preocupação de fundo, aquela que Foucault já havia nos chamando atenção em suas analíticas decifratórias a de como devemos entender tais situações nos espaços de diferenças ou de alteridades sobre as quais as instituições, sejam elas quais forem, trazem essas marcas em sua histórias as quais têm relevâncias e capilaridades para fora dela.

Os diversos sujeitos que atuam nestes ambientes colocam como prioridades em suas preocupações ou em tamanho de igual importância suas vontades de agressividades e intempestividades quando necessário?

Como nossa tese foca na questão dos processos de educação escolarizada, poderíamos perguntar: Os resultados destas práticas discursivas em ambientes escolares assumem in-visibilidades sobre os efeitos que podem causar para os sujeitos e as instituições escolares sem que ambos se percebam sobre os sentidos e significados destas mudanças de atitudes sobre as quais os sujeitos provocam e são provocados?

Por isto, pensamos que, a partir de outras dobras, podem ocorrer formas ou regimes de verdade e de poder que estão atravessadas por temas desta envergadura, e serem provocantes para nos fazer pensar.

Ao dizermos isto, evidentemente estamos ousando fazer deslocamentos para além de um olhar em campos polarizados por entender que somos dissonantes com as formas majoritárias de ver o poder como sendo este essencialmente negativo e que toda verdade que sirva de recursos retóricos ou pertencentes a tecnologias do eu são equivocadas formas de subjetivações.

Não acreditamos neste caminho por entender que quaisquer outras possibilidades de estabelecer releituras ou interpretação da verdade e o poder por outras vias também são legítimas, ainda que marcadas por contradições. Pensamos que sejam necessário estabelecermos outras múltiplas formas de olhar para o mundo, a sociedade, aos espaços das instituições sociais e dos sujeitos com maior isenção às suas particulares ideológicas e sectárias, o que permitiria a procura e entendimento de outras nuances que estão no bojo destas particularidades vividas, experimentadas, singularizadas, cuja inventividade se apresenta por entre campos circulares em cujos solos os sujeitos ou instituições sociais podem reinventar outras possibilidades ainda não pensadas, ou para muitos impossível ou inviável.

Nos ambientes escolares, nas instituições religiosas e na família principalmente, estas situações tem possibilidade de acontecerem, muitas vezes, surpreendendo a todos

que estão acomodados, ou se recusam às mudanças que possam surgir, sejam através de manifestações e atos corajosos de resistências, entre professores e alunos, cléricos e leigos, pais e filhos, ainda que mantenham laços afetivos é totalmente possível e por vezes necessária de haver estes momentos de tensões.

Como estamos a tratar da questão da sexualidade em trajetória de escolarização, trazemos em nossas reflexões experiências vividas, situadas e singularizadas neste ambiente que nos põe de maneira invertida, incerta e indefinida por entre curvas.

Por exemplo, conforme nosso entrevistado, ao tratar do tema da sexualidade no exercício de sua formação de valores e de sua atuação profissional como educador, e tendo sua orientação homoafetiva tão bem resolvida, apresenta duas situações que nos revelam estas passagens em que este como sujeito se metamorfoseia. Ao nos fazer o seguinte depoimento, revela:

Mas eu vejo que uma das razões que fez eu me afastar da igreja foi essa a questão da sexualidade, quando comecei a perceber que não adiantava me confessar e fazer todo aquele exame de arrependimento e sei lá o quê e prometer não fazer bá bá bá bá bá bá... aí eu saio daqui eu acabei de me confessar, de comungar, aí quando chegar bem ali na esquina aparece uma situação, entendeu? [...] se alguém nasce com vocação para alguma coisa, ou não ser alguma coisa, eu não nasci com vocação para ter um casamento, para ser pai, realmente não nasci com isto [...].

Neste momento em que questiona a relação entre poder com o prazer parece-nos ficar evidente o peso dos valores da instituição, no caso religiosa, sobre si, mesmo afirmando que fora dos muros dogmáticos das instituições sua vontade de prazer fosse soberana a seus usos dos prazeres sem ressentimentos de culpa, porém rejeita qualquer atitude hipócrita diante de qualquer situação de impedimentos sobre a concretização de suas vontades de desejos e erotizações.

Quando evidencia a hipótese de predestinação sobre nossas vidas para alguma coisa, no seu caso, para o exercício da formação nuclear familiar, realça a ideia de que não foi predestinado para produzir este lugar em que se constituem as relações familiares tradicionais, na condição de reprodutor, pai ou chefe familiar. Em sua abordagem quer dar outros sentidos e significados a esta invenção social.

Em outro depoimento em que trata de maneira mais específica a questão da sexualidade no espaço escolar nosso interlocutor de iniciais C.G (2014) fez a seguinte revelação:

Um colega meu [...] uma vez quando ele pegou meu plano de aula, no colégio, ele disse, não tens medo de ser preso? Era uma ficha, parece que eu estava dando classes sociais, então tudo isso foi me ajudando a pensar essas situações, mas agora é claro que havia uma repressão, mas eu nunca tive preocupação de dizer para alguém que era homossexual, até porque reconheço que isso também reflete o próprio sistema, eu não me sentia à vontade para dizer para alguém assim, porque eu sempre achei que isso estava escrito na minha testa, então não precisava falar, a primeira questão é essa. Segundo, eu também nunca procurei o outro lado, nunca me preocupei em fazer as coisas para as pessoas de falar de mulher de namorada bá bá bá bá bá eu nunca tive essa preocupação. Bom, mas os meus amigos mais próximos, acho que eles todos, foram percebendo aos poucos, nunca me cobraram nada, agora esses amigos íntimos que eu tenho e que são amigos mais próximos. Hoje nós já conversamos com mais naturalidade da situação, até porque tem, por exemplo amigos que têm filhos, entendeu? Aí tem uma conversa natural sobre a situação.

De fato, Foucault tinha razão, cabem às narrativas ou discursos produzidos através de suas diversas formas de representações, linguagem, código e sentidos inventarem e legitimarem suas verdades como sendo realidades fabricadas. O que consiste em dizer que todos os sujeitos ou instituições sociais são capazes de produzir as realidades em que acreditam e que, por consequente, fazem outros seguidores de suas verdades/realidades.

Neste sentido, o conteúdo das fala, do interlocutor acima citado, ao mesmo tempo em que apresenta uma relativa autonomia entre tratar no espaço escolar as discussões acerca da sexualidade, produz outros efeitos de retórica quando ele entende que as estratégias e a definição clara sobre sua orientação sexual e afetiva possibilitam viver assumidamente sua condição de gênero, inclusive de se defender diante das situações inconvenientes, de decoro, ou mesmo de desrespeito aos seus direitos como sujeito político e cidadão, em querer viver de modo diferente.

Portanto, atravessado pelo conceito de diferença como vimos refletindo podemos dizer ou pensar deslocando-nos para efetivamente questionar sobre como as instituições sociais e particularmente as escolares estabeleceram relações com os sujeitos que por ela passaram, os quais nos apresentaram com suas narrativas para falar como se reinventaram e deram outros sentidos de subjetivação na produção permanente, dinâmica e exaustiva de desejarem se metamorfosear.

Por isto não nos coube aqui generalizações, aprendemos, ao adentrarmos as especificidades que marcaram e nomearam os sujeitos e as instituições sociais, que ambos se reinventam de maneiras diferentes, isto consiste em dizer, por entre tempo e espaços, que há variações sobre como e quem são eles e as instituições moventes por

dentro destas engrenagens sofisticadas de poder, conforme as âncoras teórico-metodológicas de Foucault foram no decorrer destes estudos nos sinalizando.

Por fim, podemos ainda dizer que, através desta narrativa do interlocutor abaixo citado, na qual nos deixa bem claro esta situação em que os sujeitos e as instituições escolares podem e devem, sim, se metamorfosear, com atitudes e práticas discursivas que podem passar por dentro ou fora dos espaços escolares, por sujeitos diferentes capilarizados pelos lugares de fora ou de dentro acerca de como vivenciam socialmente suas orientações sexuais, sem constrangimentos e por lentes outras que não estejam sujeitadas ou condicionadas.

Nosso interlocutor C.G. (2014), apesar de considerar complicado explicar outras nuances acerca do tema da sexualidade quando vistas a partir das relações de poder presente nestas instituições mencionadas, em várias passagens deste estudo, foi-nos bastante sábio ao definir como pensa hoje sendo sujeito homoafetivo velho sobre as práticas discursivas com as quais nomeia seu entendimento como educador sobre esta temática tão vigorosa que é a questão da sexualidade por entre ambientes escolares e práticas educativas:

Acho complicado explicar isso aí, é eu sempre disse, inclusive na sala de aula que uma das formas de maior comunicação profunda entre dois seres é exatamente o ato sexual, e é uma das formas mais profundas de comunicação se não é a maior sei lá. Quando eu coloco isso em sala de aula eu colocava muito isto, inclusive eu fazia isso propositadamente com bastante consciência disso aí entendeu? Por quê? Porque eu vejo que a minha experiência de vida me mostra que o ato sexual ele é profundo e essa profundidade da relação sexual ela independe da formação intelectual, da formação religiosa por quê? Pela minha experiência assim como vamos dizer assim você tem uma relação sexual uma experiência sexual uma visão sexual com uma pessoa do seu mesmo nível, ou assim se aproximando do seu nível intelectual, é você tem uma vida sexual com uma outra pessoa com um leigo e tem essa profundidade entendeu? É o caso, por exemplo, da bissexualidade, eu conheço bissexuais que eles são bissexuais porque eles são então não existe por que saber que existe uma corrente que acha que o bissexual é aquele cara que não tem coragem de se assumir que acha que é homossexual e vai exatamente se opor a essa questão. Eu não aceito essa corrente aí o cara que é bi é porque ele não assume, tem vergonha de se assumir, pode ser que haja alguém nessa situação pode ser que haja alguém nessa situação, mas eu tenho experiência de bissexuais que realmente são bissexuais, é integralmente bissexuais ou bissexuais autênticos, ou seja, com a mesma intensidade que ele tem uma relação sexual com a mulher dele ele tem uma relação sexual autêntica, profunda com o companheiro dele, namorado dele.

Sobre este depoimento, mais uma vez para finalizar estas reflexões, recorreremos a Foucault na história da sexualidade, em que sobre isto nos diz: embora hegemonicamente na sociedade atual haja um predomínio das posições de poder sobre os afetos e o sexo a partir de uma lógica heterossexual reprodutivista ortodoxa, conservadora, e monogâmica, sustentada por instâncias sociais monolíticas, como a família, as escolas, as instituições religiosas e militares do Estado ancorados, a partir de um viés predominantemente economicista.

Ainda assim, nos parece ser necessário estabelecer as relações de poder como sendo vias de mãos duplas em trânsitos e travessias perigosas, onde nem sempre as placas de orientação nos valem como guia. Porque para Foucault, o poder nunca é visto como: “uma entidade coerente, unitária e estável, mas como “relação de poder” que supõe condições históricas de emergência, complexas, e implicam múltiplas consequências”.

Sobre esta posição concluímos que o poder das instituições escolares se coloca neste território de domínio de saber cambiante, através de vários dispositivos e ferramentas que institucionalizam suas relações de poder entre elas, sem sombra de dúvidas, as formas de controle e disciplinamento.

Pensamos que fazer o caminho inverso criando condições objetivas para poder se distinguir em escala “socialmente aceita ou tolerada” e estabelecida pelos respeitos às suas orientações exige a maturidade para a materialização de outras estratégias de poder, entre elas por enquanto, o fazer-se respeitar, sem linhas de fugas, sobre aquilo que se é.

Neste consistente depoimento o informante<sup>17</sup> se posiciona, defende e valoriza sua orientação sexual e as práticas e exercício da sexualidade de maneira tão autônoma, madura e educadora ampliando-se com outras possibilidades e olhares, por outras lentes sobre a temática. Isto nos serve de exemplo, de que é possível efetivar mudanças a partir destes espaços em que, sobretudo, a sexualidade como práticas discursivas, como regime de verdade, pode muito bem se fazer realizar por entre relações de poder indefinidas.

Mostrando-nos a necessidade da negação de um único campo estratégico existente de resistência e construção de vias acerca da questão da sexualidade e das relações de poder como já havia aferido Michael Foucault sobre as necessidades de

---

<sup>17</sup> Sobre os informantes ou entrevistados, resolvemos por opções metodológicas não identificá-los de modo tão explícitos.

diferentes graus de interdições se entrecruzando, visando garantir outras necessidades humanas, para que os sujeitos possam ocupar seus espaços, como sinônimo de poder descentrado, como necessidade de vontade de verdades e como sinônimo e garantia do exercício de vontade de potência para enfim atingir outros graus de subjetivações e inquietudes para o cuidado de si e do outro como reais possibilidades de, por estes caminhos incertos e de muitas curvas e dobras, efetivamente, produzirem mudanças necessárias.

As outras possibilidades de garantia de realizações e sobrevivência vêm nos alertar que de fato, em se tratando de relações de poder, torna-se inexistente um único campo estratégico de resistência e construção de si sobre aquilo que se é. Portanto, a questão da sexualidade e das relações de poder nos permitem aferir e analisar que especificidade, que nós chamaríamos ancorados em Foucault de construção de uma microfísica do poder. Há diferentes graus de interdições se entrecruzando, inclusive os de ordem econômica que vêm garantir outras necessidades humanas para que os sujeitos possam ocupar seus espaços, como sinônimo de poder descentrado.

Diante disso, elegemos as instituições escolares e o território de afetos, como lugares de onde partem nossas inquietações, por entender que estas instituições escolares, como outras, num passado recente, contribuíram efetivamente para a consolidação das soberanias e das sociedades disciplinares. E não por acaso, impuseram padrões hegemônicos de normatização, disciplinamentos, que ordenaram a reprodução de sentidos e significados visando homogeneizar através de padrões de valores culturais as percepções que estão nas bordas de todos e de cada um para garantir, ainda que de maneira incerta, os direitos sobre suas condições de vida e de morte.

Ainda assim, procuramos entender que os sujeitos, no direito às suas subjetividades e singularidades, podem alterar percursos através de suas atitudes em tempos e espaços localizados de atuação que, por vezes, venham a contrariar as ordens discursivas presentes nas estruturas, nas estratégias e enunciações formuladas pelas instituições sociais, neste caso, as escolares.

Pelas mais inusitadas maneiras de acontecimentos ou eventos sociais, o que nos cabe dizer que, embora toda tomada de decisão pode revelar um posicionamento político, este no entanto não significa dizer algo pensado e articulado estrategicamente tendo em vista o confronto, a resistência, a qualquer forma de poder.

Nas relações afetivas e sexuais, os sentidos e significados podem passar por outras vias não necessariamente politizadas. Mesmo no espaço escolar, há situações que



ocorrem em decorrências de questões amorosas não bem resolvidas, cenas de ciúmes e passionalidades e até brigas por motivos óbvios, amores e paixões escondidas e não reveladas que, ao serem tratadas de maneiras particulares e singularizadas, a partir das narrativas dos interlocutores, podem nos mostrar que os movimentos e circulações dos sujeitos nestes espaços acontecem de múltiplas formas.

Afinal, podem ser os ditos e não ditos que seguem acompanhando os sentidos e significados das manifestações, das subjetivações que também estão inseridos com e para além destes dispositivos convencionais de produção social e política de sujeitos em estabelecimentos escolares.

Por exemplo, nossa interlocutora S.L. (2014) nos fez a seguinte declaração:

Tive paixão pelas minhas professoras, nunca se concretizavam. Tinha professora que adorava, dizia que amava aquela professora, porque tu sabe eu era adolescente, tinha o que nessa época?! Tinha uns doze anos. Foi tudo assim, sabe, nessa fase de adolescência, tu vai iniciando uma coisa.

De outro modo nos fez pensar que questões fortemente de ordem social também se fazem representar nestes ambientes de maneiras circulantes. As condições sociais nos espaços escolares também se constituem em dispositivos por entre jogos, tramas, trocas e relações de poder, onde se pode querer tirar proveito ou não, dependendo do lugar que estes sujeitos ocupam na estratificação social, refletidas no cotidiano escolar. S.L. (2014), através de seu depoimento, nos mostrou outro cenário de eventos bem comuns nas instituições escolares, que se dão através dos conflitos e demarcação de espaços entre os sujeitos na escola. Deste modo afirmou:

Tivemos uma briga muito forte na escola que marcou?! É, foi um dia que eu tinha uma colega, tinha um amigo, ele na época a gente chamava que ele era rico, né? Que hoje em dia é a classe média, né? Aí ele morava na Antônio Pompeio, era garoto bonito, tinha aparência branca. Então, ele era meu amigo, gostava muito de mim devido eu ser pobrinha assim, né? Ele pagava sempre merenda pra mim, pagava tudo pra mim, né?! Aí eu ajudava nos deveres também, sabe?! Igual pra igual entendeu, sabe?! Aí eu falei pra ele, assim olha... ele dizia “por que, garota, tu briga tanto? Por que tu vai pra corpo a corpo pras meninas? Por que a Cléia te odeia?”. Eu disse [...] mas sempre batalhei, o pouco que eu arranjava, que eu poderia convidar uma garota para sair, saía com o pouco que eu tinha, tanto prova que eu ia na “pussanga” conhecer, não sei se vocês já ouviram falar, uma das primeiras boates aqui em Belém na época [...]a gente ia pra lá. Ainda era de menor, pra ti ver que ainda era “tão” proibido as coisas, que o

juizado não vivia em cima, porque estava lá, lá vem o juizado, me escondia debaixo de uma mesa, aí não pegavam a gente. Naquela época o Adamor Filho frequentava muito lá, porque ele era repórter, está entendendo? Aí fazia a reportagem, porque tinha três compartimentos, tinha o salão para ti dançar, tinha o salão das lésbicas, dos gays, uma casal normal, três espaços, é três espaços, aí eu ia, só que eu juntava meu dinheirinho, pra não ir na custa, na cola da pessoa lá [...]

Como podemos notar havia disputas de poder fora e dentro da escola, como também havia relações de poder para a manutenção do prazer e do afeto extensas na cotidianidade das ruas e cidades e do espaço familiar. O que revela que há uma lógica cambiante que circula nas diversas formas de manifestação de desejos, de estratégias de conquistas, revelando-nos que, numa lógica heteronormativa, devem ficar racionalizados os espaços sociais e afetivos dos sujeitos determinados fortemente por status que são traduzidos principalmente pelo fator econômico que ostenta diversas formas de manifestação de poder.

A questão que nos traz este depoimento será em saber: As instituições sociais constituem-se em dispositivos decisivos e determinantes na formação destes sujeitos que chegam até os espaços escolares? Não há dúvidas, porém, grosso modo, torna-se evidente ressaltar, que há uma cultura reprodutivista que ao ser efetivada produz seus efeitos de assujeitamento ou de domínio revelados através de como estes lugares estão inseridos neste momento por entre sujeitos através da lógica de poder que em determinado momento histórico parecem estar representados.

A questão da cultura heteronormativa constitui-se em um dos dispositivos estratégicos destas representações sociais que, no caso da sexualidade e do gênero, estabelecem frontais condições de desigualdades sociais através do lugar que ocupam os indivíduos nestas relações de poder/saber.

Nosso interlocutor G.I. (2014) resalta esta situação através de como em sua família era ou se faziam representar as relações de poder. Ao afirmar:

[...] Nós fazíamos parte do clã mais pobre da família, as mulheres sempre tiveram apoio da família e tal. Minhas irmãs estudaram em colégios de freiras tinham a educação de freiras [...] O patriarcado era muito forte, então na verdade você preparava as mulheres para fazerem bons casamentos e (risos) os meninos estudavam em escolas publicas. Eu estudei no Benjamin Constant, no EIDB, que virou escola Técnica Federal do Pará, depois estudei em colégio interno agrícola Magalhães Barata [...]

Como vimos, a distribuição de papéis sociais constituem-se num forte dispositivo estratégico aferidos dos status sociais e representações de poder secularmente enraizado em modelos societários desde o patriarcado até as mais modernas formações familiares presentes na sociedade.

O que consiste dizer que, se a escola não é a extensão dos interesses que circulam pelas vias, trilhas sociais, também de outro modo não representam sistemas fechados de menor representação. O melhor a dizer é que ambos são formas, dispositivos de controle para a produção de sujeitos enredados em relações de poder marcadamente e predominantemente heterossexistas.

No entanto, totalmente possíveis e passíveis de mudanças, de ressignificações, de redobramentos, uma vez que, se a sociedade efetiva mudança através dos sujeitos, o inverso também ocorre e nunca da mesma forma. Por exemplo, as sociedades constituídas, principalmente após os movimentos socioculturais no ocidente que resolveram ampliar e incorporar outras reivindicações, exigem outras posturas.

Essas sociedades sofreram grandes retaliações ao mesmo tempo em que nestes acirrados enfrentamentos como, por exemplo, as lutas históricas representadas pelas simbologias do maio de 1968, de lutas feministas, entre outras com suas irreverentes e criativas formas de manifestações, de fato, contribuíram juntamente com outras diversas formas de ações transgressivas para as mudanças de comportamento, de atitude e de pensamentos sociais.

E o conjunto destas mudanças que certamente representaram uma contracultura, as formas dominantes, conservadoras, decadentes e reacionárias trouxeram para o seio das sociedades modificações significativas em diversas situações sob as quais o cerne destas mudanças transitava pela condição humana.

Destes novos dispositivos de mudanças, as instituições sociais foram se reinventando às duras penas, para a coexistência e autorreferenciação de si mesmas nas tramas e jogos de poderes efetivados em suas relações com os outros. Portanto, escolas, hospitais, instituições religiosas, quartéis, sindicatos e as diversas instituições e entidades sociais que se metamorfosearam por entre caminhos nem sempre descritivos.

Destas ondas ou correntes de ideias atravessadas por complexas redes sociais, a família e principalmente a escola foram instituições que estiveram em evidências visíveis de mudanças, de resistências, de suspeitas e severas desconfianças.

Por isto, que dentre estes vários movimentos, a questão das homoafetividades ganha destaque, pois, a partir dos confrontos enfrentados por estes segmentos em vários

lugares do planeta, percebemos que significativas mudanças vêm ocorrendo, gerando outras capilaridades para o interior destas instituições, modificando sobremaneira as formas tradicionais ancoradas por culturas heterossexistas.

As ideias nacionalistas, ufanistas e reacionárias que ainda se ancoram em modelo consagrados em defesa da tradição familiar como célula mater, sem reconhecer as mudanças históricas que vem ocorrendo no cenário mundial, parecem padecer de um surto anacrônico e ter atingido seu maior grau de instabilidade social.

Então, qualquer proposta curricular ou atividades pedagógicas que pretendam através dos dispositivos da transvesalidade, seja através de qualquer outro mecanismo pedagógico que insere por dentro dele o debate ou reflexões sobre as questões do modelo familiar, serão quase que obrigadas a ter como prática discursiva esclarecer estas novas configurações a menos que queiram optar pelo silenciamento, pelo esquecimento ou omissão acerca desta temática.

Como por exemplo, os educadores usando de seus recursos didáticos podem usar mecanismo para explicar este tipo de formação familiar e sexual esclarecido por nosso interlocutor G.I. (2014) ao nos dizer:

[...] Mas tive experiências com mulheres, na verdade, tinha uma coisa da sexualidade que estava que era pura. Então na verdade, eu não vou dizer que sou bissexual, eu prefiro o corpo masculino que o corpo feminino. Eu tenho um filho de 33 anos biológico, mas quando eu descobrir que era essa a minha condição, era aquela que o corpo e o cheiro e gosto do homem me atraía mais, eu parei de brigar com isso. Nunca tive este sofrimento de aceitação. Mas eu sempre me aceitei. Sair cedo da minha casa. Sou de uma geração que você cedo saía da sua casa para viver com outras pessoas.

Esta outra reflexão trazida por outro interlocutor em sua narrativa deixa claro que veio de uma formação familiar rígida, em que naquele tempo os pais não deixavam as filhas estudarem, por isto estudou pouco e diz que aprendeu a se alfabetizar na zona através dos cursos promovidos pela pastoral cristã, através de muitos cursos de alfabetização e de outras formações, inclusive aprendendo a falar outros idiomas com seus clientes.

Hoje, já na fase de envelhecimento, destaca que é mãe de quatro filhas e tem dez netos. Porém, teve que enfrentar devido à sua orientação sexual a família, a sociedade, pois eram como ainda são hoje muito acentuadas as posturas homofóbicas. Mesmo

sendo reconhecida como uma grande liderança dos movimentos de gêneros e sociais foi discriminada no próprio movimento por ter assumido sua bissexualidade.

Nossa interlocutora B.L. (2014) nos faz este interessante depoimento:

Eu percebi muito cedo desde as primeiras casas onde morei lá na Paraíba. Aos 14 anos tinha interesse, mas tinha medo de assumir, mas não tinha coragem. Depois na zona, cabaré, a gente convivia e dormia com muita mulher bonita, uma com a outra, era umas três, quatro acabávamos nos desejando e fazendo amor, isso acontecia muito [...] eu fui muito criticada, foi muito difícil, mas qualquer ser humano é capaz de curtir com a pessoa do mesmo sexo. Isso para mim não tem problema. A escola, a família me discriminou muito, poxa tu não tens vergonha de uma coisa dessa. A questão homofóbica que existe. Existe a raiva, o preconceito.

Como podemos notar neste depoimento, adquirir ou constituir novos arranjos sociais, políticos e educacionais que possam fazer as inversões ou mesmo a interdição no combate às práticas discursivas acerca dos dispositivos da sexualidade por dentro das instituições sociais ainda será por muito tempo um grande desafio diante das fortes ondas de preconceito que os sujeitos excêntricos e ditos diferentes sofrem ao assumirem suas orientações sexuais.

É possível modificar esta realidade ou jogos de verdades predominantes numa sociedade heterossexistas, em que nem mesmo no próprio movimento criado e inventado para o combate a todas as formas de violação de direitos humanos ainda existem essas duras realidades marcadas pela discriminação, pelo preconceito e pela violência aos sujeitos diferentes.

Porém, nos parece que a questão torna-se mais complexa quando chegamos ao entendimento de que ainda hoje não somente as instituições seculares como as escolares, as religiosas, a família, os quartéis e hospitais, mas também as empresas desportivas entre outros coletivos sociais agem em suas práticas discursivas reproduzindo os modelos hegemonicamente heterossexistas.

Esta situação nos serve de alerta para o que Nietzsche, Foucault e Deleuze já anunciavam das necessidades de questionar a fixa ideia de que mesmo entre os ditos diferentes há ainda diferenças ou até mesmo indiferença, há ainda choque de realidades atravessadas no sujeito pelas culturas homofóbicas aprendidas não somente nos espaços escolares mas, sobretudo, do exercício e das práticas educativas e circulantes no contexto social.

O que nos leva a pensar como é que a constituição de outros rearranjos que ao menos qualifique e forme os sujeitos para práticas mais efetivas e sinérgicas que façam brotar outras formas invertidas de olhar a vida em sociedade pode ter capilaridades por parte dos educadores atuantes nos espaços escolares.

Neste sentido, para finalizar podemos dizer que as instituições escolares e a família têm tido cumplicidade em seus estranhamentos no campo das experiências diferentes de homossexualidades, como ressaltou Foucault em passagens significativas de seus escritos sobre as histórias das sexualidades.

Pensamos que com estes conjuntos intensos de reflexões tenhamos respondido as formulações desta tese, ainda que neste esforço de escavar e produzir saberes estejam presentes acertos e erros, o que importou foi saber que nossos escritos não são frutos de especulações, ao contrário, tem forte apelo de aprender pela pesquisa também a conviver socialmente com as diferenças.

## AS ÚLTIMAS PALAVRAS A NÃO SE QUERER DIZER

Talvez a última coisa a não querer dizer neste momento seja que estamos diante de inconclusões, depois de tantas curvas arriscadas nestas vias de escolarização que atravessamos falando de sexualidades, escolarização e envelhecimento. Mas, enfim, neste momento chegamos, sim a alguns (In) acabamentos acerca deste texto que “finaliza” nossa chegada à incerta curva que nos remete a uma aparente estação de vinda a descobrir mais trilhas por entre vários lugares enigmáticos que subjetivamos sempre em direção ao devir.

No entanto, deixamos claro que tudo ainda nos parece inquietude, suspeitas, tramas, marteladas para escavar por dentro e fora a alma, o corpo, a mente, o espírito humano, este monumento e vias para decifrações, e que jamais será certa a desconfortável leveza de se sentir a beira da última estação.

Numa abordagem deste porte, o final pode ser o começo, este qualquer caminho que nos leve risivelmente ao não. Há desfiladeiros de muitas intromissões quando percorrendo tema desta envergadura, por isto vagueamos nos pondo a esmo naquilo que nos falta saber e nos encontrar em vias de imprevisibilidades.

Sobretudo, quando aquilo de que suspeitamos já tomou outros entornos, principalmente quando nossos interlocutores são criativos em suas narrativas. É quase impossível não transversalizarmos desde as escolas, as práticas educativas por fora do espaço escolar, as múltiplas maneiras de envelhecimento, desde as escolas, as práticas educativas por fora do espaço escolar, as múltiplas maneiras de envelhecimento, de sexualidades por entre vale de gozo, de amor, de morte, do prazer, do ódio, do desprazer, do des-saber, da des-razão.

Estes deslocamentos todos que fomos fazendo ao longo desta invenção e produção de tese foram nos instigando a percorrer caminhos profanadores na (des) ordem discursiva que nos nomeia, foram nos ganhando, nos tatuando, nos dizendo ora sim, ora não, portanto nos fazendo indecifráveis até encontramos nossa iluminação própria, com muito desejo de originalidade para com vontade de verdade querer fazer sangrar ser o que se é. Ainda assim de certo, há infelicidades diante do temporal, há muitas neblinas, quando iniciamos a pesquisa e graciosamente no dilúvio se faz o tempo do transcender, nem tudo é revelação por entre espaços que fomos habitando por entre experimentações e acontecimentos.

Pois bem, aprendemos nestas trajetórias de produção acadêmica que as certezas se esvaem com o tempo que entardeceu nos espaços, e que em breve tudo aquilo que do mais profundo amor que fizemos um dia nas incertas dobras nada nos será totalmente nosso, nem mesmo nossas certezas, diríamos então que a verdade nos parece o voo alado.

Este foi um dos pontos que compreendemos com este estudo, que onde há passantes que estão ou virão sem ao menos sabermos, sem nos avisar, sem que saibamos o que vão dizer, ou o que são, por que lutam, pelo que desejam travar duelos, pois assumem o que são, provocam em nós mudanças na recepção das escutas para estes encontros de falares que prazerosamente atravessamos seguindo vias por entre vidas andarilhas que estavam silenciadas, esquecidas querendo dizer muitas coisas antes que a morte zombeteiramente furte este direito de escavar possibilidades de decifrações, antes que nossos corpos boiem indo até o lodo, ao caos, ao etéreo lugares do eterno repouso.

Este estudo nos comoveu a cada mergulho para novos olhares, porque as narrativas de nossos interlocutores são olhares que nos deslocam para as margens, ao plumo, aos centros, às dobras, às redobras, às bordas por onde nem imaginávamos que teríamos que imergir, assim fomos compreendo que também estávamos a nos moldar em amálgamas em que as palavras podem ser inverdades que vão se decompondo para fecundar outros nasceres, outras assinaturas que brotarão das fortes correntezas destes rios de experiências vividas.

Em nosso estudo, aquilo que encontramos foi saindo das bocas, dos corpos, das sedições dos velhos sujeitos homoafetivos narrando, exercitando práticas discursivas por entre ondas que margeiam suas vivências de escolarização e práticas educativas.

Esta produção enunciou as práticas discursivas a partir das narrativas dos sujeitos que experimentamos, vivenciamos, convivemos, aprendemos a sentir os sopros de suas singularidades não tem preço nem mesmo título que a sustente. Pois, se em algum momento foram falas desfocadas, que bom, pois assim quebraram o caráter sisudo de nossas pretensões anteriores quando iniciamos a pesquisa.

O programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED nos “presenteou” com esta oportunidade, e neste convívio com os colegas, professores, em vários momentos do curso, dos eventos e acontecimentos, fomos achando o (des) alinhamento, os (des) centro, o (des) foco, as (des) limitações daquilo que já sinalizava nosso estado da arte sobre as práticas de pesquisa na linha Educação: Currículo, História e Epistemologia



por entre temáticas correlatas que vêm anunciando este campo de saberes e reflexões já há algum tempo, em vários lugares.

Com o passar dos eventos e acontecimentos vividos nesta trajetória, fomos com mais clareza encontrando nossas (des) razão, nossos interesses pelo tema em tela, para o encontro do néctar que nos fez brotar abordagens e escrituras, ditos e não ditos, lugares etéreos e lacunares que foram brotando do chão e do sal da terra, da intempestividade, dos rumores, as novidades que nos fizeram quase sem destino encontrar des-razão sobre o que era então o lócus desta pesquisa.

Nossas descobertas talvez não tenham sido grandes novidades para muitos, nem mesmo passagem de estação entre o encontro do dia com a noite, nem mesmo o sentir do devir aproximando-se por entre pastagens nas passagens do sol que margeiam e tecem ondas crepusculares onde o mais para sempre, nada sabemos.

O chão etéreo do universo investigado apenas fecundou possibilidades por entre as histórias de vida de ontem e as do presente sem pretensões de descobertas do amanhã. Por tudo o que foi vivido até o fechar das últimas linhas desta tese, podemos dizer que todos os momentos muito nos valeram para descortinar nossas irreverências multiplicando-se com eles, estes (des) encontros com tantas invariáveis formas que fomos tomando, fossem elas de um deus inominável, indescritível que até poderíamos chamar de supremo amor, até os regimes de verdades, os jogos, as trocas e as relações de poder-saber-prazer, que suas falas revelavam. Em nenhum momento nada nos foi tão igual, em nada nossos desejos e sentimentos foram iguais, de fato, aprendemos que há diferença mesmo na diferença. Estas foram as muitas sensações que sentimos em cada momento desta produção.

Se a princípio despretensioso, sem nome, sem forma, foi assim que quisemos insistir e seguir para, a partir de nossa força, dizer da satisfação do como e por que fomos atrevidamente chegando até aqui, e sem pudor apontar nossas (in) conclusões.

Torna-se legítimo dizer que, se não fossem as notas e escrituras de muitos passantes, de muitos amores, humanos e divinos aqui assinadas ao longo deste trabalho e que nos foram trazidas e confessadas por eles com graça, generosidade, aposta, partilha, credibilidade, humildade e a sabedoria de poder dizer que foram todos eles que nos deram moradas, acolhidas, palavras, ideias e afetos para ter fôlego e querer apresentar nossos resultados senão tão novos pelo menos inquietantes, provocadores e atrevidos sobre a arte de viver o diferente, nestas travessias por desertos e oceanos infinitos de singularidades, nada teria acontecido.

A partir daqui, podemos dizer que os textos ora apresentados têm um pouco de tudo o que brotou, amorosamente os quais legitimam tais assinaturas. Portanto, cabe-nos, neste momento, dizer como gostaríamos que vissem como foram construídos e estruturados nossos esforços para fazer estas trilhas.

Na primeira seção que denominamos como introdutória de nosso estudo, apresentamos de maneira precisa e clara através de estações, nossas pretensões de passar ao leitor que, assim como Nietzsche, não acreditamos em chegada a algum lugar facilmente por linhas retas e sem pedras de tropeços que expressam dificuldades, desafios, entraves, quando estamos a seguir vias ou trilhas sinuosas.

Por isto, tivemos a ideia de constituir as estações visando mostrar todos os passos que experimentamos passando por não poucos obstáculos que foram marcadores desde os momentos iniciais deste estudo quando ainda tínhamos que definir os pilares de sustentação de nossas propostas de tese que passaram pelo: tema, título, os objetivos, as justificativas, fossem de ordem sociais, acadêmicas e pessoais, os procedimentos teórico-metodológicos, os sujeitos, as problematizações, as hipóteses, os resultados esperados e quem somos como pesquisador, professor e aprendiz nesta experiência que exige de nós muita capacidade de escuta.

Em síntese, esta é uma das múltiplas explicações para esta primeira seção, embora ela possa se metamorfosear por outros sentidos poéticos e metafóricos acerca das estações. Na verdade, ao esclarecer, gostaríamos que o leitor também tivesse a ousadia de dar outros sentidos a esta invenção que se move através de palavras reticentes, fabricadas, outras mal contadas por entre discussões silenciadas, esquecidas, travadas nestas vias de escolarização de homossexuais em passagem de tempo para o envelhecimento em Belém.

Na segunda seção deste estudo, após a consumação das estações, trouxemos reflexões sobre caminhos e princípio éticos e morais da pesquisa: a parresia como declaração da verdade. Para falar da vida destes sujeitos velhos (as) homoafetivos com tantas experiências e sabedoria, ao falarem de si mesmos, foi-nos algo inspirador e, momento profundamente sublime ouvimos as falas de todos, cada um com suas vivências, suas marcas das singularidades de si mesmo, que nos sentimos comprometidos em criar esta seção que pudesse deixar claro os princípios éticos da pesquisa a partir do conceito de verdade.

Foi a partir daí que resolvemos buscar nos ancorar no conceito grego de Parresia, utilizado inclusive por Foucault, nos explicando em que consistia para este o falar francamente.

Nos dedicamos através das travessias de Foucault para dizer como seria aprofundada como professor, pesquisador e aprendiz nesta tese nossa coragem de verdade, com responsabilidade com o conjunto das narrativas a que tivemos acesso ao longo das entrevistas efetivadas.

Na terceira seção deste trabalho, nos posicionamos acerca dos aportes teórico-metodológicos, foi nossa pretensão trazer com clareza, precisão e objetividade para o leitor como fomos nos aproximando e trazendo para o convívio desta tese as escolhas dos caminhos teórico-metodológicos, ao fazermos uma escavação acerca dos trabalhos produzidos e publicizados pelos principais órgãos de pesquisa como CAPES, ANPED e Revista Brasileira de Educação. Ao fazermos um levantamento da produção do conhecimento nos aproximou dos interesses da tese facilitando construir com autonomia este campo de decifração.

A quarta seção teve a intenção de levar o leitor a um entendimento de que as categorias teóricas e conceituais que elegemos, neste caso, a sexualidade, o envelhecimento e a escolarização, não estão constituídas de acasos, ao contrário, foi por elas que desejamos fazer os transbordamentos nesta pesquisa na área da educação. Isto implica dizer que é por elas que nos movimentamos, que estivemos aprendendo a aproximar os campos da empiria, dos entrelaçamentos conceituais, pois sem este conjunto de dispositivos, jamais chegaríamos a analisar criticamente as nuances (in)visíveis que estavam esquecidas por entre intertextualidade e a historicidade que tivemos que escavar.

Por isto, as contribuições de Foucault com sua compreensão genealógicas e Nietzsche com suas suspeitas nos foram oportunas para alargar e ampliar as assinaturas de estudos que vêm “misturadas” com as cores das tinturas nas assinaturas destes autores.

Por entendermos que não se trata de quaisquer pensadores, mas talvez a maior expressão de novos pensadores que surgiram no limiar do século XX, com suas compreensões invertidas de toda maneira de pensar, e de fabricação de jogos de verdade até então, inquietantes e provocadoras sobre as quais resolvemos nos debruçar para dar conta das problematizações em vários momentos desta tese. Precisamos singelamente admitir que, por entre vazantes, derrapagens, linhas de fugas, fomos apenas e somente

admitindo que o máximo que fizemos foi ancorar referido estudos na arqueogenealogia do poder e na compreensão de estética da existência elaboradas, pensadas e problematizadas por estes brilhantes pensadores.

Por isto, nossa sede no deserto para esta produção acadêmica era grande, a água quase inexistente e a poeira nos consumiam. Os calorosos impulsos de vontade de saber foram refletidos a partir de categorias chave em torno de seus pensamentos, não por acaso, que: sujeito, genealogia, tecnologia do eu, biopoder, subjetivação, sexualidade, individuação, entre outros, nos serviram de âncoras do início ao fim desta produção acadêmica.

Outro ponto também relevante é que nossas vontades de problematizações foram a descoberta para ousadia e pistas para também refletirmos com base nas experiências acadêmicas dos professores.

Temos que admitir que as práticas discursivas dos interlocutores entre os professores/pesquisadores e os sujeitos homoafetivos em vias de envelhecimento não foram encontros casuais a juntar-se com nossas experiências para efetivamente triangularmos tantos saberes, tendo em vista dar maior suporte ao campo analítico dicifratório, alargando, enriquecendo e tornando mais interessante o passo a seguir inventado por nós como recurso metodológico.

Gostaríamos que entendessem que estas aproximações acima citadas nos foram basilares para na verve desta produção estas misturas pudessem nos fazer criativos e inventivos para dar materialidade ao campo de abstração produzido pela tese através de seus conceitos chave neste estudo, isto é, a sexualidade, o envelhecimento e a escolarização que fizeram do estudo nestas vias e trilhas de escolarização de homossexuais na cidade de Belém.

Com o tempo na produção de uma tese de doutorado vamos aprendendo que não daremos conta de toda a condição de existência humana que cerca nossa vontade de aprofundamentos sobre o que queremos de fato investigar dos sujeitos desta pesquisas, então o melhor é abandonar tamanha sede, buscando outras e sólidas intimidades para somente dizer verdades sinceras. Foi por isto que decidimos, após um longo tempo, que iríamos estudar: Algumas problemáticas referentes à trajetória de escolarização de homoafetivos velhos (as) para entender e aprofundar as marcas de preconceitos, de discriminações e as estratégias de resistências inventadas por estes nos espaços escolares de Belém sobre as âncoras principalmente de Foucault.

Na quinta seção, enfim, foi o momento de anunciar os resultados a partir das análises que fizemos referenciadas pelo conjunto das obras estudadas, seus respectivos autores que nos serviram de ferramentas, de sustentáculos teóricos para pensar e repensar sobre todas as nuances que asseveraram nossas assinaturas, de todo um especial comentário acerca do repertório intelectual de Nietzsche e Michael Foucault pelas afinadas dissonâncias de seus acordes que fizeram vibrar de forma genial cantos e danças incendiárias neste percurso entre o moderno e Pós-modernos cujos signos produzidos não têm e nem terão respostas definitivas para o devir desta imensa fauna da condição humana na composição daquilo que brilhantemente foi definido como a estética da existência.

Estes jovens pensadores, não há dúvida, deixaram grandes contribuições e legados para a humanidade, e o mistério reside em como prosseguir através das escaladas de seus seguidores, ou melhor, continuadores, afinal seguir um autor significa dar continuidade às suas assinaturas, ampliando cada vez mais seus olhares para outros chãos.

Após ter colocado todas essas observações sobre o que queríamos que ficasse entendido em cada seção, pensamos que este trabalho pudesse validar as contribuições a partir dos legados, particularmente, destes autores, para tratar da questão da sexualidade e do envelhecimento em trajetória de escolarização.

Embora não nos tenha sido fácil encontrar tais possibilidades de passagens interpretativas e analíticas da realidade em curso, não nos sentimos levados pela correnteza para tão longe desses autores, mesmo considerando os contextos de épocas, a invenção e reinvenção dos sujeitos, as narrativas e enunciados de cada lugar e tempo produzidos e o conjunto de seus vastos repertórios de produção com os quais dialogamos. Ter sido leal nessas tentativas de mergulhar com as bússolas desses autores nos trouxeram liberdades e desafios para irmos até as profundezas das águas turvas do saber para encontrar as límpidas raízes da razão e da emoção que fazem brotar e ramificar outras luzentes ideias que fossem capazes de evocar outras fontes originais de novos saberes.

Deste modo, fomos traçando ao longo destas travessias os problemas e as hipóteses de pesquisa que aqui queremos cordialmente rememorar-los para que nossos leitores tirem suas conclusões se fomos ou não capazes de responder às hipóteses e às problematizações apresentadas, principalmente na seção em que foram feitas as análises

das narrativas de todos os interlocutores da pesquisa. Deste modo, mais uma vez trazendo essas narrativas ao leitor.

As relações e jogos de poder presentes nas instituições sociais, ainda que tenham se reinventado ao longo dos anos, ainda pouco têm produzido atitudes e modos de vida que demonstrem o interesse de efetivar práticas curriculares e uma cultura de respeito às diferenças e a formulações de teorias políticas de resistência que legitimem os direitos negados dos sujeitos infames, entre eles, velhos (as) homoafetivos.

Daí, nossa pesquisa lançou-se ao encontro dos vestígios reveladores desta presente narrativa dos parceiros de outras diferentes gerações que são identificados como velhos e que vivenciaram trajetórias de escolarização, principalmente os homossexuais, na cidade de Belém, procurando identificar a partir de suas falas principalmente o teor que os conduz por caminhos de subjetivações.

Porém, se tínhamos como objetivos analisar a trajetória de escolarização de homoafetivos velhos (as) para compreender as marcas de suas lutas de resistências a partir das experiências vividas como aqueles que constituídos de uma orientação sexual diferente transitando entre jogos, trocas e tramas de poder.

Não foi fácil analisar o direito a inscreverem suas singularidades, pois suas habilidades, seus desejos, suas vontades de verdades de aprender a conviver na diferença eram tornados inauditos, inviabilizados e, por que não dizer negados, vigiados, controlados, selecionados e classificados dando evidência de que as culturas de regulação nas instituições, principalmente as escolares, parecem não afeitas aos sujeitos com hábitos, atos, costumes, desejos e ecos transgressores nos ambientes escolares.

Partindo destes elementos que deram centralidade a este estudo, acreditamos que nossa chegada até aqui já evidencia muitos flagrantes interessantes acerca das históricas culturas escolares que, mesmo com o passar do tempo, com as mudanças nas políticas educacionais, nas práticas, discursos e teorias curriculares, além da formação de novos sujeitos em pleno nascer do encontro de gerações, tais instituições ainda possuem poucas aberturas para o diálogo e para novas crenças, o que evidencia que as instituições têm posturas estagnantes, anacrônicas diante de tudo o que se lança como fator de mudanças.

Os passos das danças das instituições não vêm acompanhando a criatividade dos dançarinos que hesitados transcendem, transgridem no tempo/espço o suor dos corpos, o suor da vida, como bem cantou nossa extraordinária e genial estrela Elis Regina na

canção redescobrir (brincadeira de roda) de autoria do cantor e compositor Gonzaguinha:

Como se fosse brincadeira de roda, memória. Jogo do trabalho na dança das mãos macias. O suor dos corpos na canção da vida, história. O suor da vida no calor dos irmãos, magia. Como um animal que sabe da floresta, memória. Redescobrir o doce, no lamber das línguas macias. Redescobrir o gosto e o sabor da festa, magia. Vai o bicho homem fruto da semente, memória. Vai como criança que não teme o tempo, mistério. Amor se faz é com prazer que é como se fosse dor, magia. Renascer da própria força, a própria luz e fé, memória. Entender que tudo é nosso sempre esteve em nossas mãos, história. Somos a semente ato mente e voz, magia. Não tenha medo meu menino, povo, memória. Tudo principia na própria pessoa, beleza.

Nesta dança de muitos movimentos, aprendemos a nos soltar por entre pares e repertórios, em passos nem sempre cadenciados por onde escorreram o suor das mãos e das tintas, o suor dos corpos que em giros fizeram brotar outros sentidos na canção da vida. Foi por estes caminhos que iniciamos e terminamos nossas análises.

Aprendemos com este estudo que não cabem respostas simplórias diante de um universo complexo e arenoso, pois queremos afirmar que somente os indivíduos nas suas condições sociais concretas são capazes de modificar os rumos das próprias instituições e daqueles que por elas passam, de maneiras inventivas e criativas, reinventando sua formação e suas práticas discursivas, as quais não precisam de forma alguma serem uniformizadas. A multiplicidade dos sujeitos e a concreta institucionalidade na descoberta de como e porque operam em seus regimes de verdades são as possibilidades do devir nos espaços das instituições entre elas as escolares.

Portanto, trata-se de uma via de mão dupla, porém de múltiplos sujeitos que transitam por entre tempo e espaços deixando suas marcas e, ao mesmo tempo, sendo marcados por uma tradição escolar que não parece, mas que de fato se reinventa, o que significa dizer que mesmo as antigas tradições no domínio de suas instituições sociais não são estáticas nem mesmo diante das relações intensas de poder.

Como vimos ao longo destes estudos, não podemos tratar relações de poder em campos de subjetivações através de óticas e enunciações binárias se quisermos operar nossas análises com ancoragem no repertório foucaultiano. Aliás, foi-nos importante entender que os sujeitos são múltiplos, assim como as instituições, portanto, em que pesem as possibilidades de mudanças estejam lançados os fluxos são descontínuos para efetivá-las em qualquer espaço de sociabilidade, inclusive o escolar.

Estes descaminhos principalmente no ambiente escolar onde todos se movimentam ancorados em símbolos e vestígios que marcam toda uma cultura escolar, não são propícios para apressada visão determinista acerca do poder da autoridade nas instituições escolares. Ficou-nos tão patente que, fosse através do poder centrado ou descentralizado e que são circulantes nestes espaços, todos podem usar suas estratégias desde que tenham autonomia e evidente percepção de seus papéis sociais estratégicos que lhes permitam objetivamente, inclusive, subjetivar baseados em suas linhas de interesses nutridos por regimes de verdade.

Daí então as dificuldades de entendimentos das estratégias individuais diante dos desejos coletivos, dos interesses institucionais diante da ordem do discurso representados na impessoalidade de suas autoridades. Este foi um dos aspectos destes estudos mais inquietantes e tão difíceis de apostar em quaisquer conclusões.

Mesmo no caso das grandes manifestações em defesa dos direitos humanos que têm sido anunciadas pelos movimentos de vanguarda em parceria com instituições de direitos humanos sobre os direitos individuais e coletivos homoafetivos e sexuais em combate à homofobia e o bullying nas escolas, ainda assim não nos parece tão visível mesmo com as conquistas significativas quem vêm ganhando nesta disputa de cabos de guerra. No espaço escolar parece que tudo é ainda mais sombrio.

Embora sejam possíveis a invenção de estratégias e a criação de dispositivos de poder no interior das escolas como alternativas às inflexíveis normas disciplinares também presentes nos desenhos curriculares, ainda assim será preciso sensibilizar a sociedade para a efetivação de estratégias de parcerias e pactuações público/privadas que acelerem as conquistas coletivas e individuais muitas vezes negadas ou negligenciadas nos ambientes escolares, às vezes até mesmo pelos conselhos escolares que teoricamente deveriam protagonizar em favor dos interesses principalmente da coletividade, embora entendamos que isto se constitui em apenas uma razoável saída e não uma prescrição aos problemas abordados.

Outra via também razoável e não definidora de toda esta problematização que aprendemos neste estudo foi que desconhecer o leque de enunciações destes movimentos como proposições ancoradas em princípios educativos significa perder a oportunidade de colocar em pauta debates acerca de uma nova ética social pautada na justiça social, nos respeitos às invenções de singularidades, na oportunidade de fazer avançar as conquistas voltadas para uma sociedade que saiba conviver com as orientações sexuais e afetivas em um país que vem envelhecendo de modo acelerado.



Pensamos que no ambiente escolar todos são sujeitos inventados, cabe, portanto a nós nos posicionarmos neste território de disputas de educação/escolarização.

Aprendemos com este estudo que o poder normativo e disciplinar das instituições escolares repassado principalmente através das atividades pedagógicas visando garantir uns controles patológicos e normóticos sobre as ações, as reações e atos dos sujeitos nos espaços escolares, principalmente os de condutas transgressivas que fogem às normalidades.

Pareceu-nos gelatinoso que nem sequer outras demandas relacionadas à temática como, por exemplo, a sexualidade tenham sido contempladas/atendidas. Esses temas ainda nos parece silenciados através das formações e práticas curriculares ou mesmo através de atividades pedagógicas referendadas timidamente ou sob suspeitas a partir das práticas discursivas de muitos educadores.

As culpas das instituições sociais e escolares associam-se a outros transtornos, medos esquizofrênicos do direito à liberdade e o convívio com os sujeitos diferentes, principalmente no respeito e modo como externam suas singularidades sejam elas quais forem.

Neste sentido, as instituições vão ter que se contentar em admitir como é difícil ou quase impossível controlar subjetividades, desejos, usos dos prazeres, por estes ainda serem inomináveis e indescritíveis. Portanto, de fato, é nos indivíduos, da pessoa na pessoa, como dizia Fernando Pessoa que reside a beleza da busca e da conquista.

Portanto, nos foram reveladores, a partir das análises que fizemos, os limites impostos pelas instituições como também foram salutareos os avanços nem sempre silenciosos dos diversos sujeitos até chegarmos aos lugares de heterotopias, lugares legítimos, onde transitam os diferentes todos os dias: os sujeitos de vidas infames, como no dizer de Foucault.

Esperamos que nossos esforços tenham trazido contribuições acerca destas problematizações sem a pretensão de esgotamento da temática em estudo.

Seguindo por esta trilha da tese, é necessário apontar nossas conclusões, sobretudo acerca da questão do envelhecimento como um dos pontos em relevo nesta maneira de aprender pela pesquisa.

Sem sombra de dúvida, os sentimentos arraigados no mito da eterna juventude por muitos se escondem nas sombras da infinitude, só fazem reforçar a ausência de concretas políticas públicas para este setor o que é lamentável, haja vista que o processo de envelhecimento de nosso país apresenta acelerados crescimentos de nossa população

no tocante às injustiças sociais e ao desenfreado crescimento econômico com desigual distribuição de renda que ainda deixa muito a desejar.

Portanto, dizer das importantes conquistas neste campo, principalmente com a garantia dos direitos dos idosos através de seu principal dispositivo que foi a conquista de seu estatuto, ainda não nos pareceu suficiente para através de outras práticas discursivas consolidar a implantação e implementação com celeridade das políticas públicas tão necessárias que urgem materializá-las em face das reais necessidades e interesses do cidadão, principalmente dos idosos, já que está população em nossos país vem tendo um crescimento acelerado.

Um fato a se pensar está na questão da seguridade social cuja política de atendimento às populações idosas ainda deixa muito a desejar por parte do poder público em garantir a contento os seus direitos, a dignidade como cidadãos de direitos, que ainda contribuem efetivamente com as mudanças nas políticas sociais deste país. Além de sofrer velados preconceitos tais como: sujeitos em fim de rota, despontencializado das condições ativas da vida e estigmatizados de que velhos não precisam mais ter tantos direitos afetivos e sexuais, entre tantas outras. Lamentavelmente, os espaços escolares e familiares são infelizes quando divulgam, difamam e hipertrofiam outros sentidos e significados na reinvenção da velhice. A escritora Simone de Beauvoir no ensaio “A Velhice” já afirmava “a sociedade impõe a imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão velho e pobre constitui quase um pleonasma; inversamente a maior parte dos indigentes são velhos”.

Por isto, visando imprimir outras relevantes anotações conclusivas, pensamos que neste momento, ainda vale dizer que a questão da sexualidade que encontramos com frequência no falar ousado e sereno dos entrevistados, apresentadas através de suas enunciações, abriu-nos um leque de entendimento acerca da ordem discursiva das instituições, principalmente as escolares que, via de regras, apresentam-se sobre o estigma de disciplinadoras, normalizadoras e com extremas dificuldades de abertura para buscar um entendimento mais coerente com as mudanças em cursos sobre as questões de gênero, da diferença, da sexualidade presentes nos estudos geracionais e intrageracionais que nomeiam e circulam os fenômenos que envolvem as temáticas da diversidade.

Tais dificuldades de escuta e diálogo por parte das instituições apontam em maior grau para o silenciamento estratégico sobre a questão da sexualidade, ainda assim

com marcas visíveis (salvo algumas exceções) de maneira extremamente conservadora, moralista e preconceituosa marcadamente dentro de uma compreensão majoritariamente homonormativa.

Por isto, chegamos a concluir que as instituições têm inclusive dificuldades em dialogar, mediar conflitos e administrar as relações diferentes no interior das práticas escolares, o que evidencia claros despreparos do corpo técnico sem competência técnica e muito menos habilidade para enfrentar situações de adversidades. Entre eles não poderíamos em hipótese alguma deixar de destacar a figura do professor através de sua formação e práticas discursivas.

Tais situações apontam na direção dos obscurantismos presentes nas salas de aulas mesmo com as tentativas de muitos docentes em querer transversalizar. Infelizmente, as instituições escolares advogam para si o insano desejo de imporem o ostracismo escolar diante de qualquer posicionamento ousado e atrevido que tenha como objetivo contrariar ou provocar insinuações de mudanças à vista sob outros olhares.

Para finalizar, cabe-nos ainda dizer que, neste aprendizado da pesquisa, os alunos de hoje podem mudar o consenso coletivo construído pelas direções escolares ao qual foram habituadas outras gerações. Apostamos desde o começo desse estudo nas transformações como movimento singular do devir que pode e ocorre por toda parte e lugares previsíveis e imprevisíveis nas instituições sociais e em particular nas escolares.

Por isto, chegamos a concluir que os sentidos das mudanças, sejam elas lentas e graduais, ou aceleradas e de múltiplas formas, marcadas pela irreverência, pelo radicalismo ou sectarismo, sejam elas debochadas e risíveis, e tudo o que ouvimos através das narrativas foi que às mudanças de fundo subjetivo são mudanças mais difíceis e pouco perceptíveis haja vista que se centram nos modos de vida, nos hábitos, nos costumes e nas passagens indevidas e indescritíveis no tempo/espacos dos territórios de emoções da condição humana e de vida dos sujeitos com suas singularidades.

Abrir clarões para outros discernimentos acerca dos espaços escolares, principalmente, e sobretudo, os ditos diferentes e excêntricos que se constituem talvez numa minoria qualificada ao assumir de suas orientações afetivas, dentro dos espaços societários, estes “ocultos”, “invisíveis”, “inomináveis” e “infames” parece já povoar como nômades e andarilhos das sombras tais ambientes.

Ainda assim, as instituições sociais, entre elas as escolares, parece que pouco alteram suas concepções ou doutrinas para encarar o novo. Elas parecem paradoxalmente serenas e exemplares em seu notório saber e em suas soberanias disciplinares, porém inaptas e incultas para entender a magnitude do ser subjetivado em seus desprendimentos.

Chegamos a pensar, através das narrativas colhidas dos informantes da pesquisa, que a imobilidade escolar, seus festins e rumores estão aprisionados por suas monotonias, morbidez, patologias crônicas, a começar por suas cegueiras sociais.

O escritor português José Saramago (1922-2010), sobre isto, nos alerta em sua obra ensaio sobre a cegueira: Para a responsabilidade dos que têm a luz dos olhos quando outros a perderam para não caírem numa redução acerca da condição humana.

Diríamos que a alegria, as misturas, as adversidades, o encantamento e o direito ao atrevimento e inventividades não podem estar adormecidos e produzindo adoecimentos em todo o corpo social escolar, a exemplo dos que se contentam em permanecer em suas cegueiras.

A condenação das orientações sexuais homoafetivas, do direito ao uso dos prazeres não pode ser medida arbitrariamente diante da vontade de saber dos sujeitos. A completude e inteireza da condição humana não se fazem presentes só no corpo (matéria), também se fazem presentes na alma (anima) e em sua psique (comportamento).

É esta profundidade na natureza humana que a instrumentalização presente na racionalidade fragmentada e separatista, desde o mundo grego passando pela modernidade, não foi capaz de entender. Por isto que o predomínio da objetividade nas culturas e as instituições sociais padecem até hoje pela falta de maiores compreensões da evolução dissipada por horizontes criativos de quem olha o raiar do sol, o findar da tarde aproximando de maneira única e singular para referenciar a noite que chega diferentemente todos os dias distante do alcance de nossas percepções.

Por isto, voltamos a insistir neste final que as instituições, em sua estupidez e cegueira falsa moralistas ainda vão por muito tempo tropeçar em suas pernas por não entenderem que a sexualidade se movimenta em todas as direções assim como o desejo e amor não ousam dizer seus nomes.

Limitar e confundir tais questões apenas as referentes às relações sexuais, na libido, nos desejos meramente carnais, no sexo como o estigma de coisa profana, ainda assim há equívocos.

Então será preciso dizer que principalmente as instituições escolares devem radicalmente mudar o tom das teorias que orientam suas práticas pedagógicas, anacrônicas, reacionárias e profundamente conservadoras, muitas delas passam a estar descredenciadas a legitimamente imprimir novas mudanças em outras perspectivas e saberes que se fazem necessárias às práticas escolares. Por isto, pensamos que a reforma educacional deve apontar para reais possibilidades de uma reforma profana na educação, como no dizer de Larrosa (1998).

Parece-nos risível ter que admitir ainda hoje que as instituições escolares tecidas nas malhas das sociedades modernas quisessem, por assim dizer, ser modelos de escolas para propiciar saberes iguais para sujeitos iguais, tais pretensões fazem parte dos imagéticos utópicos. Como estratégia doutrinária isto se constitui em algo muito bom para a sobrevivência das instituições, principalmente se bem representadas na ordem de seus discursos por autoridades competentes, sisudas e com legitimidades para apresentarem seus argumentos fundamentalistas e ideológicos.

Na efetivação da cultura da diferença nos espaços escolares, é preciso que fique claro que estas não prescrevem acomodações, muito menos a defesa da uniformização vis a vis através de corpos dóceis, submissos e obedientes cujos comportamentos parecem refratários da ordem disciplinar.

Ao contrário, tais orientações querem se valer da alteridade, do nomadismo libertário, da beligerância revolucionária e criativa, da gratuidade consequente, da vontade de verdade atrevida pautada no descentramento das ações. Tais escutas primam pelo aprofundamento da natureza que se inserem nos acontecimentos, nas multiplicidades sem formas, na lei do desejo, que em síntese podemos chamar de sentidos de subjetivações.

Nada disso começa agora, como modismos acadêmicos, como tentativa heterodoxa de fugir aos ideologismos e fundamentalismos. Nossas conclusões são a de que estes acontecimentos trazem as marcas e as datas das histórias de muitos que estiveram visíveis ou na invisibilidade, anunciando outros tempos e lugares, seguindo na ordem inversa dos acontecimentos, construídos nos espaços heterotópicos como no dizer de Foucault. Portanto, estas significativas mudanças que fique claro, já vêm a tempo acontecendo por entre vias, trilhas e estações, então estamos certos, de que não estamos inventando nada de novo apenas trazendo mais uma contribuição entre tantas já formuladas por estudiosos destas temáticas.

Afinal, a heterotopia é o lugar e os entrelugares nas cenas e eventos do presente, enquanto os espaços das utopias abrem mão de suas escatologias para o anúncio da possibilidade do devir. Não se sabe se construídos com as areias do fundo do mar que o vento leva.

Por isto, não nos surpreende que os sujeitos de nossa pesquisa, os homoafetivos em processos de envelhescência, tenham nos apresentado com suas narrativas sobre suas experiências de vida escolar, vestígios de suas ousadas vividas em todos os acontecimentos no passado, ao contrário, suas experiências nos esclarecem que assumir suas orientações afetivas e sexuais os fez aprender de fato os sentidos e significados “da delícia e da dor de ser o que se é” e, com isto, foram deixando os resquícios de seus afetos, os sinais de seus rituais de suas passagens resistentes e as marcas de seus amores vividos e proibidos nos lençóis da vida para que os sujeitos excêntricos, estranhos e diferentes de hoje continuem ampliando estas assinaturas com a vontade e verdade de constituírem de modo diferente e singular naquilo que se é.

O que ainda nos importa dizer é que o silenciamento imposto, mesmo atravessando épocas na esteira das histórias, foi paulatinamente por suas contradições sendo desmontado, reinventado, desconstruído e ressignificado. E disto as instituições escolares não puderam se livrar. Então cabe ainda dizer e tecer apologias aos velhos (as) homoafetivos por simplesmente deixar registradas suas contribuições nos avanços das conquistas por uma cultura do respeito aos diferentes. Sem sombra de dúvida, não se pode fazer história no ostracismo.

É preciso dizer que as construções e invenções nas sociedades dos presentes precisam estar convencidas de que a sexualidade e o direito ao prazer não findam com a chegada da velhice, o que se aprende mais e mais é reinventar-se com as marcas e datas dos eventos e acontecimentos indelévels do tempo vivido. Portanto, as rugas, os cabelos brancos, os olhares experientes, as múltiplas imagens produzidas revelam sinais das possibilidades de reinvenção da velhice.

Assim sendo, não existe no soldo da existência o tempo da aposentadoria, como linhas de fugas para se vigiar e punir, inclusive o direito ao prazer e fundamentalmente à liberdade necessária para o cuidado de si. Como nos dizeres de Foucault acerca da produção da estética da existência inventada pela singularidade de cada sujeito.

Por isto, de forma inequívoca, assumimos nossas proposições que confirmaram nossa tese, mesmo sabendo que estas não quer pôr a (des) ordem das palavras na escravidão da ordem do discurso infalível. O que podemos pretensiosamente dizer é que

os devidos esforços marcam as nossas assinaturas nas profundidades da natureza em que habita o nosso ser.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de; VEIGA NETO, Alfredo. (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ALLAD, Michael. **Longevidade: como usar**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

ALMEIDA, Rosangela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ALVES, Rubem. **O velho que acordou menino**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do Sujeito**. 2. ed. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2008.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. GT. 23. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Disponível em: <[www.anped.org.br](http://www.anped.org.br)>. Acesso em: 10 maio 2011.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do Não: o novo espírito científico: a poética do Espaço**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

\_\_\_\_\_. **Ciência e Poesia**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL. **Constituição**. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015. Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Lei n. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade



da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2003.

\_\_\_\_\_. **Estatuto do Idoso**. Lei Nº 10.741/2003. Presidência da República, 2003.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394/1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1997.

BEAUVOIR, Simone de. **A força da Idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Velhice**. Tradução: MONTEIRO, Maria Helena Franco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BERT, Jean François. **Pensar com Michael Foucault**. São Paulo, SP: Parábolas, 2013.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOSI, Ecléa. **Velhos amigos**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRANDÃO, Zaia. **Conversa com Pós-Graduandos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2010.

BRICIO, Vilma N. de. Entre o controle e a transgressão: a construção escolar das diferenças entre os gêneros. **Margens – Revista interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós – Graduação do Campus Universitário de Abaetetuba, Baixo Tocantins, UFPA**, Belém, v.1, n.4, p.125-134, Belém: Paka Tatu, 2007.

BURNETT, Henry. **Nietzsche, Adorno e um pouquinho de Brasil: ensaio de filosofia e música**. São Paulo; Unifesp, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Jr; OLIVA, Alfredo dos Santos; REBELLO, Hélio. Parresia, prática de si e moral de código: mais um elo do problema do sentido histórico em Foucault. In: **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CANDIOTTO, César. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA NETO, Alfredo (Org.). **Foucault: filosofia e política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer e a Amizade**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Banco de Teses. Disponível em: <www.capes.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2011.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um Currículo?** Pesquisa pós – críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, Maria Vorraber. Velhos temas, novos problemas: a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Mariza Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199-214.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O currículo nos limiões do Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CREMA Roberto. **Antigos e novos terapeutas: abordagem transdisciplinar em terapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CHAVES, Ernani. **No limiar do Moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin**. Belém: Paka Tatu, 2003

\_\_\_\_\_. **Michael Foucault e a verdade cínica**. Campinas, SP: PHI, 2013.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da Velhice: socialização e Processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: FAPESP, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

\_\_\_\_\_. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. São Paulo, 34. ed., 2010.

DREYFUS, Hubert Paul. **Michael Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Tiago. **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011.

DIAZ, Esther. **A filosofia de Michael Foucault**. São Paulo: Unesp, 2012.

DOLL Jr., William E. **Currículo: Uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **A solidão dos Moribundos**: seguido de “envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

EVELYN, Eliana Baia A. (Org.). **Velhice cidadã**: um processo em construção. Belém: EDUFPA, 2008.

FERRARI, Anderson. **Sujeitos, Subjetividade e Educação**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida Ferreira. As pesquisadas denominadas Estado da Arte. **Revista Educação e Sociedade**, v. 23, n. 79, Ago. 2002.

FISCHER, Rosa Maira Bueno. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 127-223, nov. 2001.

\_\_\_\_\_. **Trabalhar com Foucault**. Belo Horizonte: Autentica, 2012.

FOUCAULT, Michael. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Vida dos Homens Infames**. In: Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Governo de Si e dos Outros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Michel Foucault: uma entrevista, sexo, poder e política de identidade**. Verve, 2004.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michael Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FRANÇOIS, Jean Bert. **Pensar com Michael Foucault**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

FRAY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GARCIA, Marcelo. **E ninguém tinha nada com isso**. São Paulo: Biruta, 2007.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GREEN, James Naylor. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006

GIANNATTASIO, Gabriel. **O corpo em Sade e Nietzsche: ou, quem sou eu agora?** Londrina: EDUEL, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira (Org.). In: ROCHA, Genylton. **Currículo e políticas Públicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GROS, Frédéric; ARTIÉRES, Philippe (Org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **O direito à velhice**. São Paulo: Cortez, 1993.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)**. Censo demográfico, 2010.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2002, p.35-86.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre, RS: Contrabandos, 1998.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Educação**. 2. Ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LELOUP, Jean Ives. **Cuidar do ser**: Fílon e os terapeutas de Alexandria. Petrópolis. RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Deserto, desertos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 2011.

LYOTARD, Jean François. **Por que Filosofar?**. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. **O pós-moderno**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1986.

LINS, Daniel; COUTO, Sylvio de Sousa Gadelha; VERAS, Alexandre. **Nietzsche e Deleuze**: intensidade e paixão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LINS, Daniel. **Juízo e verdade em Deleuze**. São Paulo: Annablume, 2004.

LOURO, Guacira L. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Por uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

\_\_\_\_\_. **Um corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Corpo Educado**: pedagogias da Sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira L.; GOELLNER, Felipe Jane; VILODRE, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Zaratustra, Tragédia Nietzscheana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MASCARO, Sônia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas, SP: Alinea, 2009.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pesquisador em currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MURARO, Rose Marie. **A alquimia da juventude**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Genealogia da Moral**. 2. ed. São Paulo, SP: Escala, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. 2. ed. São Paulo, SP: Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como se chega a ser o que se é**. São Paulo, SP: Escala, 2006.

\_\_\_\_\_. **Terceira consideração intempestiva: Schopenhauer educador**. São Paulo, SP: Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. 2. ed. São Paulo, SP: Hemus, 1977.

\_\_\_\_\_. **O anti-cristo**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2004.

\_\_\_\_\_. **A filosofia na época trágica dos Gregos**. São Paulo, SP: Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **A origem da tragédia**. São Paulo: Moraes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **A visão dionisíaca do mundo e outros textos da Juventude**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira Idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

NOGUEIRA, Ramirez, Carlos Ernesto (Org.) **Pedagogia e governamentalidade: ou da modernidade como uma sociedade educativa**. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

OLIVEIRA, Flávio Valentim de. **Arte, teologia e morte: filosofia e literatura em Franz Kafka e Walter Benjamin**. Curitiba: Appris, 2013.

PASSOS, Izabel C. Friche Passos (Org.). **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011.

PINTO, Meyre Eiras de Barros. **Velhice, dependência e cuidado: perspectiva psicossocial**. Londrina: Eduel, 2005.

QUEIROZ, André. **Foucault: o paradoxo das passagens**. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

QUEIROZ, André; CRUZ, Nina Velasco. **Foucault Hoje**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

RAGO, Margareth; VEIGA NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RATTO, Ana Lúcia Silva. **Livros de ocorrência: (in) disciplina, normalização e subjetivação**. São Paulo: Cortez, 2007.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

**RELATÓRIO SOBRE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL**. Secretaria Nacional de Direitos Humanos. Presidência da República, 2012.

RESENDE, Haroldo de (Org.). **Michael Foucault: transversais entre educação, filosofia e história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=1413-2478&script=sci\\_serial](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=1413-2478&script=sci_serial)>. Acesso em: 2 abril 2011.

RIBAS, Thiago Fortes. **Foucault: verdade e loucura no nascimento da Arqueologia**. Curitiba: Editora da UFPR, 2014.

RIBEIRO, Euler Esteves. **Envelhescência: envelhecer bem e com qualidade**. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2008.

ROHDE, Wagner; Wilamowitz-Mollendorff, MACHADO, Roberto (Org). **Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SALIN, Sara. **Judith Butcher e a teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é Pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Boaventura. **Para uma pedagogia do conflito**. In: Silva, L. H. et al. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SANTOS, Boaventura. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

SERRES, Michael. **O contrato natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SERRES, Michael. **O incandescente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SILVA, Josenilda M. Maués. **Escolarização e produção de subjetividades: capturas e sedições**. Tese (Doutorado em Currículo) –, Pontífice Universidade Católica, São Paulo, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O Sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Nunca formos humanos: nos rastros dos sujeitos**. Editora, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



SIMON, Roger I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, Sueli Souza dos; CARLOS, Sérgio Antônio. **Envelhecendo com apetite pela vida**: interlocuções psicossociais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

STANO, Rita de Cassia M. **Identidade do professor no envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Ilda Ribeiro de; LINS, Daniel. **Sila, uma cangaceira no divã**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

SOUZA, Leonardo Lemos de; GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera (Org.). **Gênero, corpo e ativismo**. Cuiabá, MT: UFMT, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEYNE, Paul. **Foucault, seu pensamento, sua pessoa**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 2011.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.35-82.

WONG, Laura L. Rodriguez; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: Sérios desafios para as políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudo de população**, n. 23, n. 01, p. 5-26, jan/jun, 2006.

YAZBEK, André Constantino. **10 lições sobre Foucault**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

**APÊNDICE A** – Roteiro de entrevista com os interlocutores diretos da pesquisa: os sujeitos homoafetivos em passagem de tempo para o envelhecimento.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA CURRÍCULO, EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA**

Temática da pesquisa: Sexualidade, Envelhecimento e Escolarização.

**Título da Pesquisa**

**VIAS E TRAJETOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE SUJEITOS HOMOAFETIVOS  
VELHOS NA CIDADE DE BELÉM**

Doutorando: Dário Azevedo dos Santos  
Professor/Orientador: Genylton Odilon Rêgo da Rocha

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**1- Identificação**

Data da realização: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Entrevistador: \_\_\_\_\_

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Nº. da Entrevista: \_\_\_\_\_

**2- Dados pessoais do interlocutor**

**2.1 Dados pessoais para a caracterização da população entrevistada**

- ❖ Nome
- ❖ Faixa etária
- ❖ Orientação sexual
- ❖ Estado Civil
- ❖ Lugar de origem

- ❖ Com quem você Mora
- ❖ Profissão e/ou ocupação atual

## **2.2- Sexualidade**

- ❖ Relação sexual ativa, desejos, repulsa e proibições;
- ❖ Compreensões sobre homossexualidades;
- ❖ Sexualidades, desejos, subjetivações, verdades e transgressividades;
- ❖ Sexo, sexualidade e as homoafetividades.

## **2.3 Passagem de tempo para o envelhecimento**

- ❖ Compreensão sobre envelhecimento, reinvenção e aceitação da velhice;
- ❖ Sexualidade, afetividade e subjetivações na velhice;
- ❖ Problemas sociais, saúde pública, acessibilidade e garantia ou negação de direitos;
- ❖ Preconceitos, discriminação, (in) compreensão;
- ❖ Projetos de vida, superação e participação em movimentos em defesa do idoso.

## **2.4 Escolarização**

- ❖ Qual a sua escolarização?
- ❖ Onde estudou?
- ❖ Rede de ensino
- ❖ Tempo de vida escolar
- ❖ Memórias vividas e presenciadas sobre preconceitos, discriminação, resistência e erotização de sujeitos homoafetivos em seu tempo de escolarização;
- ❖ Controles, normas, disciplinamento, padronizações e regimes de verdades imposta pelas instituições e suas contradições;
- ❖ Conflitos, relações de poder, tramas e trocas afetivas, dificuldades, indiferenças, limites, superação e estratégias criativas no ambiente escolar.

**APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA CURRÍCULO, EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

**Titulo Da Pesquisa: VIAS E TRAJETOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE SUJEITOS  
HOMOAFETIVOS VELHOS NA CIDADE DE BELÉM**

Esta pesquisa de caráter doutoral tem como objetivo investigar aprofundar conhecimento sobre as vias e trajetórias de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém.

O estudo tem como perspectiva ouvir sujeitos homoafetivos que podem dar suas efetivas contribuições ao narrar suas percepções acerca desta temática que envolve: sexualidades, envelhecimento e escolarização. Nesse sentido, serão feitas entrevistas com sujeitos homoafetivos que assumem suas orientações sexuais e afetivas.

Por meio deste documento venho convidar os interlocutores acima citados para participarem da referida pesquisa, desenvolvida por mim pesquisador Dário Azevedo dos Santos, email: [dario.doc@hotmail.com](mailto:dario.doc@hotmail.com), contato telefônico: (91)-81717072/81814929, regularmente matriculado no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Pará (UFPA/ICED/PPGED), cujo orientador é o professor Dr. Genylton Odilon Rego da Rocha.

Comunico que as entrevistas serão gravadas e filmadas com a permissão dos colaboradores, sendo em seguida transcritas. Será permitido que os interlocutores da pesquisa possam, caso haja necessidade, fazer as alterações que julgarem necessários, podem corrigir, acrescentar e retirar termos que venham afetar sua integridade pessoal e profissional.

A pesquisa assegurará o anonimato dos entrevistados, utilizando símbolos para garantir a preservação de sua identidade, caso estes não queiram revelar.

### Termo de Autorização de entrevista e imagens

Eu, \_\_\_\_\_ de RG nº \_\_\_\_\_ declaro estar de acordo em participar da pesquisa: Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém, do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Ciência da Educação, na linha de pesquisa: Educação: Currículo, Epistemologia e História, orientada pelo Professor Dr. Genylton Odilon Rego da Rocha.

Declaro que compreendi as informações que li ou que me foram explicadas sobre a pesquisa acima descrita. Pelo referido documento, estou ciente e concordo com a gravação desta entrevista e autorizo o uso de imagens, tendo em vista contribuir a partir de minhas declarações como sujeito interlocutor e partícipe das coletas de informações deste importante estudo. Deste modo, consinto de livre e espontânea vontade que sejam posteriormente analisadas e tornadas públicas pelo doutorando Dário Azevedo dos Santos, responsável direto pela pesquisa na condição de aluno regularmente matriculado no Programa de Pós Graduação do Instituto de |Ciência da Educação da Universidade Federal do Pará.

Por ser verdade, considero de grande valia poder cooperar efetivamente com este estudo que certamente será de grande valor para a Educação. Deste modo, reitero minha autorização e a utilização dos dados da entrevista pelo doutorando acima citado, por compreender a importância dos registros de meus depoimentos, e sua utilidade na produção do relatório final desta pesquisa acadêmica de nível de doutoramento de responsabilidade do aluno acima citado, desde já subscrevo:

Belém/Pará: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Assinatura do colaborador Entrevistado